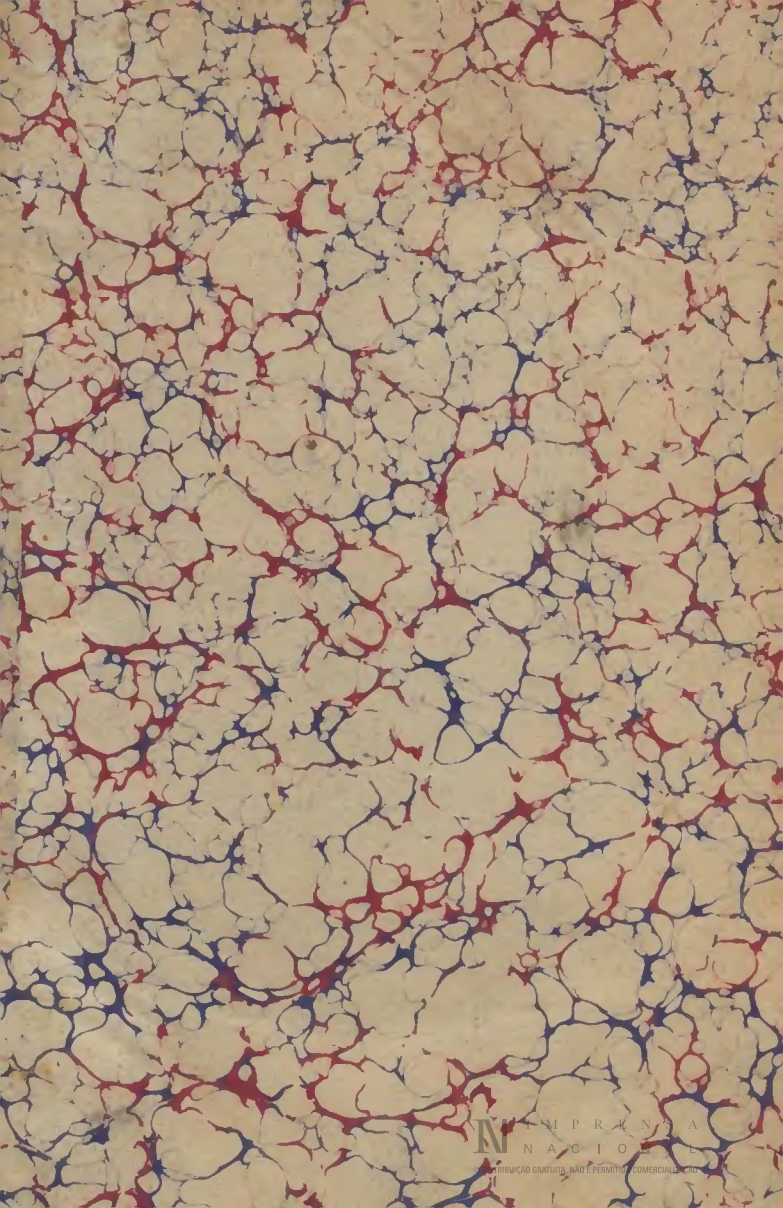


IMPRENSA  
NACIONAL  
DISTRIBUICAO EM TODAS AS LIVRARIAS E LOJAS DE LIVROS  
REALIZACAO



IMPRESA  
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO





BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSE DE BARROS QUEIROZ

# DA ASIA

DE

# JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM  
NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS  
MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

## DECADA TERCEIRA

PARTE SEGUNDA,



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

*Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.*



IMPRENSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA  
281304

✓  
79448



**N** IMPRENSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE II.

DA DECADEA III.

---

---

## LIVRO VI.

**C**AP. I. Como Simão d'Andrade foi á China: e do que lá succedeo a Thomé Pires, que Fernão Peres d'Andrade seu irmão leixou em Cantam pera ir a ElRey da China: e como se lá apregooou guerra contra nós, e as causas por que.

Pag. 1.

**C**AP. II. Do que Simão d'Andrade fez em quanto esteve no porto de Tamou da China, por onde houve causa do alevantamento daquellas partes contra nós: e dos males que os nossos passavam neste tempo, e depois que Duarte Coelho pelejou com os Capitães dos Chijs.

15.

**C**AP. III. Como Diogo Lopes de Sequeira, estando em Ormuz a requerimento d'ElRey, mandou Antonio Correa á Ilha Baharem sobre ElRey Mocrim, que estava alevantado contra Ormuz.

25.

**C**AP. IV. Em que se descreve todo marítimo, que o mar Parseo contém em si: e assi do sitio, e fertilidade da Ilha Baharem.

35.

\* ii

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## I N D I C E

- CAP. V. *Como Antonio Correa sabio em terra na Ilha Babarem , e pelejou com ElRey Mocrim , na qual peleja foi ferido de huma espingarda , que causou haverem os nossos vitoria , e depois foi tomado o seu corpo já morto.* 41.
- CAP. VI. *Como D. Aleixo de Menezes mandou D. Jorge de Menezes per terra com soccorro a ElRey de Cochij , que estava em guerra com o Camorij de Calecut : e do que Diogo Fernandes de Béja passou sobre a barra de Dio : e o que Diogo Lopes de Sequeira sobre isso fez depois que o soube.* 52.
- CAP. VII. *Do que succedeo a Diogo Fernandes de Béja na costa de Dio , onde Diogo Lopes lhe mandou que esperasse té elle partir de Ormuz : e o que elle tambem passou naquelle caminho té chegar a Chaul , onde começou huma fortaleza , e as causas porque.* 62.
- CAP. VIII. *Como Fernão Camelo veio de Nizamaluco , e trouxe recado seu a Diogo Lopes de Sequeira , que fizesse fortaleza em Chaul , e a causa porque ; e começando-se a obra , vieram as fustas de Melique Az. a impedir que se não fizesse : e o damno que os nossos recebêram delle.* 69.
- CAP. IX. *Como Diogo Lopes de Sequeira*

## DOS CAPITULOS

entregou a capitania da fortaleza de Chaul a Henrique de Menezes, e a capitania do mar a Diogo Fernandes de Béja; e sabido do rio de Chaul pera se ir á India, se deteve por causa das cousas que Aga Mahamud fez em a Armada em que morreo Diogo Fernandes: e entregou a Armada que elle tinha a Antonio Correa, e elle Diogo Lopes se partio pera a India. 82.

CAP. X. Como Aga Mahamud mandou per hum ardil commetter obaluarte onde estava Pero Vaz Permão, no qual commettimento, posto que morreo Pero Vaz, e outros, os Mouros foram vencidos: no fim do qual feito veio D. Luiz de Menezes, a quem Antonio Correa entregou a Armada, e dahi se foi a Cochij embarcar com Diogo Lopes de Sequeira, que partio pera este Reyno, aonde chegou a salvamento. 92.

## LIVRO VII.

CAP. I. Como ElRey D. Manoel mandou por Governador á India Dom Duarte de Menezes, o qual partio deste Reyno o anno de quinhentos e vinte e hum. Pag. 104.

CAP. II. Das cousas que movêram a El-Rey



## I N D I C E

- Rey D. Manoel mandar que na Alfardega de Ormuz houvesse Officiaes Portuguezes: e o que sobre isso primeiro passou: e como ElRey de Ormuz se levantou por esse respeito. 113.
- CAP. III. Do mais que os nossos passaram passada aquella noite: e como mandaram nova á India deste caso, e foram soccorridos per Tristão Vaz da Veiga, e depois per Manoel de Sousa Capitão mór do mar. 131.
- CAP. IV. Do que passaram os nossos no cerco que tiveram; e vendo ElRey de Ormuz quão pouco damno lhes podia fazer, despejou a Cidade, e se foi pera a Ilha Queixome, e depois a mandou queimar: e como com a vinda de hum navio, e huma náo foram providos do necessario. 146.
- CAP. V. Como Manoel de Sousa, e Tristão Vaz da Veiga torndram á Costa de Mascate, e das cousas que alli fizeram té vir D. Luiz de Menezes, e do que elle alli fez sobre a tomada da Villa Soar: e do mais que passou té chegar a Ormuz. 157.
- CAP. VI. Como D. Luiz de Menezes chegou a Ormuz, e dahi foi ter á Ilha de Queixome, onde ElRey estava: e os meios que teve pera assentar paz com elle, com as condições nella conteídas. 171.

## DOS CAPITULOS

- CAP. VII. Como per huma das náos, que este anno partiram pera a India, Dom Duarte soube do falecimento d'ElRey Dom Manoel, e o que sobre isso fez, e as náos que despachou pera diversas partes: e como D. Pedro de Castro Capitão de huma de duas náos, que inverndram em Moçambique, destruiu a Ilha Querimba, e como em Goa sobre amarra a sua náo Nazareth se foi ao fundo. 180.
- CAP. VIII. Como D. Duarte de Menezes partio pera Ormuz: e como no caminho per hum descuido os Mouros de huma náo rendida tomáram huma galé de duas que a tinham tomada: e do que em Ormuz se passou ante d'elle chegar. 189.
- CAP. IX. Como o Governador D. Duarte de Menezes chegou a Ormuz, e tornou assentar as cousas daquelle Reyno, com accrescentar sobre os vinte e cinco mil xarafijs, que ElRey pagava, outros trinta e cinco mil: e como per conselho de Ruez Xaraso mandou hum Embaixador a Xá Ismael: e do que D. Luiz de Menezes fez na ida do mar Roxo, e das náos que partiram deste Reyno. 199.
- CAP. X. Como as terras firmes de Goa, que Ruy de Mello tomou sendo Capitão de Goa, os Mouros as vieram conquistar em tempo de Francisco Pereira Pestana

## I N D I C E

*Capitão de Goa: e algumas pelejas que foram sobre ellas, e por derradeiro se leixáram ao Hidalcão, cujas eram dantes, por causa da paz que tinham com elle.*

213.

**CAP. XI.** *Das cousas, que em diversos tempos os nossos pudéram saber por mandado d'ElRey, do Corpo do Bemaventurado S. Thomé, que prégou, e converteo a gente do Malabar, e terra de Choramandel, onde estava sua sepultura.* 222.

## L I V R O   V I I I .

**CAP. I.** *Em que se descreve parte da Ilha Camatra, e os Reynos que tinha por vizinhos nossa fortaleza Pacem, onde D. André Henriques estava por Capitão: e as differenças que entre os Reys barbaros delles houve, donde procedeo leixar D. André a fortaleza.* Pag. 239.

**CAP. II.** *Como D. André Henriques, por ajudar a ElRey de Pedir nosso amigo, que se recolheo á nossa fortaleza, em que elle estava; mandou com elle seu irmão D. Manoel Henriques, que morreo naquella ida per huma traição que os Mouros tinham ordenado, e o mesmo Rey escapou: e do que passou Domingos de Sei-*

## DOS CAPITULOS

*ças com huns alevantados Portuguezes, onde foi prezo, e cativo.* 248.

CAP. III. *Como por algumas differenças que D. André teve com Lopo d'Azevedo, que o Governador mandava pera Capitão daquella fortaleza de Pacem a requerimento delle D. André, Lopo d'Azevedo se foi pera Malaca: e do mais que passou té D. André entregar a fortaleza a seu cunhado Aires Coelho, e se ir pera a India.* 259.

CAP. IV. *Como Bastião de Sousa, e Martim Correa chegaram a Pacem, depois que partiram da India, e Bastião de Sousa ter passado muito trabalho na Ilha de S. Lourenço: e como D. André tornou arribar á Pacem, e não podendo defender a fortaleza, a leixáram, e se foram pera Malaca.* 268.

CAP. V. *Como Martim Affonso de Mello Coutinho foi á China pera fazer huma fortaleza, e assentar paz: e como a Armada dos Chijs pelejou com elle, com que lhe conveio tornar-se.* 281.

CAP. VI. *Como com ofavor do damno que Forge d'Albuquerque recebeu em Bintam, o Rey desta Ilha mandou hum Capitão com grande frota sobre Malaca: e mandando Forge d'Albuquerque sobre elle ao rio de Muar seu cunhado D. Sancho*

Hen-

BIBLIOTECA DO POLITÉCNICO REPUBLICANO

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

THOME JOSÉ DE BARROS GUEIROZ

## I N D I C E

- Henriques, por saber que estava elle dentro, por huma trovoadá que veio, se veio desbaratado pera Malaca com perda de muita gente, que lhe os Mouros matáram, e se afogou. 288.
- CAP. VII. Como estando D. Sancho Henriques no Reyno de Pacem a buscar mantimentos, foi morto das lancharas de Bintam: e de outros desastres, que os nossos tiveram com esta guerra, que elles faziam a Malaca. 294.
- CAP. VIII. De algumas cousas, que os nossos passáram na Ilha da Faua, em que alguns perecêram per traições de Mouros: e do que Simão de Sousa, e Martim Correa fizeram na Ilha de Banda, onde acháram Martim Affonso de Mello fusarte em guerra com os naturaes: e como depois cada hum se partio a fazer suas viagens por razão de seu proveito. 301.
- CAP. IX. Como Cachil Mamolle irmão bastardo de Cachil Daroez, que andava degredado em vida d'ElRey seu pai, porque seu irmão o não consentia na terra, determinou de o matar, e elle cabio no laço: e do odio que ElRey Almançor teve a Cachil Daroez polo favor que tinha nosso. 310.
- CAP. X. Como ateadá a guerra entre os



## DOS CAPITULOS

nossos , e ElRey Almançor de Tidore ,  
ainda que no principio della acontecêram  
desastres com morte , e feridas de alguns  
dos nossos , por fim de alguns grandes  
damnos que ElRey recebeo , veio pedir  
paz a Antonio de Brito , que lhe elle  
não concedeo.

322.

## LIVRO IX.

CAP. I. Em que se escreve o modo que  
se tem na elcicção da pessoa do Go-  
vernador da India : e quando falece , co-  
mo o succede a pessoa que lá está : e co-  
mo o anno de quinhentos e vinte e qua-  
tro ElRey D. João mandou o Conde da  
Vidigueira por Viso-Rey á India : e  
do que passou no caminho té chegar a  
Goa. Pag. 340.

CAP. II. Do que o Viso-Rey fez em Goa ,  
e no caminho dahi té Cochij , onde che-  
gou : e as Armadas que ordenou pera  
diversas partes , estando doente da enfer-  
midade de que faleceo. 354.

CAP. III. Como aberta a successão do Con-  
de Almirante , se achou que havia de  
governar a India D. Henrique de Me-  
nezes , que ficára por Capitão em Goa :  
e o que fez neste tempo té lhe ir recado  
da

I N D I C E

- da successão; e partido de Goa pera Cochij, fez algumas cousas no caminho. 370.*
- CAP. IV.** *Como D. Henrique se apercebeo em Cochij de huma Armada que fez de cinquenta vélas, e foi sobre o lugar de Panane d'ElRey de Calecut, o qual destruiu; e passando per Calecut, lhe deu hum castigo, e dahi foi ter ao lugar de Coulete. 382.*
- CAP. V.** *Como D. Henrique determinou de sabir em Coulete, o qual com huma grande vitoria que houve dos Mouros, o queimou, e assi grande número de navios, que estavam no porto: e dahi se tornou a Cananor, e espedio D. Simão de Menezes com huma Armada pera aquella costa de Malabar. 393.*
- CAP. VI.** *Do que passou Antonio de Miranda d'Azevedo com a Armada que foi ao estreito: e assi a D. Simão de Menezes na costa de Malabar té se recolher a invernar. 402.*
- CAP. VII.** *Como o Çamorij de Calecut desejando de tomar a nossa fortaleza de Calecut, por artificio mandou commetter pazes ao Governador D. Henrique; e por lhe não serem concedidas com as condições que elle queria, veio cercar a nossa fortaleza. 410.*
- CAP. VIII.** *Como ElRey de Calecut come-*

## DOS CAPITULOS

*cou combater a fortaleza , e o soccorro que o Governador D. Henrique lhe mandou : e dos trabalhos que os nossos padeciam neste cerco.* 417.

**CAP. IX.** *Como o Governador D. Henrique proveo por algumas vezes a fortaleza de Calecut com gente , e mantimentos , e outras munições , e as cousas que nella passáram té elle vir em seu soccorro : e as differenças que teve no seu conselho sobre sabir elle com a gente em terra , e por fim destas differenças se assentou que sabisse.* 426.

**CAP. X.** *Como D. Henrique logo aquella noite depois de ter este conselho , ordenou de metter gente dentro na fortaleza , e depois sabio em terra : e passados certos dias de tregua , que lhe o Çamorij pediu pera entenderem na paz , porque não se concertáram nas capitulações della , Dom Henrique derribou a fortaleza , e se partio : e o que o Çamorij por isso fez.* 441.

## LIVRO X.

**CAP. I.** *Como D. Henrique de Menezes , depois que acabou as cousas de Calecut , ordenou outras com fundamento de ir tomar a Cidade Dio , entre as quaes foi mandar huma Armada ,* *Capitão*

# I N D I C E

- tão Heitor da Silveira, o qual, por lhe não ir o recado que elle esperava, foi buscar, por lhe ser mandado, D. Rodrigo de Lima ao Reyno do Preste João. Pag. 453.
- CAP. II.** Em que se conta a ida de Pero Mascarenhas a Malaca, e algumas cousas que lá eram acontecidas no tempo do Governador D. Henrique de Menezes, que o despachou, sendo Capitão Jorge d'Albuquerque, a quem elle Pero Mascarenhas succedeo. 463.
- CAP. III.** Como hum arrenegado de appellido Avelar, que andava lançado com ElRey de Bintam, lhe moveo hum modo de guerrear Malaca: e como não aproveitaram suas industrias cousa alguma. 474.
- CAP. IV.** Como D. Garcia Henriques partio de Malaca pera servir de Capitão de Maluco em lugar de Antonio de Brito: e como na Ilha de Banda achou Martin Affonso de Mello Jusarte, e o que aconteceu a ambos com a gente da terra. 482.
- CAP. V.** Como D. Garcia Henriques chegou a Maluco, e as differenças que teve com Antonio de Brito té lhe entregar a fortaleza: e como ambos mandáram descobrir ouro á Ilha de Celebes: e como descobríram outra Ilha nova de gente mui estranha. 486.

DOS CAPITULOS

CAP. VI. Como Pero Mascarenhas vistos os trabalhos da guerra, que fazia El-Rey de Bintam a Malaca, determinou de ir sobre elle: e o que pera isso ordenou, sem daquella vez haver effeito. 495.

CAP. VII. Do que Forge d'Albuquerque Capitão que foi de Malaca passou depois que della partio: e o Governador Dom Henrique sobre isso fez. 500.

CAP. VIII. Do que D. Henrique de Menezes fez o inverno que esteve em Cochij, onde Cide Alle mensageiro de Melique Alias o veio visitar: e o requerimento que lhe Lopo Vaz de Sampaio Capitão de Cochij fez, vendo os apparatus da guerra, com que elle queria partir de Cochij. 506.

CAP. IX. Como o Governador D. Henrique partio com huma Armada de dezesepte vélas caminho de Cananor. 510.

CAP. X. Como o Governador D. Henrique crescendo o mal de sua enfermidade, entrou na fortaleza de Cananor, onde primeiro que chegasse a hora da morte, provéo algumas cousas: e o que se fez depois que faleceo. 519.



1. O primeiro artigo do Regulamento  
 estabelece que a Comissão de  
 Inspecção de Ensino de Lisboa  
 é constituída por sete membros  
 nomeados pelo Ministério da  
 Instrução Pública, sendo um  
 representante de cada uma das  
 faculdades de Direito, Medicina,  
 e Ciências, e um representante  
 do ensino secundário.  
 2. O Regulamento estabelece  
 também as atribuições da  
 Comissão, que são as de  
 inspecção e fiscalização do  
 ensino secundário, e de  
 proposta de medidas para a  
 melhoria do mesmo.  
 3. O Regulamento estabelece  
 ainda as regras para a  
 eleição dos membros da  
 Comissão, e para a sua  
 organização e funcionamento.  
 4. O Regulamento estabelece  
 também as regras para a  
 apresentação e discussão  
 das propostas de medidas  
 para a melhoria do ensino  
 secundário.  
 5. O Regulamento estabelece  
 ainda as regras para a  
 publicação dos pareceres  
 da Comissão, e para a  
 sua comunicação ao  
 Ministério da Instrução  
 Pública.  
 6. O Regulamento estabelece  
 também as regras para a  
 publicação dos pareceres  
 da Comissão, e para a  
 sua comunicação ao  
 Ministério da Instrução  
 Pública.  
 7. O Regulamento estabelece  
 ainda as regras para a  
 publicação dos pareceres  
 da Comissão, e para a  
 sua comunicação ao  
 Ministério da Instrução  
 Pública.  
 8. O Regulamento estabelece  
 também as regras para a  
 publicação dos pareceres  
 da Comissão, e para a  
 sua comunicação ao  
 Ministério da Instrução  
 Pública.  
 9. O Regulamento estabelece  
 ainda as regras para a  
 publicação dos pareceres  
 da Comissão, e para a  
 sua comunicação ao  
 Ministério da Instrução  
 Pública.  
 10. O Regulamento estabelece  
 também as regras para a  
 publicação dos pareceres  
 da Comissão, e para a  
 sua comunicação ao  
 Ministério da Instrução  
 Pública.

DE

DECADA TERCEIRA.  
LIVRO VI.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém as cousas que se nelle fizeram té o fim do tempo que Diogo Lopes de Sequeira governou aquellas partes.

CAPITULO I.

*Como Simão d'Andrade foi á China: e do que lá succedco a Thomé Pires, que Fernão Peres d'Andrade seu irmão leixou em Cantam pera ir a ElRey da China: e como se lá apregou guerra contra nós, e as causas porque.*



Depois que Fernão Peres d'Andrade partio da Cidade Cantam da Provincia da China, ficáram as cousas daquellas partes tão assentadas per elle, que segura, e pacificamente corria o commercio

Tom. III. P. II.

A N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

## 2 ASIA DE JOÃO DE BARROS

entre nós, e aquella gente, em o qual negocio os homens faziam muito proveito. E estando as cousas em tal estado, porque seu irmão Simão d'Andrade foi provido per El-Rey D. Manuel que fizesse huma viagem pera aquellas partes da China, partio elle pera lá em Abril de quinhentos e dezoito em tempo de Lopo Soares; em companhia do qual de Malaca foram tres juncos, cujos Capitães eram Jorge Botelho, Alvaro Fuzeiro, Jorge Alvares, e Francisco Rodrigues. Chegado com estas quatro vélas á China em Agosto daquelle anno, tomou o pouso no porto da Ilha Tamou, onde seu irmão estivera; porque como já escrevemos, per ordenança da Cidade Cantam não podiam ir mais adiante, e alli faziam seu commercio. No qual tempo acháram ainda que não era partido Thomé Pires o Embaixador, que Fernão Peres leixou pera ir a El-Rey da China, por lhe não ser vindo recado d'El-Rey que fosse; porque, (como atrás escrevemos,) he tanta a magestade deste Principe, e os negocios desta qualidade são tão vagarosos, principalmente quando gente estrangeira ha de ir a elle, por tudo ser resguardos, e cautelas, que ha mister muita paciencia quem houver de esperar seus vagares. E com tudo sendo já idos tres recados de Cantam a El-Rey, e elle ter man-

dado outros tantos aos Governadores da  
 Cidade, perguntando mui miudamente por  
 nossas cousas, mandou que fosse o Embai-  
 xador. O qual partio em Janeiro de qui-  
 nhentos e vinte, que foi depois da chega-  
 da de Simão d'Andrade, levando tres na-  
 vios de remo á maneira de fustas concerta-  
 dos ao nosso modo de bandeiras, e toldo  
 de seda. Não porque neste concerto lhe fa-  
 çamos vantagem, ante elles a fazem a nós;  
 sómente por honra deste Reyno levava as  
 bandeiras com as armas, e divisa d'elle, ar-  
 voradas per meio daquellas regiões tão re-  
 motas, a que podemos chamar fim do Mun-  
 do, pois elles tem o Oriente de terra ha-  
 bitavel, e nós o Occidente; e mais sendo  
 o Principe dellas de tanta magestade, que  
 não póde alguém arvorar bandeira senão das  
 suas armas, que he hum Leão rompente.  
 Partido Thomé Pires com aquella pompa  
 sempre per agua, chegou ao pé de huma  
 ferrania, onde nasce o rio per que elle foi,  
 a qual ferrania, chamada Malenxam, come-  
 ça em a enseada da Cauchichina, e vai atra-  
 vessando grande espaço de terra contra o  
 Oriente, té acabar na Provincia Foquiem,  
 que he a maritima, e das mais Orientaes  
 daquelle grande estado da China. Leixando  
 esta ferrania pera a parte do Sul, que he a  
 maritima, estas Provincias, Canfij, Cantam,

#### 4 ASIA DE JOÃO DE BARROS

Foquem, ao modo que os montes Pyrenees apartam a Hespanha de França. E em toda esta serrania não ha mais que dous portos per que estas Provincias debaixo se comunicam com as de cima, hum destes passos he onde Thomé Pires foi aportar, que da parte do Sul á entrada da serra tem humma Cidade, e passada ella de Norte tem outra, onde se pagam os direitos do que entra, e sahe de cada parte. Do qual porto escreveo Thomé Pires a Simão d'Andrade, como chegára alli a salvamento, e que houvesse a Cidade Cantam em pequena cousa em respeito de outras que tinha visto. Partido elle Thomé Pires deste passo, chegou á Provincia de Nanquij, a principal Cidade della, chamada do mesmo nome, onde ElRey estava, e poz em vir de Cantam aqui, caminhando quasi sempre pera o Norte, quatro mezes, em que se póde notar quão grande cousa he o Imperio daquelle Principe Gentio. O qual mandou dizer a Thomé Pires que o fosse esperar a Pequij, que lá o despacharia, que he humma Cidade de outra Provincia tambem assy chamada, que está muito mais contra o Norte, na qual ElRey estava o mais do tempo, por ser na fronteira dos Tartaros, a que elles chamam Tátas, ou Tancas, (como já dissemos,) com quem continuamente tem guer-



ra. Chegado Thomé Pires a esta Cidade ; já em Janeiro do anno seguinte de quinhentos e vinte e hum veio ElRey ; e primeiro que entrasse na Cidade , deteve-se em hum lugar duas leguas della a julgar hum feito de hum parente seu , o qual tinha amotinado huma Provincia , levantando-se contra elle , e foi condemnado que morresse per esta maneira : primeiro foi enforcado com pregão de ladrão , dizendo levantar-se com outros ladrões a roubar a terra , e depois queimado com pregão de trédor , porque este crime se pune com fogo , por não ficar memoria na terra dos ossos do culpado neste caso. Acabado este feito , que ElRey não quiz que se fizesse na Cidade Pequij , por ser cabeça principal das quinze Provincias que tem , por a não macular com castigo de tal crime entre elles o mais estranhado , entrou nella , e quiz logo entender no despacho de Thomé Pires , por serem idas cartas dos Governadores de Cantam , e assi do Governador da Cidade Manquij , onde ElRey estivera. As quaes cartas eram de males de nós-outros , dizendo que todo nosso officio era ir espiar as terras com titulo de mercadores , e que depois vinhamos ás armas , e tomavamos qualquer terra onde mettiamos hum pé , e que este modo tiveramos na India , e assi em Malaca ;

## 6 ASIA DE JOÃO DE BARROS

por tanto que não convinha darem-nos em  
trada em parte alguma daquelle Reyno. A  
causa de os Governadores de Cantam escre-  
verem estas cartas, foi de algumas cousas  
que Simão d'Andrade fez em quanto este-  
ve na Ilha Tamou, fazendo seu commer-  
cio, como veremos; e tambem de hum Em-  
baixador chamado Tuam Mahamed, que  
ElRey de Bintam, que fora de Malaca, man-  
dára diante de Thomé Pires, queixando-se  
a ElRey da China como lhe tinhamos tor-  
mado o seu Reyno, pedindo-lhe que o  
mandasse soccorrer, pois era seu vassallo,  
e tinha recebido o seu sello em final de obe-  
diencia. O qual Embaixador, quando Tho-  
mé Pires chegou á Cidade Manquij, anda-  
va esperando que o ouvisse ElRey; e quan-  
do se ElRey partio pera Pequij, mandou-  
lhe dizer que fosse trás elle que lá o ouvi-  
ria. Ficando este Tuam Mahamed alguns  
dias em Manquij, teve intelligencia com o  
Governador da Cidade, e com peitas al-  
cançou d'elle que escrevesse a ElRey toda-  
las más informações que elle Tuam Maha-  
med lhe deo de nós, pera que quando che-  
gasse a Pequij fosse elle lá melhor ouvido,  
do que té então fora, e assi foi. Das quaes  
cartas succedeo, em ElRey entrando na Ci-  
dade, querer logo saber ao que Thomé Pi-  
res hia, e mandou-lhe que entregasse as car-

tas que levava pera elle, e que depois lhe responderia ao mais que dissesse ; e estas que elle entregou , foram ainda mais damnosas que as outras. Porque elle levava tres cartas , huma d'ElRey D. Manuel , o qual escrevia ao modo que elle usava escrever aos Reys Gentios daquellas partes , guardando preeminencia áquelle Principe , por a grandeza de seu Imperio , e policia delle. Outra carta era de Fernão Peres d'Andrade , e esta escreveo elle tambem conforme a instrucção que levava d'ElRey Dom Manuel sobre a ida daquelle Embaixador , a qual elle mandou trasladar em lingua dos Chijs pera logo se achar quem a lesse. Cuja substancia os trasladadores mudáram quasi toda , por imitarem o modo que se tem de fallar ao seu Principe , sem Fernão Peres o saber. Dizendo nella , que elle Capitão mór do Rey dos Frangues , (nome per que nos nomeam aquelles Orientaes ,) chegára áquelle Cidade Cantam com hum Embaixador , o qual hia a elle filho de Deos , e Senhor do Mundo , pedindo o seu sello pera o Rey dos Frangues , porque queria ser seu vassallo , e levar mercadorias boas , e ricas pera o seu Reyno. Este sello , que aquelle Emperador dá a todos os Reys , e Principes , que se fazem seus vassallos , he da sua divisa , e com elle se assignam elles em todas as car-

## 8 ASIA DE JOÃO DE BARROS

tas, e escrituras, por demonstração de serem seus subditos. A terceira carta, que mais levava Thomé Pires, era dos Governadores de Cantam; e como no tempo que a deram estavam muitos contentes de nós, porque foi ante que tomassem escandalo do que se fez em quanto Simão d'Andrade esteve na Ilha, hia quasi conforme á de Fernão Peres que os linguas trasladáram. E dizia mais esta carta, que pediamos casa na Cidade de Cantam pera ter alli Feitoria, e mais que eramos gente má de contentar, e muito fumosa em cousas de honra, e que se dizia termos tomado Malaca ao Rey della. Vistas estas cartas no Conselho d'El Rey quão diferentes eram, foram chamados os linguas, e perguntados cada hum per si, como dizia a carta que elles trasladáram couza tão diferente do que dizia a do Rey dos Frangues. Respondêram, que elles não víram a carta do Rey dos Frangues, porque o seu Embaixador que alli vinha llic dissera que hia cerrada, e não se podia abrir, porque se havia assi de dar na mão do filho de Deos, e Senhor do Mundo. Que a outra que elles trasladáram, posto que ella dizia outras palavras, fora a sua transladação com aquellas com que se falla á pessoa do filho de Deos, e não como os Frangues fallavam; e quanto á dos Regedores de Can-



tam, não sabiam como a elles escrevêram. Finalmente, com a differença destas cartas, e más informações das segundas, que foram (como dissemos) primeiro lidas, foi assentado entre aquelles do Conselho d'ElRey, que aquella embaixada era falsa, e que Thomé Pires hia a espiar a terra. E o pedir da casa em Cantam era pera dali começarmos a fazer guerra, como costumavamos nas outras partes na India, e que bem se mostrava ser assi; porque quando alli veio o primeiro Capitão, que leixára aquelle Embaixador, no tempo que estivera na Ilha Tamou fazendo mercadoria, elle mandára hum seu navio descobrir a terra, e costa do Chincheco. Levado ante ElRey este parecer, e voto de seus Officiaes, a que pertencia o despacho daquellas cousas, a primeira que mandou, ante que se determinasse no que devia fazer a Thomé Pires, foi mandar que elle não fosse mais ao Paço a lhe fazer obediencia. E pera se saber o modo que este Principe tem de receber os Embaixadores que vem a elle, diremos o que fez ao nosso, e assi a outros que depois d'elle vieram. A hum dos Tartaros, com que tinha guerra, e assi a outros Reys vizinhos, que havia mister pera seus negocios, foram recebidos com honra, indo por elles ao caminho no dia da entrada onde ElRey estava alguns



dos principaes senhores ao modo que se cõ  
 usa entre nós. E a outros Embaixadores de  
 Reys , e Principes , que lhe tinham dado  
 sua obediencia , ou eram de partes remotas ,  
 e de que ElRey tinha pouca noticia , não  
 lhe fizeram recebimento algum. Porém de-  
 pois que entráram na Cidade , onde ElRey  
 estava , e per as cartas que levavam , e in-  
 formação de pessoas que mandou saber del-  
 les a que vinham , ante que fossem a elle ,  
 soube serem seus requerimentos cousa de seu  
 contentamento , então foram levados ao Pa-  
 ço com algum modo de honra. E a que os  
 nossos víram fazer a alguns destes , foi esta ,  
 (á qual o nosso Embaixador não chegou  
 polo que logo veremos.) Depois que foram  
 apousentados , não podiam ir ao Paço senão  
 quando lhes era concedido ; e isto tanto por  
 ser costume daquelles Principes não ir a elle  
 pessoa estrangeira senão per sua licença , por  
 magestade sua , como por razão de querer  
 que seja em hora eleita per Astrologia , pe-  
 ra que os negocios sejam em seu contenta-  
 mento , e proveito , e as mais das vezes são  
 aos quinze dias da Lua. E quando este Em-  
 baixador hia , era a pé , ou em cima de  
 hum rocim com cabresto de palha por hu-  
 mildade ; e tanto que chegava em hum gran-  
 de terreiro ante as casas d'ElRey , alli esta-  
 va quedo té que vinha a elle hum homem

ao modo que se costuma em Roma ante o Papa o Mestre das ceremonias. O qual Mestre em certo lugar levando o Embaixador pela mão, o fazia poer os giolhos em terra, e as mãos levantadas juntas, como quando louvamos a Deos, e depois debruçava a face no chão, inclinando a vista contra huma parede das casas dos Paços, onde lhe dizia este Mestre que estava ElRey. Levantado o Embaixador, a tantos passos tornava mais adiante outra vez á mesma reverencia, e não se chegando mais, contra a parede fazia esta adoração cinco vezes, e dalli per o mesmo modo vindo recuando tornava fazer outras cinco, té se tornar aonde começou a primeira, e alli era espedido que se fosse pera sua casa, e isto chamavam elles ir ver ElRey. E quando era no tempo que lhe davam licença que podia fallar em o negocio a que era enviado, então na derradeira adoração estava assi em giolhos, té que vinha hum homem á maneira de Secretario, que recbia per escrito tudo o que dizia, e espedia-o que se fosse, dizendo, que se daria razão daquelle seu requerimento ao Senhor do Mundo. Esta ida ao Paço d'ElRey, que Thomé Pires nosso Embaixador houvera de fazer, lhe não foi concedida por razão das cartas, que dissemos que deram má opinião de nós, e que

que elle Thomé Pires era enviado mais a  
 espíar a terra, que a outro fim. Succedeo  
 que nestes dias em que Thomé Pires estava  
 esperando o que fariam delle, segundo lhe  
 as linguas diziam, adoecco ElRey, e foi  
 de tal enfermidade, que dahi a tres mezes  
 morreo, de maneira, que se entreteve o seu  
 despacho outro tanto tempo. Finalmente,  
 dando-se conta ao Rey novo daquelle ca-  
 so, posto que a voz dos seus Officiaes, per-  
 que passavam aquellas cousas, era que Tho-  
 mé Pires, e quantos com elle foram, mor-  
 ressem como espías, disse, que ou fosse  
 verdadeira, ou falsa sua embaixada, basta-  
 va pera lhes não ser feito mal em suas pes-  
 soas, entrarem naquelle Reyno com titulo  
 de Embaixada. Que visto o que se delles  
 dizia nas segundas cartas, e assi o que con-  
 tra elles requeria o Embaixador d'ElRey  
 de Malaca, que alli andava; pois era seu  
 vassallo, a que devia favorecer, elle havia  
 por bem que o nosso Embaixador se tor-  
 nasse a Cantam com o presente que leva-  
 va, e os Governadores o tivessem em cul-  
 todia, em quanto fossem cartas ao Capitão  
 nosso, que estava em Malaca; e ao que es-  
 tava na India, e assi ao seu Rey que des-  
 pejassem Malaca ao Rey, que lançaram fó-  
 ra della, por ser seu vassallo. E que em  
 quanto não viesse este recado, cousa nossa

não fosse recebida, nem recolhida em porto algum de seu Reyno, pois eramos gente tão prejudicial. E vindo recado como Malaca era entregue ao Rey della, que então o nosso Embaixador fosse solto com sua gente, e espedido sem escandalo, mandoulhe que não fossemos mais áquellas partes, sendo certo que se lá fosse navio algum nosso, que seriamos tratados como inimigos, por quanto elle não havia por bem que gente tão revoltosa, e cubiçosa tratasse em seu Reyno. E quando viesse recado que não queriamos desistir de Malaca, em tal caso o nosso Embaixador fosse julgado per justiça segundo as Leis do seu Reyno; pois tendo offendido a ElRey de Malaca seu vassallo, não lhe queriam fazer restituição do que lhe tinham tomado. E quanto ás outras cousas que mais se diziam de nós, bastava sermos gente estrangeira, que não sabiamos os costumes da terra, que as gentes desta qualidade, em quanto faziam as cousas per ignorancia, não deviam ser punidas, senão avisadas do que deviam fazer. Dado este despacho, Thomé Pires foi trazido per guia té Cantam, no qual caminho poz quatro mezes e meio de tempo. E pera que se veja se o despacho que este novo Rey deo foi justo, ou não, segundo o que se dizia de nós, neste seguinte Capitulo escrevemos

parte das cousas, de que elle teve informação termos nós feito no porto de Tamou, as quaes eram verdade. E segundo aquelle Principe cuida de si que he Senhor do Mundo, e que todos lhe hão de obedecer, e he cioso de gente estrangeira entrar no seu Reyno, estas verdades bastavam pera o que fez com Thomé Pires. Quanto mais ter cartas dos Governadores de Cantam, que diziam roubarmos os navios de estrangeiros, que chegavam ao porto de Tamou, e que lhe não queria leixar fazer suas mercadorias, nem pagar direitos das suas; e que hum Foão homem principal Official seu do arrecadar os taes direitos, indo fallar ao Capitão nosso sobre aquelle caso, elle o mandára tratar mui mal. Finalmente, diziam que compravamos moços, e moças furtadas, filhos de pessoas honradas, e que os comiamos assados, as quaes cousas elles criam serem assi, porque de gente que nunca tiveram noticia, e eramos terror, e medo a todo aquelle Oriente, não era muito crer-se que faziamos estas cousas, porque outro tanto cremos nós delles, e de outras nações tão remotas, e de que temos pouca noticia.



## CAPITULO II.

*Do que Simão d' Andrade fez em quanto esteve no porto de Tamou da China, por onde houve causa do alevantamento daquellas partes contra nós: e dos males que os nossos passavam neste tempo, e depois que Duarte Coelho pelejou com os Capitães dos Chijs.*

**S**imão d' Andrade tanto que chegou á Ilha de Tamou, a primeira cousa em que entendeu, como quem esperava fazer seu commercio de vagar, foi fazer em terra huma força de pedra, e madeira, com sua artilheria posta nos lugares per onde o podiam offender, por ter sabido que ordinariamente sempre acudiam alli muitos cossairos a roubar os navegantes, e ás vezes vinham tantos, e tão poderosos, que as Armadas que El Rey da China mandava andar naquella paragem, muitas vezes se acolhiam a boas abrigadas sem ousar de os commetter. Fez mais, que defronte em hum ilheo mandou fazer huma força, dizendo ser pera qualquer dos nossos que fizessem algum insulto, porque vissem os Chijs que castigo se dava aos que faziam algum mal, ou damno, na qual força elle mandou enforcar hum homem do mar por hum delicto que

fez , com pregão , e tanta cerimonia , como se fora dentro neste Reyno. Porque Simão d'Andrade como era cavalleiro de sua pessoa , mui pomposo , glorioso , e gastador , todas suas obras eram com grande magestade , e tanta , que elle foi o primeiro homem que mandou ensinar Indios a tanger charame-las , e servir-se com ellas. O qual modo de justiça os de Cantam houveram por grande soltura nossa , e defacatamento á pessoa do seu Rey , e assi ter feita casa forte com artilheria , como quem queria tomar posse na terra , sem pera isso ter licença d'EIRey. Aconteceo tambem que em quanto elle alli esteve , vieram algumas náos dos Reynos de Sião , de Camboja , Patane , e de outras partes , que costumavam vir fazer alli suas mercadorias , aos quaes Simão d'Andrade não consentia venderem primeiro que elle , pela pramatica da terra , que era o primeiro junco que chegasse áquelle porto ficava Capitão dos outros que depois viessem , e elle fazia primeiro sua carga que os outros , e per este modo os segundos com os terceiros , o qual caso pelo modo com que se fez , foi causa de grande escandalo. E o que mais indignou aos moradores de Cantam , foi , que despachado elle , e vindo pera a India , onde chegou a Cochij a tempo que Diogo Lopes de Sequeira estava sobre

a Cidade Dio, acháram-se menos de Cantam muitos moços, e moças filhos de gente honrada, os quaes Simão d'Andrade, e os de sua Armada compravam, não lhe parecendo que offendiam nisso á Cidade. Porque sabiam que geralmente em todas aquellas partes Orientaes costumavam os pais, e mãis venderem os filhos, e os dam em pagamento, ou penhor, parecendo-lhes que aquelles que lhes vieram vender, eram desta qualidade, e não furtados per ladrões, como eram os que houve. E posto que por lei da terra isto assi seja, quando alguma pessoa quer vender filho, ha de vir ao Juiz denunciar sua necessidade; e se he tal que a não póde supprir outro modo, então usam desta cerimonia. O Escrivão de ante o Juiz faz huma carta de venda em nome do pai, e da mãi que vendem o filho, onde cada hum delles, se o outro he falecido, assigna, que se são vivos, ambos hão de concorrer neste consentimento da venda. E por final da escriptura, o Escrivão faz o seu Ordinario, e o pai do moço borra a palma da mão direita com tinta grossa á maneira da qual usam os impressores ácerca de nós, a qual põe sobre a carta, imprimindo toda a figura da mão, e outro tanto faz com a planta do pé direito, e a mãi usa de outra tal cerimonia; no fim da qual, ambos tan-

to hum como outro recebem seu dinheiro entregando o filho. E o acrédor per semelhante modo levando seu devedor a juizo, elle assigna a escriptura como se dá por cativo por tanto que deve ; ou se he pessoa que se vende a si mesmo, declarando a quantia com pauto de tornar á sua liberdade, dando a somma que deve, ou recebe. Usam deste modo de final neste caso de se vender, por ser natural da pessoa, e mais certo, e verdadeiro que os artificiaes, que se podem falsificar, porque não possam as partes vendidas, ou que se vendem, allegar falsidade. Sobre estas cousas que eram passadas entre os nossos, as quaes fizeram grande escandalo na terra, succedeo a morte d'ElRey, como dissemos. E tambem succedeo chegar no porto de Tamou huma náó, que partio deste Reyno, a qual era de D. Nuno Manuel Almotácer mór, a quem ElRey Dom Manuel deo licença que pudesse armar pera aquellas partes, de que era Capitão Diogo Calvo. Em companhia do qual de Malaca foram outros navios, os quaes por irem já tarde, não se puderam despachar pera se partir em companhia de Simão d'Andrade, nem menos o junco de Jorge Alvares, por haver mister corregimento. E como per ordenança da China, tanto que morre o Rey, nenhum estrangeiro póde estar na terra, nem

menos em algum porto sob pena de morte: vinda a nova, foi Diogo Calvo, e os outros requeridos que se partissem dalli, o que elles não quizeram fazer, ante se puzeram em defensão. E a causa desta pramática foi, porque tinha acontecido muitas vezes saquearem os naturaes da terra suas proprias Cidades com favor das náos, e navios que estavam no porto, e depois diziam que os estrangeiros o faziam: dos quaes insultos por os naturaes não terem que allegar, procedeo fazer hum Rey esta ordenança. Diogo Calvo, Jorge Alvares, e os outros que com elles estavam, não o quizeram fazer por não terem feito sua mercaderia, de que succedeo prenderem Vasco Calvo irmão de Diogo Calvo, e alguns homens com elle, que andavam em Cantam. E foram tambem tomados dous navios que alli vieram ter, hum de Patane, e outro de Sião, em que hiam alguns noffos, que andavam nelles ganhando sua vida, e vieram cahir em laços de morte, porque hoje hum, e á manhã outro, tomáram todos tres. E as principaes pessoas delles eram Bartholomeu Soares, Lopo de Goes, Vasco Alvares, e hum Clerigo per sobrenome Mergulhão, que morreo em hum delles pelejando, e os outros foram levados prezos. E como os Governadores,



e Officiaes de Cantam começaram gostar deste roubo, favorecidos do tempo, e desobediencia nossa, e principalmente por terem nova quão mal fora recebido Thomaz Pires na Corte d'ElRey; mettêram todo seu poder pera tomar esta náó, e sete, ou oito juncos, que alli estavam nossos. Pera o qual feito fizeram huma Armada de muitas velas, que os tinha quasi cercados, depois de os terem commettidos algumas vezes no porto onde estavam, sem oularem abalroar com elles. Estando os nossos no qual trabalho, e perigo, em vinte e sete de Junho de quinhentos e vinte e hum chegou Duarte Coelho em hum junco seu bem apercebido, e com elle outro dos moradores de Malaca. O qual tanto que soube dos nossos o estado da terra, e como o Itáo, que era Capitão mór do mar, os commettêra já per vezes, quizera-se logo tornar a sair; mas vendo que os nossos não estavam apercebidos pera isso, polos ajudar a salvar ficou com elles. E principalmente por amor de Jorge Alvares, que era grande seu amigo; o qual estava tão enfermo, que da chegada d'elle Duarte Coelho a onze dias falleceo, e foi enterrado ao pé de hum padrão de pedra com as Armas deste Reyno, que elle mesmo Jorge Alvares alli puzera hum anno ante que Rafael Perestreillo fesse

áquellas partes; no qual anno que alli esteve, elle tinha enterrado hum seu filho, que lhe faleceo. E peró que aquella região de idolatria coma o seu corpo, pois por honra de sua patria em os fijs da terra poz aquelle padrão de seus descobrimentos, não comérá a memoria de sua sepultura, em quanto esta nossa escritura durar. O Itáo Capitão mór do mar, tanto que soube que eram entrados estes dous navios, por vir já com dobrada força de té cincoenta vélas, sendo as nossas cinco, tres que estavam d'antes, e duas que trouxera Duarte Coelho, da sua chegada a dous dias veio sobre elles. Duarte Coelho vendo o grande perigo em que estavam, mandou-lhes hum recado, pedindo-lhes que houvesse por bem não haver mais rompimento de guerra, e o passado se remediaffe com paz, e fossem amigos, e outras palavras que aproveitáram tão pouco, que veio logo sobre os nossos. Mas aprouve a Deos que se houveram com elle de maneira, que se apartou bem escalavrado da nossa artilheria, com morte de muita gente, que foi causa que o commettia poucas vezes, sómente estava sobre elles em modo de cerco, por ser lugar tão estreito, que mais se ajudavam as nossas cinco vélas delles, que o grande número das suas dellas, principalmente por a melhor

artilheria que tinham. E havendo quarenta dias que estavam neste trabalho, sobreveio Ambrosio do Rego com hum navio, e com elle outro junco dos moradores de Malaca. E a causa de elle Ambrosio do Rego não ser visto da Armada do Itáo foi, porque ao tempo da sua entrada no porto estava o Itáo em huma bahia, tres leguas donde os nossos estavam, enterrando luns poucos de mortos que lhes elles matáram havia tres dias em huma peleja que tivera com elle. Duarte Coelho, Diogo Calvo, e Ambrosio do Rego vendo-se cercados, e que lhes convinha per qualquer modo sahirem-se dali, e que Jorge Alvares era falecido, e que no seu junco havia pouca gente, por ter já perdida alguma, e outra lhes ser preza logo no princípio daquelle rompimento quando tomáram os juncos, e que nos outros que alli estavam nenhum passava de oito homens Portuguezes, e toda a mais gente eram escravos, que marcavam os navios: ordenáram de recollir tudo em os seus tres navios, e commetter a sahida, como fizeram de noite. Però como o Itáo tinha vigia sobre elles, ao outro dia pela manhã os foi commetter, e houve neste commettimento huma semelhança do inferno entre fogo, e fumo; porque abalroarem não convinha aos nossos, por não haverem mister mais que

caminho despejado pera sua viagem , nem elles oufavam de o fazer , por quão queimados já andavam deste commettimento. Duarte Coelho , sobre quem então pendia a ordem daquelle negocio , além de ser cavalleiro de sua pessoa , era homem mui catholico , e devoto de N. Senhora ; e por este commettimento dos inimigos ser a oito de Setembro do anno de quinhentos e vinte e hum , que era a festa do Nascimento de N. Senhora , encomendou a todos que tomassem o seu appellido , porque com o seu nome elle esperava que os salvaria. E como ella costumava acudir áquelles , que a chamam em taes necessidades , acudio com huma trovoadá , que pera nós foi a popa , e aos inimigos causa de se derramarem , e perderem alguns , com que Duarte Coelho , e seus companheiros vieram ter a Malaca no fim de Outubro do anno de vinte e hum ; onde elle em louvor de N. Senhora fundou huma Casa no outeiro , que está sobre a fortaleza , que se ora chama *N. Senhora* , por memoria deste milagre que fez por elles. E porque o Itáo , além das perdas que d'antes tinha recebido dos nossos , naquelle dia não sómente recebeo outra da gente morta , e navios perdidos da tormenta , mas ainda se houve por injuriado de lhe assi escaparem ; foram todas estas cousas causa de



indignarem mais a elle, e aos Governadores de Cantam de maneira, que chegando Thomé Pires nesta conjunção com o despacho que dissemos, foi logo prezo, e toda a sua gente. E não sómente elle, mas quatro, ou cinco juncos, que depois da partida de Duarte Coelho vieram ter ao porto de Tamou, foram roubados, e a gente morta, e outra preza, huns delles eram de Patane, e os outros de Sião, por irem nelles alguns Portuguezes. E segundo duas cartas que os nossos dahi a dous, ou tres annos houveram destes dous homens, Vasco Calvo irmão de Diogo Calvo, e Christovão Vieira, que estavam presos em Cantam, era cousa piedosa ouvir os martyrios que passáram, e os roubos, que os Governadores fizeram em navios de estrangeiros, tudo com achaque que levavam Portuguezes. Té que de cá foi Martim Affonso de Mello, que com sua chegada lá, (como adiante veremos,) acabáram de matar alguns dos nossos que ficavam, e Thomé Pires morreo em huma cadeia, e o presente que levou foi roubado. E a elle, segundo diziam as cartas dos presos, foi tomada esta fazenda: vinte quintaes de ruibarbo, mil e seiscentas peças de damasco, cetim, e outro genero de seda tecida de que elles usam, e mais de quatro mil lençoes de seda, a que elles



chamam Xópas , e de ouro oitenta taes , cada hum dos quaes reduzidos aos taes de Malaca , val huma onça tres oitavas e meia das nossas. E mais tres arrobas de almifre em pó , e tres mil e tantos papos d'elle , e quatro mil e quinhentos taes de prata por lavar , e muitas peças ricas daquellas partes de grande estima , com outra muita fazenda da que levava da India , a qual té então tinha por empregar.

### C A P I T U L O III.

*Como Diogo Lopes de Sequeira , estando em Ormuz a requerimento d'ElRey , mandou Antonio Correa á Ilha Baharem sobre ElRey Mocrim , que estava alevantado contra Ormuz.*

**E**M a segunda Decada , fallando na linhagem dos Reys de Ormuz , e succedimento de huns a outros , escrevemos como pola ajuda que Atjoát Rey de Lafah deo a Sargol pera elle reinar em Ormuz , houve contrato entre elles , per o qual Sargol deo a Atjoát a Ilha Baharem , e Cati-fe na terra da Arabia , que eram suas. Sargol , depois que se vio pacifico Rey deste Reyno Ormuz , como aquellas duas peças que deo a Atjoát eram as melhores em rendimento de quantas tinha , arrependeo-se. E

não lhe falecendo razões pera as tomar a Atjoát, que já estava em posse dellas, mandou a Ruez Nordim seu Governador do Reyno sobre ellas; e porque daquella vez lhe foram defendidas, feita outra maior Armada, ElRey Sargol em pessoa foi nella, e as tomou. Finalmente ficou daqui atçada huma guerra entre elles sobre esta propriedade, que ora a possuia hum, ora outro de maneira, que já de cansados daquella demanda, houve entre elles concerto: Que ElRey de Lafah ficasse com a propriedade, e fosse obrigado pagar de pareas a ElRey de Ormuz hum tanto. A continuação do qual pagamento durou per muitos annos, té que tomado per nós o Reyno de Ormuz, ElRey de Lafah se levantou com as pareas, com que obrigou a ElRey Ceifadin, que então reinava, ir sobre elle. E esta ida era em tempo que Diogo Fernandes de Béja per mandado de Affonso d'Albuquerque foi buscar as pareas a Ormuz, (como atrás escrevemos,) e por esta causa o não achou em Ormuz, e Ruez Nordim Governador do Reyno lhas entregou, reinando em Lafah hum Rey per nome Mocerim, filho de Zamel, e neto de Atjoát, dondê vinha esta aução de Baharem pelo contrato que fizera com Sargol, (como dissemos.) O qual Mocerim, além de

não querer pagar as parcas a ElRey de Ormuz, não consentia que Ruez Xaráfo Guazil d'ElRey, e Governador do Reyno Ormuz arrecadasse as rendas que tinha na Ilha Baharem de seu patrimonio, que lhe importavam mais de cinco mil xarafijs. E estando Mocrim nesta contumacia, e Dom Garcia Coutinho Capitão da fortaleza que tinhamos em Ormuz, pedindo elle as parcas a ElRey Torunxá, que então reinava, dava-lhe por escusa a rebelião deste Mocrim, e as Armadas que contra elle fizera té ir lá em sua pessoa, como elle sabia, em que tinha feito grandes despezas. E pois ElRey de Portugal era Senhor daquelle Reyno, e elle era obrigado ao amparar, e defender, e não consentir serem seus tributos, e rendimentos roubados, e retidos per alguém, lhe pedia que mandasse dar gente, e navios pera em companhia de huma sua Armada irem tomar Baharem, e Catife. Porque além de Mocrim negar as parcas que lhe devia, uovamente começava intentar huma cousa, que se fosse avante, seria oppressão pera Ormuz, a qual já sentia. E o negocio era, que Mocrim tinha feito alguns navios de remo per industria de alguns Turcos, que pera isso tinha, com os quaes começava roubar alguns navios, que hiam, e yinham de Basçora.

pera Ormuz, da qual soltura podia depois tomar tanta licença, que occupasse todo aquelle estreito com navios. D. Garcia tendo já informação deste negocio, e vendo como ElRey de Ormuz desfalecia na paga das pareas, que cada anno era obrigado pagar, por esta, e outras rendas das terras firmes lhe não acudirem; ordenou de lhe dar a ajuda que adiante veremos, que fez pouco, ou nada, com que Mocrim ficou com maior ousadia. Em tanto, que quando Diogo Lopes de Sequeira chegou a Ormuz, onde foi ter a quinze dias de Maio de quinhentos e vinte e hum, depois que se partio de Dio, (como atrás fica,) querendo elle pôr os Officiaes Portuguezes na Alfandega, e ordenar outras cousas, que ElRey D. Manuel mandava que fizesse, (como adiante escrevemos,) huma das cousas principaes com que lhe davam no rosto pera não poder pagar estas pareas, era o levantamento deste Mocrim. Dos quaes queixumes forçado elle Diogo Lopes entendeu logo em remediar este mal. Pera o qual negocio elle Rey offereceo duzentas terradas, que são navios de remo, e tres mil homens Parseos; e Arabios, da qual frota havia de ir por Capitão Racz Xarafó Regedor do Reyno; porque além de lhe competir esta ida por ser huma cousa tão



principal, elle a requireo por tambem tomar conclusão no seu que lhe Mocrim impedia. Ordenada huma Armada de sete véllas, deo Diogo Lopes de Sequeira a capitania mór a Antonio Correa, e os outros Capitães eram Ruy Vaz Pereira, Gomes de Souto-maior, João Pereira, Alvaro de Moura, Fernando Alvares Cernache, e outro de alcunha Pinto. Em a qual Armada levaria té quatrocentos Portuguezes, de que os cento delles eram homens Fidalgos, e Cavalleiros, criados d'ElRey, e parte da outra gente era de bésteiros, e espingardeiros, e os mais de espada, e lança. Partido Antonio Correa a quinze de Junho via de Baharem com bom tempo, aos dous dias faltou com elle vento tão furioso, e contrario, que lhe espalhou toda a Armada de maneira, que aos vinte e hum dias elle se achou sómente com João Pereira, toda a outra frota correo a diversas partes. E quando elle se determinou, (como adiante veremos,) sahir em terra, que foi a vinte e sete de Julho, huma das fustas era arribada a Ormuz, e a outra chegou, como dizem, ao atar das feridas, porque as houve ahi boas neste caso, e das terradas de Xaraso falecêram muitas. E não era muito ser isto assi, por ellas serem costumadas buscar nestes taes tempos boas abrigadas, não sómen-



te por razão do vento , mas de pelejar , e mais contra Mouros , muitos dos quaes hiam lá contra sua vontade , e assi o mostráram elles no commetter do caso , como veremos , e muito mais tinham mostrado da primeira que lá foram per mandado de Dom Garcia Coutinho. O qual , (como atrás fica ,) a requerimento do mesmo Rey de Ormuz , e de Ruez Xarafo , mandára Gomes de Souto-maior na galé em que andava , e Fernando Alvares Cernache na fusta , Rey Varella em outra , com os quaes iriam té cento e vinte homens , e em sua companhia o mesmo Ruez Xarafo com quarenta terradas , em que levaria té mil e duzentos homens. E sendo tanto avante como o Cabo Verdastam , que he na terra firme da Persia , pera dahi atravessarem a Baharem , deo-lhe tambem hum tempo , com que toda a Armada de Ruez Xarafo arribou a Ormuz. E sómente huma das suas terradas com dous cavallos foi ter a Baharem com Gomes de Souto-maior , o qual esteve naquelle porto treze dias esperando pelos outros dous Capitães , e assi por Ruez Xarafo. E quando vio que não vinham , mandou tirar fóra hum cavallo , e com té setenta homens lavradores , e seis Portuguezes espingardeiros , entrou dentro pela Ilha té huma mesquita , que sería da ribeira hu-

ma boa legua ; por elle dizer aos Mouros que desejava dar hum a vista ao sitio da terra, sem achar cousa que lhe dêsse presumpção de muito atrevimento, ou desconfiança dos Mouros que levava ; tão pacífica estava a terra, e tão desejosa de ser subdita a ElRey de Ormuz. E a causa de a terra estar tão só que lhe isto fez commetter, era por ElRey Mocrim ser ido em romaria a Méca visitar seu sogro o Xeque della, e tinha levado consigo toda a gente nobre da Ilha por duas causas: a primeira, porque não confiava muito nelles, por lhe ver hum a inclinação a ElRey de Ormuz, e temia que em quanto elle fosse a Méca, que lhe dessem aviso, com que elle mandasse tomar posse da terra, e quando elle Mocrim tornasse, que lha defenderiam: E levando-os consigo, era em modo de refens, por lhe ficarem suas mulheres, e filhos na terra, e trabalhariam por se tornar a restituir no seu, se ElRey de Ormuz mandasse metter gente na terra pera lhe impedir a elle Mocrim a tornada. A segunda causa era, que o principal caminho que os Parsecos fazem, quando vam em romaria a Méca, e assi os Arabios que habitam naquellas Comarcas de Lasah, nesta mesma Cidade se vem ajuntar em cafilas, perá atravessarem aquelle deserto de Yaman. A qual

cafila muitas vezes he commettida dos Alarves que pastam aquelle deserto, que são de huma cabilda chamada Bengebra, temendo elle Mocrim que poderia destes Alarves receber algum damno, quiz ir poderosamente. Assi que por cada huma destas causas, ou por ambas, não quiz leixar na terra alguma gente nobre; e se Ruez Xaraso com sua Armada chegára, e os outros nossos navios, sem dúvida ella fora tomada; mas parece que não era vinda sua hora. Gomes de Souto-maior nesta jornada não ganhou mais que a seguridade com que entrou na Ilha, pera saber dar razão a D. Garcia Coutinho do que havia nella, e do modo da terra, pera com esta informação poder prover no caso, quando outra vez lá mandasse, e com este recado se tornou a Ormuz. ElRey Mocrim, além do cuidado que tinha de se armar de maneira, com que se pudesse defender d'ElRey de Ormuz, trabalhava tambem por se fazer senhor daquelle estreito, com trazer muitos navios no mar, e desta vez que veio de Méca trouxesse alguns Turcos Officiaes de fazer fustas, e outros que andassem nellas, por os Alarves Arabios, de que elle era senhor, não saberem das cousas do mar. E quando chegou a Méca, e achou nova do que Gomes de Souto-maior fizera, e que se

se a Armada que levava chegára junta, segundo a terra ficava, sem dúvida se fizeram senhores da terra, deo-lhe esta ida grande aviso pera o que ao diante havia de fazer. E posto que logo começou a se prover de armas, polvora, artilheria, e outras cousas necessarias a seu intento, quando soube que Diogo Lopes era em Ormuz, dobrou todas estas munições, e forças: considerando que se D. Garcia, que era Capitão de Ormuz, mandára quarenta terradas, e tres navios Portuguezes, e tanta gente como levavam, que faria o Governador da India. Assim que destas suas considerações, e da nova que lhe logo foi de Ormuz, tanto que Antonio Correa se fez prestes, a grão presa começou de se fazer forte; e ainda pera dobrar mais nestas forças, chegou Antonio Correa da maneira que dissemos. E o apercebimento com que este Mocrim o estava esperando, eram doze mil homens, em que entravam trezentos de cavallo Arabios, e quatrocentos frécheiros Parscos, e vinte Rumes espingardeiros, com outros da terra a que elles tinham ensinado este uso. E no porto diante da Cidade Baharem, de que a Ilha tomou o nome, onde se podia desembarcar, por não ter outro porto, tinha feito hum entulho de dez palmos de largo, e as faces deste entulho eram de pés de

palmeiras, tudo tão alto, e forte, que sup-  
prio por hum muro de pedra, e cal mui for-  
te. E em dous, ou tres lugares, por o com-  
primento deste muro ser mui grande, fica-  
vam serventias pera a ribeira, as quaes tan-  
to que Antonio Correa surgio no porto,  
logo elle mandou fechar. E per cima do  
muro nos lugares de suspeita poz toda a  
artilheria que tinha, e repartio aquelle com-  
primento de muro em capitaniás, tudo or-  
denado como homem industriofo, e bom  
Capitão, e cavalleiro que era, porque to-  
das estas cousas elle mostrou de si no dia  
que Antonio Correa o commetteo. E por-  
que convem pera melhor entendimento des-  
te feito, e de outros que ao diante succe-  
dêram, queremos aqui dar noticia desta Ilha  
Baharem, e das suas cousas, primeiro por-  
rém do maritimo que jaz dentro deste mar  
Parseo, porque o não temos ainda feito;  
e quando démos geral noticia das outras  
costas da India, de industria leixámos a re-  
lação delle pera este lugar.



## CAPITULO IV.

*Em que se descreve todo maritimo, que o mar Parseo contém em si: e assi do sitio, e fertilidade da Ilha Babarem.*

**E**Ste mar, a que chamamos Parseo, jaz entre duas terras, humna que lhe fica ao Ponente chamada Arabia, e a do Levante Parsea, e tomou mais o nome desta, que da outra, porque o maritimo da Persia he bem povoado. E ainda que não seja de tão notaveis, e célebres Cidades como ella tem, são villas, e nobres povoações, que se servem d'elle; e do interior da melina Persia alguns rios notaveis vem descarregar suas aguas nelle, e a terra da Arabia não tem alguma cousa destas. Porque começando do Cabo chamado Moçandam, a que Ptolomeu chama Afaboro promontorio, que situa em vinte e tres grãos e dous terços de altura do Norte, e nós em vinte e seis, té o fim deste mar, que he na foz dos rios Eufrates, e Tigre não ha em toda esta costa mais que quatro povoações. Logo em dobrando este Cabo Moçandam jazem estes tres, Camuzar, e Gaçapo, que estam mui vizinhos hum ao outro, ambos Aldeas de pescadores de algum aljofre pouco que alli pescam, e a villa Julfar, que he mais povoada,

e de maior pescaria, e por isso rende a ElRey de Ormuz o dobro dos outros. A quarta povoação he a villa de Catifa, que está defronte da Ilha Baharem obra de dez leguas, que segundo a situação della parece ser aquella, a que Ptolomeu chama Immar, que está fronteira á Ilha chamada por elle Ichara, que por ser a maior, e mais junta á terra Arabia, digamos que seja a de Baharem, posto que elle situe o lugar, e a Ilha em altura de vinte e cinco grãos do Norte, e nós em vinte e seis e hum quarto. Todo o outro maritimo, sob reverencia de quantas Cidades, villas, lugares, portos, e rio Laris, que elle Ptolomeu alli situa, tudo he hum areal o mais deserto, e esteril do que Arabia tem, a qual parte os Arabios chamam Yaman. E por razão da esterilidade desta costa deram ao mar a denotação mais de Parseo, que Arabio, porque da parte da Persia tem os lugares que veremos. Leixado o lugar de Iasque, que he a mais notavel cousa que aquella costa tem, ainda que está fóra da garganta daquelle estreito, o qual nós situamos em vinte e quatro grãos largos da parte do Norte, e Ptolomeu em vinte e dous e meio, chamando-lhe Carpella promontorio, e indo pera dentro do estreito, entramos na terra chamada Mogastam, que quer dizer

palmar, por o grande número de palmeiras que ha per toda aquella Comarca, onde ha muitos lugares pequenos, de que El Rey de Ormuz tem rendimentos. No qual Mogastam hoje apparece a memoria da Cidade de Ormuz que alli esteve, a que Ptolomeu chama Armuz, que se traspassou na Ilha Geru, que he a que hoje chamamos Ormuz, pola causa que já atrás dissemos falando no fundamento deste Reyno. E como a mais desta terra Mogastam he alagadiça, e doentia ao longo da costa, não tem lugares senão ao modo de Aldeas, de que os principaes são estes; Cuxtach, Chacoá, Braemi, que he o porto de Mogastam, e Ducar, Angom, defronte dos quaes está a Ilha Geru, em que está situada a Cidade Ormuz, que será da terra firme té quatro leguas pouco mais, ou menos, junto da qual Ilha está outra mui pequena per nome Larec. E tornando á costa, corre ao longo della a Ilha Queixome, que tem de comprido vinte leguas, em que ha alguns lugares pouco notaveis por ser mui doentia. E do fim desta Ilha té o Cabo chamado Nabam, que será distancia de trinta e seis leguas, a qual costa de terra os naturaes chamam Dolestam, jazem estas Ilhas de nome Pilot, Caez, que foi já cabeça do Reyno, e se desfez com a fundação da

Cidade Ormuz, (como atrás escrevemos,) e adiante está Lára. E deste Cabo Nabam té a villa Rexet, onde entra o rio Rodon, se faz a terra curva á maneira de enseada, na qual distancia, em que haverá quarenta leguas, estam estas villas, Bedican, Chiláo, e o Cabo de Verdestan. E da villa Rexet té a fóz do rio Eufrates, que terá espaço de cincoenta e oito leguas, está a Ilha Cargue, notavel neste mar, que distará da terra firme cinco leguas, e da villa Rexet quinze; e mais adiante seguindo a costa, Mahar, onde entra hum rio, e depois Dir-táo, Ancuza, Turáco, e o rio Charom. Leixando o interior que jaz das fózes do rio Eufrates, a que os Parseos chamam Fiat, e ao Tigre, que se nelle mette, Digi-lá; e começando na Ilha Murzique, que faz ao rio duas fózes, a qual Ptolomeu chama Teredon, e situa em trinta e hum gráo, e nós em trinta escassos, torna a costa a voltar pera o Sul com nome da terra Arabia. E o epitheto de deserta bastava pera se saber não ser tão habitada como elle Ptolomeu a faz, por a terra em si ser tal, que mais se póde dizer pastada, que habitada; e ainda em partes he tão areenta, e tal, que não ha ahi pasto pera aves, quanto mais pera alimarias, de maneira, que daqui té a villa de Catife, que está defron-

te da Ilha Baharem, e della té o Cabo Moçandam não há mais povoações das que dissemos. O que a terra tem em si, e o modo de seu viver, em os Livros da nossa Geografia se verá, tirado da Geografia dos proprios Arabios, e Parseos, dos quaes nós temos cinco Livros, dous em a lingua Arabia, e tres na Parsea. Fica agora pera sabermos deste mar Parseo estar nelle a Ilha Baharem, a conquista da qual nos fez dar noticia do maritimo delle, a qual terá em roda pouco mais, ou menos trinta leguas, e na maior longura della haverá pouco mais de sete leguas, e distará da Ilha Ormuz cento e dez. E na terra a ella fronteira, dentro no sertão vinte leguas pouco mais, ou menos, está a Cidade Lásath, a qual com seu contorno de terra he a mais fertil, e mimosa que tem toda aquella parte chamada Yaman, e de que Mocrim, sobre quem Antonio Correa hia, (como dissemos,) era Rey. O sitio desta Ilha em si he terra baixa, e de grandes palmeiras, e terra mui humida, e viçosa; porque em qualquer parte que cavam, acham logo agua, mas he çalobra, donde se causa ser mui doentia, e principalmente em certos mezes do anno, que são do fim de Setembro té Fevereiro; e he ás vezes tão pestenencial neste tempo, que a mais da



gente nobre nestes mezes vam estar na villa Catife, e pelo maritimo de Arabia. O maior rendimento que esta Ilha tem da novidade della, he de tamaras, por serem tantas, que daqui se levam pera muitas partes, e ha dellas grande diversidade, por humas serem de huma sorte, e outras de outra ao modo que cá vemos nos figos, e peras. Além desta fruta, tem quasi toda a nossa de Hespanha, principalmente a ortada, assi como romans, pêssegos, figos, e todo genero de hortaliça. Os moradores della todos são Mouros Arabios, e a principal povoação que tem, he huma Cidade chamada Baharem, que deo o nome da Ilha; e todalas outras povoações, que são mais de trezentas, não tem a policia desta. A qual he de boas casas de pedra, e cal, sobradadas, com cirados, varandas, e janellas, principalmente os paços d'ElRey, que querem imitar a policia dos Parseos, por a terra ser mui rica. Cá ella tem duas cousas, que a fazem ser frequentada, assi da Arabia, como da Persia: a primeira, a novidade das tamaras, que naquellas partes he como ácerca de nós o mantimento do figo passado do Algarve, que corre pera diversas partes; e a outra cousa que a mais nobrece he a pescaria das perolas, e aljofre, que se alli pescam, que he o me-

lhor de todo aquelle Oriente, assi em grandeza, como em ser Oriental, principalmente as perolas. Mas não he tamanha esta pescaria como a da Ilha Ceilão da India, e Aynam da China, as quaes tres Ilhas são os principaes mineiros de todo aquelle Oriente, onde se aquella ostra cria. Das quaes pescarias, e assi das que ha nas Antilhas de Castella, tratamos particularmente em os nossos Livros do Commercio, no Capitulo das Perolas, e Aljofre, como já em outra parte apontámos.

## C A P I T U L O V.

*Como Antonio Correa sabio em terra na Ilha Babarem, e pelejou com ElRey Mocrim, na qual peleja foi ferido de huma espingarda, que causou haverem os nossos vitoria, e depois foi tomado o seu corpo já morto.*

**A**Ntonio Correa, tanto que os navios de sua Armada chegaram, per os quaes esperou seis dias primeiro que se juntassem com elle, teve conselho com os Capitães no modo que teriam ao desembarcar, pera commetter aquella força, que El-Rey Mocrim tinha feita, a qual elle mais fortaleceo do que escrevemos, em quanto Antonio Correa se deteve esperando polas

outras vélas que lhes faleciam. Na qual consulta se assentou que cominetteffem aquella força per duas partes , elle per huma com o corpo de toda a gente Portuguez , e Ruez Xaraso com os seus Mouros per outra; porque como eram muitos , e mais gente não mui fiel , pareceo cõusa mais segura cada hum pelejar a sua parte. Però nunca pôde acabar com Ruez Xaraso que fosse como elle Antonio Correa queria , nem me nos em o dia que elle desejava , que era dia do Apostolo Sant-Iago , por ser Patrão de Hespanha , cujo appellido se invoca no commetter batalha contra Mouros. Finalmente elle Antonio Correa passado o dia de Sant-Iago , dahi a dous , que eram vinte e sete de Julho , se embarcou em todosos bateis , tendo assentado com Ruez Xaraso que faria outro tanto , e assi o fez , não que fosse romper nos Mouros , mas foi-se pôr em hum teso donde pudesse seguramente ver o successo da batalha , pera se determinar no que faria. Antonio Correa , porque ir commetter de frécha a força dos Mouros no lugar onde se desembarca , era muito maior perigo por razão da artilheria que tinham alli assendada , e mais podiam-lhe impedir a sahida , quiz que fosse hum pouco mais acima , pera vir ao longo da força commetter per onde a gente não fosse

se tão aventurada. E posto que nisso teve bom resguardo no lugar que tomou, ainda que não foi de tanto perigo, foi de mais trabalho; porque como o mar onde elle sahio espraiava muito por ser alli mui baixo, a toda a gente lhe dava a agua pola coixa de maneira, que em sahindo, hiam mais pera se pôr a escorrer da agua, que correr o caminho, que logo tomáram apressado: seu irmão Aires Correa com cincoenta homens, a que elle deo a dianteira, e elle Antonio Correa ficou na trazeira com todo o outro corpo da gente, que seriam té cento e setenta. E porém primeiro que se apartasse dos bateis, leixou nelles toda a gente do mar, e por Capitão della Tristão de Castro, ao qual mandou que se puzesse de largo com os bateis, e que em nenhuma maneira recolhesse pessoa viva, senão per seu mandado. Aires Correa como era homem mancebo, desejoso de honra, e hia acompanhado de alguns Fidalgos de sua idade, que tambem a desejavam ganhar, e mais pois lhe davam aquella dianteira, meteo-se tão rijamente com os Mouros, como chegáram ao lugar do combate, que assi com bésteiros, e espingardeiros que levavam, como ás lançadas feríram, e derribáram muitos Mouros. Porém esta obra tambem foi á custa do seu sangue, recebendo

do logo Aires Correa duas fréchadas, e assi os outros que com elle hiam tambem foram encravados; na qual furia sobreveio Antonio Correa com o corpo de toda a gente. O qual tanto que deo Sant-Iago, assi obrou o ferro de todos, que a pezar dos Mouros elles se fizeram senhores de alguma parte das tranqueiras; e seguindo mais avante, começaram os Mouros desamparar sua defensão, e recolher-se pera a Cidade. O qual retraimento pareceo em alguma maneira artificio; porque como elles eram muitos assi de pé, como de cavallo, e não havia hum dos nossos pera cento delles, fizeram tão grande praça, que pareceo a Antonio Correa que os levava de vencida. Senão quando El Rey Mocrim sahio com hum corpo de gente de cavallo, e assi apertaram com os nossos, que lhes fizeram perder o lugar que tinham tomado, e os lançaram pelas tranqueiras fóra de maneira, que os nossos ficavam entre elles, e o mar. E como era lugar mais largo, acudio tanto pezo de gente sobre os nossos, que andavam mui mal tratados: cá não se aproveitavam tão bem das suas armas, como os Mouros. Os quaes traziam humas lanças de trinta palmos, que eram maiores hum terço, que as dos nossos de maneira, que a seu salvo davam quatro lançadas primeiro que



que recebessem huma ; e neste aperto del-  
 las , e assi de muita fréchada , em que os  
 Parfeos são déstros , como os Arabios no fe-  
 rir de lança , foi derribado , e mui mal fe-  
 rido Aires Correa. E dando a nova a seu  
 irmão Antonio Correa , dizendo que era  
 morto , respondeo : *Avante , amigos , lei-*  
*xa-o que acaba em seu officio.* E verdadei-  
 ramente elle acabára alli seus dias , senão  
 fora per Aleixo de Soufa Chichorro filho  
 de Garcia de Soufa , e per Ruy Correa fi-  
 lho de Jorge Correa do Pinheiro , e outros  
 que eram com elle , os quaes o defendêram  
 que o não acabassem de matar , já com dez ,  
 ou doze feridas , andando elles tambem ver-  
 tendo o seu sangue de outras que alli hou-  
 veram. A este tempo em ambas as partes  
 havia affís trabalho , porque os nossos se-  
 viam mui perseguidos do grande número  
 dos Mouros , e das compridas lanças que  
 traziam , e fréchiadas que pareciam exames  
 de aguilhões de morte. Elles tambem an-  
 davam de maneira , que eram mortos dous  
 cavallos debaixo das pernas a ElRey Mo-  
 crim , sem ser conhecido em mais , que ser  
 hum dos que melhor pelejavam na diantei-  
 ra : com o qual trabalho houve de ambas  
 partes reter-se cada huma em si pera tomar  
 algum alento. Porque além do trabalho do  
 ferro , era tão grande a calma , que anda-

vam os homens affogados sem alento algum, com o qual tempo de tregua Antonio Correa muito folgou, não tanto por dar vida a huns, quanto por não acabarem de morrer naquella praia outros, que se não podiam ter nas pernas do muito sangue que se lhes hia, os quaes logo mandou recolher aos bateis, e a seu irmão Aires Correa com elles. Recolhida esta gente ferida, e feito Antonio Correa em hum corpo com a outra, deo novamente Sant-Iago nos Mouros; e foi a cousa assi favorecida de Deos, que começaram elles de se retrair; e porém não perdendo o campo em modo de fugida, mas como gente atenta da, e que não ousava desaparecer d'ante os olhos de seu Senhor. O qual como era homem que entre os Alarves tinha fama de cavalleiro, e queria mostrar que o era em ferir os nossos, ousadamente se punha na dianteira, com que hum dos nossos espingardeiros veio a tentar naquella sua soltura, sem saber quem era, lhe deo per humna coixa que lha passou, com que se elle sahio daquelle conflito, e furia da peleja, e em sua companhia alguns Mouros principaes que andavam em sua guarda. A outra gente commum, como soube da causa da ida d'ElRey, começou logo largar o campo, e de pouco em pouco vieram de

todo a virar as costas a quem melhor corria. Aos quaes Antonio Correa não quiz seguir ; porque ainda que em todos havia boa vontade , as pernas os não ajudavam : cá além do traballio de pelejar ; era tanta a calma , que ella bastava pera os deter , e não seguir mais a vitoria. Ruez Xarafo quando vio que era por nós a vitoria , fahio com sua gente das terradas , mostrando que té então não pudéra mais fazer por a sua gente ser muita , e outras desculpas de homem máhoso , que primeiro quiz ver o termo em que os nossos ficavam pera se determinar. Antonio Correa , posto que entendeo o seu modo , e cautelas , dissimulou com elle , recebendo-lhe suas desculpas , e mandou que soltasse sua gente no alcance dos inimigos. Mas elle tinha mais olho no roubo da Cidade , que ir trás elles , e começou de entrar nella , o que lhe Antonio Correa não consentio té primeiro se fazer senhor das casas d'ElRey Mocrim , que eram mui boas , onde elle Antonio Correa se poz a fazer Cavalleiros áquelles que o quizeram ser , por o feito ser mui honrado , e dos bem pelejados daquellas partes , em que morrêram dos nossos seis , ou sete , dos quaes hum delles era Jorge Pereira , e assi houve muitos feridos. E dos Mouros , além d'ElRey Mocrim , que morreo dahi a

tres dias, na mesquita onde foi ter Gomes de Souto-maior, (como atrás dissemos,) morreo o Governador daquella Ilha Baharem, e cinco, ou seis Mouros honrados, a fóra outros de cavallo, que seriam per todos té vinte e cinco, e da gente common mais de duzentos, tudo feito em espaço de duas horas. Antonio Correa, entregues as casas d'ElRey a Racz Xaraso, recolheo-se ao mar, e mandou primeiro pôr fogo a mais de cento e quarenta terradas, assi das que havia na terra pera a pescaria do aljofre, como pera serviço da Cidade; e não mandou queimar huma galcota que estava em estaleiro, que os Turcos tinham feita, porque a quiz levar a Ormuz; e ao outro dia que a mandou lançar ao mar, que não foi com pequeno trabalho, lhe poz nome Mocrim em memoria d'ElRey que a mandára fazer. E quando chegou ao galeão, foi huma piedade ver como a gente jazia muita della ainda por curar; e posto que elle tambem houvera mister ser curado de huma ferida que levava em hum braço, não descançou té mandar curar a todos. E não foi nada o trabalho daquella primeira cura pera o que tiveram aquella noite com hum pouco de fogo, que se accendeo no galeão: a revolta do qual fez levantar a todos, e a muitos delles quebráram os pon-

tos, e ao outro dia lhos tornáram a cozer. Havendo já quatro, ou cinco dias que era passado este da vitoria, mandou Ruez Xarafe dizer a Antonio Correa, que elle tinha sabido como Mocrim aquella noite passada falecêra, e os seus determinavam levar o seu corpo a enterrar a Lafah, ou Catif aquella noite seguinte, que lhe pedia houvesse por bem de elle mandar a Ruez Sadradim seu parente com algumas terradas pera na travessa da Ilha á terra firme o irem tomar, e lhe ser cortada a cabeça publicamente, o que lhe foi concedido. E foi esta ida feita tão prestes, que chegáram a tempo que tomáram o corpo de Mocrim, e foi-lhe tirado a cabeça, e esfolada, e cheia de algodão, tudo feito tão subtilmente pelos Mouros, que foi levada em final de vitoria a ElRey de Ormuz per Balthazar Pessoa, que Antonio Correa mandou em huma fusta a Diogo Lopes de Sequeira. O qual com parecer d'ElRey de Ormuz se fez na praça da Cidade huma sepultura, em que ella foi mettida com dous letreiros, hum em nossa linguagem Portuguez, e outro em Parseo, em que se relatava o caso como passou. Com a morte d'ElRey Mocrim, e pregões, que se lançáram pela Ilha de Baharem, notificando como aquelles, que não se viessem metter debaixo da obediencia d'ElRey de

Tom. III. P. II.

D I M O R E N S A  
N A C I O N A L



Ormuz, se procedia contra elles como trêdores, hum sobrinho d'ElRey Mocrim chamado Xech Hamed, debaixo do governo do qual toda a gente da Ilha estava, e assi a Villa Catif, mandou a Antonio Correa dous cavallos de presente em lugar de visitaçãõ, dizendo, que elle, e toda a gente daquella Ilha, e assi da Villa Catif, desejavam metter-se debaixo da obediencia d'ElRey de Portugal; que se lhe dêsse seguro, viria a elle tratar algumas cousas pera haverem effeito as que lhe mandava dizer. Dado este seguro per Antonio Correa, veio a elle, e assentou que se dêsse passagem pera a terra firme de Arabia a elle, e todos los Turcos, e estrangeiros, assi Arabios, como de qualquer outra nação que alli eram vindos em favor d'ElRey Mocrim seu sobrinho, e elle lhe entregaria a Ilha, e a Villa Catif pacificamente sem mais trabalho algum. O que lhe Antonio Correa concedeo com tanto, que não levassem armas, nem cavallos consigo, sômente suas pessoas, e qualquer outra fazenda que tivessem; e por serem contentes disso, depois de a terra firme posta em nosso poder, Ruez Xarafo nas suas terradas passou da outra banda da Arabia todos aquelles que se quizeram ir. E per derradeiro elle mesmo foi tomar posse da Villa Catif, onde esteve per alguns dias

té se ir pera Ormuz, leixando alli alguma gente sua de guarnição. E tambem leixou Antonio Correa por Governador de Baharem a hum homem velho, e honrado per nome Bucar, Arabio de nação, com que os da terra ficáram contentes, porque soffrem mui mal serem governados por gente Parsea polo odio que entre si tem. E depois que Antonio Correa foi em Ormuz, mandou Diogo Lopes pera alli João Boto moço da Camara d'ElRey por Feitor, e Antonio Abul feu Escrivão, com seis, ou sete Portuguezes, os quaes depois foram mortos pelos Mouros no alevantamento de Ormuz, como adiante se verá, em que este João Boto foi havido por verdadeiro martyr de Christo no genero de sua morte. Antonio Correa, posto que ainda tinha muitas cousas por acabar na terra, assi na arrecadação dos cavallos, e armas que leixáram os Arabios, como em outras cousas pera bem da fazenda d'ElRey, e mais assento da terra; entregou o cuidado de tudo a Ruez Xaraso, por se não poder mais deter: cá levava por regimento de Diogo Lopes, que não fizesse mais demora, que té poder ser com elle em Ormuz per fim de Julho, porque neste tempo esperava de se partir pera a India, e elle não se pode despedir dos negocios menos que a doze de Agosto,

que se partio com sua frota , e chegou a vinte e cinco , onde foi recebido com grande honra , e prazer de todos , e principalmente d'ElRey de Ormuz , mandando-lhe cavallos , arreios , e muitas peças , e assi aos Capitães que com elle vieram , por o trabalho que leváram em lhe restituir aquella Ilha á sua obediencia.

## C A P I T U L O VI.

*Como D. Aleixo de Menezes mandou D. Jorge de Menezes per terra com socorro a ElRey de Cochij , que estava em guerra com o Çamorij de Calecut : e do que Diogo Fernandes de Béja passou sobre a barra de Dio : e o que Diogo Lopes de Sequeira sobre isso fez depois que o soube.*

**E**M quanto estas cousas passáram em Baharem , se fizeram na India outras , de que convem darmos relação polas infortunos em seu proprio lugar. A primeira foi , que entre ElRey de Cochij , e o Çamorij de Calecut havia grande rotura de guerra. E però que ElRey de Cochij com favor nosso tinha entrado pela terra obra de sete leguas , e estava em seu arraial fronteiro a seu imigo , todavia em comparação do poder do Çamorij era cousa mui desigual , que causou ver-se elle tão apertado , que

mandou pedir a D. Aleixo, que estava internando em Cochij com os poderes de Governador, que o provesse de alguma gente de bésteiros, e espingardeiros pera se favorecer com elles, por estar posto em muita necessidade. O que D. Aleixo logo proveo, mandando D. Jorge de Menezes filho bastardo de D. Rodrigo de Menezes com té trinta espingardeiros, e cinco trombetas, o qual ante de chegar ao arraial onde El Rey de Cochij estava alojado, elle o veio receber obra de meia legua, dando-lhe muitos agradecimentos de sua ida, sabendo ser primo com irmão de D. Aleixo. E dizendo, que com sua chegada tinha certa a victoria de seu inimigo, porque nunca tivera Portuguezes em sua ajuda, que não fosse vitorioso, quanto mais com sua pessoa em que havia tantas qualidades. E não se enganou nisso El Rey de Cochij, porque Dom Jorge era muito cavalleiro, e logo na primeira batalha que deo ao Çamorij elle sentio tanto ser aquella ajuda nossa, que se affastou do lugar onde estava tres leguas, tendo naquelle tempo juntos mais de duzentos mil homens, e El Rey de Cochij quadous, de tres em tres leguas, sem entre elles haver rompimento. Porque como estes Principes toda a sua guerra são os appa-

tos della , e eleições do dia da pejeja , e huma sigralha que voa da parte contraria , segundo suas feiticerias , he impedimento pera não pejejar ; andou lá D. Jorge hum mez sem fazer mais cousa alguma. E ainda deram entender os Sacerdotes a ElRey de Cochij , que elle era impedimento andar naquelle arraial , por quanto os seus idolos se anojavam de sua estada alli , e não queriam dar resposta do que erani perguntados ; e soubesse certo que seu imigo de todo se recolheria pera suas terras , como elle D. Jorge fosse partido. A qual resposta estes Sacerdotes davam , segundo os nossos depois souberam , porque viam que com elles serem presentes , estava ElRey de Cochij tão confiado , e seguro , que fazia poucas interrogações a elles Sacerdotes ; e vendo que perdiam parte do seu credito , e não eram tantas vezes chamados ás consultas , fizeram esta amoestação a ElRey , que espedisse a D. Jorge. E assi se fez , tornando-se elle pera Cochij , mostrando-lhe ElRey o grande contentamento que tivera de sua ida , e que elle fora causa de seu imigo se recolher. Tanto póde o interesse particular , que muitas vezes a vida , e o estado de hum Principe pende de hum máo conselho ; e assi houvera de acontecer a este Rey de Cochij polo credito que deo a estes Sa-



cerdotes. Os quaes ainda que fossem do Demonio, e não podiam aconselhar outra cousa senão obras delle, muitos falsos profetas houve na Lei da Escritura, per os quaes assi nas cousas da guerra, como da paz, os Reys, e Principes daquelle povo de Israel se governavam; e com elles dizerem, estas cousas manda Deos, aconselhavam outras, que mandava o seu proprio interesse. O qual modo ainda vemos continuado na Igreja de Deos, e permittio elle, porque como a congregação Christã consta de dous gladios, espiritual, e temporal, em muitas partes se troca este poder em pessoas incompetentes, lavrando a terra com a espada, e pelcjando com o arado. O qual abuso vem a ser o proprio açoute do erro: cá nunca Deos disse verdades per instrumento improprio, senão per o natural daquelle uso porque guarda a justiça nas cousas, excepto alguns particulares casos significativos de Mysterio, como a profecia de Balam, e a sua asna, &c. Assi este Rey de Cochij, tendo necessidade de gente de armas, que era o instrumento proprio que lhe servia no estado em que elle estava, com a chegada do qual vio logo principio da sua vitoria, acccitou o conselho de profetas falsos, por razão de seu particular interesse, que lhe fizeram perder a honra que tinha ganhada

com a vinda de D. Jorge. Cá sabendo o Camorij sua partida, veio outra vez sobre ElRey, o qual se vio tão necessitado de remedio, que se acolheo a Cochij a buscar o nosso abrigo, que tinha engeitado na espedida de D. Jorge. Neste mesmo tempo que Diogo Lopes esteve em Ormuz, foi dar com elle Diogo Fernandes de Béja, que elle leixára sobre a barra de Dio esperando pelo recado d'ElRey de Cambaya, a que tinha mandado Ruy Fernandes, (como atrás escrevemos,) o qual recado foi conforme a todas as outras verdades de Melique Az. Porque como elle não trabalhava em outra cousa, senão em que nós não houvessemos d'ElRey fortaleza em Dio, quando Ruy Fernandes chegou onde ElRey estava, que era na Cidade Champanel, já Melique Az per seu filho tinha recado do que passára com Diogo Lopes, e que a esse fim mandava aquelle mensageiro a ElRey. Melique Az primeiro que elle viesse a ElRey, já tinha assentado com elle a resposta que havia de dar de maneira, que não deo espaço algum que elle Ruy Fernandes pudesse ter intelligencia com alguns dos Senhores da Corte, que a elle Melique Az não tinham boa vontade, per meio dos quaes elle Ruy Fernandes pudesse mover a ElRey ao que lhe Diogo Lopes mandava

pedir. E a resposta que ElRey deo foi, que se tornasse logo, e dissesse ao Governador Diogo Lopes, que Melique Az andava lá com aquelle requerimento per sua parte polo muito que desejava estar alli huma fortaleza d'ElRey de Portugal, e que com algumas occupações elle o não tinha despachado; que como os negocios lhe dessem lugar, elle o despacharia com recado pera elle Governador. Diogo Fernandes quando vio esta resposta, dissimulou com Melique Saca, mostrando que queria esperar que viesse seu pai, pera com sua vinda levar recado a Diogo Lopes; e entretanto ordenou com Fernão Martins Evangelho, que começasse recolher pouco a pouco a fazenda que tinha consigo, porque elle esperava de notificar a guerra a Melique Saca, como lhe Diogo Lopes mandava. Fernão Martins, porque tambem sentia d'elle Melique Saca que por recado que tinha de seu pai reinava alguma malicia se Diogo Fernandes quizesse estar alli muitos dias, o mais dissimuladamente que pode, polo não sentirem, e reterem, (como já outras vezes fizeram,) dinheiro, e alguma fazenda que se podia encubrir, de dia a mandava em cestos em volta com os mantimentos, que ordinariamente enviava a Diogo Fernandes, té que huma noite recolheu sua pessoa. Me-

lique quando pela manhã soube ser elle Fernão Martins recolhido, e a casa estava como cousa leixada, e com algumas que elle não podia levar consigo, alli como cobre, e outras sortes de mercadoria de grande volume; entendeu que Diogo Fernandes estava mudado do que dizia, e dissimuladamente lhe mandou hum recado. Trás o qual veio logo outro dizendo, que a elle se vieram queixar alguns mercadores, que Fernão Martins lhe devia muito dinheiro de mercadorias, que lhe tinham vendido fiadas, que o mandasse logo a terra pera estar á conta com elles, e lhe pagar, senão que sería necessario, por elle fazer justiça ás partes, mandar suas fustas fazer reprezaria naquelles seus navios. Ao que Diogo Fernandes respondeo, que elle mandára a Fernão Martins que se recolhesse, por estar naquella Cidade havia muito tempo, quasi em modo de arrefem, sem elle, nem seu pai consentirem que se fosse, e que levar fazenda alheia, elle a não levava, ante leixava muita na casa onde pousava, a qual elle Diogo Fernandes lha havia por entrega, pera em todo tempo dar della razão. E quanto ao que dizia das suas fustas, ellas podiam ir; e se fossem, soubesse certo que lhe havia a paz por quebrada, e lhe faria todo o damno que pudesse, como

mo a coufa de imigos. Melique Saca, porque este rompimento era o que feu pai deſejava, por não vir a deſcubrir quanta mentira tinha dito, ſe a paz mais duraffe, logo pela manhã mandou ſobre Diogo Fernandes o feu Capitão Aga Mahamud com grande número de fuſtas. E aſſi trataram os noſſos navios com ſua artilheria, que muito maior damno fizeram a Diogo Fernandes, do que lhe elle fez, com que lhe conveio fazer-ſe á véla caminho de Ormuz levar eſte recado a Diogo Lopes. O qual, però que tinha dado por regimento a Diogo Fernandes, que quando denunciaffe a guerra a Melique Saca, ou a feu pai, (ſe foſſe presente,) não ſe detiveſſe mais, ſe não fazer feu caminho, poſto que as ſuas fuſtas o commetteſſem, quando ſoube o caſo, e o modo de ſua partida, ficou mui agastado, por ver quanto mal lhe tinha feito o geral voto dos Capitães, no conſelho que lhe deram, ſobre o negocio de dar em Dio. E como eſtas indignações que os homens tem nos caſos da conjunção perdida, ſe remata na eſperança de ſe poderem vingar, conſolou-ſe Diogo Lopes no que eſperava fazer ſobre eſte caſo. E primeiro que partiſſe de Ormuz, acabou de aſſentar outro, que não deo menos trabalho que eſte de Dio, pareccndo a ElRey D. Manuel;



que lho mandou fazer, que assentava as cousas daquelle Reyno em mais proveito do mesmo Rey; e o caso foi este. Ao tempo que Affonso d'Albuquerque mandou fazer hum livro de todos os rendimentos que elle tinha, e assi de sua despeza, não foi pera mais que saber pontualmente o que podia ficar a ElRey de Ormuz pera lhe pagar as pareas, que lhe per elle Affonso d'Albuquerque eram postas. E achou-se, visto o rendimento, e despeza, (de que atrás demos relação,) que folgadamente o podia fazer, se ElRey não fosse tão roubado, como era per seus Officiaes. E porque todos os annos, quando lhe mandavam pedir estas pareas, clamavam que não rendiam as entradas das mercadorias, nem menos as terras firmes, e os outros direitos, e impostos que ElRey punha, tanto que bastasse pera a despeza ordinaria do Reyno, quanto mais pagar pareas, e estas cousas todas vinham cá ter a ElRey D. Manuel; escreveo sobre isso a Diogo Lopes de Sequeira, mandando-lhe, que como fosse em Ormuz, dando conta a ElRey que tudo se fazia pera melhor arrecadação de sua fazenda, elle puzera Officiaes na Alfandega da Cidade, onde se pagavam todos os direitos que a ella vinham, assi per entrada, como sahida, segundo o foral da terra, por este

fer o maior rendimento que o Reyno tinha. Os quaes Officiaes fossem Portuguezes pessoas de bom saber, que se aviessem bem com os Mouros, que o mesmo Rey alli havia de pôr da sua mão, com os quaes se haviam de concertar os livros que fizessem deste rendimento, pera no cabo do anno, assi os livros dos Officiaes Portuguezes, como dos Mouros, se cotejarem, e ver em verdade quanto valia toda a massa da Alfandega, sem entender no rendimento das terras firmes. Ruez Xarafo, que era Governador do Reyno, e os Thesoureiros, e Officiaes, per cujas mãos se despendia toda a fazenda d'ElRey, ou (por melhor dizer) se repartia, que elle levava a menos parte, não podiam soffrer este jugo, por ser o mais duro que lhe podiam pôr. E já quando Affonso d'Albuquerque quiz saber de todos rendimentos, o soffrêram mal, quanto mais pôr Officiaes Portuguezes, que haviam de ser olheiros de suas cousas; porém como não pediam mais fazer, dissimulavam, e encubriam esta dor pera a mostrar em seu tempo, como veremos. Finalmente pera este negocio ficáram postos estes Officiaes na Alfandega: Manuel Velho por Juiz, e Provedor della, Ruy Varella Thesoureiro, e por Escrivães Miguel do Valle, Ruy Gonçalves d'Acosta, Diogo Vaz,

Nuno de Castro ; Vicente Dias. Acabado o qual negocio , como Diogo Lopes não esperava mais que a vinda de Antonio Correa , tanto que chegou com a vitoria que houve em Baharem , partio-se pera Dio , tendo já mandado diante a Diogo Fernandes de Béja , que se fosse andar na paragem da ponta de Dio ás náos que vinham do estreito , e alli o esperasse , com o qual iremos continuando neste seguinte Capitulo.

## C A P I T U L O VII.

*Do que succedeo a Diogo Fernandes de Béja na costa de Dio , onde Diogo Lopes lhe mandou que esperasse té elle partir de Ormuz: e o que elle tambem passou naquelle caminho té chegar a Chaul , onde começou huma fortaleza , e as causas porque.*

**D**ioغو Fernandes pera este caso que Diogo Lopes o enviava diante , levou quatro vélas , elle em hum galeão grande , e Nuno Fernandes de Macedo , e seu irmão Manuel de Macedo , e Gaspar Doutel eram Capitães dos outros navios. O qual , tanto que foi na paragem da costa da Cidade Patane , tomou dous zambucos , e Nuno Fernandes que hia mais empegado , posto que per desastre lhe escapulio huma náos que vinha do estreito , veio dar com elle outra

muito maior, e mais rica, e armada, em que vinham mais de cento e vinte homens Mouros brancos, e Rumes. Com a qual, tanto que abalroou na entrada della, foi elle ferido com hum zarguncho de arremesso, e Antonio d'Araujo que foi o primeiro que entrou, e com elle Alvaro de Brito, e outros. Però elles foram vingados deste damno; porque como a outra gente que ficava no galeão entrou, foi a cousa de maneira travada, que durou o jogo de lançadas, fréchadas, pedradas, e outros artificios de morte per toda huma hora, defendendo, e offendendo a si, e a seu imigo, té que a maior parte dos Mouros ficáram estirados onde a morte os tomou, leixando os nossos bem sangrados. E porque em a não vinham muitas mulheres, e crianças, acabada a não de se entregar, mandou-as Nuno Fernandes passar ao seu galeão; e baldeada da não parte da fazenda, que se achou per cima, mandou a dous carpinteiros que dessem dous lombos á não pera se ir ao fundo. Os quaes lombos foram taes, que apartado Nuno Fernandes della, alguns Mouros que ficáram escondidos, acudíram a elles, com que a não ficou segura, e sempre Nuno Fernandes tornára a ella, senão succedêra caso que lho impedio, e foi este. Melique Az como sabia que este era o tem-

po em que Diogo Lopes havia de vir de Ormuz, por ser já meado de Setembro, e também era a monção de as náos de Méca, e de toda aquella costa de Arabia virem a Dio, por as segurar de nós, e lhe dar guarda, tinha mandado fahir a sua Armada de fustas, que seriam té vinte, de que era Capitão Aga Mahamud, que andassem naquella paragem, por ser já perto de Dio. E como elle trazia suas atalaias, que lhe descubriam o mar, tanto que houve vista das nossas náos, e principalmente o galeão, e náos dos Mouros, que tinham afferrado, entendendo o que era, veio dar-lhe vista. Os nossos como naquella paragem não eram costumados verem tal reccebimento como este que lhe hiam fazer, e estavam descuidados disso, acháram-se hum pouco confusos, porque além de não estarem muito apercebidos, acalmou o tempo, que era proprio das fustas, e elles ficavam deceparados pera poderem andar, ou ajudar huns aos outros. Cá per ordenança de Diogo Fernandes hiam todos tres tanto affastados hum do outro, que se pudessem ver, pera que vindo alguma náo pera Dio, que viesse a cada hum delles cahir-lhe na rede; e esta ordem que elles traziam pera damnar a outrem offendeo a elles, e foi per esta maneira. Aga Mahamud como os vio assí  
es.



espalhados, e que o mar estava por elle, a primeira cousa que fez foi mandar duas fustas á náó dos Mouros, que Nuno Fernandes leixou, que a rebocassem, e levasssem caminho de Dio, e com as outras fustas se repartio de maneira, que a todalas tres náos deo tanto que fazer com artilheria que trazia, que metteo o navio de Gaspar Doutel no fundo, e tomáram vinte e cinco dos nossos cativos, em que entrou o Mestre da náó. Aga Mahamud, dando cabo a esta, dobrou as fustas sobre as outras, e tratáram tão mal a Diogo Fernandes com alguns tiros grossos de artilheria, que lhe houveram de metter o galeão no fundo; porque houve tiro tão grosso ao lume da agua; que á mingua de não haver em o galeão huma pasta de chumbo, com que lhe tapassem aquelle buraco, per que entrava muita agua, lhe pregáram hum bacio de prata de agua ás mãos, de maneira, que esteve Diogo Fernandes quasi mettido no fundo senão acertára de fazer damno a alguns, com hum camello, e dous falcões, que estavam postos em hum batel grande, que tinha junto de si, que as fez affastar longe. Nuno Fernandes de Macedo tambem neste tempo não padecia menos trabalho: cá além de lhe matarem cinco, ou seis homens, hum dos quaes foi o Escrivão do

Tom. III. P. 11.

E

IMG-ENSA  
NACIONAL

galeão, e ferirem mais de vinte, todos com artilheria grossa, chegavam-se tanto a elle, sem a nossa os poder caçar, que não havia cousa que não estivesse encravada com setas; e verdadeiramente se per muito tempo o mar estivesse morto, as fustas os metteriam no fundo. Mas aprouve a Deos que refrescou o vento de maneira, que lhe tiveram os nossos vantagem. E como hiam necessitados de agua, e de se reparar, fizeram sua derrota via de Chaul, pera tornarem outra vez esperar Diogo Lopes, indo sempre as fustas ladrando trás elles, em quanto o tempo lhe deo lugar, té que humna trovoada que sobreveio as fez recolher pera Dio. E posto que naquella trovoada lhe supprio parte da necessidade da agua que tinham, todavia encaminharam a Chaul, e nesta travessa tomaram dous zambucos, que hiam da terra de Africa da Cidade de Brava carregados de escravos daquella costa. Chegado Diogo Fernandes a Chaul, foi logo provido de agua, e mantimentos per o Feitor Diogo Paes, que ahi estava; e leixados os feridos em cura com esta gente que tinha, tornou em busca de Diogo Lopes, o qual veio tomar a tempo que lhe aproveitou muito; porque Diogo Lopes tinha assentado em Ormuz, que quando tornasse havia de fazer fortaleza em Madrefabá

cinco leguas além de Dio pera a enseada de Cambaya, onde elle tinha mandado ver, e sondar o porto per Antonio Correa quando esteve sobre Dio. E como isto foi negocio público, e não ordenado com aquelle segredo que se querem as taes cousas, per os Portuguezes que se tomáram em o navio de Gaspar Doutel, foi Melique Az fahedor desta sua determinação, e dobrou logo sobre elle com o favor que tomou daquella vitoria, fazendo gente na terra, e defensão no porto, e mais número de fustas, pera na terra, e no mar lhe dar trabalho. Das quaes cousas houve logo nova em Chaul, e soube-as Diogo Fernandes, que foram grande aviso a Diogo Lopes pera não commetter o que trazia determinado; e o que além disto o mais desviou foi hum desastre que lhe aconteceu já sobre Dio, que ainda que nelle se perdeu gente, e fazenda, per ventura segundo a cousa estava esperando por elle, foi mercê de Deos. Cá verdadeiramente, polo que depois succedeo da soltura destas fustas de Melique Az em Chaul, (como veremos,) não pudéra leixar de acontecer muito maior desastre, se Diogo Lopes commettêra fazer a fortaleza em Madrefabá, e o desastre foi este. Vindo elle Diogo Lopes com sua frota de Ormuz, tomou no caminho huma não

de Mouros, que hia pera Dio, os cativos da qual mandou repartir pelas náos. E estando já defronte de Dio, os Mouros que hiam na não chamada Santa Maria da Serra, de que era Capitão Aires Correa, como desesperados, estando debaixo da cuberta, puzeram-lhe fogo, o qual, tanto que foi dar na polvora, pinchou logo as cubertas pera o ar, e o casco se foi ao fundo. Em o qual defastre sem pelejar, morreu Aires Correa, livrado de tanta ferida como houve em Baharem, quasi atassalhado dellas, segundo contámos, e assi se perdeu a maior parte da gente. E porque Diogo Lopes nesta não trazia todas as munições, com que esperava de poer mãos á obra da fortaleza que queria fazer em Madrefabá, quando se vio manco sem o necessario pera ella, e mais per tal defastre morrer Aires Correa, a que queria muito, tanto por ser seu sobrinho, como por sua pessoa, desistio de fazer a fortaleza em Madrafabá. E principalmente por não achar alli D. Alcixo de Menezes, a que elle tinha mandado que o viesse esperar té per todo Agosto, que havia de trazer gente, e Provisões pera este feito, e tambem por saber de Diogo Fernandes como Melique Az estava mui apercebido pera lhe defender aquelle lugar; com as quaes cousas elle se foi direito a Chaul,

pera lá fazer esta fortaleza, porque quando se partio pera Ormuz, a este fim mandou Fernão Camelo a Nizamaluco, como atrás escrevemos, da resposta do qual neste seguinte Capitulo daremos razão.

## C A P I T U L O VIII.

*Como Fernão Camelo veio de Nizamaluco, e trouxe recado seu a Diogo Lopes de Sequeira, que fizesse fortaleza em Chaul, e a causa porque; e começando-se a obra, vieram as fustas de Melique Az a impedir que se não fizesse; e o damno que os nossos recebêram delle.*

**A**O tempo que Diogo Lopes chegou a Chaul, era já vindo Fernão Camelo com recado do Nizamaluco, o qual havia por bem que se fizesse alli huma fortaleza com certas condições, segundio elle escrevia a hum seu Capitão que ahi estava, chamado Letefican Mouro Parseo Coraçone, homem principal, que o Nizamaluco alli mandára vir pera assentar as cousas daquella Cidade Chaul, que havia pouco tempo que fora queimada pelas fustas de Dabul, que eram do Hidalcão, com quem elle naquelle tempo tinha guerra, que foi grande parte pera o Nizamaluco dar licença pera se fazer a nossa fortaleza. Verdade he que já



d'antes elle desejava alli huma Feitoria nossa, por causa do proveito que nisso podia ter, e a este fim eram os Feitores nossos que alli estavam quasi senhores da terra. E o primeiro que alli esteve foi João Fernandes, o qual no tempo que alli veio ter Fernão Gomes de Lemos desbaratado do estreito de Méca, onde fora com Lopo Soares, de ser mui senhor da terra, os Mouros o matáram, (como atrás fica.) Ao qual succedeo Fernão Camelo, que servio poucos mezes, e a elle Diogo Paes que neste tempo servia, os quaes sempre arrecadáram os dous mil pardãos de ouro, que o Viso-Rey D. Francisco puzera de tributo áquella Cidade, por causa da morte de seu filho D. Lourenço, (como atrás escrevemos,) onde tambem tratamos do sitio desta Cidade. Consentir o Nizamaluco neste tributo, sendo depois do Hidalcão o maior Senhor do Reyno Decan, e todos tão furosos, que não soffriam estas cousas a ninguém, não era por temor que tivesse de nossas Armadas, posto que fossem senhores daquelles mares, porque elle tinha mui pouco que entender nelle, sómente por esta causa que diremos. Como muitas vezes atrás he escrito, huma das cousas que dava o principal ser áquelles Capitães do Reyno Decan, eram os cavallos que vinham

de Arabia, e da Persia per via de Ormuz, muita parte dos quaes ante que nós entrásemos na India, vinham ter a esta Cidade Chaul, e a Dabul, e outros a Goa de maneira, que se repartiram per estes Capitães, e per ElRey de Narsinga, entrando-lhe por Baticalá, e outros portos, que tinham neste mar. Tomada Goa, ordenou Affonso d'Albuquerque, que nenhum cavallo fosse a outra parte, senão áquella Cidade, por o grande direito que alli pagam delles, que communmente são quarenta e dous pardãos per cabeça, no qual tempo de Affonso d'Albuquerque, e depois houve grandes requerimentos destes Mouros, e assi delRey de Narsinga sobre entrarem estes cavallos pelos seus portos; não tanto por haver os direitos delles, quanto por os haver á sua mão, e della comerem os outros, por ser a principal força, e nervo da guerra, e tão substancial, que trazem os Mouros em modo de proverbios estas palavras: *Senão houvera soffrimento, não houvera já Mundo; e senão houvesse cavallos, não haveria guerra.* Pois como o Nizamaluco via que o Hidalcão seu inigo nenhuma outra cousa o tinha feito poderoso senão irem os cavallos a Goa, e Chaul, que era a meio caminho, a que as partes mais folgavam de vir, por não correrem tanto risco, não ou-

favam connosco senão furtadamente: desejava elle fazer-nos taes obras, e tanto serviço a ElRey de Portugal, que houvesse por bem entrar per aquella sua Cidade Chaul, (que não tinha outra maritima alguma,) certa somma de cavallos por a grande necessidade que tinha delles. E daqui vinha, que quanto aos dous mil pardaos que Chaul pagava de tributo, era mui contente, quanto mais que elle os não pagava, senão os mercadores da mesma Cidade, e os seus rendeiros polo muito que lhe mais importava, assi pera poderem navegar seguros de nossas Armadas, como no ganho que connosco tinham da entrada, e sahida das mercadorias. E quando Letefican o Governador de Chaul assentou o contrato com Diogo Lopes sobre o fazer da fortaleza, pera que o Nizamaluco dava licença, todas as condições delle quasi se rematavam nesta entrada de cavallos; e tanto estimava isto, que se contentou que fossem cada anno trezentos, dos quaes os direitos se haviam de arrecadar pelo nosso Feitor ao modo de Goa. Assentado este contrato, começou Diogo Lopes a obra da fortaleza meia legua da povoação dos Mouros contra a barra do rio da parte do Norte, onde pareceo que ficava mais segura, e podia ter melhor socorro em tempo de necessi-

dade , por ter as outras nossas fortalezas mui longe , e por vizinha a Cidade Dio , que começava já tomar ousadia polo que lhe tinha succedido em seu favor , porque té então tudo foram artificios , e manhas , de que Melique Az era grande mestre ; e tirando o caso de D. Lourenço , onde elle acudio como ajudador , e ainda hum pouco vagaroso , nunca veio com mão armada contra nós tão descubertamente como neste tempo. O qual favorecido do que seu Capitão Aga Mahamud fizera , tanto que soube que Diogo Lopes estava na obra da fortaleza per consentimento do Nizamaluco , entendeo que lhe não convinha sermos tão vizinhos , e que com nosso favor Chaul se faria mui prospera , com que avocasse todas as náos que vinham de Méca , por ser per alli huma grande entrada , e sahida de mercadorias pera o Reyno Decan , o proveito das quaes elle perderia. Por evitar o qual damno , ordenou logo de nos impedir esta fortaleza , assi per mar , como per terra ; e o modo que pera isso teve , foi este. Havia em Chaul dous irmãos Mouros da terra homens honrados , que a revézes governavam a Cidade , e isto per via de arrendamento , porque geralmente os Principes daquellas partes , ora sejam Mouros , ora Genios , fazem Governadores da terra os ren-

deiros de suas rendas, porque com esta jurdição arrecadam, e roubam melhor, e per este modo lhes crescem as rendas. Hum destes irmãos chamado Xec Hamed, que era muito nosso amigo, fora os annos passados Regedor, e per invejas veio lançar sobre elle o outro irmão chamado Xec Mahamud, o qual quando Diogo Lopes fazia esta obra, governava a terra, e não nos tinha boa vontade por estar mal com o irmão, por ser nosso amigo, tendo elle offendido ao mesmo irmão em o fazer tirar do governo. Este Xec Mahamud, però que obedeceo ao que lhe o Governador Letefican mandou da parte do Nizamaluco sobre o aviamento da obra da fortaleza, e elle mostrava ter muito contentamento della pelo proveito que recebia de nós, pode tanto o interesse particular que recebia de Melique Az, que não movia Diogo Lopes humma pedra, que per elle o não soubesse Melique Az. O qual Melique Az não sómente com este Mahamud estava liado contra nós, mas ainda tinha da sua mão a hum Xec Gil Capitão d'ElRey de Cambaya, que residia em Baçaim, e guardava aquella costa de nossas Armadas, em cuja companhia andava hum Capitão Abassij, tambem homem de muita qualidade, de que ElRey de Cambaya fazia grande conta, e ambos



teriam té trinta fustas. Melique Az como teve a vontade destes Capitães, os quaes per terra eram sempre avilados de Xec Mahamud do que Diogo Lopes fazia, assentou com elles que mandaria o seu Capitão Aga Mahamud, pera que juntamente a hum tempo corresse a Chaul impedir com rebates não fazerem os nossos a fortaleza. Ante da vinda dos quaes a este feito era chegado D. Aleixo de Menezes com tres galés, huma em que elle vinha, Capitão D. Jorge de Menezes seu primo com irmão, e outra Capitão André de Sousa Chichorro, e Francisco de Mendoça da terceira, o qual por razão das barras dos rios, que não se abriram senão de meado Agosto por diante, não pode ser com Diogo Lopes mais cedo, e elle lhe deo nova como sobre Baticalá achára D. Duarte de Menezes filho de D. João de Menezes Conde de Tarouca, e Prior do Crato, o qual vinha pera governar a India. E esta nova lhe tinha já dado Simão Sodré, que viera visitar Diogo Lopes da parte de D. Aires da Gama, que estava por Capitão de Cananor em duas fustas com polvora, e algumas munições, de que sabia ficar elle desfalecido por causa da não Serra, que se lhe queimára. E quando Simão Sodré partio de Cananor, foi com tres fustas, elle em huma, Diogo

Lobo em outra, e Duarte Fernandes na terceira; o qual com desejo de tomar alguma vacca pera refresco, foi tanto perlongando com a terra, té que saltou nella, onde o matáram, querendo-se já recolher. Dado rebate a Simão Sodré deste desastre, tornou atrás; e onde soube que se acolheram os Mouros, que era em huma povoação junto de Barcelor, deo nella, e com morte de alguns a despejou. E tornando-se a recolher, espedio dalli a fusta de Diogo Lobo, que se tornasse a Cananor, e elle seguiu seu caminho té chegar a Diogo Lopes, a quem deo a nova da vinda de D. Duarte, (como dissemos,) e tambem deo a vida a muitos com o refresco, e provisão, que D. Aires mandava. E esta nova de como Diogo Lopes alli estava tão necessitado soubera elle D. Aires per duas náos, que Diogo Lopes espedio chegando á barra de Chaul, Capitães Christovão de Sá, e Lopo d'Azevedo. Diogo Lopes porque tinha já successor na India, apressava-se quanto podia por leixar posta aquella fortaleza em estado que se pudesse elle ir; mas parece que ainda os seus trabalhos, e dos outros Capitães, e pessoas que com elle se haviam de vir pera este Reyno, ainda não eram acabados. Porque pelo concerto que Melique Az tinha feito com o Capitão de

Baçaim Xec Gil , ( como ora dissemos , ) mandou lá o seu Aga Mahamud com trinta fustas , e com as que elle tinha fizeram número de cincoenta , com que vieram demandar a barra de Chaul a tempo que andava pera entrar nella huma não nossa , que vinha de Ormuz , Capitão Pero da Silva de Menezes filho de Ruy Mendes de Vasconcellos senhor das Villas de Figueiró , e Pedrogão , o qual leixava lá Diogo Lopes pera certas cousas de presente , que ElRey de Ormuz queria mandar a ElRey D. Manuel , que não mandou , por ter já o animo damnado pera o que commetteo , ( como se adiante verá . ) Do qual Pero da Silva ; tanto que as fustas houveram vista , foram-se nelle , e por o vento lhe não servir bem pera entrar , em breve espaço ás bombardadas o mettêram no fundo , sem lhe Dom Aleixo de Menezes Capitão inór do mar poder valer , quando com sua Armada sahio de dentro do rio a lhe acudir . Porque sendo na barra , como trazia tres galeões , que haviam mister vento , e elle era-lhe contrario , o mais que fez , espedio de si as tres galés , de que eram Capitães os atrás nomeados , e huma caravella Capitão Manuel de Macedo . Mas os Mouros como víram a vantagem que tinham na levidão do remo , por se remarem pera diante , e pera trás ,

haviam-se com ellas como ginetes com os homens de armás, entre os quaes houve tanta furia de fogo, que todo aquelle mar andava feito huma nevoa grossa de fumo, com que se não viam huns aos outros, em que os nossos recebêram assás de damno; porque sómente na galé de D. Jorge, por ser mais leve no remar, de hum tiro lhe matáram tres homens, e assombráram alguns com o ar do pelouro. Gastada esta parte do dia, ficáram de noite todos na costa do mar, tão juntos huns dos outros, que se atreveo hum dos nossos, dos que tomáram em a náó de Pero da Silva, fogir a nado, e levou nova a D. Aleixo como elle era morto de huma bombardá, que lhe levára em claro a cabeça fóra dos hombros, sem os nossos té então terem sabido ser elle o que vinha em aquella náó tomada. Dom Aleixo quando veio pela manhã, foi com metter Aga Mahamud, e elle o veio receber como homem que andava favorecido do tempo, repartindo-se em tres capitaniás, elle com suas trinta fustas a huma, e Xec Gil com vinte, e o Capitão Abexij em outras suas. E tornando outra vez ao jogo das bombardadas, tinham esta ordem: espalhadas estas tres capitaniás, ellas mesmas se faziam em mais partes por espalhar as nossas vélas; e como viam manquejar algu-

ma, que se não podia ajudar da outra, carregavam sobre ella descarregando todos alli sua artilheria pola metter no fundo. E pe-  
 ró que tinham tanta vantagem neste modo sobre os nossos, todavia D. Aleixo os foi encerrar no rio de Baçaim, que era a sua acolheita por parte de Xec Gil, no qual Dom Aleixo não podia entrar pola muita agua que demandavam as suas vélas. Os Mouros como eram avisados per terra de Xec Mahamud, dahi a dous dias tornáram commetter D. Aleixo, que estava ainda na boca do rio esperando sua vinda, e ordenáram-se pelo mesmo modo quando foi ao pelear; e neste dia, porque Francisco de Mendouça ficou em parte que não podia ser ajudado senão de D. Jorge, elle levou mais damno que as outras vélas de gente morta, e ferida. D. Aleixo vendo que dos galeões não se podia aproveitar, metto-se na galé de D. Jorge, e ordenou hum batel grande de hum galeão com huma bombardarda grossa, que deo a Francisco de Souza Tavares, e com mais huma fusta, e huma caravella, e duas galés foi buscar Aga Mahamud, que estava em huns ilheos acima de Chaul. O qual, como homem que já sabia andar ás voltas com os nossos navios, que eram pe-  
 zados, o veio receber, e começaram seu jogo de bombardadas de novo, andando sem-



pre as fustas naquella repartição de capitães que dissemos. E tinha tal industria, que como vinha a viração do mar, logo se punha de maneira, e em parte, que não pudessem os nossos ir a elles, porque naquelle tempo, por ventar vivo, tinham mais alguma melhoria sobre elles. Finalmente, per espaço de vinte dias nunca outra cousa fizeram, recolhendo-se ás vezes a Baçaim a se reparar do damno que recebiam, assim em remeiros, como em lhe desapparelharem as fustas; porém logo tornáram á barra do rio onde D. Aleixo estava, tudo a fim de pelejar, e occupar os nossos de maneira, que a obra da fortaleza se não fizesse, ou ao menos fosse mui de vagar. Porque elle Aga Mahamud todos os dias era avisado quanto Diogo Lopes trabalhava por leixar aquella fortaleza feita, por já ter nova ser outro Governador vindo. Diogo Lopes temendo que por estas andarem mui azedas podiam commetter entrarem pelo rio, e ir dar sobre certos cabouqueiros, que da banda da-lém do rio arrincavam pedra, e isto indo-se elle dalli, como esperava fazer ante que ella fosse acabada, porque lhe convinha ser em Cochij pera a carga das náos; ordenou na entrada do rio daquella mesina parte hum modo de baluarte de madeira com entulho de terra ao sob pé de hum morro, que es-

tava naquella ponta da terra. Com o qual baluarte ficava a entrada daquella barra a elles mui defendida, e mais não podiam fazer tantos commettimentos á nossa Armada, que ficava defronte na outra parte da banda da terra, onde se fazia a fortaleza; e se a commettessem, ficava-lhes a artilheria do baluarte nas costas, de que podiam receber muito damno. E nesta força poz té quinze, ou vinte homens, e por Capitão delles a hum cavalleiro chamado Pero Vaz Permão, homem costumado andar na guerra, e que trouxera honrado nome de Italia, onde andou muito tempo. E aproveitou esta força tanto, que ficáram as fustas tão escarmentadas do primeiro commettimento segundo seu costume nos dias passados, que não tornáram alli mais.

## CAPITULO IX.

*Como Diogo Lopes de Sequeira entregou a capitania da fortaleza de Chaul a Henrique de Menezes , e a capitania do mar a Diogo Fernandes de Béja ; e sabido do rio de Chaul pera se ir á India , se deteve por causa das cousas que Aga Mahamud fez em a Armada em que morreo Diogo Fernandes : e entregou a Armada que elle tinha a Antonio Correa , e elle Diogo Lopes se partio pera a India.*

**T**Anto que Diogo Lopes seguiu aquelles commettimentos das fustas , determinou de se partir pera Cochij , pera ir fazer a carga da especiaria , e se despachar cedo pera se vir a este Reyno , por ser já no fim de Outubro. E primeiro que o fizesse , tomou a menagem da capitania daquelle fortaleza a Henrique de Menezes filho de Gonçalo Mendes da Silveira , que era sobrinho d'elle Diogo Lopes filho de sua irmã , e deo Alcaidaria mór a Fernão Camello , e Feitoria a João Caminha , e os mais officios a pessoas que per seu serviço o mereciam. A qual fortaleza ficava sómente com a torre da menagem no primeiro sobrado , e as outras officinas junto a ella , sem ter mais muro que as cerrasse , que a

primeira cerca de madeira, que se fez pera elegemento da grandeza da obra, dentro da qual se lavrava a outra de pedra, e cal. E leixou por Capitão mór do mar a Diogo Fernandes de Béja, o qual havia de ficar alli na boca daquelle rio com as tres galés, caravela, bargantim, e mais tres náos, té que viesse D. Luiz de Menezes, que vinha pera servir de Capitão mór do mar com seu irmão D. Duarte de Menezes, (como dissemos,) que era vindo pera servir de Governador da India, ao qual D. Luiz elle Diogo Fernandes havia de entregar toda aquella Armada. Assentadas estas cousas, sahio Diogo Lopes de dentro do rio, e veio-se lançar na boca da barra, pera que quando viesse a noite com o terreno, se fazer á véla via de Cochij. E porque ainda de todo não eram sahidas as náos, que com elle haviam de ir, e quasi todos Capitães, que ficavam com Diogo Fernandes se quizeram lançar junto d'elle Diogo Lopes, que era da banda donde estava o baluarte, e isto por cortezia, e segurança de sua pessoa, por Aga Mahamud andar per diante d'elle ladrando, o que Diogo Lopes houve por affronta; mandou a André de Sousa Chichorro que se fosse lançar com sua galé na barra, chegado hum pouco a terra, porque poder-se-hiam cozer

tanto com ella os Mouros com suas fustas, que entrassem no rio a fazer algum damno. Aga Mahamud tanto que vio André de Soufa a tempo que não podia ser soccorrido, foi-se a elle já bem tarde com suas trinta fustas, e as outras se repartiram em duas partes, segundo seu costume, fazendo-se na volta do mar. E como a noite veio, por terem marcada a galé de André de Soufa, onde lhe ficava pera apontar nelle sua artillheria, começaram descarregar nella sem cansar té pela manhã, no qual tempo lhe mataram sete homens, e feriram muitos, e seu irmão Aleixo de Soufa foi alcijado de hum braço. E vieram-se os Mouros tanto a esquentar em animo, vendo que não podia ser soccorrido, por o vento ser contrario a toda nossa Armada, pera poder ir a ella, que abalroaram com ella, em que cessaram as bombardas, e vieram ás lançadas té aos terços das espadas. D. Jorge de Menezes como a sua galé era leve no remo, e ficava mais perto de André de Soufa, que as outras nossas vélas, foi-lhe soccorrer o mais prestes que elle pode; e indo a meio caminho, tirou hum tiro por sinal que hia a elle, com que deo animo aos nossos, por que estavam já tão cansados, que não podiam manear os braços a tantas partes, como eram commettidos. Chegado D. Jorge já



já junto da galé, vendo que na popa tinha hum cardume de fustas, que a tinham cercada pera de todas partes a entrarem, mandou apontar nellas hum tiro grosso, o qual fez tanto damno nellas, mettendo huma no fundo, e outras desapparelhando, que não oufáram de esperar outro, posto que Aga Mahamud trabalhava, ante que D. Jorge chegasse, de se fazer senhor della. Mas não lhe succedeo como elle cuidou: cá D. Jorge rompeo per meio delles, e foi-se ajuntar com a galé, fazendo em huns, e outros bem de lenha na madeira, e fangue nas pessoas. Na qual furia chegou Diogo Fernandes, que vinha na galé de Francisco de Mendoça com mais quatro bateis, que acabou de apartar aquella fustalha, que se damno leixou feito, tambem levou sua parte. Diogo Fernandes, porque a galé de André de Sousa era maravilhosa pera ver, segundo era desfeita, e desbaratada, assi da mareagem como da gente, mandou-a assi apresentar ao Governador Diogo Lopes. E elle com os outros navios foi-se pôr na entrada do rio polo defender ás fustas, passando-se da galé de Francisco de Mendoça á de D. Jorge de Menezes, por ser melhor de remo: parece que o chamava o seu derradeiro dia naquellas mudanças, porque Aga Mahamud foi avisado aquella noite como

a sahida do Governador era ir-se já de caminho pera a India, e que a galé com que pelejára ficára tal, que não poderia mais servir, senão com grande corregimento. E que entre os Portuguezes havia nova que sería alli cedo hum irmão do novo Governador, por tanto que se trabalhasse por dar fim ao que tinham começado, pois o Deos favorecia, que foubesse seguir a vitoria em quanto tinha tempo, e não vinha o Capitão que esperava. Aga Mahamud com este recado, logo aquella noite se ordenou pera o outro dia commetter as nossas galés; e quando veio a manhã que não veio a galé, entendeu ser verdade tudo o que lhe mandáram dizer, com que ficou com tanto animo, que se apartou com suas trinta fustas, e foi demandar Diogo Fernandes, que (como dissemos) se passára á galé de D. Jorge. E pera o caso lhe ser mais favoravel, acertou que a outra galé estava lançada hum bom pedaço della contra onde jaziam as náos, em que Diogo Lopes estava pera partir, e em parte onde com o vento que ventava, que era o terreno da manhã, não se podiam ajudar huma á outra. E as outras fustas da capitania de Xec Gil tambem se ordenáram pera ir commetter a de Francisco de Mendoga; mas como ellas ficavam em posto, que assi do baluarte, que estava fei-

feito na entrada do rio, como das náos de Diogo Lopes poderia receber muito damno com a artilheria, leixáram-se estar té verem o que ella fazia de si. Aga Mahamud como andava já destro naquelle jogo de bombardas, e favorecido do tempo, pela ponta do remo de que se elle mais ajudava, e em que tinha vantagem aos nossos, com grande grita foi commetter Diogo Fernandes, e a tres, ou quatro bateis, que estavam com elle; os quaes, como o ar foi cégo da fumaça da artilheria, todos se fizeram em hum corpo, emparando-se com a galé. E durou esta furia de fogo tanto, que o masto, verga, remos, e toda a couza, com que a galé se podia servir, foi quebrada, e feita em pedaços, e era arrombada no costado per sete, ou oito partes. O Piloto vendo o muito damno que tinham recebido, foi-se a Diogo Fernandes, dizendo, que sería bem mandar cear com alguns remos, pera irem descachindo sobre a outra galé, que lhe ficava per popa, e que se metteriam nella, e nos bateis, o que pareceo bem a Diogo Fernandes pera se ajudar huma á outra. D. Jorge Capitão da galé, (posto que Diogo Fernandes era Capitão mór,) vendo que não havia remos pera aquella obra, e mais ainda que os houvesse, mostravam terem recebido muito damno,

e sobre isso grande fraqueza diante de quantos Mouros havia em Chaul, os quaes de terra, como quem vinha a ver fustas, eram postos pelos lugares altos a olhar, disse contra o Piloto: *Ninguem tome remo na mão pera cear, porque lhe cortarei a cabeça com esta espada, ante remem avante se hi ha com que, mostremos ter vontade pera ir a elles*; o que pareceo bem a Diogo Fernandes. E porque os bateis nossos, que traziam peças de artilheria, posto que os enxotavam derredor da galé, não faziam senão buscar abrigada, houve Diogo Fernandes paixão, e remettendo da popa, veio-se á proa a bradar com os bateis, dizendo-lhe palavras feas, porque não hiam avante. No qual tempo veio hum pelouro de huma bombardada, e deo em hum pião de hum falcão, e dalli resbalou, e veio dar elle em Diogo Fernandes per huma ilharga que lhe metteo as armas per dentro, e cahio morto, sobre o qual hum moço seu, que estava junto delle, se poz a prantear; a que D. Jorge logo acudio, e bradou com o moço que se calasse, e mandou cubrir o corpo do morto com o bernio de hum remeiro. Quando os remeiros víram o rumor da morte do Capitão, como os mais delles eram Mouros, e gente forçada, começaram bradar per os Mouros das

fultas, que fossem tomar a galé, ao qual rumor acudindo D. Jorge, ferio com a espada a seis, ou sete, que os fez calar. E porque eram já muitos homens mortos, em que entrava o Condestabre, e o Comitre, e outros tão feridos que não podiam trabalhar, chamou hum Mouro remeiro, que lhe pareceo homem pera isso, e disse-lhe que mandasse a galé, que elle lhe dava liberdade, e o havia por seguro, e assi soltou dez, ou doze degredados Christãos, mandando-lhe que o ajudassem, que além da soltura lhe faria mercê. Finalmente, favorecida a gente, aprouve a Deos que os inimigos enfraquecêram, e com o damno que recebiam dos tiros da galé se foram acolhendo. D. Jorge quando os vio ir meteo-se no esquife da galé, e acompanhado dos outros bateis, fez que hia trás elle, por mostrar aos Mouros de Chaul que os levava em fugida. Tornando á galé, fez que surgisse, e mandou-a embandeirar, mostrando a vitoria que houvera, e esteve assi furto té vespora, que com a viração se foi apresentar a Diogo Lopes, que estava bem largo ao mar, o qual o recebeu com tanta honra, quanta teve de tristeza pela morte de Diogo Fernandes; porque além de se nelle perder hum homem, que pera aquelle officio da guerra havia poucos que lhe fi-



zessem vantagem , era grande seu amigo por cousas particulares. Ao qual mandou logo desfamar , havendo mais de quatro horas que era morto ; e tirando-lhe do peçoço huma Cruz de ouro , em que trazia reliquias , começou lançar pelos narizes algum sangue , não tendo té então lançado huma gota , e dalli o mandou levar em hum esquife a enterrar a Chaul. Em lugar do qual proveo logo da capitania mór da Armada , que alli havia de ficar té vinda de D. Luiz de Menezes , a Antonio Correa , e deo-lhe hum galeão , por ser peça que lhe podia servir de baluarte em quanto estivesse na barra , onde lhe mandou que fizesse hum pera daquella parte estar a entrada do rio tão segura como da fronteira onde estava o outro , de que era Capitão Pero Vaz Permeão. Dada esta ordem pera guarda daquella fortaleza , partio-se Diogo Lopes no fim de Dezembro pera Cochij. E no caminho , sendo tanto avante como Dabul , começou a India fazer seu officio , (como já dissemos ,) que recebe aos que a vam governar , com alegre rosto , e quando os espede de si , he com totalas injurias que lhes póde fazer. Porque nesta paragem achou D. Luiz de Menezes , que vinha com aquella pompa de muitas vélas , e Capitão mór do mar , ao qual mandou

D. Duarte seu irmão que viesse acudir áquella fortaleza , que se começava fazer em Chaul , por ter nova do trabalho que os nossos soffriam das fustas de Melique Az. Diogo Lopes , encontrado D. Luiz , esperou que por sua dignidade , e idade que o fosse ver ; e quando vio que o não fazia , metteo-se no batel do seu galeão , porque não levava mais vélas , por as leixar todas a Antonio Correa , e foi ver D. Luiz ao seu. Da qual vista não ficaram contentes hum do outro , porque ainda D. Luiz quizera que elle Diogo Lopes lhe dera o galeão que levava ; e que se fora em outro navio pequeno , que lhe mandava dar. Partido hum do outro , chegou D. Luiz a Chaul a tempo que Antonio Correa tinha acabado hum honrado feito , e foi este.

## CAPITULO X.

*Como Aga Mahamud mandou per hum ardil commetter o baluarte onde estava Pero Vaz Permaão, no qual commettimento, posto que morreo Pero Vaz, e outros, os Mouros foram vencidos: no fim do qual feito veio D. Luiz de Menezes, a quem Antonio Correa entregou a Armada, e dahi se foi a Cochij embarcar com Diogo Lopes de Sequeira, que partio pera este Reyno, aonde chegou a salvamento.*

**P**Artido Diogo Lopes, tomou Antonio Correa posse com toda sua Armada da boca da barra, chegando muito a terra da banda de Chaul, onde Diogo Lopes lhe mandou que fizesse outra força como a fronteira, em que estava Pero Vaz: cá esta defenderia cominetterem as fustas entrar per aquella parte por varejarem com sua artillheria aquelle lugar. Porque a ordem que Antonio Correa, (segundo assentára com Diogo Lopes,) esperava ter com aquelle Mouro Aga Mahamud, que tanto os perseguia com a ligeireza das suas fustas, era que elle Antonio Correa não se movesse dalli, e muito temperadamente, se elle viesse, gastaſſe a polvora, por a pouca que tinha: cá despendendo em tiros perdidos, em pou-

cos dias a poderia gastar de todo. Xec Mahamud, o nosso imigo, avisou a Aga Mahamud, que estava em Baçaim reformando-se do damno, que tambem recebeu de Dom Jorge, dando-lhe conta como o Governador era partido, e que Antonio Correa ficava pera fazer hum baluarte da parte de Chaul. E que estava assentado que não havia de sair a elle a pelejar, sómente defender a entrada, que a elle lhe parecia que seria bem ordenar-se de maneira, como per algum modo entretivesse a Antonio Correa, e entretanto mandasse commetter o baluarte já feito da outra banda, onde não havia mais que té quinze homens. E que se tomasse esta força, ficaria senhor do mar, e da terra, porque elle metteria tambem o lugar em alvoroço de maneira, que podia succeder com que de todo nos lançasse dali fóra; e pera o encaminhar per terra té elle dar no baluarte, lhe mandaria aquelle homem que lhe daria a carta. Aga Mahamud, como teve este aviso de Xec Mahamud, informado bem do ardil per este homem que lhe mandou, á grande pressa reformou toda sua frota de munições, e gente fresca, e dahi a dous dias veio-se pôr ante Antonio Correa, provocando-o a sair do pouso que tinha tomado; e quando entendendo ser verdade o que Xec Mahamud

lle tinha escrito , ordenou o seu ardil per esta maneira. O baluarte , que dissemos que guardava Pero Vaz , estava ao pé de hum morro , assentado de maneira , que da parte do rio a terra era rafa , e descuberta , com que elle podia bem varejar sua artilheria a quem a quizesse commetter entrar pelo rio. E da outra parte contra a costa do mar estava este outeiro assi ordenado , que quem se puzesse de trás delle na parte de huma calheta , onde se podia desembarcar em terra , ficava encuberta do mesmo outeiro , pera não ser visto do lugar onde Antonio Correa estava , nem do mesmo baluarte , que estava ao pé delle. Nesta calheta determinou Aga Mahamud que fosse demandar Xec Gil , e o outro Capitão Abexij com té trezentos homens , e que levasse por guia o Mouro que lle mandou Xec Mahamud : cá elle os levaria ao baluarte dos nossos , e que em quanto elles commettessem o baluarte , elle Aga Mahamud estaria no lugar onde estava ás bombardadas por entreter os nossos. Assentado este seu ardil , levou Xec Gil quinze fustas , e de noite por não ser visto foi ter á calheta , onde desembarcou com sua gente , que foi levada pela guia que os havia de encaminhar ao baluarte dos nossos , onde estavam mais quinze homens , que Antonio Correa o dia dan-



tes mandára a Pero Vaz , como se lhe o espirito dissera o que havia de ser , com os quaes fez trinta e tantas pessoas. Os Mouros , porque per onde a guia os levou era tudo mato , tiveram bem que fazer em chegar á fortaleza já alto dia ; e primeiro que sahifsem da filada , tomáram folego do caminho , e dalli remettêram com huma grita , que deo grande sobressalto aos nossos , por estarem descuidados daquella parte. Mas como o temor ensina a salvação , e elles não tinham outra senão de suas mãos , vendo que entre elles , e os Mouros havia tão desigual número , e mais não tendo por amparo mais que huns vallos , e hum pouco de taboado com entulho de terra per dentro , recebêram os inimigos tão animosamente , que sendo pouco mais de trinta , pareciam outros trezentos , como os Mouros eram. Antonio Correa , que estava no seu pouso , quando da outra banda ouviu a grita dos Mouros , e vio o combate que davam , entendeu per onde fora a sua entrada , e a grande pressa mandou dous batéis grandes com as peças de artilheria , que traziam ordenadas pera aquella defensão das fustas , que acudisse ao baluarte com té sessenta homens , dos quaes era Capitão Ruy Vaz Pereira. O qual atravessando o rio da parte dalém , chegáram a tempo que eram

já mortos Pero Vaz o Capitão, Simão Ferreira, o Condestabre dos bombardeiros, e outros com a mais da gente muito ferida. E havia homem que em huma rodela, que tinha a Cruz de Christo, (divisa dos Cavalleiros desta Ordem,) estavam pregadas sessenta fréchas, e nenhuma dellas na Cruz, occupando ella com sua figura a maior parte do campo derredor della. E outros dous, que eram Manuel da Cunha, e Pero de Queirós, cada hum tinha na sua rodela de vinte e cinco pera cima. Finalmente, segundo os Mouros eram muitos, foi hum grande milagre não terem tomado o baluarte, ante que lhe os dous Capitães acudissem com sua gente, os quaes fizeram tal obra, que puzeram os Mouros em fugida; e se não fora o mato do outeiro per onde elles vieram, no qual se embrenharam, todos alli houveram de perecer: com tudo, ficaram estirados huns sessenta e tantos. Aga Mahamud quando soube deste desbarato dos seus, foi recolher suas fustas, e contentou-se em o não irem demandar, com que ficou mais manso, do que andava d'antes. Porque além de perder muita gente, a maior parte da qual era da mais nobre que elle trazia, entrou nella o Capitão das fustas Xec Gil, e o outro Abexij, e assi morreo a guia que os levava, criado de Xec Mahamud.

O qual desejava saber como aquelle caso passára , por ter vigia nelle , e lhe ser dito que Antonio Correa estava no baluarte , mandou-lhe hum batel carregado de refresco com hum recado de visitação. Antonio Correa como tinha já sabido quem elle era ácerca de nossas cousas , mandou cortar as cabeças daquelles Mouros , que nos vestidos pareciam mais honrados , e mandou-lhas , dizendo , que em retorno do refresco lhe mandava aquellas cabeças , por saber quanto havia de folgar com a vitoria , que houveram os do baluarte , e os corpos de todos mandou enforcar ao longo da praia , que foi huma triste vista a todos os Mouros de Chaul. Quando elle Mahamud conheceo as cabeças dos Capitães , e a do criado , e outras pessoas nobres , foi tamanha a dor nelle , que sem temor publicamente mostrou quanto lhe pezava daquella obra , dizendo que Antonio Correa não lhe houvera de mandar tal presente em retorno da sua visitação , e abastava a vitoria , e não mandar-lhe cabeças de homens , e mais sendo Mouros , entre as quaes podia haver cousa sua. E como homem que se dispunha á tomar de nós toda vingança , escreveu a Aga Mahamud que se avisasse não partir dalli : cá lhe fazia saber que os nossos tinham gastado toda a polvora que trouxe-

ram , e com pouca affronta que lhe fizef-  
 fem ; lhe faria despende a que lhe ficava ,  
 de que lhe podia succeder huma boa ven-  
 tura , com que recompensasse aquella per-  
 da. Aga Mahamud tomando seu conselho ;  
 não leixou de esbombardear a Antonio Cor-  
 rea ; mas elle o entretinha , e todo seu cui-  
 dado era defender que não fosse impedir  
 acabar-se de fazer o baluarte , em que poz  
 vinte e cinco espingardeiros , e por Capitão  
 Alvaro de Brito. No qual tempo chegou  
 D. Luiz de Menezes , a que elle Antonio  
 Correa , como Capitão mór do mar , en-  
 tregou as vélas que tinha , e elle veio-se  
 pera Cochij em hum galeão pera tomar  
 Diogo Lopes de Sequeira , ante que partif-  
 se pera este Reyno , por ser já no fim de  
 Dezembro. O qual Diogo Lopes ainda não  
 tinha feito entrega a D. Duarte do gover-  
 no da India por ter Provisão d'ElRey  
 D. Manuel que té se embarcar governasse ;  
 e acabando de fazer sua carga , entregou o  
 governo a D. Duarte de Menezes a vinte  
 e dous de Janeiro de quinhentos e vinte e  
 dous , e elle Diogo Lopes com oito vélas  
 carregadas de especiaria se partio pera este  
 Reyno , de que estes eram os Capitães , el-  
 le , D. Aleixo de Menezes , Ruy de Mello  
 de Castro , D. Aires da Gama , Manuel de  
 la Cerda , André Dias , Sancho de Toar ,

Pero Quaresma, que todos chegáram a este Reyno a salvamento. E diante delle em vinte e oito de Março chegou a náó Nunciada de Bartholomeu Florentim, Capitão seu filho Pero Paulo Marchone, as quaes náós trouxeram muito boa carga de especiaria, e algumas dellas eram do anno de vinte, por não terem por então carga, por esta causa vieram nove náós. E però que a carga foi grande, foi a pimenta tal, que alguma quebrou a setenta por cento, e duas náós della se gastáram á mingua de não haver outra na casa o anno de quinhentos e sessenta e hum. A culpa da qual pimenta não teve Diogo Lopes, por elle ser neste tempo em Ormuz, e em Chaul fazendo a fortaleza; mas André Dias Alcaide de Lisboa, que veio por Capitão da náó Sant-Iago. Ao qual ElRey D. Manuel mandou o anno de quinhentos e vinte com grandes poderes, e regimento pera elle feitorizar a carga daquelle anno, por ser homem que já no tempo do Viso-Rey D. Francisco estivera por Escrivão da Feitoria em Cochij, e sabia o negocio daquellas partes. E elle em lugar de comprar pimenta, trouxe terra; porque como os mercadores da especiaria entenderam que elle desejava de trazer grande carga pera abonar sua diligencia, davam-lha verde, e ainda o anno de



vinte e hum, que elle houvera de vir com ella, porque não pode haver quanta queria, ficou na India, e mandou algumas náos com aquella que pode haver, e veio-se este anno de quinhentos e vinte e dous. Puzemos esta lembrança aqui, não por razão de historia, mas como official do cargo de Feitor, que temos desta casa, per cuja mão passa a pimenta, e bondade della, porque seja aviso que pimenta, na India hão de estar os Officiaes compradores della, e não mandados de cá em discredito seu. E o que acerca disto passa, leixo no meu peito, basta que tenho experiencia de trinta e oito annos de official, e vi passadas, e presentes experiencias neste negocio, que me faz dizer quanto mais aproveita aos Principes, pera fazerem sua fazenda, fazerem mercê aos fieis, e castigar cubiçosos, que desconfiar daquelles, per meio dos quaes necessariamente se hão de servir, porque na desconfiança não assombram, mas indignam a quem tem pouca conta com a alma. E de ElRey D. João o Segundo de Portugal, (que foi hum Principe de grande governo,) conhecer bem a natureza dos Portuguezes, que com mais paciencia recebem castigo, que injúria, dizia por elles: *Ao Portuguez não è enxovalhar, mas castigar quando o merecer.* E já lhe aconteceu receber capitu-

los de Official de sua fazenda bem honrado, e mostrar á parte que lhos deo, ter descontentamento disso, por saber que procedia mais de odio, que de zelo de seu serviço. E tambem por não enxovalhar a parte dissimulou o caso mais de hum anno, e neste tempo, sem o ninguem sentir, per si mesmo tirou os capitulos, e achando a parte culpada nelles, lhe tirou o officio, e deo-lhe outro não menos honrado em casa do Principe D. Affonso seu filho, a quem então dava casa, mostrando ao Mundo que fazia aquella mudança por fazer mercê á parte. A qual em segredo reprehendeo do que tinha sabido delle, não per via de capitulos, mas como Rey: cujo officio he saber como seus Officiaes vivem, pera agalardoar os bons, e os que não são taes haverem seu castigo. E porque as culpas desta parte eram de cubiça, por ser Official de sua fazenda, em que ella padecia o detrimento, e não parte alguma: não foi o castigo mais severo, que tirar-lhe o azo de mais peccar; porque trazia elle por costume não castigar a homens que comiam de sua fazenda, senão a quem queria mais que comer. E esta resposta deo elle a hum Almojarife dos mantimentos dos armazens da Cidade de Lisboa, ao qual, pedindo-lhe que lhe accrescentasse o mantimento, El-

Rey perguntou, que cousas recebia de seu officio; e elle lhe respondeo, que farinha, biscoito, carne, pescado, vinho, azeite, vinagre, e outras cousas desta qualidade pera dar ás Armadas: ao que ElRey respondeo: *Pois essas cousas não são mantimentos? São, Senhor* (disse elle) *mas são de Vossa Alteza, e hei de dar boa conta dellas. Comei vds* (disse ElRey) *que eu não castigo quem come, mas quem furta; havendo que comer, não merece castigo senão quem faz casaria pera viver, e lhe renderem, e casa de honra, e fazenda pera memoria de seu nome.* E humia das cousas de grande prudencia, e que louvam o Emperador Carlos V. he, que de experimentado quanto damno lhe fazia per capitulos, e mexericos remover homens de cargos de seu estado, principalmente quando per elle eram postos no tal cargo, e não inculcados per outrem, e de que tinha experiencia, dissimulava com elles sem os ameaçar com desgostos, e desconfiança, ante neste tempo mostrava ter delles muita, e os favorecia em suas cousas por os mais confundir, e castigar em seu tempo, que era quando acabavam de servir seu cargo, como fazia, e achando o contrario, os remunerava com mercê. E já aconteceu ser-lhe dados capitulos de homem que elle tinha posto em

cargo de grande confiança de seu estado, e calando o nome de quem lhes deo, lhe mandou os proprios capitulos com palavras da confiança que tinha delle per experiencia de seus serviços passados. Isto quasi ao modo de Alexandre Magno, que sendo-lhe dada huma carta, em que o avifavam que não tomasse huma purga, que lhe havia de dar o seu medico Filippo, porque nella hia peçonha pera o matar, estando elle doente; e pola grande confiança que tinha nelle, quando veio ao tomar da purga, com huma mão tomou o vaso, per que bebeo, e com a outra lhe deo a carta que a lesse. Porque dizia elle Emperador Carlos, que melhor se achava da confiança que mostrava aos homens de que tinha experiencia, que de os remover dos officios, em que os tinha posto, porque lhe acontecera muitas vezes damnar seus negocios em estas mudanças. E nós-outros Portuguezes mais gloria temos no enxovalhar, que no castigar, sendo mais proprio da justiça o castigo, que a injúria: cá o primeiro faz indignação, de que procede vingança; e o segundo confunde com arrependimento da cousa, porque recebe a pena do castigo.

# DECADA TERCEIRA.

## LIVRO VII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém parte das cousas que se fizeram em quanto governou D. Duarte de Menezes.

---

---

### CAPITULO I.

*Como ElRey D. Manuel mandou por Governador á India D. Duarte de Menezes, o qual partio deste Reyno o anno de quinhentos e vinte e hum.*

**E**Ste anno de mil e quinhentos e vinte e hum em Lisboa a treze dias do mez de Dezembro, ás nove horas depois de meio dia faleceo ElRey Dom Manuel, o quatorzeno de Portugal, e primeiro deste nome, em idade de cincoenta e dous annos, seis mezes, e treze dias. Dos quaes reinou vinte e seis, hum mez, dez e nove dias. Foi sepultado no Mosteiro de N. Senhora de Bethlem em Rastello, que (como no principio desta historia escrevemos) elle novamente fundou em louvor de



Deos , por lhe gratificar a mercê que lhe fizera no descobrimento da India. O Principe D. João seu filho , sendo em idade de vinte annos e quatro mezes , foi logo levantado por Rey na mesma Cidade de Lisboa nos alpenderes do Mosteiro de S. Domingos. E posto que na India não se soube esta nova senão no anno seguinte de vinte e dous , em as náos que então partiram deste Reyno , porque D. Duarte de Menezes , que elle Rey D. Manuel tinha enviado a ella por Governador , não foi entregue deste governo senão a vinte e dous de Janeiro de quinhentos e vinte e dous , (como ora escrevemos no fim deste sexto Livro , que atrás fica ,) convem que entremos neste setimo com o novo Rey , Senhor da conquista , navegação , e commercio do grão Oriente , que aquelle felicissimo , bemaventurado , e de gloriosa memoria ElRey seu padre lhe leixou por herança , accrescentada per elle á Coroa destes Reynos de Portugal. E tambem começamos com novo Governador D. Duarte de Menezes , filho herdeiro de D. João de Menezes Conde de Tarouca , Prior do Crato da Ordem de S. João do Hospital , e Capitão da Cidade Tanger em Africa , e Mordomo mór que fora da casa d'ElRey Dom Manuel , e seu Alferes mór , pessoa das no-

## 106 ASIA DE JOÃO DE BARROS

taveis deste Reyno , assi pelo claro fangue de sua linhagem , como por sua cavalleria , e grandes qualidades. O qual D. Duarte não sómente tinha os meritos de seu pai , mas ainda os de sua pessoa , em honrados feitos que tinha acabado em Tanger , onde esteve por Capitão. Por os quaes respeito , e qualidades que té então não concorreram em quantos Governadores foram á India , ElRey D. Manuel o escolheo pera este governo , e conquista , e lhe deo maior ordenadô do que tiveram os outros passados , e depois algum teve. E apercebida huma frota de doze vélas , partio deste Reyno a cinco de Abril de quinhentos e vinte e hum : os Capitães das quaes vélas eram elle , Dom Luiz de Menezes seu irmão Monteiro mór do Principe D. João , que logo reinou , ( como ora dissemos , ) D. João de Lima filho de Fernão de Lima Alcaide mór de Guimarães , que hia pera Capitão da fortaleza de Calecut , D. Diogo de Lima filho do Bisconde D. João de Lima pera Capitão de Cochij. , João de Mello da Silva filho de Manuel de Mello Alcaide mór de Olivença pera Capitão de Coulaõ , Francisco Pereira Pestana filho de João Pestana pera Capitão de Goa , D. João da Silveira filho de D. Martinho da Silveira pera Capitão de Cananor , Diogo de Sepulveda filho de João

de Sepulveda pera Capitão de Sofala ,  
 Martim Affonso de Mello filho de Jorge  
 de Mello Lageo de alcunha , que da India  
 havia de partir com tres , ou quatro vélas  
 pera ir assentar o trato da China , Gonçalo  
 Rodrigues Correa de Almada Armador da  
 propria não em que hia , e Vicente Gil fi-  
 lho de Duarte Tristão , que tambem era Ar-  
 mador da sua não. E assi hia em compa-  
 nhia de Diogo de Sepulveda em hum navio  
 Antonio Rico , que havia de servir de Al-  
 caide mór , e Feitor de Sofala , e nelle ha-  
 via de vir Sancho de Toar , que lá estava  
 por Capitão. E apôs elle D. Duarte de Me-  
 nezes partio Bastião de Sousa de Elvas , filho  
 de Ruy d'Abreu Alcaide mór que fora de  
 Elvas , por Capitão de duas vélas , elle em  
 huma não , e João de Faria , e Henrique  
 Pereira Cavalleiros da casa d'ElRey em  
 hum navio , hum pera servir de Alcaide  
 mór , e outro de Feitor de huma fortaleza  
 que ElRey D. Manuel mandava fazer per  
 elle Bastião de Sousa , de que havia de fi-  
 car Capitão na Ilha de S. Lourenço em o  
 porto Matatana por razão do gengivre  
 que alli havia. Ao qual negocio já ElRey  
 mandára a Luiz Figueira , que fez tão pou-  
 co , como escrevemos , quando Lopo Soa-  
 res o anno de quinhentos e quinze indo pe-  
 ra a India o achou em Moçambique , e

muito menos fez Bastião de Sousa, (como em seu lugar se verá.) D. Duarte partido com sua frota, e chegado a Goa, sabendo como Diogo Lopes, a quem elle hia succeder na governança da India, estava na pressa de fazer a fortaleza de Chaul, pela necessidade que tinha, e o tempo ser chegado pera se elle vir pera este Reyno, não fez mais que espedir D. Luiz de Menezes seu irmão, como Capitão mór que era do mar, e de si metter os Capitães das fortalezas em posse, pera que tivessem tempo de se aperceber os que haviam de vir com Diogo Lopes de Sequeira. Entregue per Diogo Lopes da governança da India a vinte e dous de Janeiro, (como dissemos,) e elle partido pera este Reyno, começou D. Duarte de Menezes entender no governo das cousas que ao presente eram mais importantes acudir. E foi mandar algumas vélas a seu irmão D. Luiz a Chaul, onde estava, pera deixar em guarda da fortaleza, e que elle a grão pressa soccorresse a Cidade Ormuz; por quanto viera o recado, estando ainda alli em Cochij Diogo Lopes, que ElRey se levantára contra os nossos, e que a maior parte dos que pousavam fóra da fortaleza eram mortos, e os outros postos em cerco. Ido este recado a Dom Luiz, porque D. Duarte soubera que todo



o damno que se recebêra de Aga Mahmud , fora por razão dos navios de remo leves que trazia ; ordenou de mandar logo doze fustas , seis das quaes á sua custa fez Simão d'Andrade , a quem elle D. Duarte deo a capitania da fortaleza Chaul , deixando Diogo Lopes nella Henrique de Menezes , (como atrás fica.) Alguns quizeram culpar D. Duarte , por tirar este sobrinho de Diogo Lopes , a quem elle com mais razão podia dar esta fortaleza que a Henrique de Menezes , por ter em todos os Governadores Provisão d'ElRey , que em qualquer fortaleza que fizessem de novo , pudessem prover de Capitães , e Officiaes , té elle de cá do Reyno prover , o que D. Duarte não podia fazer , pois não vagára. E o porque se isto mais estranhou , foi por elle D. Duarte casar huma filha bastarda , que cá deixou no Reyno , com Simão d'Andrade , e parecia ser a fortaleza dada por dote , o que não houve effeito , por elle falecer sem vir a este Reyno. Ao que D. Duarte dava por desculpa , que o fizera por Simão d'Andrade ser hum homem mui antigo na India , e experimentado na guerra della , e que viera pouco havia da China muito rico , e logo de boa entrada á sua custa fizera seis fustas. E que os homens destas qualidades eram aquelles a que se deviam entregar as



## 110 ASIA DE JOÃO DE BARROS

fortalezas d'ElRey , por terem substancia pera suster todo trabalho , principalmente naquella de Chaul ainda por acabar , e tão requestada dos Mouros , e affastada de Goa , de que não podia em breve receber ajudas. E que Henrique de Menezes , posto que fosse bom Fidalgo , e Cavalleiro , era marcebo , e novo da India , e sobre isso tão pobre , que não poderia soffrer os gastos de Capitão ; e que segundo a fortaleza estava inquieta , primeiro ficaria de todo destruido , que houvesse algum proveito. Finalmente com estas , e outras razões , em que D. Duarte mostrou ser necessaria esta mudança pelo estado em que a fortaleza estava , Simão d'Andrade partio pera Chaul com regimento , que como fosse mettido de posse da fortaleza de Chaul , assi as fustas , como as outras vélas que levava , repartifse em tres capitaniás pera guarda daquella costa. Hum dos quaes Capitães fosse Dom Vasco de Lima , outro Francisco de Sousa Tavares , e outro Martim Correa , por quanto seu irmão D. Luiz era ido ao levantamento de Ormuz a grão pressa , como logo veremos. Deste caminho foi Simão d'Andrade ter á barrá de Dabul , onde soube que dentro no rio estavam duas galés de Rumes , que alli foram ter a caso vindo de Dio ; sobre as quaes mandou hum recado

ao Capitão da Cidade , que lhas mandasse entregar , por serem de gente nossa contraria. E posto que elle se defendia com razões de o não poder fazer , quando soube que Simão d'Andrade se apercebia pera as ir tomar á força de ferro , houve por melhor conselho mandallas entregar , temendo que não sómente daquella fabida , mas pelo tempo em diante podia receber de Simão d'Andrade muito damno , pois vinha a ser seu vizinho na capitania de Chaul. Com as quaes galés Simão d'Andrade não se contentou , mas ainda fez obrigar a Cidade que pagassem de pareas a ElRey de Portugal dous mil pardaos , pera ficarem em amizade , e paz com elles , por a vizinhança que haviam de ter , o que todos os moradores com o Tanadar concedêram. Chegando Simão d'Andrade com esta vitoria a Chaul , Martin Affonso de Mello lhe entregou a fortaleza , ao qual D. Luiz leixaria alli em guarda daquelle porto té elle Simão d'Andrade vir. E tambem pera se prover das cousas , que lhe convinha levar dalli pera o resgate da pimenta , que havia de tomar em Pedir , que era a principal mercadoria , que havia de levar á China , onde havia de ir. Esta foi a causa por que elle veio a Chaul com D. Luiz , haver alli muita cópia da mercadoria pera aquella parte de Carnatra.

E em quanto alli esteve, não recebeo aquelles commettimentos das fustas de Aga Mahamud, porque a chegada de D. Luiz af-sombrou muito a Melique Az. Porque como elle sempre viveo de cautelas, e artificios de prudencia, e malicia pera seus negocios, tanto que D. Luiz alli foi, soube quem era, e cujo filho, e irmão do Governador que novamente vinha, que era Cavalheiro, e mui usado na guerra dos Mouros, por estar muito tempo em a Cidade de Tanger em Africa, dos quaes tinha havido muitas vitorias. As quaes novas o enfreavam de maneira, que mandou cessar as fustas, e ordenou logo hum mensageiro a D. Duarte, e mandou-lhe de boa entrada huns Portuguezes cativos, que lá tinha, dos que foram tomados da náó de Pero da Silva, (como atrás fica.) Martim Affonso de Mello, tanto que se aviou, foi-se pera Goa, e alli se despedio de D. Duarte pera Cochij, donde partio pera a China; da viagem do qual adiante faremos relação, e assi de D. André Henriques, que tambem D. Duarte mandou a tomar posse da fortaleza de Pacem em a Ilha Camatra. E ante destes dous Capitães tinha mandado tres náos caminho de Ormuz, que leváram João Rodrigues de Noronha pera Capitão da fortaleza, e tambem favorecerem a D. Luiz de

de Menezes, que era ido em soccorro do levantamento da Cidade, do qual levantamento convem repetir-se a causa delle de longe pera melhor entendimento da historia.

## CAPITULO II.

*Das cousas que movêram a ElRey D. Manuel mandar que na Alfandega de Ormuz houvesse Officiaes Portuguezes : e o que sobre isso primeiro passou : e como ElRey de Ormuz se levantou por esse respeito.*

**D**Epois que Affonso d'Albuquerque o anno de quinhentos e oito per força de armas fez que ElRey Ceifadim de Ormuz pagasse de tributo a ElRey D. Manuel em cada hum anno quinze mil xerafijs de ouro; e por as razões que atrás escrevemos, leixando a fortaleza por acabar, se partio pera a India, com que parecia que estas pareas não ficavam mui certas, todavia elle as mandava arrecadar. Verdade he, que quando lá mandou Diogo Fernandes de Béja, trouxe menos vinte mil xerafijs, do que devia. E no anno de quatorze, que lá foi Pero d'Albuquerque, quando descobrio Baharem, devia sessenta e cinco, e não pagou mais que dez mil, aqueixando-se render o seu Reyno tão pouco, que não era

poderoso pera pagar tão grande tributo. Movido dos quaes queixumes o Viso-Rey D. Francisco d'Almeida, ante disto lhe quitou cinco mil xerafjs, e outros tantos Duarte de Lemos, quando sendo Capitão da costa da Arabia foi ter a Ormuz. E como Affonso d'Albuquerque sabia, que os rendimentos daquelle Reyno eram mui grandes, e a maior parte era sonogada a ElRey per os seus Governadores, quando o anno de quinhentos e quinze tornou a tomar posse daquelle Reyno, mandou fazer a diligencia que escrevemos, em saber particularmente quanto rendia o Reyno, e as despezas ordinarias que tinha, por ElRey não allegar pobreza. E tambem, porque como lhe entregava aquelle Reyno, que elle Affonso d'Albuquerque tinha ganhado por armas, como Capitão geral que era d'ElRey Dom Manuel de Portugal; convinha que miudamente foubesse parte destas cousas, posto que naquelle tempo pera quietação, e governo do mesmo Reyno, foi necessario tornallo a entregar ao proprio Rey, a que foi tomado, pera o governar em nome d'ElRey como vassallo seu, pela maneira que atrás escrevemos. Depois em todo o tempo de Lopo Soares, que succedeo no governo da India a elle Affonso d'Albuquerque, posto que as pareas que ElRey de Ormuz pa-



gava, que eram quinze mil xerafijs, fossem tão pouca cousa, que levemente o podia fazer, sempre o pagamento se havia com trabalho, e clamor do mesmo Rey, dizendo, que o Reyno rendia pouco, porque os Mouros alli da costa da India, e Cambaya, como os da parte da Arabia, por nossa causa, não frequentavam tanto aquella Cidade Ormuz como sohiam, e isto com temor de nossas Armadas, em que se perdia muita parte do rendimento da entrada, e sahida das mercadorias, que era a maior renda que o Reyno tinha. E além disto, estava posto em tanto odio dos vizinhos, por ser nosso, que alli per mar, como per terra padecia muitas affrontas, pera que lhe convinha manter muita gente de armas, huma pera andar de Armada contra os Nautiques, e outra a defender as casilas da Persia, que vinham aos lugares da terra firme, que o Reyno lá sustentava. E mais tinha outro novo trabalho muito importante, depois que tomáramos aquella Cidade, se viesse levantar o Governador de Baharem com o tributo que era obrigado pagar a elle Rey de Ormuz, e pela mesma maneira o fazia o Guazil da villa de Calayate, de que El-Rey tinha muito rendimento, sem nossas Armadas acudirem a estas oppressões, e levantamentos, sendo o mesmo Reyno nosso.

Finalmente per este modo apontava muitas cousas, em que nos queria culpar, e desobrigar a si mesmo do que devia, não havendo outra mais verdadeira causa, que os roubos de seus Regedores, e Officiaes. E porque ElRey D. Manuel era informado destes roubos, quando Antonio de Saldanha o anno de quinhentos e dezesepte foi deste Reyno, (como atrás escrevemos,) pera andar com huma grossa Armada, que havia de correr da costa de Cambaya té o Cabo Guardafu, levava em regimento que fosse a Ormuz, e tirasse, e puzesse Officiaes pera tudo andar em boa recadação. Sobre o qual caso escreveo a Lopo Soares, mandando-lhe que fizesse esta Armada a Antonio de Saldanha de té dezesepte vélas com mil homens, pera tolher a navegação aos Mouros do mar Roxo, e de toda a costa de Arabia: e os da India não pudessem navegar, senão com hum salvo conduto nosso, a que elles chamam cartaz, pera seguramente irem, e virem a nossas fortalezas té Ormuz por razão do rendimento. E assi lhe mandava que mettessem debaixo da obediencia d'ElRey de Ormuz qualquer seu Guazil, e Regedor, que contra elle estivesse levantado. Mas nenhuma destas cousas houve effeito com a ida de Lopo Soares ao estreito do mar Roxo; porque no inverno que veio ter



## 118 ASIA DE JOÃO DE BARROS

fazendo-lhe crer importar muito a seu serviço mandar pôr Officiaes seus na Alfandega, que tivessem conta com os rendimentos daquelle Reyno, por quanto era roubado per os Mouros, e que ElRey havia o menos, por ser homem que no governo era huma estatua. Finalmente com estes, e outros conselhos de homens, que querem comprazer os Principes, quando Diogo Lopes de Sequeira foi por Governador á India, ElRey lhe mandou que dêsse huma vista a Ormuz, e fizesse o que tinha mandado a Antonio de Saldanha. E porque ao tempo que elle Diogo Lopes sahio do estreito de Méca, quando veio invernar a Ormuz, como testemunha de vista, julgou ser mais serviço d'ElRey D. Manuel leixar correr as cousas do rendimento, e arrecadação delle per as mãos dos Mouros, que per nós, não quiz bolir na ordem que os Mouros nisso tinham. Porém porque achou na India cartas d'ElRey, em que lhe mandava estreitamente que puzesse aquella obra em effeito, se ainda tinha por fazer, não quiz tomar juizo sobre si, posto que outra cousa sentisse, e desta derradeira vez que invernou em Ormuz, fez o que lhe ElRey mandava, (como atrás escrevemos.) E o modo que teve neste caso foi dar primeiro a ElRey de Ormuz huma carta d'ElRey Dom

Manuel, a substancia da qual era, ser elle informado dos grandes roubos, que os seus Officiaes da fazenda faziam na arrecadação dos rendimentos do Reyno, principalmente na Alfandega, pela maneira que Diogo Lopes seu Governador lhe diria. ElRey, como já do tempo de Antonio de Saldanha andava affombrado diito, pareceo-lhe que não consentindo no que ElRey queria, o podiam tirar do Reyno, respondeo que elle era vassallo d'ElRey de Portugal, e aquelle Reyno de Ormuz era seu, que estava obediante ao que Sua Alteza mandasse. Porém como isto era cousa mui nova, e que poderia dar algum escandalo aos seus Mires, e principalmente aos Officiaes da sua fazenda, que traziam o maneio destas cousas, pedia a elle Diogo Lopes que sobreviesse assi dous, ou tres dias, té elle o praticar com elles, e os levar brandamente, e da maneira que convinha pera ElRey de Portugal ser melhor servido, sem alvoroço algum. Passados estes dous dias, em que ElRey praticou com os seus, però que os achou conformes ao seu proprio animo, que era perder ante a vida, que ficarem cativos, e atados das mãos per este modo, porque ao presente assi lhe convinha, tornou a Diogo Lopes com resposta. E por dissimular com elle, propoz-lhe alguns fra-



cos inconvenientes ao que ElRey D. Manuel ordenava, os quaes elle Diogo Lopes lhe desfez, com que o negocio ficou concluido. Do qual succedeo metter-lhe na Alfandega estes Officiaes: Manuel Velho por Juiz, e Provedor das rendas della, Theoureiro Ruy Varella, Escrivães Nuno de Castro, Vicente Dias, Miguel do Valle, Ruy Gonçalves, Diogo Vaz. E com estes quatro Escrivães eram outros quatro Mouros, que tambem faziam Livros per si, que respondiam aos nossos; e sobre os Mouros havia a modo de Feitor, hum per nome Coge Hamed, grande Official daquella Alfandega. E porque nesta prática, que Diogo Lopes teve com ElRey, e seus Governadores sobre este rendimento, e paga das parcas, clamavam que se não podiam fazer, por Cambaya estar de guerra conosco, e ElRey Mocrim de Baharem levantado contra Ormuz, sem querer pagar o que devia; ordenou Diogo Lopes, polos satisfazer, de mandar Antonio Correa a Baharem, onde fez o que atrás escrevemos. Finalmente tanto que os Officiaes d'ElRey se víram enfiados com os nossos, e que não podiam usar dos roubos de que viviam, nem menos ElRey fazia as quitas dos direitos, que d'antes fazia a pessoas principaes da fazenda, que mandavam vir da India, que im-

portava pera rendimento huma grande quantidade, e outras 'graças, e mercês que dava, por ser homem de boa condição, e de pouco governo; aqui se perdeu entre elles toda a paciencia, e determinação de se levantarem contra nós. Però em quanto Diogo Lopes esteve em Ormuz, encubriram muito esta indignação, que na vontade d'El-Rey não era tão grave, como nos seus. Porque elle Rey Tornuxá era homem moço de boa condição, e pouco saber, sujeito a qualquer conselheiro; e em quanto viveo seu pai, que os Mouros tinham cegado, sempre foi muito sujeito a nós. Porque este o aconselhava como homem experimentado, que se não fiasse dos Mouros, e todo se submettesse ao que El-Rey D. Manuel lhe mandasse, porque em quanto lhe tivesse esta obediencia, seria Rey; e levantado, não teria Reyno, nem vida. Mas como lhe faleceo este conselheiro do pai, e teve á orelha hum Xequé seu sogro, e Mir Hamed Morado, homem manhoso, e tão acceito a elle Rey, que se hia creando nelle outro Ruez Hamed, que Affonso d'Albuquerque matou, (como atrás escrevemos,) logo ficou sujeito ao conselheiro deste, esquecido dos que lhe dava seu pai. E posto que Diogo Lopes estando em Ormuz, foi avisado per algumas pessoas, como entre alguns Mouros

andava rumor desta vontade que os principaes tinham de se levantar, e a principal pessoa que isto descubrio a elle Diogo Lopes era hum Ruez Delamixar irmão de Ruez Xarafo Guazil d'ElRey, o qual ficára em Baharem, (como escrevemos,) da ida que foi com Antonio Correa, e tinha paixões com estes dous acceitos a ElRey; parecia a elle Diogo Lopes que toda esta murmuração eram artificios d'elle Xarafo, pera ficar só no governo do Reyno, por ser homem prudente, e mui sagaz no enfiar dos negocios a seu proposito, ficando sempre de fóra, e livre de suspeitas que se d'elle pudessem ter. E ainda pera se Diogo Lopes melhor enganar, per conselho destes dous seus acceitos, ElRey lhe pedio quando se queria partir, que lhe leixasse alli huma náó, porque nella queria mandar a El-Rey D. Manuel hum presente de joias, e peças ricas. E com ellas tambem hum seu Embaixador sobre a mudança dos Officiaes daquella Alfandega, porque lhe parecia que aquella ordem, que Sua Alteza mandava, fora per conselho de homens que mal entendiam o negocio, e que não podia muito durar. O qual requerimento Diogo Lopes lhe concedeo, e a este fim leixou Pero da Silva com a náó, em que foi morto pelas fustas de Melique Az, **N**estando Diogo Lopes

pes em a barra de Chaul, (como atrás escrevemos.) E alguns dos nossos que sabiam bem das cousas d'ElRey Torunxá de Ormuz, quizeram dizer, e com verdade, que este petitorio da não que elle fez a Diogo Lopes, sua tenção era mandar o presente a ElRey D. Manuel, e que pera isso tinha eleito alguns homens nobres pera Embaixadores, os quaes representassem a ElRey quanto mais damno havia de trazer esta novidade de mandar poer Officiaes Portuguezes na Alfandega, que proveito algum, e tambem a lhe dar conta de algumas oppressões, e máo tratamento que recebia de alguns Capitães que alli estavam, e outras cousas que elle não ousava dizer. E quanto a mandar o presente, D. Garcia Coutinho, que então estava por Capitão em Ormuz, lho impediria, dizendo, que pera o anno o mandaria per elle, por acabar o tempo que havia de estar na fortaleza, e que levaria consigo os Embaixadores. Finalmente estas, e outras cousas, que leixamos de contar, por não macular fama de nobre gente, padeceo ElRey, e assi indignou a elle, e aos seus, que determináram de tirar o jugo, que lhe cativava o seu modo de vida, e uso, e condição. E o que elles mais sentíram, era tomarem-lhes parentas, e servidores, de que os nossos queriam ter uso,

muitos das quaes lhe faziam Christans a seu pezar. Partido Diogo Lopes, concorrêram algumas cousas pera em mais breve tempo os Mouros effectuarem seu desejo, que era levantarem-se contra nós. E a principal foi não leixar Diogo Lopes tanta Armada em guarda da fortaleza, como lhe ElRey Dom Manuel mandava, e assi pera guarda da costa de Arabia, e a entrada daquelle estreito de Ormuz, onde acudíram os Nautiques, póvos que habitam o maritimo das regiões Querimam, e Macram, que jazem entre o rio Indio, e boca do estreito de Ormuz. Os quaes póvos, posto que seu proprio nome seja Baloches, o officio que usam de ladrões lhe deo o de Nautiques, que quer dizer em sua lingua, o que nós dizemos per ladrões do mar, chamando-lhes cofa-fairos. Os quaes Nautiques tinham por vida sahir de seus portos em navios pequenos, e leves; e como a náó passava per sua paragem, senão hia bem artilhada, e defensavel, a commettiam, e roubavam de maneira, que pera segurança dos que navegavam pera Ormuz, os Reys deste Reyno polo muito que lhe importava o rendimento da entrada, e sahida das mercadorias, que a elle concorriam, sempre no tempo da monção, com que aquelle mar se navegava, trazia naquella costa humia Armada per-



ra defensão dos navegantes. A qual Armada, assi pera este effeito, como pera guarda da fortaleza não leixou, porque conio dalli partio com fundamento de fazer fortaleza em Dio, ou Chaul, como fez, tinha necessidade da gente, e vélas que levava, e pareceo-lhe que bastavam estas quatro que lhe leixou, hum navio redondo, huma galeota, huma fusta, e huma caravela; das quaes Manuel de Sousa Tavares era Capitão mór, e os outros Capitães eram Francisco de Sousa, de alcunha o Bravo, Fernando Alvares Cernache, e João de Meira. Concorreo tambem pera os Mouros pôrem em obra seu desejo, huma nova falsa que lançaram, dizendo que os Nautiques, que ora dissemos, eram lançados na costa de Arabia, e que fâziam muito damno nas povoações, que ElRey de Ormuz alli tinha, a que convinha logo acudir. Com o qual fingimento ElRey pedio a D. Garcia Coutinho Capitão da fortaleza, que mandasse lá Manuel de Sousa em soccorro com os navios que alli tinha. Manuel de Sousa, como este era seu officio, o mais brevemente que se pode aviar, com parecer de Dom Garcia se partio, levando sómente o navio em que elle andava, e a galeota, de que Fernando Alvares Cernache era Capitão. E os outros dous navios ficaram pera serviço

da fortaleza , que não aprouve muito aos Mouros: cá seu desejo era ficarem os nossos sem soccorro algum. Neste tempo , porque a nossa fortaleza não era tão grande , como ora he , não se podia toda a gente agazalhar dentro , e pousavam na Cidade entre os Mouros muitos dos nossos , e o mais perto que podiam da fortaleza , principalmente Ignacio de Bulhões , que era Feitor , e os Officiaes da Feitoria , e assi Manuel Velho com os Officiaes da Alfandega , Ouvidor , e outras pessoas que haviam mister por causa de seus officios grande gazarlhado. E ainda a Feitoria de industria a puzeram fóra , por razão dos muitos Mouros , que por causa do commettimento concorriam a elle. E estando dentro na fortaleza simulando que hiam a este negocio , sendo muitos , podiam commetter alguma traição. Finalmente como tiveram lugar pera isso , com a ausencia de Manuel de Sousa , que foi hum Domingo á noite , sendo passados os trinta dias do mez de Novembro , do anno de quinhentos e vinte e hum , na maior força do somno o Xabandar , que tem cargo das cousas do mar , a quem ElRey tinha commettido esta primeira obra , foi-se com oito terradas , navios leves , onde estava a nossa caravela , e galé , e repartidas as terradas em duas partes , em hum instan-

te as commettêram , nas quaes não havia mais gente , que alguns marinheiros. E porque a galé tinha menos que o navio , foi logo entrada , matando nella hum homem , e os outros se salváram a nado , acolhendose á fortaleza , quasi todos' fréchados. Despejada a galé dos nossos , puzeram-lhe os Mouros fogo ; e como foi sobre huma pouca de olla , que estava na coxia , materia por ser de folhas de palma , que dá muita claridade em labareda , foi vista de huma torre alta , onde estava posta huma atalaia pera dar signal. O qual signal foi tanger nella , e depois per todas as partes da Cidade inuitas bacias de arame , ao modo que costumam em Hespanha os moços , quando lançam entrudo fóra. E ainda sobre esta motinada das bacias , este Mouro que estava por atalaia na torre , a que elles chamam Alcorão , feito o signal , bradava altas vozes : *Matallos , matallos*. Os que puzeram na galé este fogo , que deo o signal , com alvoroço das bacias , e desejo de acudir ás poufadas dos nossos , por roubar , como que leixavam já a galé posta em labareda , sahiram-se della. A qual labareda como era das palhas da olla que diffemos , foi logo apagada per hum moço grumete que se escondo , quando sentio os Mouros dentro , que N. Senhor salvou pera este beneficio de

se não queimar a galé. O navio que foi commettido per as outras quatro terradas defendeo-se mui bem, por nelle dormir mais gente do mar que na galé, com que se os Mouros affastáram. E por dissimular o caso, e assocegar os nossos, disseram que vinham da terra firme, e que lhes traziam agua, mas pois a não queriam receber, que lha não queriam dar, e foram-se tambem á Cidade com alvoroço de prear. E porém de sete, ou oito homens que nelle havia, hum ficou morto, e outros feridos, o qual damno lhes deo certo signal ser traição dos Mouros, e não a agua que diziam; porque ainda que per muitas vezes a tinham delles recebido, não era per aquelle modo de os ferir, ante ouvindo a revolta da Cidade estiveram mais á lerta. Os Mouros dando o signal da obra, que era feita no mar, e ouviam na terra, juntos em magotes huns per huma parte, outros per outra, foram buscar onde a mais da nossa gente pouitava, que era em huinas casas grandes, a que elles chamavam Madraçal, e alli a hum Hospital nosso, e as casas da Feitoria, que eram em outra parte. E muitos foram tomar a porta da fortaleza, porque quando os nossos se viessem recolher, se escapassem das mãos de quem os lha buscar, viessem cahir nas suas. E verdadeira-

mente era tamanha a revolta , assi em os  
 nossos por se salvar , como no commetter  
 dos Mouros , que se não entendiam huns ,  
 nem outros , nem havia naquelle tempo  
 mais certa cousa , que fogo , e sangue. Por-  
 que se os nossos se defendiam em seus apou-  
 sentos , a poder de fogo os faziam salir das  
 casas , e saltar janellas ; e se per ventura es-  
 capavam daqui , pelo caminho indo-se reco-  
 lhendo á fortaleza eram mortos , e feridos.  
 E os mais que escapavam eram aquelles ,  
 que levavam consigo muita companhia ,  
 assi como o Feitor Ignacio de Bulhões com  
 seus Officiaes , e Manuel Velho com os seus ,  
 e outra gente nobre , cuja familia lhe fazia  
 corpo pera se defender , muitos dos quaes  
 foram feridos primeiro que entrassem a pe-  
 zar dos Mouros dentro na fortaleza. Final-  
 mente este levantamento , (não fallando em  
 perda de fazenda , porque neste tempo to-  
 dos tinham mais tento em salvar a pessoa ,  
 que a ella ,) custou mais de cento e vinte  
 Portuguezes , a fóra escravos , e escravas  
 Christãos que os serviam. E porém esta mor-  
 tandade não foi toda em Ormuz , porque  
 na Cidade morreriam té vinte e tantos , e  
 cativos seriam té quarenta ; os outros neste  
 mesmo tempo foram sobrefaltados em as  
 villas de Mascate , Curiate , Soar , e em Ba-  
 harem , que eram do Reyno de Ormuz ,



onde nós tínhamos Feitoria com Officiaes do mesmo negocio , a fóra outros muitos que se lá salváram , que logo veremos. Porque como ElRey assentou de se levantar , a todos os Governadores destas partes escreveo que não désssem vida a Portuguez algum , e limitava-lhes o tempo , porque não houvesse espaço de se saber de hum lugar a outro. E entre estes que padecêram nesta traição dos Mouros , que se póde chamar martyr da Fé , foi Ruy Boto , que Antonio Correa leixou por Escrivão da Feitoria de Baharem. No qual por se não querer fazer Mouro , fizeram cruezas , e lhe deram taes tormentos , que não houvera homem que nelles vivêra , se o Deos não o deleitára nelles com o fogo da Fé , que o animava com tanta constancia , que segundo o que se vio em quanto nelles viveo , e depois nos signaes , e mysterios de sua morte , bem se póde contar entre os Martyres da Fé de Christo.

## CAPITULO III.

*Do mais que os nossos passaram passada aquella noite: e como mandaram nova á India deste caso, e foram soccorridos per Tristão Vaz da Veiga, e depois per Manuel de Sousa Capitão mór do mar.*

**P**Assada em Ormuz aquella parte da noite, com tanto trabalho, e confusão de morte como a em que se os nossos víram, em rompendo Alva, porque no Madraçal, e Hospital, onde (como dissemos) poustavam muitos delles, que ainda não eram recolhidos, por a grande fumaça que nestas casas havia, mandou o Capitão D. Garcia vinte e cinco homens, que vissem se podiam salvar alguns que ainda lá podiam estar. E per outra parte mandou gente com Francisco de Mello, e João de Meira, que fossem trazer os seus navios, que ainda estavam sem damno algum, e os trouxessem ante a fortaleza, pera os defender com artilheria, ante que os Mouros os tornassem outra vez cominetter; e tomada posse delles, fossem pôr fogo a certas náos, que estavam no porto. A qual obra Francisco de Mello, e João de Meira fizeram mais a seu salvo, que os outros que foram ao Madraçal: cá estes por salvarem alguns, que ainda

eram vivos, pelejaram tão cruamente, que de huma, e de outra parte houve mortos, e feridos; a fóra o Ouvidor, e outros, que morrêram affogados de fumo, e queimados do fogo, que havia nas cascas, onde os noffos se tinham a noite passada acolhido. E as pessoas notaveis que vieram a salvar os que se salváram, foram: Manuel Velho, Ruy Varella, Manuel do Valle, Diogo Vaz, Diogo Fojão, Gonçalo Vieira, Vicente Dias, Nuno de Castro, os mais delles Officiaes d'ElRey. Feita per elles esta obra, e pelos outros salvos os navios, e postos defronte da fortaleza, porque ficava ainda por salvarem huma náó, que era de Manuel Velho, carregada de tamaras, que estava pera partir pera a India, foi o mesmo Manuel Velho com gente per terra, e outra per mar, e a trouxeram com assás perigo, e custo de fangue de todos, e vida de hum Gonçalo Vieira, que pelejou como valente homem de sua pessoa que era. A qual náó lhe foi mui proveitosa a carga das tamaras pera mantimento, e a madeira pera reparios da fortaleza, em que depois servio no cerco que tiveram. Tanto que estas vélas foram seguras, ao segundo dia espedio D. Garcia, per conselho que sobre isso teve, a João de Meira na sua caravella com recado ao Governador da India Dom

Duarte de Menezes, fazendo-lhe saber este levantamento, e o estado em que ficavam. E mandou a elle João de Meira que passasse per a costa dos lugares Mascate, Curiate, e Calayate té se ver com Manuel de Sousa, que lá era ido, (como dissemos,) e lhe dêsse esta nova, assi pera lhe acudir, como avisar os nossos, que estavam per aquelles lugares, não incorrerem em algum perigo se ElRey de Ormuz lá mandasse algum recado, como de feito mandou aos Guazijs delles. No qual tempo Tristão Vaz da Veiga, que Diogo Lopes de Sequeira tinha leixado em Calayate pera fazer alguns negocios de serviço d'ElRey, acertou de vir a Mascate sobre o mesmo negocio, onde achou Manuel de Sousa. E sahindo elle Tristão Vaz em terra, como era amigo do Xequé, que governava a villa, deo-lhe aviso que se salvasse, porque tinha recado d'ElRey de Ormuz que prendesse, e matasse quantos Portuguezes alli fossem ter, dando-lhe conta do levantamento. O que Tristão Vaz logo fez, acolhendo-se com grão trabalho ao navio de Manuel de Sousa, dando-lhe nova do que passava. E ante que fizessem mudança de si, veio João de Meira, que levava o recado que D. Garcia mandava ao Governador D. Duarte. E porque elle João de Meira não levava batel, e

algumas cousas necessarias pera o caminho, Manuel de Sousa o proveo de tudo, com que chegou á India, e deo a nova a Dom Duarte. O aviso que o Xequo deo a Tristão Vaz não foi tanto por ser seu amigo, quanto por ser Arabio, que naturalmente querem mal aos Parseos, e além disso por ser homem prudente, e entendeu que este levantamento d'ElRey era feito per conselho dos seus acceitos, e que per derradeiro nós haviamos de tornar a ser senhores de Ormuz, e tomar emenda do damno, e mal que nos fosse feito, e por isso naquelle tempo quiz-nos fazer esta amizade, descobrindo este negocio a Tristão Vaz. E ainda per exhortações que lhe o mesmo Tristão Vaz fez, levantou a voz por ElRey de Portugal, dizendo, que negava a vassallagem a ElRey de Ormuz pola traição que commettêra, do qual voto foram todos os homens honrados da terra, e atrás estes foi o povo. O Guazil, e Governador de Calayate, que era Parseo, com outro tal recado que teve, fez o contrario deste, prendendo obra de trinta e tantos Portuguezes que ahi estavam, delles da Armada de Manuel de Sousa, que com hum temporal que lhe deo sobre amarra se levantou, e os não pode recolher, e foi ter a Mascate, e os outros eram de Tristão Vaz. E pa-



rece que N. Senhor ordenou este temporal pera Manuel de Sousa se achar em Mascate com elle Tristão Vaz , pera fazerem a obra que fizeram com o Xequé , o qual os proveo de mantimentos , agua , e do necessario pera se partirem a soccorrer os de Ormuz. Partido Manuel de Sousa em o seu navio , e Fernão Vaz Cernache na fusta , acompanhou-os Tristão Vaz em hum parão , em que viera de Calayate alli ter aos negocios , que (como dissemos ,) lhe mandou Diogo Lopes , em o qual parão levaria té quarenta homens. E porém esta companhia durou té meia noite seguinte , que lhe sobreveio hum temporal , do qual apartamento Manuel de Sousa se queixava depois , dizendo , que Tristão Vaz o fizera por não ir debaixo de sua bandeira , e não por o temporal. E se assi foi , que por esta causa Tristão Vaz o fez , elle se aventurou a maior perigo do que importava a injúria , que deste caso podia receber. Porque em huma aguada que fez no caminho , lhe matáram dous homens , e quasi milagrosamente escapou de não ser morto com toda a gente que levava per huma Armada que El Rey de Ormuz tinha posta sobre a Ilha. Mas parece que o quiz assi N. Senhor , polo estado em que os nossos estavam , que os mettia em grande confusão : cá o primeiro

trabalho em que se víram depois daquella furia da morte, foi queimarem-lhe a galeota que salváram, e assi huma não carregada de mantimentos, que vinha de Chaulpera o Capitão D. Garcia, e isto ante os seus olhos. E o outro era que El Rey tinha té tres mil espingardeiros, que mandou vir da terra firme feitos lá secretamente pera este caso, a fóra os que na Cidade havia ordinarios pera as Armadas, e com estes frêcheiros, e artilheria, a que a nossa fortaleza ficava sujeita per sitio, nos fazia muito damno de maneira, que não lançava hum homem a cabeça per qualquer parte, que logo não fosse frêchado. Além deste perigo, que os muito afadigava, tinham hum grande temor, que era falta de mantimentos, e tão pouca agua, que se D. Garcia não fechára a cisterna, por não verem quão pouca era, esmorecêram de se ver mortos á sede. Mas como N. Senhor nos casos de maior temor acode com o animo, que da sua misericordia procede, permittio que a chegada de Tristão Vaz fosse estando todos com grande devoção ouvindo a Missa, que se diz de noite pela Nascença de Christo Jesus nossa redempção. A vinda do qual houveram ser milagre, porque o castello estava todo cercado per terra, e per mar tinha mais de cento e sessenta terradas, que

foi huma grande ousadia delle Tristão Vaz metter-se per meio delles, sem os Mouros o sentirem; porque haveriam ser cousa impossivel vir barco nosso alli, e ainda que o sentissem, como era de noite, cuidavam ser navio seu. A festa do Santo Nascimento foi com este prazer celebrada de novo, com tantas folias, e prazer, que os Mouros de fóra vieram a sentir que alguma cousa nova lhes era chegada, ainda que per outra parte per escravos Christãos cativos que tinham comfigo, cuidáram que procedia aquelle grande prazer da festa do Natal. Quando veio ao dia desta solemnidade, começaram os nossos a pôr os olhos no mar, olhando se apparecia Manuel de Sousa, de que Tristão Vaz dera nova, e que se apartára delle com o tempo que lhe deo; o qual Manuel de Sousa á terceira oitava de Natal amanheceo furto duas leguas da fortaleza da banda da Ilha Queixome. D. Garcia, porque tinha sabido per Tristão Vaz, que elle trazia mui pouca gente por razão da que lhe cativáram em Calayate, e tambem sentio logo grande rumor nas atalaias, como que mandava ElRey embarcar gente nellas pera irem contra Manuel de Sousa, teve logo conselho sobre o que fariam naquelle caso. E assentáram, que pois na salvação delle Manuel de Sousa estava a de

todos , e a delle nelles , pois corria tanto  
 risco , era necessario acudir-lhes com gente  
 no paráo de Tristão Vaz , por ahi não ha-  
 ver outra embarcação. Finalmente ante de  
 se eleger quem havia de ir no paráo , Trif-  
 tãõ Vaz se offerreceo com a gente que com  
 elle viera , dizendo , que pois N. Senhor  
 lhe dera de noite entrada naquella fortaleza  
 per meio das terradas , assi esperava que lhe  
 daria caminho pera ir , e vir. Partido elle  
 com esta gente que trouxe , e outra honra-  
 da , que com elle quiz ir , quando foi no  
 mar á vista d'ElRey , a grande pressa man-  
 dou chamar Coge Mahamud seu Capitão ,  
 e disse-lhe: *Ou aquella gente he douda , ou  
 desesperada , porque ousadia não póde ser :  
 por amor de mim , que vos vades tomar  
 ás mãos , e mandeis á gente que levais ,  
 que os não mate.* Este Capitão não pode  
 tão prestes fahir do porto com oitenta ter-  
 radas que levou , que quando se poz em  
 caminho já Tristão Vaz hia bom pedaço ;  
 em vista do qual os nossos estavam encom-  
 mendando-o a Deos , principalmente quan-  
 do víram a força de remo ir trás elle aquel-  
 le grão número de terradas , as quaes hiam  
 tão alvoroadas por lhe chegar , e corriam  
 tanto por isso , como que era algum paráo  
 que haviam de ganhar na chegada. Tristão  
 Vaz , como tambem remaya seu remo igual ,

e nunca fez tiro senão depois que ellas foram tão perto, que lhe lançaram dentro huma chuva de fréchadas, então começou de aentreter que não chegassem a elle com artilheria miuda que levava. Com a qual elles tambem o serviam, e lhe atravessáram o leme, e outra peça lhe deo pelo costado do paráo, mas não lhe ferio pessoa alguma. Indo assi todos ladrando, e fréchando nelle, sem ousarem de o abalroar, polo damno que tambem recebiam, sendo já bem perto do navio de Manuel de Sousa, mandou-lhe bradar que estivesse prestes pera o recolher, e affastar de si as terradas. Manuel de Sousa parecendo-lhe que o paráo era negaça, e que vinha nelle algum arrenegado, que fallava Portuguez, mandou-lhe tirar como a cada hum dos outros inimigos, e com huma espingarda de outro tiro atravessáram a mão ao que governava. Quando Tristão Vaz vio o perigo que corria, entendendo que de o não conhecer lhe mandava tirar, levantou-se em pé, e começou a bradar nomeando-se. E como era homem tão grande de corpo, que visto em pé per quem o conhecesse, diria logo ser elle, e tambem não mudára o traje com que poucos dias havia o víram; foi aqui mais conhecido pelo corpo, que pela voz, que naquelle tempo era tamanho estrondo,



que não podia ser ouvido, quanto mais conhecido per ella. As terradas tanto que víram Tristão Vaz recolhido dentro do navio, desesperáram de o tomar, e mais levando já morto o seu Capitão, e trinta e tantos homens, a maior parte dos quaes era gente nobre, e muitos outros feridos, porque como as terradas faziam grande cardume, não desparava o paráo tiro que fosse sem damno dos imigos. E porque os mortos, por serem pessoas notaveis, faziam mais receio aos outros, mandáram algumas terradas a terra com estes corpos, e recado a ElRey, que mandava que fizessem. Chegadas estas terradas á Cidade, foi logo posta em tão grande pranto, que os nossos sentíam na fortaleza, onde estavam, terem recebido algum grande damno; e por lhes quebrar os corações, mandou D. Garcia tanger as trombetas, e fazer grande estrondo de folias, e prazer. ElRey tanto que soube o que era feito dos seus, começou de se indignar contra aquelles que lhe aconselháram o levantamento, dizendo, que foram causa de perder seu estado, e que esperança teria elle de combater a nossa fortaleza, e de a tomar, pois em oitenta terradas não houve homem que ousasse abalar um barco, o qual se fora cercado de todas, sómente o bafo de tanta gente como

nella hia , os affogára , quanto mais tanta mão. E com grande furia disse , que se fossem todos diante a embarcar nas outras terradas que ahi estavam , e que qualquer homem que abalroasse a nosso navio , que lhe promettia de lhe fazer muita mercê ; e quem o não fizesse , que lhe havia de mandar pôr na cabeça hum toucado de mulher. E sahindo-se de suas casas meio doudo , foi-se á praia , e mandou pôr duas mezas , huma cheia de moeda de ouro , e prata , e outra de toucados de mulheres , a que elles chamam macana ; e quando se pôe na cabeça de hum homem , he por alguma grande fraqueza que fez , e fica inhabil pera toda sua vida , coufa entre os Parsecos mui usada. Postas as mezas com estas duas differenças de premio , assi como andava doente , poz-se ElRey a cavallo , e com hum páo na mão fazia embarcar a todo homem , indignando-se muito contra os principaes , que os não via muito diligentes nisso. Ruez Xabadim , homem principal nosso amigo , e por cujo respeito tinha recebido grandes offensas d'ElRey , e de seus privados , vendo-o assi indignado , disse-lhe : *Senhor , se os que vos aconselháram , que era leve cousa lançardes os Portuguezes daqui , amáram tanto vosso serviço , como eu amo , não estivereis agora posto neste trabalho , nem*

*vos fação crer que he gente que entregue logo o que tem na mão , senão entregando primeiro a vida. Eu irei aonde mandais a todos , e vos prometto de perder a vida , ou de vos trazer vossos inimigos a esses vossos pés , se me Deos não decepar as mãos.*

Espedido este Racz Xabadim , metteo-se nas terradas com a gente que tinha , as quaes se ajuntáram com as outras , e fariam todas hum corpo de cento e trinta , nas quaes hiam todos os Capitães , e Mires d'ElRey , que são como cá dizemos os Fidalgos de limpo sangue. E ElRey escolheo outros que ficassem com elle , com os quaes se poz a cavallo , e sahindo da Cidade se foi pôr em hum lugar teso , donde podia ver o que os seus faziam com os nossos pera os obrigar a mais. D. Garcia , e a gente da fortaleza , que tambem estavam com os olhos no que havia de succeder naquelle caso , quando víram o grande número de terradas , e a furia que todos levavam por chegar , houveram que se N. Senhor milagrosamente os não salvasse , não havia outra esperança de suas vidas. Manuel de Sousa , porque té aquelle tempo não era vinda a viração , com a qual elle esperava de se fazer á véla , estava furto , ordenando-se pera entrar naquelle conflito de morte. E o modo que teve pera mais seguramente , (se alli

havia seguridade, ) poder chegar á fortaleza, foi este. Tomou a fusta, e paráo de Tristão Vaz, e pollos nas ilhargas do seu navio mui bem aterrados que se não pudessem alargar, e de maneira, que de hum em outro pudessem saltar, e acudir onde mais necessario fosse. E porque a artilheria delles lhe servisse a toda a parte, poz as proas da fusta, e paráo na popa do navio de maneira, que ficavam ao longo do costado delle, e da popa á prôa tudo fogo, com que ficavam hum baluarte de madeira com artilheria pera fóra, e per cima a mareagem das vélas do navio, pera que vindo o vento navegassem. Chegado aquelle grande cardume de barcos, onde Manuel de Sousa estava já posto á véla, na primeira salva que lhe deram, foi juncarem os navios de fréchas de envolta com pelouros dos tiros de fogo que levavam, que fez huma fumaça, com que todo o circuito delles ficou sem vista huns dos outros, porque tambem a artilheria dos nossos fez boa parte desta escuridão. E porém nesta primeira chegada lhe encraváram muita gente da que estava na fusta, por ser rasa sem amparo algum, com que o Capitão ficou ferido. E não sómente lhe fizeram este danno, mas ainda como vinham com a furia das injúrias de seu Rey, de rondão entráram na

fusta pelo esporão della, sem temor da nossa artilheria. E em continente per o mesmo esporão Ruez Xahadin com seis homens que pera isso escolheo, como homem offerecido á morte, e que queria fazer verdadeira a promessa, que fizera a ElRey, começou de trepar per o bordo do navio. O Capitão Fernão Vaz Cernache, però que estava ferido com os outros de sua companhia, acudíram áquelle lugar; e assi Manuel de Sousa quando vio a ousadia dos Mouros, onde houve maior fervor de peleja, que em outra parte. No qual tempo Tristão Vaz da Veiga não se contentou com esta defensão de cima do navio, mas lançou-se dentro na fusta, e atrás elle Bastião Vaz, e Mendanha, e outros que com grande animo se mettêram ás cutiladas com os Mouros de maneira, que os enxutáram todos fóra da fusta. E porque hum bombardeiro que nella hia já não podia usar de seu officio pera cevar hum berço, por andarem todos mais pelejando a braços, que a pontaria de artilheria; com este alijamento que Tristão Vaz, e os outros fizeram, teve o bombardeiro braços pera fazer alguns tiros com hum berço, e fez tanto damno, que se alargáram os Mouros mais de presa do que entráram. E entre algumas pessoas, que no commettimento, que os Mouros



rões fizeram , em querer subir per o bordo do navio , foi hum Framengo Condestabre dos bombardeiros do navio , porque este não achou outra arma mais prestes , que o marrão com que atacava sua artilheria , e com elle derribou cinco , ou seis Mouros , como que matava porcos. Finalmente como homens que andavam lutando travados hum em outro , sem se poderem derribar de bons lutadores , e assi travados correm todo o terreiro da luta té irem dar nos circumstantes que estam vendo , assi as terradas travadas em os nossos navios , e elles nellas , e huns , e outros servidos de fréchas , e pelouros da artilheria , já bem tarde , e todos bem cansados a maré os levou á fortaleza , onde os nossos foram favorecidos della , tirando com artilheria ás terradas pera lhes despejarem o porto onde surgiam , dos quaes trinta e tantos foram feridos , e hum só Grumete negro foi morto. E pelo que se depois soube , dos Mouros foram mais de oitenta mortos da artilheria , e muitos mais feridos. E segundo os nossos navios chegaram juncados de fréchas , e as vélas , enxarcea , mastos , costados , tudo encravado dellas ; foi hum grande milagre não receberem maior damno , ante recebêram algum proveito , trazendo muita lenha pera casa , porque se affirma que muitos dias no fo-

gão dos navios á mingua de lenha se queimaram frêchas, e a maré quando encheo trouxe á praia grande número dellas.

#### C A P I T U L O I V .

*Do que passáram os nossos no cerco que tiveram; e vendo ElRey de Ormuz quão pouco damno lhe podia fazer, despejou a Cidade, e se foi pera a Ilha Queixome, e depois a mandou queimar: e como com a vinda de hum navio, e huma não foram providos do necessario.*

**R** Ecollhidos os nossos a salvamento daquelle perigo, de que os N. Senhor livrou, quando veio ao outro dia teve Dom Garcia conselho, propondo a todos quão desfalecidos estavam de tudo o que haviam mister pera aquelle cerco, principalmente de mantimento, e agua, de que haviam de viver, e de polvora, e outras munições da guerra, com que se haviam de defender de todo combate; que a elle lhe parecia bem despejarem a fortaleza de escravos, mulheres, moços, e gente sem proveito, que lhe comia os mantimentos. Os quaes deviam mandar á India em aquelle navio de Manuel de Soufa, e tambem levaria nova a D. Duarte em que estado estavam, porque podia acontecer cousa **N** a João de Meira, que

que o impedisse ir lá ter. E pela ida deste navio seguravam duas cousas, terem o socorro certo, e em quanto não viesse, comeriam o que elles haviam de comer. O parecer de muitos foi contrario a este de D. Garcia; e depois de haver contradicção de votos, assentáram, que logo armassem o navio, e fusta, e paráo, e fossem a pelejar com as atalaias d'ElRey, pois já tinham experiencia delles quão fracos eram, e o pouco damno que lhes podiam fazer. E dando-lhe N. Senhor vitoria, como tinha dado já duas vezes, ficavam mais senhores do mar, com que podiam haver á mão náos, ou navios, dos que ordinariamente vinham a Ormuz, dos quaes se podiam prover de muitas cousas, de que tinham necessidade. E per ventura neste tempo viria algum navio nosso alli ter, com as quaes ajudas ficariam providos pera muitos dias. E feita esta obra, ahí lhe ficava tempo de mandarem á India o navio que dizia, e quando os Mouros o vissem ir antes delles fazerem esta mostra de si, diriam que hiam fugindo; e indo depois, entenderiam que o mandavam a pedir socorro, já como gente confiada, e não temerosa. O qual voto, e conselho se poz logo em effeito; mas os Mouros tomáram outro, por causa do damno que tinham recebido, chegando suas

terradas tanto a terra, que ficava o nosso navio muito ao mar, sem lhe poder fazer algum mal, que mais não recebesse. E a fusta, e paráo, que se mais chegavam, em suas barbas, (como dizem,) lhe tomáram hum paráo, que vinha de fóra carregado de mercadoria, cousa que elles muito sentíram. Com a qual indignação per industria de hum Turco, homem a que ElRey dava grande credito, ordenou logo estancias com artilheria nos lugares onde nos podiam offender, e assi muros falsos pera entrarem per elles encubertos, com paredes de cascas pera os nossos não poderem ver a obra. O que tudo, posto que nos dava muito trabalho, servio-lhes pouco pera seu intento, ante azo de receberem de nós maior damno. Té humas escadas que quizeram acostar á nossa fortaleza, foram tantos delles queimados de panellas de polvora, que vendo-se ElRey desesperado de nos poder offender: creio que não tinha gente pera mais do que tinham feito, saltar-nos de noite como a gente descuidada, e não fraca pera defender as vidas, e que huma nossa havia de custar muitas dos seus. Finalmente como homem desesperado, e temeroso, que vindo o Governador da India, elle havia de pagar todo o damno que nos fizera, senão com a vida, ao menos seria tomar-lhe o go-



verno daquelle Reyno, determinou per conselho dos que governavam leixar a Cidade deserta, e se passar á Ilha de Queixome. E esta Ilha está pegada na terra firme da Persia, e será tres leguas de Ormuz á vista della, corre ao longo desta costa da Persia quasi per comprimento de quinze leguas á maneira de huma faixa, por ser mui estreita. A terra he fertil em si, mas muito doentia, por razão do máo sitio em que está, sem ser lavada dos ventos, que dam saude ao corpo humano. O fundamento d'ElRey, e de quem o mandava, que era o Xequ seu sogro, e Mir Hamed Morado, com todos mais em leixar aquella Cidade, era, que os nossos leixariam a fortaleza. E ainda que ElRey, por razão daquelle mudança a Queixome, perdesse hum par de annos as rendas que tinha na Alfandega, não vindo náos, melhor lhe vinha que ser sujeito, e tributario nosso por tão pouca causa, como era perder aquella Cidade. E tenteando estas, e outras razões, que todos davam a ElRey em seu favor, mandou-se lançar hum pregão, que toda pessoa sob pena de morte embarcasse sua pessoa, familia, e fazenda pera a Ilha de Queixome, pera onde se ElRey passava a viver, pera o que mandava a todos dar embarcação nas terradas pera sua passagem.



Quando o povo ouviu o pregão, fez nelle hum tão grande espanto, que sem temor algum todos a huma voz diziam mal d'El-Rey, e de quem o aconselhava, e isto com tantas lagrimas, que os mettia a todos em grande confusão de maneira, que entre os principaes começou haver differenças, culpando huns aos outros, e quasi todos desculpavam a El-Rey, por saberem ser homem de boa condição, e entregue áquelles dous homens, que pera este effeito eram grandes amigos, e pera todo o mais comiam-se hum a outro. Ordenadá a partida, El-Rey se passou huma noite o mais caladamente que pode, e leixou na Cidade hum Capitão seu per nome Mir Corxet com mil e quinhentos frécheiros, e sessenta terradas pera a gente se passar pouco, e pouco. O qual Capitão teve falla com D. Garcia, dizendo, que El-Rey se fora não tanto por sua vontade, quanto por seguir o conselho de quem o governava, e que sentíra tanto o que era feito, que adocçêra de paixão, de que hia mal. Como em verdade ainda que era homem de pouco saber, e discursivo das cousas, achava-se cada dia mais desâcatado, que era signal de hum dia o despoirem, como os Governadores dos Reys passados o tinham feito; mas o negocio chegou a mais, como adiante veremos: parece

que o seu espirito lhe revelava este mal. E ainda teve este Capitão Mir Corxet tanta prudencia pera encubrir a causa principal de sua ficada alli, que deo a entender a D. Garcia, e ás principaes pessoas da fortaleza, com que ás vezes estava á falla, que não era a outro fim senão pera tratar em negocio de paz, por quanto elle não fora no levantamento; e quando com elle não quizessem assentar esta paz, que fosse com seu cunhado Mir Cacero, que era homem de tanto credito ante ElRey, como elles sabiam, e tambem fora contra o conselho do levantamento, e ambos tinham commissão d'ElRey pera isso. Estes dous homens eram mui acreditados entre os nossos, por se mostrarem publicamente seus amigos, donde concebêram delles, principalmente do Mir Corxet que poderiam mover a ElRey, e aos principaes de seu conselho pera se tornarem á Cidade. Nas quaes práticas detiveram o Capitão, em quanto fazia sua obra, que era alijar o que haviam mister, té que veio o Xabandar com recado d'ElRey, que puzesse fogo á Cidade, o qual era defenganar os nossos, que se hiam povoar a outra parte. Posto este fogo a dezoove dias de Janeiro do anno de quinhentos e dous, ardeo a Cidade quatro dias com suas noites tão bravamente, que os

nossos temiam poder vir a elles. E entre te-  
 mor, e piedade fazia-lhe grande admiração  
 verem que per mãos dos proprios naturaes  
 se punha fogo a huma tão nobre, e formo-  
 sa Cidade em edificios, principalmente ás  
 casas dos principaes, que todas eram cousa  
 maravilhosa de ver seus labores, e pinturas,  
 por os Mouros serem mui deliciosos nisso.  
 E com todo este estrago, que os nossos viam  
 fazer, ainda este Mir Corxet fazia crer a  
 D. Garcia que elle não era author daquella  
 obra, nem consentia nella por sua vanta-  
 de, sómente temia a Racz Xabadim, que  
 o fazia por estar mui poderoso com mais  
 gente que elle. E posto que a voz era que  
 o fogo se poz acaso, e não per vontade,  
 todavia diziam que Racz Xabadim o fize-  
 ra por encubrir quantos roubos tinha feito  
 nella, e tambem o fazia por se vingár d'El-  
 Rey, e de nós. Com estas, e outras pala-  
 vras simuladas, estando D. Garcia aperce-  
 bido pera ambos se verem em lugar con-  
 veniente pera assentarem a paz, neste dia  
 que eram vinte e tres de Janeiro huma an-  
 te manhã mandou elle Mir Corxet pôr fo-  
 go a hum trabuco, que estava nas casas  
 d'ElRey, com que nos elles tiravam, e tam-  
 bem nas proprias casas. Porém nellas acer-  
 tou de ser em parte, que logo se apagou,  
 e com esta derradeira obra se embarcou

com toda a gente que comfigo tinha, fem ficar na Cidade mais pefloa, que té duzentas e cincoenta, ou trezentas almas, tudo gente velha, e tão pobre, que não tinham com que fe embarcar. D. Garcia quando fe achou affi enganado, ficou mui confuso; e fufpeitando ainda que debaixo daquella ida ficava na Cidade algum grande perigo, principalmente nas casas nobres, por não ferem queimadas, não quiz que este perigo correfsem os nossos, e mandou alguns Malabares, que estavam em noffa companhia, que foſſem ver per toda a Cidade fe era toda despejada. Temendo huma de duas coufas, ou que neſtas casas nobres ficava eſcondida muita gente de armas, e como os nossos ſahifsem, e fe derramaſſem pelas casas a roubar, dariam nelles; ou leixariam feitas algumas minas de polvora, a que poriam fogo, como os tivessem neſtas casas grandes. Feita experiencia per eſtes Malabares como a Cidade era toda despejada, e que não havia nella ſenão aquella pouca gente meſquinha, e inutil, ſahíram então os nossos, cada hum acudindo a ſua poucada ver fe achava alguma coufa das que leixára, e tudo era feito em carvões. Já as casas nobres era a maior piedade ver a deſtruição dellas, que as queimadas, porque neſtas não havia coufa de que haver dó,



por tudo ser carvões, e em as nobres não havia laço, pintura, nem portas, janellas, ou coufa que fosse pera ver, humas levadas, outras arrincadas, e espedaçadas, por não nos aproveitarmos de alguma. Finalmente o despojo foi acharem algumas jarras escondidas de mantimento, e cisternas particulares com agua, e lenha desta destruição pera o fogo. E verdadeiramente o que queimou esta tão nobre Cidade, (ao menos os dous terços della,) mais se póde dizer vir do Ceo, que da terra. Porque ainda que elle foi posto per mão de seus proprios moradores, sem serem constrangidos per nós, chegarem a tal estado que os obrigasse leixar o berço, em que se creáram, e casas de seu viver, e repouso, Deos os indignou de si mesmo, com que os metto em furia de fogo, e que fossem algozes de suas torpezas, e nefandos vicios, vivendo tão publicamente nelles, que nesta permissão ficáram culpados alguns dos nossos, os quaes per outro modo tambem se lhes queimou sua fazenda, té pagarem com a vida; e se todos não pagáram lá, cá os vivos assignados do dedo de Deos: e permittio assi sua justiça, porque saibam os homens, que peccados públicos, publicamente os castiga Deos diante dos olhos, que foram testemunha delles, por elle não ser arguido per



per juizos de homens de pouca fé. E logo no meio daquelle fogo, por trazer os nobres em consideração destas cousas, os esperitou Deos com a mais contraria que o fogo tem, que he agua, porque entendessem que o fogo abrazou as torpezas dos Mouros, e comnosco queria usar de lavatorio de sua misericordia com huma chuiva que mandou, com que enchêram muitas cisternas de agua, de que tinham muita necessidade: Porque além de terem pouca, o grande número de gatos que havia na Cidade, vinham demandar as cisternas a beber; e dos muitos que cahíram dentro, assi corrompêram a agua, que não oustavam de beber se não cozida. E não sómente com esta agua que choveo ficáram remediados do beber com algumas aguadas, que tambem depois foram fazer a terra firme, por beberem agua fresca, e sem suspeita de veneno, mas ainda do comer, com vinda de hum navio da India de Bastião Ferreira com mantimento. Com as quaes provisões, e saber per este navio de Bastião Ferreira como já na India era a nova daquelle levantamento, D. Garcia tomou causa de mandar alguns recados a ElRey de Ormuz á Ilha de Queixome. E porque estes recados eram per hum Antonio Dias lingua criado del-le D. Garcia, e isto se continuava secreta-

mente entre elles, sem communicar este negocio com as pessoas principaes, a que se devia pedir voto, se era bem do serviço d'ElRey de Portugal, houve presumpção, (e depois o tempo o descubrio,) que Dom Garcia tratava cousa de seu interesse, querer que ElRey lhe pagasse alguma perda, que houvera naquelle levantamento. E pera obrigallo a isso, o mandava aconselhar o modo que havia de ter com o Capitão da fortaleza, quando viesse, que era João Rodrigues de Noronha, que se esperava cada dia por elle. E tambem que desculpas havia de dar a D. Duarte, quando ali fosse ter, os quaes conselhos, e modos, que Dom Garcia nisto teve, damnáram muito a ElRey em seus negocios, e assi ao que nos convinha, sem elle entender que nisso fazia tanto mal. E quem acabou de o damnar, foi D. Gonçalo Coutinho seu primo, filho de D. Diogo Coutinho, tambem cuidando que nisso acertava, á volta de seu interesse, ao qual D. Luiz de Menezes que estava em Chaul, a grande pressa, tanto que soube parte deste levantamento, mandou em hum galeão bem armado com muitos mantimentos, e cousas necessarias pera provisão daquelle accidente. E vindo ter a Calayate, tomou alli D. Gonçalo huma náu dos filhos de Alle Langerim, hum mercador

dor dos principaes de Ormuz, que tratava em cavallos, e assi esbombardeou a villa, por lhe fazer sobrancerias. E passando per Mascate, achou Manuel de Sousa Capitão mór do mar, e Tristão Vaz da Veiga, aos quaes deo nova que D. Luiz de Menezes não tardaria, e que elle trazia recado das pazes, que logo havia de assentar com El-Rey de Ormuz. E com voz destas pazes chegou a Ormuz, e dahi foi a Queixome, onde El-Rey estava tão necessitado de mantimentos, que lhe deo a vida com os que lhe vendeo, e boa esperança de D. Luiz, que dahi a poucos dias seria com elle, e tudo se faria bem.

## CAPITULO V.

*Como Manuel de Sousa, e Tristão Vaz da Veiga tornáram á Costa de Mascate, e das cousas que alli fizeram té vir Dom Luiz de Menezes, e do que elle alli fez sobre a tomada da villa Soar: e do mais que passou té chegar a Ormuz.*

**M**Anuel de Sousa, e Tristão Vaz da Veiga, que D. Gonçalo achou em Mascate, eram alli vindos per mandado de D. Garcia Coutinho Capitão de Ormuz, a ver se poderiam tirar os Portuguezes do poder dos Mouros, os quaes ficáram em ter-

ra quando ambos se partíram a soccorrer Ormuz, como atrás fica. E vindo de caminho na paragem de Orfacam, o Guazil que alli estava deo a Tristão Vaz, que chegára ao porto buscar provimento, o que lhe pedio, como homem que estava em nossa amizade, e mais hum Portuguez, e huma mulher, que alli estavam. E tambem neste caminho tomou Manuel de Sousa duas terradas, huma que viera alli ter, em que tomou tres bombardas; e outra que estava quasi descarregada do fato que trouxera de Mahamud Morado; e quando chegaram a Mascate, acháram o lugar despejado, por ter o Xequé nova que Ræz Delamixar irmão de Ræz Xarafo vinha pera Calayate a servir de Guazil; e receoso de lhe destruir o lugar, por tomar voz por El Rey de Portugal, mandou pôr toda a gente, e fazenda na ferra, e folgou muito com a chegada dos nossos; o qual veio logo dar conta disto a Manuel de Sousa, pedindo-lhe que o amparasse, e se leixasse alli estar pera o defender quando viesse este seu inimigo, a qual detença não foi mais que quatro, ou cinco dias, e neste tempo passou per alli D. Gonçalo Coutinho, que deo a nova de D. Luiz, como ora dissemos. E porque em Calayate estavam os mais dos cativos, e tambem a elle acudiam mais navios



vios pera as prezas que alli, passou-se lá, onde tiveram prática com o Guazil, provocando-o á entrega dos cativos, e fazer outro tanto como o Xequé de Calayate, o que elle não quiz. Dando em resposta que havia de ser leal a ElRey, que elle tinha alli huma carta sua pera dar ao Capitão mór D. Luiz, quando viesse, e que nella estava toda a resposta que elle podia dar. Tristão Vaz, porque Manuel de Sousa se foi contra o Cabo de Roçalgate ás prezas, esperando que viesse D. Luiz, leixou-se allificar, e com o seu paráo defendia que os pescadores não viessem ao mar, porque não podia fazer maior guerra á villa, té que veio D. Luiz; o qual trazia tres galeões, e quatro fustas, e huma caravella, de que era Capitão elle, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Lemos, Nuno Fernandes de Macedo, Henrique de Macedo seu irmão, Duarte d'Ataide, Pero Vaz Travaços. E alli se ajuntou com elle Manuel de Sousa, per os quaes elle soube o estado de Ormuz, e lugares daquella costa. Ao qual veio logo hum Mouro dos honrados da terra, e trouxe-lhe da parte do Guazil Coge Zeinadim a carta que dizia ter d'ElRey de Ormuz pera elle, e assi lhe apresentou algum refresco da terra. E na carta não se continha mais que aggravos de Diogo Lopes de Se-



queira, e dos Capitães de Ormuz; e que estes escandalos indignáram tanto a gente, que fizeram o levantamento, em que elle não tinha culpa, e que com sua vinda elle esperava que tudo sería remediado. D. Luiz teve alguns recados do Guazil em resposta do que lhe elle mandava dizer, sem tomar conclusão sobre os Portuguezes cativos, que tinha em seu poder, nem suas fazendas que lhe pedia, e nisto acabou de se resumir, que Ruez Delamixar, que vinha por Guazil, sería alli mui cedo, e poderia trazer algum recado sobre a sua entrega, que entretanto devia de ir fazer sua aguada a Teive. O qual conselho elle tomou, sem querer tomar emenda do lugar, temendo que qualquer damno que lhe fizesse, sería causar a morte aos cativos, que eram vinte e seis Portuguezes; e mais sabendo que toda a gente, e fazenda era posta em salvo, sómente estavam alli huns poucos de homens de armas frécheiros, que haviam de deixar a villa, pois alli não tinham mulheres, filhos, nem fazenda. Chegado D. Luiz á aguada de Teive, porque os Arabes dalli lhe vinham fazer suas algazarras, e sobrançerias, segundo seu costume, mostrando que lhe queriam defender a aguada; mandou D. Luiz a Nuno Fernandes de Macedo que com sua gente huma manhã os affugentasse

dalli. Na qual sahida em terra cativou, e matou alguns, com que os Arabios ficáram tão açanhados, que os parentes dos mortos, e cativos saltáram onde estavam sete, ou oito Portuguezes cativos pera os matar, e de feito foram mortos, se os não salváram as pessoas que os tinham em poder; e todavia per desastre houveram hum á mão, em que fizeram sua gazua. E estando ainda aqui D. Luiz esperando João Rodrigues de Noronha, que da India era partido pera entrar na capitania de Ormuz, polo qual D. Duarte de Menezes mandava esperar naquella paragem, porque havia de vir com vélas, e gente, pera elle D. Luiz chegar a Ormuz mais poderoso, por não saber em que estado estava, chegou huma terrada do Xec de Mascate, que estava por nós. O qual Xec soube ser D. Luiz alli pera huma fusta de sua companhia, que se apartou d'elle com tempo no Cabo Rosçalgate, e foi ter a Mascate, per a qual terrada lhe fazia saber como elle estava por ElRey de Portugal, segundo já teria sabido per Manuel de Sousa, e Tristão Vaz; que lhe pedia que o favorecesse com algum soccorro, por quanto lhe fazia saber como Racz Delami-xar vinha sobre elle com poder de gente. D. Luiz por estar já informado do que este Xec tinha feito, mandou lá em seu favor

a Henrique de Macedo Capitão da caravela, e que elle com a fusta que lá foi ter deffem todo favor que pudessem ao Xec; e porém que por nenhum caso sahifsem em terra, nem homem algum. Chegando Henrique de Macedo a Mascate nas oitavas da Pascoa, soube do Xec como Ruez Delamixar era chegado per terra dahi a tres leguas com té trezentos frêcheiros, que lhe pedia que o ajudassem com alguma gente, porque elle determinava de o ir esperar a hum certo passo de huma serra a lhe impedir a passagem, porque não tinha outro caminho. Henrique de Macedo como lhe era defezo lançar gente em terra, se escusou com o regimento de D. Luiz, com que o Xec ficou muito desconfolado. Mas como receava que passando o passo Ruez Delamixar, ficava elle sujeito a muito perigo por a pouca gente que tinha, e que lhe convinha partir-se logo ante que elle chegasse ao passo; tomou alguma gente Arabia que ahi estava de humas néos de Bafçorá, e cinco Portuguezes que estavam com elle, que por suas vontades o quizeram acompanhar, dous dos quaes eram criados de Tristão Vaz da Veiga. Finalmente elle defendeo o passo, estando já desbaratado, e acolhido a hum alto, com matarem Ruez Delamixar com huma espingarda dos nossos,

que fez pôr em fugida a todos os Parseos com morte de dez, ou doze; e se houvera quem lhe seguira o alcanço, alli ficaram todos. Dahi a dous dias que o Xec tinha havido esta vitoria, chegou D. Luiz, e quiz Deos que chegáram tambem duas terradas carregadas do fato de Ruez Delamixar, que vinham tomar pouxada per mar, e elle estava já enterrado. As quaes D. Luiz á mingua de seu damno mandou recolher, e fez honra, e agazalhado ao Xec, dando-lhe muitas peças, e mais leixou-lhe alli huma fusta com quarenta Portuguezes, vinte pera andarem nella, e vinte pera estarem em terra em seu favor. E havendo quatro dias que D. Luiz alli era chegado, veio João Rodrigues de Noronha em huma náó per nome S. Jorge, e com elle em outra náó chamada as Virtudes, Capitão da qual era Lopo d'Azevedo; e porque D. Luiz não esperava outra cousa, partio-se logo caminho de Ormuz. Neste caminho, treze, ou quatorze leguas de Mascate, está hum lugar chamado Soar, o qual posto que seja de pouco trato, e trafego, e não de muitos moradores, tem huma fortaleza; e como he mais perto de Ormuz que os outros, sempre he provído de gente de guarda, e fronteria por alguns imigos que tinham perto. Hum vizinho era Soltão Maçoude,

que vivia dentro no sertão perto da ferra, o qual se intitulava por Rey, como significa este nome Soltão entre os Mouros; o poder do qual seria té duzentos e cincoenta de cavallo, e tres mil homens de pé. O outro vizinho era hum Xec Hocem Bençai-de Capitão do grande Bengebra, que teria té trezentos de cavallo, e quatro mil de pé, o qual Bengebra he hum Alarve, que come mais de quinhentas leguas de terra. Porque elle he senhor quasi de todo o sertão, que se comprehende da Ilha Baharem, correndo a costa té Dofar, dando sempre rebates nos povoados que estam nesta terra, a que os Arabios chamam Yaman. E os rebates são no tempo da novidade das tamaras, de que esta terra he mui fertil, e assi de outros mantimentos, recolhendo o que hão mister pera todo o anno, parte por rapina, parte por pacto em maneira de parcas, que lhe pagam estes vizinhos. Dom Luiz pola informação que teve destas duas pessoas tão poderosas, os quaes por serem Arabios sempre estam em guerra com os Parfeos do Reyno de Ormuz com que vizinhavam, elle os mandou chamar, e teve prática com elles, dizendo, que sua tenção era dar em Soar, onde sabia estar hum Guazil d'ElRey de Ormuz com gente em guarda, que lhe queria entregar este lugar, por



saber que os Arabios era gente mais fiel,  
 e por esta causa ElRey de Portugal seu Sen-  
 hor havia muito de folgar ficarem os lu-  
 gares daquella costa em seu poder, e não  
 dos Parseos, e mais sendo elles pessoas de  
 tanta qualidade. E que delles não queria  
 mais que cercarem o lugar per parte da ter-  
 ra, e elle daria pelo mar, porque temia  
 que o Guazil Raez Xabadim, que estava  
 na fortaleza, se acolheria pera o sertão,  
 quando pelo mar fosse entrado. Aos quaes  
 elle deo algumas peças, ficando mui con-  
 tentes do partido, porque nisso não met-  
 tiam cabedal algum, e ficavam senhores do  
 que desejavam á custa alheia. Mas o caso  
 não succedeo como D. Luiz desejava, por-  
 que o tempo foi hum pouco contrario a  
 D. Luiz, e ante de chegar a Soar, surgio  
 tanto avante como hum lugar do mesmo  
 Soltão. E porque do mar no porto do lu-  
 gar víram os nossos humas terradas, sem  
 D. Luiz saber que havia alli povoação,  
 mandou a ellas Antonio de Lemos no seu  
 esquife, e com elle humas almadias. O qual  
 sem licença de D. Luiz, queimou as terra-  
 das, e o lugarinho, cativando obra de vin-  
 te Mouros bem pobres, sem té então se sa-  
 ber o mal que fizeram, o que logo vere-  
 mos. Chegando a Soar a onze de Março  
 de quinhentos e vinte e dous, soube Dom

Luiz que Ruez Xabadim era já dalli partido, e que leixára em guarda da fortaleza té oitenta Parseos, os quaes tinha cercado per terra Xec Hocem Bençaide, como ficára assentado. D. Luiz como soube pelo mesmo Xec Hocem este recado, e vio que sua Armada vinha espalhada, e era tão tarde que não podia sahir aquelle dia em terra, mandou a alguns dos Capitães, que já eram chegados, que com sua gente fossem guardar a praia, por se não irem os Parseos, pois per terra os tinha seguros, seguindo lhe mandára dizer o Xec Hocem, e pela manhã sahiria elle com o corpo de toda a gente. Os Parseos tanto que víram furta a nossa frota, parece que peitáram os Arabios, e ante manhã per buracos do muro da fortaleza os leixáram fugir. Os Capitães que guardavam a praia, sentindo o rumor desta fugida, sem D. Luiz ser presente, remettêram delles á fortaleza, outros a queimar huma náó, que estava no porto. E quando acháram a fortaleza despejada, deram na villa, e fizeram nella hum bom estrago, matando, e cativando quantos acháram, e per partes puzeram-lhe fogo. D. Luiz quando chegou a terra, e soube como os Parseos eram fugidos, e o lugar entrado, e as duas partes delle queimado, sem esperarem por elle ficou muito indig-

gnado contra os Capitães , e muito mais quando soube como o caso passava. Porque quanto ao lugarinho que Antonio de Lemos atrás destruíra , era de Soltão Maçoube , o qual vendo o damno que lhe os nossos fizeram , ficou tão aggravado de Dom Luiz , que não quiz ir ao cerco dos Parfeos , como lhe promettêra. Tambem a povoação de fóra da fortaleza de Soar era toda povoada de Arabios , muitos dos quaes eram parentes dos Arabios , que andavam com Soltão Maçoude , e Xec Hocem , por cujo respeito ambos ficáram bem escandalizados , e houveram que não fallavamos verdade. D. Luiz vendo que no feito não havia remedio , quiz satisfazer a este escandalo , mandando entregar quantos cativos se alli tomáram , e toda a fazenda , ainda que era pouca , e elle per si mesmo as andou per todas as náos vendo se dos cativos os nossos escondiam algum. Finalmente elle leixou por Guazil , e Capitão daquella fortaleza a Xec Hocem Bençaide , e ao que d'antes alli estava leixou por Escrivão das rendas , e despeza do lugar , obrigando-se este Xec Hocem de o ter por ElRey de Portugal , e sobre isso fizeram seus contratos com toda obrigação que o caso requeria , com que Xec Hocem em alguma maneira ficou satisfeito. Ante que D. Luiz se partisse da-

qui, chegou a elle hum criado de D. Garcia Coutinho, per o qual lhe fazia saber como elle mandára o Alcaide mór de Ormuz em hum navio, e huma fusta a queimar o lugar de Lemma, que era d'ElRey de Ormuz, o qual estava áquem do Cabo Moçandam ante de entrar no estreito obra de dez leguas, e houveram na destruição deste lugar muitos cativos. E assi mandára dar alguns saltos derredor da Ilha Queixome, de que ElRey estava mui agastado, vendo que os seus não podiam navegar sem receber muito damno de nós, e morriam á fome, porque não tinham mantimentos, e não os podiam haver per outro modo senão per este de navegar. E tambem lhe fazia saber que ElRey desejava muito sua chegada; porque D. Gonçalo Coutinho lhe dissera que em o negocio da paz faria tudo o que ElRey quizesse, e com elle D. Garcia saber isto de D. Gonçalo, leixára de fazer a guerra a ElRey. E porém depois que estas cousas com a chegada de D. Gonçalo virem a este estado, succedêram outras, em que totalmente aquelle Reyno era perdido; porque entre os principaes que governavam ElRey Torunxá, houve estas differenças, Mir Corxet, e Cogelal feriram Mir Hammed Morado, aquelle grão privado d'ElRey, e se acolhêra a Ormuz, e tornára ou-

tra vez a Queixome, depois que soube que Ruez Xarafo o Guazil mandára prender ao mesmo Mir Hamed Morado. E que elle Ruez Xarafo, temendo que ElRey descubrisse a elle D. Luiz, e ao Governador Dom Duarte se alli viesse, quanto mais culpa elle Xarafo tinha neste levantamento, que pessoa alguma das outras, por ser homem que sabia tirar a pedra, e esconder a mão, elle fizera com Ruez Xamixer, e Ruez Gelal que matasem a ElRey Torunxá. Porque sobre elle morto lançaria todas as culpas dos males que eram feitos, visto que os mortos não se podem desculpar do que contra elles se diz. A qual morte houve effeito, e logo levantáram por Rey hum moço de tétreze annos per nome Mahamud Xá, filho d'ElRey Ceifadim passado; e que Xarafo governava tudo absolutamente, e tinha este moço em seu poder, e todo o thesouro, e fazenda do Reyno. D. Luiz quando ouvio tanta revolta, ante que tudo se acabasse de todo, partio-se logo, e sendo tanto avante como o Cabo Moçandam, chegou a elle hum terrada, em que vinha hum Mouro honrado per nome Coge Mahamud Safuxá, per o qual o novo Rey Mahamud Xá o mandava visitar, e que sua vinda fosse muito boa, e assi lhe mandava hum pouco de refresco. D. Luiz ante desta visitaçõ,



per o criado de D. Garcia tinha havido huma carta do Feitor Ignacio de Bulhões, o qual como fora criado do Conde Prior seu pai, com a mais liberdade que algum homem outro, o avisou do que lá passava. E entre muitas cousas lhe dizia, que os Governadores d'ElRey de Ormuz, e todos os seus acceitos estavam costumados a fazerem tudo o que queriam, e depois remiam as culpas com dinheiro, e que té então ainda não tinham visto quem lho engistasse. E posto que elle o conhecia mui bem, e sabia que era filho de seu pai, e neto de seus avós, que nunca fizeram cousa com Mouros que a cubiça lhe fizesse perder a honra, todavia lhe fazia esta lembrança. Que se ante de se ver com ElRey o mandasse visitar, e lhe mandasse algum refresco, como elles costumavam mandar, no qual refresco vai envolta a brandura, com que elles amauçam os animos dos furiosos, se houvesse de maneira com a visitaçõ, que de fallar com elle sómente não se pudesse presumir cousa alguma. Porque ainda que em toda parte os homens que mandavam, e governavam, e não são mui cautelosos no modo de suas cousas, muitas vezes a juizo dos homens os condemnava por suspeita; na India corriam muito mais risco que em outra parte, por estarem acostuma-

dos os Mouros , e Gentios a peitar grossamente , que este seu costume infamava a todo homem por justo que fosse. Por o qual respeito D. Luiz não quiz ouvir este mensajeiro , nem vello sómente , e mandou-lhe dizer per Tristão Vaz da Veiga , que elle estava tão perto de Ormuz como via , que lá o fosse esperar , e dahi lhe tomaria o recado d'ElRey , e assi o espedio.

## C A P I T U L O VI.

*Como D. Luiz de Menezes chegou a Ormuz , e dahi foi ter á Ilha de Queixome , onde ElRey estava : e os meios que teve pera assentar paz com elle , com as condições nella conteídas.*

**T**Anto que D. Luiz chegou a Ormuz , e se informou do que lhe convinha saber , não sómente de D. Garcia , mas de Ignacio de Bulhões , o qual polas razões que dissemos o podia informar de toda a verdade , e elle acccitar seu voto como de homem que tinha amor a sua honra , e mais qualidades pera isso de prudencia , e cavalleria , mandou vir publicamente o mensajeiro d'ElRey , e tomou-lhe seu recado , o qual era de visitasões. Ao que D. Luiz respondeo graciosamente ; e porém não lhe quiz acccitar o refresco , nem vello , sómen-

te tomou huma pouca de verdura, dizendo que era tão proprio dos homens, que andavam no mar, folgarem com ella, que por isso a acccitava, e mais por ser da mão de hum Rey innocente, como era elle Mahamud Xá, que não tinha culpa alguma em tão más cousas, como eram passadas em Ormuz. Partido este mensageiro, ao outro dia veio outro por nome Coge Ceidadim com duas cartas, huma d'ElRey, e outra de Ruez Xaraso seu Regedor, e com muitas peças de seda, e outras cousas que elles usam mandar na chegada dos Capitães. Nas quaes cartas se continham culpas d'ElRey Torunxá morto, inventor, e urdidor de quanto mal té então era feito, e que a sua morte fora ordenada por Deos, por tirar daquelle lugar hum tão máo homem; porém elle Mahamud Xá sempre havia de obedecer aos mandados d'ElRey de Portugal, e que esta fora a primeira causa de acccitar a eleição de Rey de Ormuz, que os seus Mires nelle fizeram. Finalmente per este temor o morto era condemnado, e elles mereciam mercê, e favor pola vontade que tinham, sem nas cartas se tratar de outra cousa, tudo eram palavras geraes. E outro tanto fez este mesmo mensageiro, assi desta vez, como da outra que tornou, sem Dom Luiz lhe tomar de ambas cousa alguma das

que trouxe , e tambem lhe respondia com palavras geraes. Porém porque elle Coge Cidadim nesta segunda vez como de seu apontou em prática a D. Luiz , que se lhe désse hum seguro pera a pessoa d'ElRey , e todos os seus , elle se tornaria á Cidade , respondeo D. Luiz , que elle não lhe respondia por o requerimento não ser da parte d'ElRey , senão prática delle Coge Cidadim ; e quando ElRey nisso mandasse falar , então responderia , e com isto o espedio. Partido este Mouro , teve D. Luiz prática com os Capitães , e principaes pessoas que alli eram , dando-lhe conta destas visitações que lhe ElRey fazia , e do que lhe movêra este Mouro , que tudo isto lhe parecia artificio de Ruez Xarazo. Tambem havia oito dias que eram chegados , e passava-se o tempo sem ter feito cousa alguma , que a elle lhe parecia que deviam ir a Queixome , pera qualquer cousa que succedesse tomarem logo lá conclusão nella , e não estar esperando , recado vai , recado vem , no qual parecer todos foram , e partio-se ao outro dia com a maré. Ruez Xarazo como se vigiava de todos os autos que D. Luiz fazia , quando soube que hia pera Queixome , temendo que ElRey Mahamud Xá , que elle levantára , fosse depositado por lhe não pertencer , e que em seu lugar Dom

Luiz levantasse a hum moço de doze annos filho d'ElRey Torunxá morto; cegou este moço pelo modo que elles cegavam os de que se temiam, cousa mui costumada naquelle Reyno, como já escrevemos. A nova do qual caso deram a D. Luiz indo de caminho pera Queixome, a qual cousa não era verdade, mas artificio pera o mais indignar. E tanto que chegou, que foi o primeiro de Junho, vieram logo a elle Coge Abraham Secretario d'ElRey, Coge Cidadim, e outros homens nobres a visitallo de parte d'ElRey, e com algum refresco, aos quaes elle recebeu com gazalhado, e assi o refresco por ser fruta, e os não escandalizar, e com isto os espedio. A tenção de D. Luiz ácerca do castigo que queria dar a Ruez Xarafo, e assi áquelles Mouros, que revolvêram as cousas que té alli eram passadas, era haver a seu poder a pessoa d'ElRey, e delles per algum modo. E a elles ter prezos té o fazer saber a seu irmão D. Duarte, pera determinar o que fariam, com que aquelle Reyno ficasse em poder de homens de menos suspeita do que elles eram. E com parecer de pessoas particulares, que eram poucas, por se o segredo não descobrir, determinou de buscar pera fazer isto a seu salvo, e sem perigo da nossa gente, pessoas que per terra o ajudas-



fem, e elle daria pelo mar. E achou dous homens poderosos, que tinham feu estado na terra firme, os quaes davam obediencia a ElRey, e porém tinham odio mortal a Ruez Xaraso, por a qual razão acceitariam qualquer partido que lhe fizesse. A hum delles chamáram Mir Carcero, cujos avós foram muito tempo Governadores do Reyno Ormuz, e ao outro Mir Corxet seu cunhado. D. Luiz como soube particularmente de suas cousas, e poder que tinham, secretamente a Mir Carcero mandou Ruy Varella, e a Mir Corxet Antonio de Figueiredo, os quaes assentáram com elles serem contentes virem a hum certo tempo com gente dar nas casas d'ElRey, e elle D. Luiz per outra parte, e o tomarem ás mãos, e áquelles que foram causa dos males passados. Ao Mir Carcero promettia D. Luiz a governança de Ormuz, e ao outro as cousas de que se elle contentava. Tendo assentado com estes dous homens este negocio, sentio D. Luiz depois nelles hum frieza de maneira, que converteo este ardil o negocio correto de contrato com o mesmo Rey Mahamud Xá, e com os seus Governadores. E ainda se metteo neste negocio por concertador hum Embaixador do Xá Ismael que alli era vindo, per meio do qual D. Luiz concedeo algumas cousas, mostran-

do que o fazia por amor do Xá Ifinael, e comprazer a elle Embaixador, sendo ellas taes que a necessidade o fazia conceder nel-  
 las, porque se lhe gastava o tempo, e os Mouros andavam mui vagarosos, e sobre isso moviam cousas novas de maneira, que havia D. Luiz que tornallos ao estado em que estavam, ante de lhe pôrem Officiaes na Alfândega, acabava grande cousa. E o que mais obrigou a elle D. Luiz a isto, foi mandar-lhe dizer Mir Carcero que elle não podia ser naquelle negocio, considerando os trabalhos que os Capitães da fortaleza davam aos Governadores, que elle queria viver em paz, e esta sómente tomava por a melhor honra que alguém podia desejar. Seu cunhado Mir Corxet tambem se escusou com dizer, que pois seu cunhado não entrava nisso, que elle não o podia fazer só. Além deste defengano houve ali outra cousa mui principal, que fez concluir a D. Luiz: cá foi certificado que estava Ruez Xaraso tão temeroso de sua vida, que determinava de tomar ElRey, e se ir com elle, e com o seu thesouro á Ilha Baharem, ou pera Chiláo huina villa na costa de Persia, de que elle Ruez Xaraso era natural, e levar consigo tambem os principaes mercadores. Finalmente D. Luiz se contentou com ElRey por esta maneira, que elle Rey

com todos os seus tornasse a povoar a Cidade Ormuz, e pagasse os vinte mil xerafjs que pagava, e livremente governaria o Reyno, sem os Capitães entenderem nas cousas de sua fazenda, nem justiça, e que tornariam todos os Portuguezes cativos, e fazenda que lhe tomáram, e tambem pagariam aos que eram vivos o que naquella revolta perdêram, constando por escritura, ou testemunhas dignas de fé, e pagariam as pareas que té o tempo do levantamento eram devidas. Acabado este concerto de pazes, depois que foi assignado per D. Luiz, e per ElRey, e seu Guazil Xarafa, como Governador do Reyno, mandou ElRey a elle D. Luiz pera enviar a Portugal a ElRey, e á Rainha perlas, e joias de ouro, e muitas peças de seda, e ouro, e outras pera elle mesmo D. Luiz, que elle acceitou, por não desprazer a ElRey; porém mandou-as entregar ao Feitor Ignacio de Bulhões pera as enviar com as outras a este Reyno pera ElRey. E porque as náos que João Rodrigues de Noronha levou consigo haviam de vir pera este Reyno com especiaria, elle as despachou logo pera Cochij, mandando nellas estas peças que ElRey de Ormuz deo, e assi o dinheiro das pareas que pagou. Em huma das quaes vinha Lopo d'Azevedo, e Duarte d'Ataide em outra, e na terceira Ma-

nuel Velho, por Pero Vaz Travaços Capitão della ficar doente em Ormuz. As quaes junto de Mascate em huma aguada, que chamam de Coge Atar, tiveram hum temporal tão forte, e subito de noite estando sobre ancora, que foi ter á costa a de Duarte d'Ataide, em que elle pereceo, e hum filho seu, e Vasco Martins de Mello, João Rabello, e D. Garcia Coutinho Capitão que fora de Ormuz, e muita outra gente nobre. E ao tempo que foi ter á costa com a furia que levava do temporal, deo pela mão de Lopo d'Azevedo que desapparelhou, e houvera de se perder com ella, se lhe não acudira Manuel Velho que a salvou. E assi se salvou a maior parte da fazenda perdida per industria, e ajuda do Xec de Mascate, que mandou mergulhadores a isso. O qual beneficio ante que os nossos se dalli partissem, foi pago a este Xec Raxit com lhe ser dada a vida per esta maneira. Como elle tinha morto Ruez Delamixar irmão de Ruez Xaraso no passo que lhe defendeo, segundo atrás escrevemos, tanto que Xaraso teve os concertos feitos com D. Luiz, sem o guardar pera mais tarde, mandou hum seu criado em huma terrada com gente armada a matar este Xec Raxit em vingança de seu irmão. Sabida a qual vinda, Manuel Velho se metteo em o batel da sua náó, e com

gente armada foi ter á aguada de Coge Atar, onde estava este criado de Racz Xarafo. E dando de subito nelle, o prendeo na propria terrada, sendo a gente de armas em terra, e o levou com os remeiros della á sua náó, onde mandou vir Xec Raxit, e os fez amigos, escrevendo sobre isso a D. Luiz, e a Racz Xarafo. Acabadas estas amizades, e as duas náos remediadas do damno que recebêram do temporal, partíram caminho da India, aonde chegaram a salvamento. D. Luiz tambem leixando as cousas de Ormuz no estado que dissemos, porque havia de ir esperar as náos de Méca á ponta de Dio, partio-se por ser já monção pera isso, levando consigo cinco galeões, hum navio, e hum caravella. E sendo tanto avante como Dio, tomou hum náó, em que houve pouca preza, e por lhe vir hum temporal que o fez arribar a Chaul, a dezeseis de Setembro, e o tempo não ser já pera mais, daqui se partio pera Goa, onde achou seu irmão D. Duarte, o qual estava posto em toda tristeza, por a nova que tinham deste Reyno per hum das tres náos, que o anno de quinhentos e vinte e dous partio, como veremos neste seguinte Capitulo.



## CAPITULO VII.

*Como per huma das náos, que este anno partíram pera a India, D. Duarte soube do falecimento d'ElRey D. Manuel, e o que sobre isso fez, e as náos que despachou pera diversas partes: e como D. Pedro de Castro Capitão de huma de duas náos, que invernaram em Moçambique, destruiu a Ilha Querimba, e como em Goa sobre amarra a sua não Nazareth se foi ao fundo.*

**E** Stando D. Duarte de Menezes em Goa na Sé hum Domingo á Missa ouvindo a prgação do Bispo D. Fernando Religioso da Ordem de S. Francisco, chegou hum homem, e deo hum escrito a elle Dom Duarte, o qual era de D. Pedro de Castello-branco filho de D. Pedro de Castello-branco, que chegára á barra de Goa por Capitão de huma não, de tres que este anno de vinte e dous partíram deste Reyno pera a India, e os Capitães das outras duas eram Diogo de Mello, que hia pera Capitão de Ormuz na vagante de João Rodrigues de Noronha; e outro era D. Pedro de Castro filho de Estevão de Castro, os quaes, por não poderem passar á India, invernaram em Moçambique, de que adian-

te faremos mais relação. Acabando Dom Duarte de ler o escrito, foi tamanho o sentimento, que não podendo dissimular a dor, e tristeza da nova, que lhe D. Pedro dava, poz hum lenço no rosto, e sentindo os que estavam junto d'elle o seu choro, cuidáram que no escrito vinha nova que era falecido seu pai o Conde Prior. Mas como pelo mensageiro da carta souberam ser ElRey D. Manuel, assi a prégação como a Missa, foi huma contínua tristeza, e fez em todos grande confusão. E o que isto mais accrescentou, foi verem que de tres náos que sómente aquelle anno partíram deste Reyno, huma chegára á India, e parecia-lhe que com a morte do seu Rey tudo falecia; posto que no Principe D. João seu filho, que era levantado por Rey, polo que d'elle tinham conhecido, cada hum em seu modo se confortava, não perdendo a esperança de seus serviços. D. Duarte logo aquelle dia á tarde mandou lançar pregões, que todos tomassem dó, e o dessem aos seus escravos, e que não ficasse Mouro, ou Gentio que o não tomassem, sob graves penas. E logo na Sé mandou ordenar huma éça, e concertar todo o necessario, e com grande solemnidade se cantáram besporas, e ao dia seguinte Missa, e prégação por a alma d'El-Rey, ao modo deste Reyno. Tendo elle

D. Duarte per sua propria pessoa feito os dous autos, assi o da tristeza denunciando o falecimento d'ElRey, como o do prazer, e festa com toda solemnidade, que convinha ao levantamento d'ElRey D. João o Terceiro deste nome. E parece que permittio Deos que elle fizesse este auto como filho de seu pai D. João de Menezes Conde de Tarouca, e Prior do Crato, que era Alferes mór deste Reyno, a quem elle succedia, o qual Conde o fez tambem neste Reyno em Lisboa. E não sómente em Goafizeram estes autos, mas em todas as fortalezas da India nossas, e ElRey de Ormuz tomou dó como vassalio d'ElRey, e o de Cananor, e Cochij como amigos, e servidores. E no fim destes autos chegou, (como dissemos,) D. Luiz de Menezes, que vinha de Ormuz, e de noite sahio do mar, e se foi pera D. Duarte, que de novo entré si fizeram outro novo pranto. Porque além de perderem Rey, e Senhor, que os creou em grande mimo, por filhos de seu pai, o qual per suas qualidades ainda ficava naquella estina em que de todos era havido, ficava sem o officio de Mordomo mór da Casa d'ElRey, que he o mais principal della. O qual cargo elle já tivera do Principe D. Affonso filho d'ElRey D. João o Segundo, não tendo ainda titulo de

de Conde, nem o de Prior do Crato, que estes lhe deo ElRey D. Manuel sómente por sua fidalguia, cavalleria, e qualidades. E no modo de lho dar ganhou elle ainda mais honra, e mercê, que o proprio officio; porque havendo naquelle tempo pessoas muito nobres, e que tinham casa, e herança, e não menos nobreza, em que o officio por estas razões parecia a muitos que lhe pertencia, disse ElRey publicamente, que dava aquelle cargo a D. João de Menezes, porque era homem que sempre lhe fallára verdade, e nunca á vontade. Na qual palavra ElRey se mostrou justó, e verdadeiro, e inimigo de lisongeiros, e louvou a D. João de Menezes das mais principaes partes que hum homem póde ter pera andar junto dos Reys, se elles são taes, que as palavras, e obras lhes dam este nome, e dignidade. Tornando a D. Duarte de Menezes, com esta triste nova se foi a Cochij dar carga ás náos, que este anno haviam de vir pera o Reyno; e por as outras duas da companhia de D. Pedro invernaem, vieram aquelle anno sómente estas náos, de que eram Capitães Garcia de Sá, Aires da Silva, Bastião Ferreira, Diogo Calvo em huma náos de D. Nuno Manuel, a qual veio ter á Ilha de S. Thomé, onde foi roubada dos Francezes, Manuel Gil filho de Duar-



te Tristão armador, e senhorio da não em que vinha, e Sancho de Toar, que veio de Sofala, por ter acabado seu tempo de Capitão, e em seu lugar foi Diogo de Sepulveda. O qual quando daqui partio com D. Duarte de Menezes, foi ter á Ilha de S. Thomé, e dali se partio pera Sofala. E assi despachou a Pero Lourenço de Mello pera ir fazer huma viagem á China, com o qual hia tambem Martin Affonso de Mello Jusarte, o qual foi diante a pedir fazer carga de pimenta; e Pero Lourenço com hum temporal que lhe deo foi ter ás Ilhas de Andramu adjacentes á costa do Reyno Pegú, onde se perdeu, estando já no tempo de Diogo Lopes de Sequeira despachado pera partir, e parece que lhe foi dilatada aquella ida por então pera viver mais aquelle tempo té se perder neste. E tambem despachou André de Brito pera Malaca em huma não propria d'elle André de Brito, pera ir áquellas partes fazer seu proveito, onde passou o que adiante veremos. As outras duas náos que dissemos invernáram em Moçambique, Capitães Diogo de Mello, e D. Pedro de Castro, quiz João da Marta, que alli era Capitão, e Feitor, aproveitar-se delles por a gente não estar ociosa, e estando na terra aquelles mezes, podia adoecer; e a causa que o moveo a isso foi



esta. Dous Mouros senhores de duas Ilhas Zenzibar , e Pemba , que estam naquella costa de Mombaça mui vizinhas a ella , fizeram-se vassallos d'ElRey de Portugal , e pagavam-lhe pareas. E a elles pagavam outras pareas as Ilhas de Querimba , as quaes por serem mui vizinhas a ElRey de Mombaça , com favor seu por ser nosso imigo negavam estas pareas , e mais faziam-lhe guerra , da qual cousa elles se mandáram queixar per vezes a João da Mata , e que esta era a causa por que lhe não podiam pagar as pareas. E vendo estes dous senhores de Pemba , e Zenzibar que invernavam alli aquellas duas náos , mandáram mensageiros a João da Mata com este requerimento ; o qual foi dar conta aos Capitães do caso , levando comsigo os proprios. Dizendo-lhe quanto importava isto ao serviço d'ElRey , pedindo-lhe da sua parte quizessem ir dar hum castigo áquelles Mouros de Querimba , e metter debaixo da obediencia daquelles vassallos d'ElRey , pera delles haver as pareas , que por esta causa havia tempo que não pagavam. Diogo de Mello como hia ordenado pera servir a capitania de Ormuz , dando algumas razões de o não poder fazer ; acceitou D. Pedro de Castro a ida , e levou hum navio , em que andava Pero de Montarroio , que era Capitão daquella costa , e

o bätel grande da sua náo, a que D. Pedro mandou levantar humas falcas pera poder agazalhar a gente; e assi levou mais o seu esquite, e dous, ou tres zambucos da terra, em as quaes vasilhas levaria té cem homens, em que entravam estes Fidalgos, que o quizeram acompanhar, D. Roque de Castro seu irmão, e D. Christovão seu primo, D. Henrique d'Eça, Christovão de Sousa, que hia pera Capitão de Chaul, Antonio Galvão, e outras pessoas nobres. Chegados á Ilha Querimba, onde tinha huma boa povoação pegada no mar em hum escampado gracioso, repartio D. Pedro a gente em duas partes, huma deo a Christovão de Sousa por as qualidades de sua pessoa, e mandou-lhe, que leixando a praia fosse encavalgando o lugar per cima dentro da terra, e elle com a outra parte da gente foi ao longo da praia. Indo nesta ordem ambos cada hum per sua parte, foram recebidos de muita fréchada, de que os Mouros tambem levavam em retorno lançadas, e cutiladas com que os nossos os sangravam de morte. Em ajuda dos quaes Mouros por haverem sentimento da ida dos nossos, era ahi vindo com muita gente hum sobrinho d'ElRey de Mombaça, o qual cahio na parte de Dom Pedro; mas elle não se havia muito de gloriari da honra que alli ganhou, porque assi

apertáram os nossos com elle, que começou logo de se pôr em salvo. Christovão de Sousa por o grande rodeio, que fez per cima do lugar, levava já a gente tão cansada, que houvera mister hum pouco de follego pera repouzar, e não a furia dos Mouros que lhe sahíram ao encontro, por lhe tirar a vida, por ser tal a peleja que foi elle ferido, e Nuno Freire, Luiz Machado, e outros da sua companhia. Finalmente poucos ficáram que pouco ou muito não fossem magoados na carne, e não a honra que alli ganháram, porque á força do seu ferro despejáram o lugar, que era grande, e mui rico, ao qual depois que foi despejado, D. Pedro mandou pôr o fogo, com que de todo se queimou. E porque deste feito os nossos não ficassem com mais, que com a honra delle, quanto fato tinham carregado do esbulho, todo o mar comeo. Porque per descuido, e alvoroço da victoria, e cubiça de carregar as vasilhas, em que o embarcavam, ficáram com a muita carga em secco na vafante da maré; e como estavam mais sobre o costado, que sobre a quilha, quando tornou a encher, com a maresia emborcou as vasilhas, e o fato ficou perdido; e ainda fez Deos mercê aos que já estavam recolhidos salvarem-se, e muito maior ser ante aquelle damno alli no

porto, que depois que partíram d'elle, porque sem dúvida de todo se perdêram com o grande trabalho que tiveram em se tornar, em tanto, que conveio a D. Pedro, por ter o vento contrario pera Moçambique, mandar o navio que levava com a mais da gente a Melinde, fazendo fundamento de a ir tomar alli indo pera a India, como fez. E por razão deste tempo contrario, se passou elle D. Pedro a hum barco da terra, e navegava ao longo della, não ousando de a leixar. E como elle era quartanairo, estando com a febre ancorado, sem o sentir, sahio-se D. Christovão filho de Filippe de Castro, e outros a comer fruita do mato por a grande fome que passavam. Aos quaes salíram huns poucos de Negros da terra, e os vieram fréchando té a praia, a que acudio D. Pedro com a febre que tinha, quando soube do caso, de que os salvou; porém ficou Dom Christovão tão ferido, que ao outro dia morreo. Finalmente elle D. Pedro neste barco, e Christovão de Sousa em outro, e Antonio Galvão no esquife, cada hum per sua parte, todos passáram mais perigos de fome, sede, e trabalhos em chegar a Moçambique, do que foi o perigo da guerra de Querimba. Onde ante que partissem ás Ilhas circumstantes, se vieram a D. Pedro,

temendo o castigo delle, e se mettêram de-  
baixo da obediencia de Zenzibar, e Pem-  
ba, que foi o fim de sua ida, com que João  
da Mata arrecadou as pareas que deviam.  
E vindo tempo, D. Pedro, e Diogo de  
Mello se partíram caminho da India, e a  
D. Pedro não lhe bastáram estes trabalhos,  
que nesta ida, e vinda de Querimba passou,  
mas ainda foi ver outro maior na barra de  
Goa, estando ancorado, por a sua náó cha-  
mada Nazareth ser mui velha, e das maiores  
que se fizeram neste Reyno, com hum tem-  
po forte se perder.

## C A P I T U L O VIII.

*Como D. Duarte de Menezes-partio pe-  
ra Ormuz: e como no caminho per hum  
descuido os Mouros de huma náó rendida  
tomáram huma galé de duas que a tinham  
tomada: e do que em Ormuz se passou an-  
te delle chegar.*

**T**Ornando a D. Duarte, que (como dis-  
semos) veio despachar as náós, que  
haviám de vir pera este Reyno, e outras  
que espedio pera diversas partes, ordenou  
duas Armadas, huma pera elle ir dar vista  
a Ormuz, por acabar de assentar as cousas  
que D. Luiz seu irmão leixava no estado  
que vimos; e outra Armada pera o mesmo



D. Luiz ir ao estreito do mar Roxo a trazer D. Rodrigo de Lima, que Diogo Lopes de Sequeira enviou por Embaixador ao Preste, como atrás escrevemos; e primeiro que elle partisse pera Ormuz, se partio Dom Luiz pera o estreito, da viagem do qual adiante faremos relação. Elle tanto que se apercebeo, partio com seis vélas, de que eram Capitães D. Vasco de Lima, Francisco de Mendouça, Francisco de Sousa Tavares, Diniz Fernandes de Mello, e Bastião de Noronha, e Luiz de Noronha, ambos irmãos, cada hum em sua galé. Chegado a Chaul não se deteve mais que em quanto leixou algumas cousas ordenadas a Simão d'Andrade Capitão da fortaleza, e dahi atravessou a costa de Dio hum pouco largo da terra. Na qual passagem indo as galés de Bastião de Noronha, e Luiz de Noronha juntas, largas da Armada delle D. Duarte, foram encontrar com huma náó de Mouros, que vinha de Pegú mui rica de mercadorias, a qual era da Cidade Reiner, que está dentro da enseada de Cambaya. Elles desejosos de tomar a náó, logo no princípio tiveram boa cautela não a querendo abalroar, por ser mui alterosa, e elles tão rasos, como he huma galé, e começaram de a varejar com artilheria de maneira, que a náó hia toda traspassada dos pe-

louros ; e como era sobre a noite , por a não perderem , hum de huma parte , e outro da outra , leixáram-se estar esperando a manhã. Os Mouros porque se viam ir ao fundo , por a não estar mui rota , determináram de se aventurar , e perder as vidas , pois não podiam salvar a fazenda , e leixáram-se carregar sobre huma das galés , que sentíram mais quieta , como que dormia a gente. E como lhe o masto da galé ficou ao longo do costado da não , mansamente o reatáram ao masto da mesma não ; e tanto que a tiveram segura , ás pedradas , e zargunchadas fizeram acordar os que dormiam , e acordados do somno , e desacordados na honra , lançáram-se ao mar , por fugir aos Mouros , que tomavam posse della , e acolhêram-se a nado á outra. A qual tambem teve tão pouco acordo , que não curou de seguir a galé , em que se os Mouros salváram , e a sua não se foi ao fundo no mesmo tempo , sem della salvarem mais que as pessoas , que foram ter a Reiner , onde logo Melique Saca filho do grande Melique Az , que havia pouco mais de anno e meio que era falecido , mandou comprar a galé , e a poz em Dio cuberta de telha , gloriando-se a quantos Rumes alli vinham , dizendo que as suas cotias a tomáram aos nossos. Do qual feito quando os irmãos

chegáram a Mascate, onde D. Duarte estava, houve grande paixão, não tanto da perda da galé, como por leixarem ir os Mouros em salvo, sem os seguir com a outra. E primeiro que elle chiegue a Ormuz, queremos escrever o que passou depois que se D. Luiz partio, e o estado em que Dom Duarte achou aquella Cidade, que era mui differente do que elle cuidava. D. Luiz no tempo que esteve em Ormuz todolos recados, e cousas que se passáram entre elle, e ElRey, té assentar que se viesse da Ilha Queixome povoar a Cidade Ormuz, bem sabia que todas as cautelas, e artificios que nisso passáram não procediam d'ElRey, que era moço de treze annos, nem dos seus Mires, e principaes da Cidade, sómente de Racz Xarafo, de cuja vontade tudo pendia. Porque já neste tempo o Xec sogro d'ElRey Torunxá morto, per quem elle era mandado, era lançado fóra de Queixome, e assi Mir Mahamed Morado, aos quaes elle tinha tomado sua fazenda. E por elle D. Luiz ser informado que em quanto Racz Xarafo fosse vivo, as cousas de Ormuz não haviam de segurar, por ser homem mui sagaz, e que podia revolver tudo, e pera seus negocios tinha grande ajuda em Racz Xabadim seu cunhado, e elle D. Luiz o não poder acolher, commetteo a hum Racz Xa-

Xamexir, (homem pera qualquer feito desta qualidade, por ver nelle disposição pera isso, por o mal que queria a Ruez Xaraso,) que o mataste, e a Ruez Xabadim seu cunhado, promettendo-lhe por este feito o guazilado do Reyno, e mais dez mil xarajis, de que lhe deo hum assignado condicional, que havia de ser dentro em quarenta dias; e mais lhe deo outro de perdão daquelle feito, pera poder mostrar ao Capitão de Ormuz, sendo-lhe necessario, polo muito que importava a serviço d'ElRey ser isto assi. Este Ruez Xamexir depois de accitar o caso, vendo quão recatado, e guardado Xaraso andava, disse a D. Luiz, que este feito não podia ser senão depois da partida d'elle pera a India, porque descuidar-se-hia Xaraso com sua ausencia de andar tão acompanhado de tanta vigia como trazia sobre si. Partido D. Luiz, ficou Xaraso desabafado do temor que tinha d'elle, e pareceo-lhe que não havia em Queixome de quem se temer, e todo seu intento era buscar modos de não ir a Ormuz, como tinha contratado com D. Luiz; mas elle o fez mais de pressa do que cuidava. Porque Ruez Xamexir como vio tempo, indo Ruez Xabadim pera ver ElRey, mais seguro do que andava, saltou com elle no meio do terreiro das casas d'ElRey, e alli

o matou, e quiz ir fazer outro tanto a Xarafa ás casas; mas elle fugio á furia deste, quando soube o que passava, e foi de huma casa em outra té se lançar de huma janella per huma touca. E porque no seu dinheiro tinha elle sua vida, alli com a corrida do temor que levava, foi-se a sua casa, e apanhando tres cofres, metteo-se em huma terrada com seus servidores, e deo consigo em Ormuz. Chegado á praia, mandou pelos seus levar os cofres a sua casa, e elle foi-se á fortaleza apresentar ao Capitão. Ao qual disse como Racz Xamexir com alguns de sua valia matára seu cunhado, e quizera matar a elle, se o Deos não livrára; e tudo isto era porque queria cumprir o que assentára com D. Luiz, que era trazer ElRey pera a Cidade. O que elle com seus amigos, e aliados contrariavam; e pois se vinham abrigar ao poder daquella Cidade d'ElRey de Portugal, de que elle era Capitão, lhe pedia que o amparasse, e lhe desse licença pera se ir pera suas casas. João Rodrigues porque isto o tomou de subito, não se sabendo determinar no que faria, disse-lhe que repousasse hum pouco, que não se fosse logo metter nas suas casas, que mais seguro estava alli com elle, ou fizesse o que lhe mais aprouvesse, tudo polo mais segurar. Partido elle Racz Xarafa,



teve João Rodrigues prática com algumas pessoas principaes, e foi voto de todos que mandassem por elle, e o tivessem a bom recado té saber per outrem como isto passava. Trazido per Ignacio de Bulhões Feitor, per quem João Rodrigues o mandou chamar, foi apouentado em hum cubello, e por guarda Manuel de Vasconcellos. E não sería posto nesta custodia, e guarda, quando chegou hum recado d'ElRey de Ormuz a João Rodrigues, pedindo-lhe que mandasse prender aquelle trédor, e não lhe creffe coula alguma de quantas dissesse, porque elle lhe mandaria dizer as causas per que merecia esta prizão: e outro tanto lhe mandou dizer Ruez Xamexir. Xaraso como soube que era accusado per ElRey, e per seu imigo, per este, e outros recados que cada hora vinham, e que a elle attribuiam o levantamento de Ormuz, e que elle entretivera a ElRey té aquelle tempo, sem querer vir pera a Cidade, dobrou sobre estas culpas, dizendo a João Rodrigues, que soubesse certo que ElRey em nenhum tempo viria a Ormuz, porque todolos que ficavam com elle lhe aconselhavam que o não fizesse; e soubesse certo que de morto, ou desposto de Rey, não podia escapar. E que elle por serviço d'ElRey de Portugal queria fazer huma cousa, pera segurança da

qual leixava em Ormuz sua mulher , e filhos , e parte de sua fazenda , porque a outra havia mister pera ajuntar gente , e seus parentes. E era , que com ajuda de cem Portuguezes , que com elle fossem nas terras , elle daria em Queixome , e o destruiria todo. E elle com seus parentes , e amigos se atrevia a povoar a Cidade Ormuz , e a tornar a tão prospero estado como estava ante do levantamento ; e que as rendas todas daquelle Reyno seriam d'ElRey de Portugal , pois o Reyno era seu , e que não havia necessidade de haver Rey , que o Capitão seu abastava , e tudo isto queria ordenar , e fazer á sua custa. ElRey como foi avisado destas promessas de Xaraso , mandou pedir ao Capitão João Rodrigues que lho mandasse , pera fazer justiça de quantos males contra sua pessoa , e fazenda tinha commettido , da qual entrega João Rodrigues se escusou com boas razões. Ante em favor das que Xaraso dava , lhe mandou dizer , que se era verdade que elle impedia vir-se pera Ormuz , agora que estava fóra de seu poder como senão vinha ? pois eram tantos dias passados do termo , que pera isso tomou. ElRey quando viò que João Rodrigues lhe não respondia a seu proposito , mas que o culpava por se não vir , e que daqui poderia tomar suspeita ser verdade quanto

lhe Xarafo diria, esta fé lhe daria favor pe-  
 ra o que promettia de destruir Queixome;  
 determinou-se com effes que o aconselha-  
 vam, de se vir pera a Cidade como veio  
 a vinte e cinco de Novembro do mesmo  
 anno de quinhentos e vinte e dous. E pos-  
 to que com elle se veio toda a gente nobre  
 dos Mires, que he a sua Fidalguia, e os  
 mercadores, nenhum delles trouxe sua mu-  
 lher, filhos, nem fazenda, sómente as pes-  
 soas a modo de fronteiros, e naquelle pri-  
 meiro dia ElRey dormio fóra da Cidade  
 em tendas. Porque mais temiam ter Raez  
 Xarafo ordenado alguma cousa, (que em  
 chegando primeiro que o Capitão estivesse  
 com elles, lhe fizesse algum mal,) que ao  
 mesmo Capitão, e a nossa gente. Todavia  
 já com mais seguridade passada aquella noi-  
 te, ao seguinte dia ElRey se foi pera suas  
 casas, onde João Rodrigues o foi ver, e  
 aconselhou ácerca dos temores que tinha;  
 e quanto ás cousas de Raez Xarafo, que  
 elle estava a bom recado, té vir o Gover-  
 nador D. Duarte, a quem o entregaria.  
 Passadas estas, e outras cousas entre am-  
 bos, dahi a cinco dias Raez Xamexir, au-  
 thór da morte de Raez Xabadim, foi visi-  
 tar o Capitão João Rodrigues. No qual  
 tempo não ficou Mouro que não olhasse pe-  
 ra as ameas da nossa fortaleza, quando o

haviam de ver enforcado em huma dellas; mas como elle levava as provisões, que lhe D. Luiz de Menezes dera, tornou para casa d'ElRey com huma cabaia de seda vestida, que lhe João Rodrigues deo, e hum carapução dos que elles usam em signal de honra, e meritos de serviço, de que todos ficáram espantados, não sabendo a causa, e corria a gente a elle a lhe dar a prolfazça, como se o víram escapar de algum grande perigo. Depois destas primeiras visitações começaram de se mover queixumes de todos os principaes Mouros contra Racz Xaraso, dizendo ao Capitão que o mandasse prender em ferros, e que assi lho requeriam da parte d'ElRey de Portugal, porque os tinha todos roubados. Por quanto era hum homem mui manhoso, e que se poderia ir sem d'elle fazerem justiça, como esperavam de haver, tanto que viesse o Governador, a qual obra João Rodrigues importunado dos requerimentos mandou fazer. E tambem elle mandou requerer a ElRey que lians tres mil homens de armas frêcheiros que tinha dentro na Cidade, que os mandasse sahir della, porque havendo entre elles paz, não parecia bem gente de guerra na terra. Ao que elle respondeo, que se os tinha, era por defender aquelle Reyno, que era d'ElRey de Portugal, por-

que bem sabia elle que os Nautiques andavam roubando quantos navios vinham pera aquella Cidade ; e tambem que alguns lugares da costa da Arabia estavam levantados contra elle Rey , e em Julfar estavam todolos homens de armas de Racz Xaraso , e lá se acolhêram todos seus parentes com hum filho de Racz Xabadim. O qual com os homens de seu pai fizera hum corpo de gente , com que andava destruindo toda a terra , que pedia o mandasse prover com alguma embarcação pera nellá mandar aquella gente ante que mais damno se fizesse.

## C A P I T U L O IX.

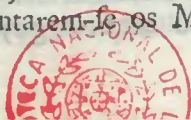
*Como o Governador D. Duarte de Menezes chegou a Ormuz , e tornou assentar as cousas daquelle Reyno , com accrescentar sobre os vinte e cinco mil xarafijs , que ElRey pagava , outros trinta e cinco mil : e como per conselho de Racz Xaraso mandou hum Embaixador a Xâ Ismael : e do que D. Luiz de Menezes fez na ida do mar Roxo , e das náos que partiram deste Reyno.*

**N** Este estado estavam as cousas de Ormuz quando o Governador D. Duarte chegou , o qual sendo informado de tudo , e passados os primeiros dias das visita-



ções antre elle , e ElRey , começou a entender nas culpas das partes , que foram authores do levantamento , e dos males que té alli foram feitos. No modo que D. Duarte teve em pacificar todas aquellas revoltas , e tornar aquella Cidade ao estado de ser povoada como dantes era , entendem diversos juizos , huns havendo por bem tudo o que fez , pois o fim do caso ficou em ElRey de Portugal ter mais pareas das que antes tinha naquelle Reyno , e os culpados ficáram com seu castigo per diverso modo , e mais tirou alguma semente de escandalo. Outros seguem o contrario , té tocarem na limpeza da pessoa d'elle D. Duarte , em verem que pedindo-lhe ElRey justiça de Ruez Xaraso , e muitas partes a que tinha offendido em casos de tyrannia per diverso modo , todalas trovoadas que nisso houve , foram , como são os libellos postos sobre algum malfeitor , que se livra com boas , ou más razões , cuja sentença neste caso foi esta. Ficar Ruez Xaraso no officio de Guazil como era , e que ElRey casasse com huma filha de Ruez Xaraso , pera lhe ter amor de filho , e elle de pai , por não haver mais odio entre ambos. E as culpas do levantamento se carregáram sobre ElRey Torunxá morto , e sobre seu sogro o Xec , e Mahamed Morado , e nos seus accitos ,

que eram já passados á terra da Persia. E as culpas de Xarafo dizem que as remio elle per dinheiro , e as que tinha aquelle Rey innocente de treze annos , foram pagas com pagar cada anno mais trinta e cinco mil xarafijs , que com os vinte e cinco que dantes pagava , eram sessenta mil. E que da fazenda que roubáram ás partes , se fizeram dous livros , hum tal como o outro , e feita diligencia pera verdadeiramente per escrito , testemunhas , e juramento se saber o que cada hum perdeo , assi os presentes , como ausentes em todo o tempo haverem o seu , e assi se fez , hum dos quaes livros fez Ruy Gonçalves d'Acosta , e outro Coge Abraem , que era Escrivão da Alfandega de Ormuz. E o galeão que houve Ruez Xamexir por matar Ruez Xabadim , foi-lhe pago em ser desterrado do Reyno de Ormuz , por tirar este inimigo mortal á Ruez Xarafo , porque tambem houve causas novas pera isso , e foram estas. Como elle vio o fim destes concertos , ou que fosse verdade entre favorecido polo que fizera , e temido de Xarafo , traziam muita gente comsigo , e hum dia se levantou hum arroido entre os Mouros , em que foram mortos alguns dos nossos , a qual morte foi attribuida a elle , e mais diziam que andava ordenando levantarem-se os Mouros contra



nós. E como este Mouro era affomado, e fallava muitas cousas hum pouco soltas, forain todas tão claros sinacs de quão perigoso sería na terra, que o lançáram fóra de Ormuz, com que os animos de todos ficáram mais quietos por então. Mas como Xaraso era homem que sempre urdia cousas a seus propositos, parece que no tempo do levantamento fez com ElRey de Ormuz, depois que esteve em Queixome, que pera se valer de nós, convocasse ajuda do Xá Ismael, offerecendo-se a cousas que elle mal poderia cumprir. Porque como D. Duarte acabou de assentar as cousas daquelle Reyno, e pareas que havia de pagar com tanto acrescémento, disse-lhe Racz Xaraso, que na terra firme da Persia era chegando hum Capitão do Xá Ismael, o qual não leixava vir as casilas a Ormuz, e pedia que lhe dessent as pareas, que lhe deviam de muitos annos. Que lhe parecia muito serviço d'ElRey de Portugal mandar hum Embaixador ao Xá Ismael, declarando-lhe o que era passado do levantamento daquelle Cidade, por ElRey Torunxá ser homem de máo governo, e mui sujeito a quatro, ou cinco homens que lhe fizeram mover não sómente o que fez, mas mandar pedir ajudas contra os Portuguezes. E delle ser homem que não merecia governar, os pro-

prios Mouros o matáram, por se não perder de todo a terra; e em seu lugar levantáram a Mahamud Xá, ao qual elle Dom Duarte por os poderes que tinha d'ElRey D. João de Portugal, como seu Governador confirmára em Rey per aprazimento de todos os principaes, com que a terra estava de todo assentada. E por quanto ao Bander de Angon, que he hum porto da terra firme da Persia, onde vem ter todas as casilas do interior dos seus Reynos, era vindo hum Capitão, que dizia ser seu, a impedir aquellas casilas em modo de representaria, té lhe pagarem certas pareas, lhe pedida passasse seu formão, e patente a ElRey de Ormuz, que ora reinava, e aos que diante fossem, que nenhum Capitão seu impedisse a vinda, e ida das casilas áquelle Reyno, pois era d'ElRey de Portugal, com quem tinha assentado amizade per meio de seu Embaixador em tempo de Affonso d'Alboquerque, que aquelle Reyno conquistou. D. Duarte ouvidas estas, e outras razões de Ruez Xaraso, e praticado tudo em conselho, assentou de mandar a este negocio Embaixador. E por espedir o Capitão que estava no Bander, Ruez Xaraso lhe mandou hum presente, e D. Duarte recado que leixasse o porto, e caminhos abertos pera virem as casilas, por quanto elle mandava



fobre o requerimento a que elle vinha hum  
 Embaixador a Xá Ismael, o qual Capitão  
 com este recado, e presente de Xaraso se  
 partio. E daqui, e de outros sinais, que se  
 víram neste negocio, houve depois suspeita  
 que tudo isto foram artificios de Xaraso,  
 pera se desculpar do pouco rendimento da  
 Alfandega, donde se haviam de tirar os ses-  
 senta mil xarasijs, que lhe D. Duarte puz-  
 era de tributo; e a pessoa que o Governador  
 mandou com este recado ao Xá Ismael, foi  
 hum cavalleiro da Casa d'ElRey chamado  
 Balthazar Pessoa, com dezoito homens de  
 cavallo, dos quaes João de Gouvea hia pe-  
 ra ficar em seu lugar, falecendo elle, e Vi-  
 cente Correa Escrivão da embaixada, e Fran-  
 cisco Calado Sacerdote por Capellão, e  
 Antonio de Noronha por lingua. E levou  
 tambem em sua companhia hum Mouro per  
 nome Abedalá, que era criado do Xá Is-  
 mael, que elle enviára a certos negocios á  
 India, e era aquelle a que D. Luiz de Me-  
 nezes nos concertos que teve com ElRey  
 de Ormuz, deo entender que por ser cria-  
 do do Xá Ismael, com quem tinhamos ami-  
 zade, e por sua pessoa, elle folgava de o  
 comprazer. Com o Embaixador foi tambem  
 hum presente d'ElRey de Ormuz, e algu-  
 mas peças do nosso uso, que respondiam  
 ao requerimento; porque ainda que em to-  
 da-



dalas partes se negocea por dar , hão por  
 estranho naquellas ir ante hum Principe com  
 as mãos vazias. Foi tambem com Baltha-  
 zar Pessoa Antonio Tenreiro , hum Caval-  
 leiro morador em a Cidade de Coimbra ,  
 da qual viagem elle fez hum itinerario ,  
 que em alguma cousa nos deo lume á nos-  
 sa Geografia , porque como sabia a lingua  
 Parsea , de curioso de ver terras se leixou  
 lá ficar , e foi dahi ao Cairo. E depois tor-  
 nado elle a Ormuz , como homem cursado  
 na terra , Christovão de Mendoga Capitão  
 desta Cidade Ormuz , per mandado de Lo-  
 po Vaz de Sampaio , que era Governador ,  
 o mandou a este Reyno com recado a El-  
 Rey de cousas de seu serviço. E però que  
 Balthazar Pessoa foi mui bem recebido do  
 Xá Ismael , elle se tornou sem trazer reca-  
 do do que hia requerer , porque da sua che-  
 gada a poucos dias faleceo o Xá Ismael , e  
 foi levantado por Rey da Persia Xá Ta-  
 más seu filho maior , moço de quinze an-  
 nos. O qual teve tanto que fazer com os  
 levantamentos , e defassocegos pola morte  
 de seu pai , que em outra cousa não enten-  
 dia. D. Duarte como tinha assentado com  
 seu irmão D. Luiz , que quando viesse do  
 estreito , passasse per Ormuz pera se irem am-  
 bos , tanto que chegou poz em obra par-  
 tir-se. Mas porque elle D. Luiz nesta ida-

do estreito passou algumas cousas, primeiro que vamos mais adiante convenim dar relação dellas. Elle D. Luiz quando partio pera este estreito do mar Roxo, levou nove vélas, de que eram Capitães elle, Francisco de Mendoga, Nuno Fernandes de Macedo, Ruy Vaz Pereira, Aires da Silva, Fernão Gomes de Lemos, Henrique de Macedo, e Lopo de Mesquita, e Cosmo Pinto em huma caravella. E chegado á Illha Cocotorá, aqui com tempo se perdeu Aires da Silva, dando á costa com tormenta; e feita sua aguada, atravessou daqui á costa de Arabia a dar huma vista aos lugares della, e o primeiro foi á Cidade Xacr situada em costa brava, e tinha no porto huma só não varada em terra. Ao qual vieram receber seis, ou sete Portuguezes, que alli estavam em hum navio fazendo seu commercio, e delles soube que áquelle portoviera hum Affonso da Veiga com outro navio a fazer mercadoria, como elle vinha; o qual havia quatro, ou cinco mezes que era falecido, e o Rey da Cidade lançára mão da sua fazenda, que valeria seis, ou sete mil pardãos, e não a queria entregar, requerendo-a elles pera a levar, e entregar ao Provedor dos defuntos. O seu Regedor, e principaes da Cidade como víram aquella Armada sobre o porto, por El Rey ser fó-

ra, mandáram logo visitar a D. Luiz com refresco da terra, o que elle não acceitou, e mandou dizer que não queria outro refresco, senão a fazenda de Affonso da Veiga, que alli falecêra, e ElRey tinha em seu poder. Ao que elles respondêram, que ElRey era dentro no sertão, que não sabiam parte disso, que viria elle, então saberiam responder ao que dizia. D. Luiz como era costumado a palavras de Arabios, e a suas dilacões polo que já tinha visto delles, mandou-lhes dizer que aquella Cidade tinha em si a fazenda daquelles Portuguezes, que se determinassem de lha mandar logo, senão que elles a iriam buscar. E com este recado mandou aos Portuguezes que estavam em terra, que se recolhessem ao seu navio; e não o podendo fazer a seu salvo, que de noite se fizessem fortes onde pousavam, porque elle esperava sahirem em terra em rompendo Alva; e que nas casas onde se recolhessem, puzessem hum signal de huma touca branca em hum páo a modo de bandeira. A qual sahida D. Luiz fez com quatrocentos homens, quasi todos molhados por a costa ser brava; e como sua sahida foi mais prestes do que os Mouros cuidavam, e sempre lhe pareceo que as palavras de D. Luiz eram ameaças, posto que elles acudíram á praia, não fizeram muita

resistencia, ante logo a desampararam, por se segurar dentro dos muros da Cidade. Mas como os nossos lhe levavam boa vontade, ás lançadas, cutiladas, e com espingardas os foram levando per essas ruas, e elles sem virarem rosto atrás, vasáram per as portas que tinham contra a terra firme de maneira, que maior trabalho tiveram os nossos em acarretar o movel que se achou na Cidade, de que estava bem chea, que de os lançar fóra. Mas deste trabalho houveram pouco fruto, por se erguer hum vento travessão, e embravecco o mar de maneira, que ao primeiro batel que se atreveo a salvar alguma cousa, soçobrou, e a gente se salvou com trabalho, e ainda por encher comeo muito do fato que os homens tinham posto á borda da agua, por o ter mais prestes pera a embarcação. D. Luiz desesperado de poder embarcar, e vendo que lhe convinha dormir em terra, do mesmo fato, e trouxas delle mandou fazer hum cerco, á maneira de recolhimento com alguns berços que se tiráram dos bateis, e toda a noite passou em vigia temendo algum rebate. E tanto que rompeo a manhã, que o vento deo lugar, a grande pressa se recolheo, recolhendo os homens mui pouca cousa do que tinham na praia. E foi grande dita este seu recolhimento, porque

a nova daquelle feito chegou ElRey, que estava perto, o qual a mata cavallo acudio com tanta gente, que cubria os campos, mas os nossos hiam á véla, e houveram vista delle, e elle da Armada. E daqui espedio D. Luiz a Cosmo Pinto Capitão da caravella pera Ormuz, por ser navio mui máo de véla, e no caminho achou tres Portuguezes, que estavam em Mete em poder do Xequé dalli, vindo perdidos da companhia de hum Antonio Faleiro alevantado, que andava per aquella costa roubando, e escandalizando os lugares della. Seguindo D. Luiz seu caminho, ante da noite chegou ao porto de hum lugar chamado Verruma, que era d'ElRey de Xaer, onde Francisco de Mendocça estava sobre huma náó, a que dera caça vindo com D. Luiz; e vendo-se mui acossada delle, varou em terra junto de outras tres, que já estavam descarregadas em Xaer, e por este ser melhor porto se vieram alli. E de noite a que varou em terra tirou seu fato de maneira, que quando veio pela manhã, não se houve della mais que hum pouco de cobre, que trazia por lastro, que D. Luiz mandou recolher, e a ellas queimar. Partido daqui foi ter a Adem, onde sómente esteve meio dia esbombardeando a Cidade sem mais outra cousa, por não levar força pera isso; e passando per



Mocá, que está á de dentro das portas do estreito, atravessou a outra costa da parte Africa. A qual costa os Mouros chamam da Abassia por ser dos povos Abassijs, estado do Preste, e com bom tempo chegou ao porto de Maçná, onde Diogo Lopes de Sequeira deixou D. Rodrigo. O qual por muitos inconvenientes, posto que D. Luiz lhe mandou dalli recado á Corte do Preste, não pode vir ao termo que lhe elle limitou, por causa da monção com que lhe convinha sahir daquelle estreito, e não aventurar tanta gente a morrer, como era morta a tres Capitães, que naquelle estreito entraram, como atrás escrevemos. Assi que por esta causa D. Luiz se partio pera a India, deixando recado a D. Rodrigo da causa de sua partida, e que pera o anno se fizesse prestes, pera no tempo da monção virem por elle. E no tempo que alli esteve, quatro Portuguezes por sua doudice, e traição de certos Turcos que alli estavam, foram mortos, o que D. Luiz dissimulou, por aquelle lugar Arquico, onde os mataram, ser do Preste, e mais soube que o caso não era de castigo por a culpa que os mortos nisso tiveram. E todavia o fez saber ao Capitão, que o Preste alli tinha, pera judicialmente segundo seu costume castigar o delicto, dizendo, que se o lugar não fora do

Preste, elle o leixára feito em cinza. Partido daqui D. Luiz, passou per a villa Dofar, que he na costa Arabia, além do Cabo Fartaqui; e por elle se despejar sem perigo algum, mandou saquear da pobreza, que os Mouros não puderam salvar. E seguindo a via de Ormuz, chegou a tempo, (como dissemos,) que D. Duarte seu irmão tinha assentado as cousas do Reyno, algumas não conforme ao que elle quizera, por onde se partio logo em Agosto desgostoso delle pera a India com fundamento de ir esperar as náos á ponta de Dio. Mas como o tempo era ainda verde, tornou a arribar, e depois foi com o mesmo D. Duarte pera a India, onde acháram de oito vélas que este anno deste Reyno partíram pera a India, duas sómente pera trazer carga de especiaria, Capitães Heitor da Silveira filho de Francisco da Silveira Coudel mór deste Reyno, e Antonio d'Abreu filho de João Fernandes do Arco da Ilha da Madeira, que partíram de Lisboa a tres de Maio. E D. Antonio d'Almeida filho do Conde de Abrantes D. Lopo d'Almeida, e Pero d'Afonseca filho de Gonçalo d'Afonseca, e Diogo da Silveira filho de Martim da Silveira, invernáram em Moçambique partindo primeiro, e Aires da Cunha; outra náos se perdeu a través de Moçambique, e salvou-se

a gente. Manuel de Macedo, que hia em hum galeão pera andar na India, passou, e assi passou a Ormuz em hum navio Simão Sodré, e foi lá tomar D. Duarte primeiro que partisse. Estas são as fortunas do mar, que huns se perdem, outros invernam partindo primeiro, e os derradeiros chegam ao lugar que vam, cousa mui regular neste caminho da India em as náos que partem em hum dia, quanto mais em diversos tempos. E já aconteceo estarem duas náos neste porto de Lisboa pera partir pera Flandres, e por huma dellas não poder sahir na maré da outra, nunca mais lhe fez tempo pera partir, e tornou de Flandres primeiro que ella partisse. Porque as cousas do mar são as mais incertas que os homens podem esperar nesta vida, por não estarem na sua mão; e de alguns confiarem nelle mais do que deviam, chegaram a estado de muita pobreza, porque ás vezes pescam com anzollo de ouro, que Salamão defende.

## CAPITULO X.

*Como as terras firmes de Goa, que Ruy de Mello tomou sendo Capitão de Goa, os Mouros as vieram conquistar em tempo de Francisco Pereira Pestana Capitão de Goa: e algumas pelejas que foram sobre ellas, e por derradeiro se leixáram ao Hidalção, cujas eram dantes, por causa da paz que tinham com elles.*

A Trás escrevemos que Ruy de Mello Capitão de Goa teve modo como tomou as terras firmes della em tempo que Diogo Lopes de Sequeira era no estreito do mar Roxo; agora escrevemos o contrario, como os Mouros as cobráram de nós sendo Capitão de Goa Francisco Pereira Pestana: tanto poder tem conjunção das coufas. Porque no tempo de Ruy de Mello andava o Hidalção occupado na guerra que tinha com ElRey de Narsinga, e neste que as tornou a tomar, estava ocioso, e porém em todos os tempos sempre as possuia com a lança na mão; porque o Gentio, cujas ellas foram, como viam tempo desciam da ferra arrecadar dos Gançares o rendimento dellas, e de todos eram cubiçadas, por renderem mais de cem mil pardãos. E a força que nella tinhamos em tempo que estavam

por nossas , era sómente com o favor da Cidade Goa , e tão pouca gente como abaixo veremos. E pera se esta posse melhor entender , posto que quando fallámos da fundação de Goa , alguma noticia démos disso , aqui convem tratar das tanadarias , pera se melhor entender o que dissemos. Todas aquellas terras firmes de Goa , fóra da Ilha em que ella está situada , pagavam ao senhor della certo rendimento , segundo se com elle concertáram per modo de contrato , e isto antigamente , ( como atrás escrevemos. ) E pera se saber o que cada hum devia pagar , partíram estas terras em Comarcas , em cada huma das quaes fizeram huma cabeça , onde o rendimento de toda a Comarca se recolhia , a qual cabeça chamavam Tanadaria , como em Hespanha chamamos Almojarifado , e sobre todas havia huma , onde as outras acudiam , ao qual direito , ou tributo elles chamavam cocivariado. E porque , ( como dissemos , ) o Hidalção por causa do Gentio , cujas ellas foram , sempre hum Capitão seu andava no campo com gente de cavallo , e de pé , este defendia não virem a ellas , e tratarem mal os Gançares , que haviam de pagar aquelle tributo. A este modo tambem nós , depois que as Ruy de Mello tomou , as sostinhamos. Das quaes havia hum Capitão ,



que andava no campo , a que por razão dellas chamavam Tanadar mór , que andava de humas em outras sabendo se havia alguns levantamentos , e favorecendo a terra , porque a gente não padecesse alguma força. Quem neste tempo servia este cargo era Fernão Rodrigues Barba , ao qual encarregou nisso Francisco Pereira Pestana Capitão de Goa por serem ambos parentes. E era Thesoureiro destas Tanadarias João Lobato , e Escrivão Alvaro Barradas , dous Cavalleiros da Casa d'ElRey. E na Tanadaria de Pondá , que tem hum fortaleza , estava por Tanadar Antonio Raposo , e na de Mardor , e em Cocora Ruy de Moraes , e na de Margam , que eram as principaes cabeças , as quaes Fernão Rodrigues Barba andava correndo ; e porém o mais do tempo estava em Pondá , e trazia consigo té vinte e cinco de cavallo , e de pé setenta , a fóra seiscentos peães da terra Canarijs , de que eram Capitães dous Gentios da terra , homens conhecidos por fies a nós , e Cavalleiros de sua pessoa , a hum chamavam Raulú Branco , e ao outro Malú Nayque. Estando as Tanadarias neste estado , e correndo o rendimento por nós do tempo de Ruy de Mello , entrou hum Capitão Gentio chamado Temerscá , que era d'ElRey de Bisnaga , com té cem homens de caval-

lo , e quatro mil de pé per aquella parte donde estava a fortaleza Pondá. Antonio Raposo , porque a este tempo Fernão Rodrigues Barba andava apartado delle , mandou-lhe logo recado da entrada daquelle Genticio , e não tardou que se veio ver com este Capitão. O qual Genticio tinha tomado hum Portuguez , a que chamavam Francisco Fernandes , que andava á caça de veados com huma espingarda ; e tendo-o atado ao pé de huma arvore pera o asfetear , deram-lhe nova que vinha a nossa gente , e foi tamanho o medo , que leixando de torvação a Francisco Fernandes , escapou , e depois por razão daquelle caso chamavam-lhe por appellido Temerseá , que era o nome do Capitão Genticio. O qual posto que sabia ter gente pera pelejar com outra tanta da nossa , e ainda com vantagem , todavia temeo Fernão Rodrigues , e recolheo-se a hum passo entre humas penedias , como quem se queria segurar. A este tempo era ido João Lobato , e Alvaro Barradas a Goa buscar dinheiro pera fazer pagamento á gente que se devia seu soldo : e quiz Deos que chegassem já per humas encubertas , por os não tomarem estes Genticios ante que dessem batalha. Com a chegada dos quaes não sómente com suas pessoas ajudaram muito , como cavalleiros que eram , mas ainda de-

ram animo por levar a paga que toda a gente estava esperando. Posto Fernão Rodrigues em prática com elles, assentou de dar no Capitão; e porém não com a gente de cavallo, que seriam té vinte, por o lugar onde estavam ser fragoso, senão lançou-lhe diante os dous Capitães Gentios. E como os rompeo esta gente de pé, porque elles mesmos se revolviam mal em sua defensão, por o lugar ser estreito, descêram abaixo onde pagáram a vinda, porque os tratáram de maneira os nossos, que se puzeram em fugida, e porém á custa do seu sangue, ficando Fernão Rodrigues com o seu cavallo decepado a pé, mas em pagamento delle houve o do Capitão Temericá. Finalmente os nossos ficáram senhores do campo, e Fernão Rodrigues com esta victoria se veio a Goa, trazendo perto de duzentas almas cativas. E a causa de sua vinda foi, porque chegou a este tempo Fernão Annes de Souto-maior, a que o Governador D. Duarte mandava por Tanador mór. E passados dez, ou doze dias, foi logo visitado per outro Capitão d'ElRey de Bifnaga chamado Caro Ponaique, sobrinho d'ElRey de Garfopa, com titulo que a herança daquellas terras lhe pertenciam, e trazia tres mil homens de pé, e duzentos de cavallo, em que entravam vinte acubertados.

O qual começou fazer algum damno nas terras, que ainda estavam por nós, que era Pondá, e as a ella vizinhas; ao que Francisco Pereira acudio, indo-se pôr no passo Agaciin, e dalli mandou Alvaro Barradas, e Duarte Diniz de Carvoeiros com té cincoenta homens de pé, e dous de cavallo, quasi por descubridores da terra, por não ter certa nova de quanta gente era; e sendo ella muita, saltou tamanho temor nella, parecendo-lhe que os nossos os hiam já ferindo, que sem os ver, os nossos se toruaram pera Goa, como souberam que fugiam. Passada esta affronta, dahi a hum mez mandou o Hidalção hum Capitão com quatrocentos de cavallo, e cinco mil de pé, no qual tempo acertou Fernão Annes andar naquella parte do Sul onde chamam Salsete, cujas Tanadarias são mais vizinhas ao mar, e este Capitão entrára pela parte de Pondá. E como soube que Fernão Annes andava naquellas partes, confiado na muita gente que trazia seus passos vagarosos foi atravessando as terras de Antrux, e recolhendo dos Gançares quasi per força o rendimento do primeiro pagamento daquelle anno. E achando em huma daquellas Tanadarias Antonio Pinto, hum dos Tanadares pequenos, o matou, e a cinco Portuguezes que com elle estavam. E dahi se foi contra Cocorá,

de que era Tanadar Ruy de Moraes , ao qual matáram cinco , ou seis peães da terra ; e vindo-se elle recolhendo pera Mardor , onde estava Fernão Annes de Souto-maior , acertáram de estar Duarte Diniz , e Pero Gomes dous Cavalleiros , e a Aldea Vernam , que ajudáram a salvar té chegarem todos em salvo onde estava Souto-maior. O qual pola nova que lhe estes deram da muita gente que vinha , por não ter comsigo mais que vinte e cinco de cavallo , e té setecentos peães do Genticio , em que entravam dos nossos cincoenta ; quiz ante usar aqui de officio de Capitão , que de cavalleiro que elle era. Porque o Genticio se poz logo dalli em salvo , com que lhe conveio soffrer o cerco , que lhe este Capitão poz , onde já Fernão Annes pela gente da terra tinha sabido do que este Mouro leixava feito. E como era Cavalleiro costumado aos repiques dos Mouros de Africa , sahio esperar a estes com té trinta de cavallo , e quando se achou com tão pouca gente , e que os de pé principalmente os Canarijs eram acolhidos , temendo a multidão dos inimigos , deo vista de si , e em voltas foi pelejando com elles té se recolher no Templo de Mardor , o qual he feito a modo de huma fortaleza , e alli o tiveram os Mouros cercado dous dias té que Francisco Rei-



reira Capitão da Cidade, sabida esta nova, a grão preſta mandou Antonio Correa com fuſtas per o rio de Goa a velha com ſocorro. Com o qual foi Malú hum Gentio, que era Mocadam dos Marinheiros das fuſtas de Antonio Correa, o qual ſahio tambem em terra com elle. E como homem de guerra, levou huma bandeira de Chriſto das fuſtas, e tres, ou quatro camaras de berço carregadas de polvora; e tanto que ſahio do rio, indo diante de Antonio Correa, por ſaber bem a terra, chegando a huma ſomada donde pode ſer viſto dos inimigos, levantou ſua bandeira, e tirou com as camaras. Os que tinham cercado Souto-maior, tanto que lhes foi dado eſta moſtra, entendêram que era ſocorro, e recendo que levavam artilheria, que elles muito remem, leixáram Mardor, e foram ſe mais abaixo, como gente vitorioſa, e que tinha o campo por ſeu. Fernão Annes por ſe elles não irem gloriando que o tiveram cercado, levando a gente que Antonio Correa trazia, ſeguindo ſua trilha guiado por a gente da terra, que o encaminhava, foi-os achar junto de hum rio contra o mar, a que os noſſos chamam do Sul, que he hum eſtreito que vai do mar, e entra pela terra; os quaes como gente deſcaneada jaziam em folga eſtendidos pela herva verde, com que

tomavam tanto campo, que quando de huma assomada os nossos os víram fazer, houveram ser dobrada gente da que partira de Mardor; em tanto que os mais dos nossos eram em parecer, que não convinha pelear com elles. Mas acudio-lhes Deos, que veio João Lobato com té sessenta besteiros, e espingardeiros, e cinco de cavallo, com a chegada do qual ficáram todos tão contentes, e alli os esforçou Fernão Annes, que determináram de dar nelles, como de feito deram. A qual ousadia, e animo Deos ajudou, porque segundo os Mouros eram muitos, e os nossos sómente trinta de cavallo, se elle não entreviera com a sua ajuda, todos alli perecêram. Porque no primeiro rompimento da batalha, os Canarijs, e toda aquella gente civil da India, como não tem por injúria fugir, se puzeram em salvo, tornando porém depois ao despojo, por este ser seu costume. Finalmente nesta batalha logo no primeiro rompimento morreráram dos nossos cinco de cavallo, de que os principaes foi Paio Correa Alcaide mór de Pondá, e Ruy de Moraes foi morrer a Goa, e outros tres. E feridos foram, o Capitão Fernão Annes de Souto-maior, Duarte Diniz; e da gente de pé foram quatro mortos, e muitos feridos; e dos Mouros logo ficáram mais de vinte, a fóra outros

que foram morrer entre os seus. E quem naquella peleja se mostrou tomar grande parte do vencimento sobre si, foi João Lobato, no que fez de sua pessoa, mas todos ficáram taes, que foi necessario virem-se curar a Goa. E assi pouco, e pouco se foi dissimulando com estas terras firmes, que por não quebrar as pazes que tinham com o Hidalção, como elle entendeu nisso, as leixáram.

## C A P I T U L O X I.

*Das cousas, que em diversos tempos os nossos pudéram saber por mandado d'El-Rey, do Corpo do Bemaventurado S. Thomé, que prégou, e converteo a gente do Malabar, e terra de Choromandel, onde estava sua sepultura.*

**H**Uma das cousas que ElRey D. Manuel muito encommendava aos Governadores da India, era, que mui particularmente soubessem o que tinha aquella Christandade do Oriente da vida do Apostolo S. Thomé, e se era verdade que o seu corpo jazia naquellas partes; e outro tanto mandou ElRey D. João seu filho depois que reinou. E porque atrás promettemos de dar razão das cousas que esta Christandade tinha deste Apostolo Santo, **Padroeiro nosso na-**

quellas partes da India, como Sant-Iago he da Christandade de Hespanha, aqui o queremos fazer, por D. Duarte de Menezes fer o primeiro que nisso fez a diligencia que veremos. Posto que Nuno da Cunha o anno de quinhentos e trinta e tres, sendo Governador da India, por cumprir o mandado d'ElRey, mandou tirar huma inquirição em Paleacate per Miguel Ferreira, que lá estava por Capitão. A qual elle tirou per huns apontamentos que lhe ElRey de cá mandou, em que hia escrita a vida de S. Thomé, segundo a tem a Igreja Romana, pera ver se a Christandade daquellas partes tinha alguma conveniencia com ella. E primeiro que venhamos ao que esta gente disto tem, diremos o que os nossos, ante de D. Duarte mandar a isso, tinham per si sabido, e o mais que per elle, e Nuno da Cunha se soube, e de si diremos o que os desta Christandade contam de algumas cousas do Apostolo. A primeira noticia que os nossos tiveram de sua sepultura, foi o anno de quinhentos e dezesete per Diogo Fernandes, e Bastião Fernandes, com outros Portuguezes que vinham de Malaca, e com elles hum Armenio per nome Coje Escander, e outros seus companheiros tambem Armenios. O qual Armenio como já estava na Cidade de Pa-

leacate, que he na Provincia Choromandel do Reyno Bisnagá na volta do Cabo Comorij, indo pera Bengala, e tinha noticia do lugar onde diziam estar o Corpo de São Thomé, chegando ao porto Paleacate com tempo contrario a sua viagem, e sahidos em terra, disse este Armenio aos nossos, se queriam ir ao lugar, onde diziam jazer o corpo de S. Thomé, que os levaria lá, com que elles muito folgáram. Chegados ao lugar onde os levou o Armenio, acháram hum grande sitio, que occupava muito espaço de terra, tudo edificios, a maior parte delles arruinados, e entre elles alguns pyrámes, torres, columnas, e outras peças tambem lavradas de folhagem, figuras humanas, alimarias, e aves, tudo tão subtil, e perfeito, que de prata não se podia fazer melhor obra, sendo a maior parte de pedra negra, e mui rija pera lavrar, e outra branca, parda, e de outras cores, em que mostrava a sumptuosidade da povoação que alli fora. Em meio das quaes antigualhas estava hum templo tambem mui mal tratado, sómente tinha humia pequena capella em pé, que era de aboboda de pedra, e cal, e tijolo, o qual tinha a feição das nossas na situação, com esta capella pera o Oriente, e sobre ella hum coruchoo. E assi per elle, como per muitas partes **N**er dentro, e per.



fóra do templo, tudo eram cruzes, da feição que são as dos Commendadores da Ordem de Avis em Portugal. E alli acháram hum Mouro homem de sessenta annos, que havia poucos dias que cegára, e (segundo contou) viera alli encomendar-se ao Apostolo, e cobrára a vista que tinha perdida; e que seu pai, e seu avô, sendo Gentios, tinham cuidado de alumiar aquella casa, e elle havia dez annos que se fizera Mouro, dando a entender que vinha da linhagem dos Christãos, que em outro tempo alli houvera. E perguntando-lhe os nossos que noticia tinha do Santo, e daquella casa, disse, que a casa diziam ser feita per aquelle Santo homem, que alli prégará a Fé dos Christãos, e sua sepultura era fama estar alli naquella que sempre estivera em pé por reverencia sua. E o mais do corpo da Igreja fora destruido, e tambem diziam estarem alli sepultados dous discipulos do Santo, e o Rey que elle convertêra á Fé de Christo, e disto não sabia mais. Partidos estes nossos pera a India, passados dous annos, vieram alli ter Antonio Lobo Falcão, João Falcão, e João Moreno, que tambem andáram vendendo aquella Igreja, e fouberam, que havia pouco tempo que fora alli enterrado hum homem Fidalgo de nação Ungaro chamado Jorge, que partíra de sua terra com de-

sejo de vir a esta casa do Apostolo. E no anno de quinhentos e vinte e dous Dom Duarte de Menezes per estas noticias precedentes, e pelo mandado d'ElRey, que lho encomendava, mandou Manuel de Frias por Capitão daquella costa de Choromandel, e com elle hum Clerigo per nome Alvaro Penteado pera concertarem esta casa, e a ordenar pera nella celebrar o Culto Divino. E como o demonio nas cousas do louvor de Deos sempre dá desvios pera se não pôrem em obra, sobre o fazer della se vieram a desconcertar, que Alvaro Penteado se veio pera este Reyno, e todavia daquella vez Manuel de Frias leixou na casa hum Pero Fernandes Clerigo homem de idade, e boa vida pera Capellão da casa, té que D. Duarte proveesse. O qual no anno seguinte tornou a mandar o mesmo Manuel de Frias, e com elle hum Sacerdote chamado Antonio Gil pera provedor da obra, e Vicente Fernandes pedreiro, e dinheiro necessario pera reformar o que estava cahido da Capella. E de si fariam o mais como fosse favorecida da gente da terra, porque segundo o Gentio he cioso, vendo começar maior obra, parecer-lhe-hia que faziam alguma fortaleza. E começando a cavar em hum cunhal da Capella, onde o corucho se affirmava pera fazer hum alicer-

ce, e reformar huma parede delle, por estar mui perigosa pera cahir, aos cinco palmos foram dar com huma sepultura, e na pedra que era cuberta della, na face de baixo, acháram humas letras na lingua Badegá, que he a da terra. As quaes diziam, que no tempo que o Apostolo fundára aquella Igreja, o Rey da Cidade Meliapor lhe dera os direitos das mercadorias que a ella viessem por mar, que era de dez hum, encommendo a seus successores que lhos não tirassem. E indo mais abaixo, deram com a ossada de hum homem, e per a fama que havia na gente da terra, aquelle era o corpo do Rey, que o Apostolo converteo á Fé de Christo. Manuel de Frias, porque lhe convinha tornar-se ao porto de Paleacate, que era dalli sete leguas, foi-se, e ficou o Padre Antonio Gil com o outro Pero Fernandes, que era Capellão, fazendo a obra. E porque convinha ir mais adiante com o alicerce, foram dar com outra Capellinha, onde era fama entre a gente da terra que estava o Corpo do Apostolo, pera abrir a qual cova, por não ser per mão de Gentios, que traziam a cavar, chamou Antonio Gil a Diogo Fernandes, que foi o primeiro que alli veio, e assi hum Braz Dias, os quaes se fizeram alli moradores.

Mas elles não quizeram poer mão na obra,

dizendo, que não se achavam dignos té se confessarem, e tomarem a Communhão, como fizeram. E depois com muita devoção foram cavando em huma cova de quatro paredes de tijolo, e cal mui bem guarnecidas, que teria de altura té quinze palmos, e hia té baixo em lastros de tres em tres palmos huma de terra solta, e outra de tijolo, e o derradeiro foi de argamassa, que á força de picão não podiam romper. De baixo da qual deram em duas pedras grandes, que estavam sobre outras á maneira de tumba, tudo cheio de arêa, e cal, e ossada de corpo de homem, e o ferro de huma lança, e hum pequeno de páo mettido no alvado d'elle, e mais hum pedaço de páo com hum conto de ferro, que parecia servir de bordão. E aos pés deste corpo estava hum vaso de barro, que levaria hum alqueire, todo cheio de terra sem mais outra cousa. E per opinião commum da gente, e ferro da lança, pareceo ser aquelle Corpo do Apostolo; porque além desta ossada ser alva, o que não era a do Rey, e outra que depois acháram de hum discipulo feu, que tinham côr de terra, pelo que a gente contava de como elle fora morto com huma lança, crêram ser aquelle o Corpo de S. Thomé. Antonio Gil achado o que tanto desejava, mandou logo chamar Manuel

de Frias , notificando-lhe que não haviam de bolir mais com aquella offada té elle não vir , pedindo-lhe que trouxesse algum cofre onde a recolhesse , o que elle fez com muita diligencia , trazendo dous cofres , hum da China guarnecido de prata , em que foi mettida a offada do Apostolo , e no outro as duas do seu discipulo , e a do Rey. E feita huma solemne Procissão de todos os nossos , que alli vieram com Manuel de Frias , foram postos no Altar té se ordenar algum lugar onde os encerrassem , e a chave dos cofres levou Manuel de Frias , que se partio pera a India com esta nova a Dom Duarte , a quem as entregou. Passados dous annos , foi deste Reyno o Padre Alvaro Penteado com provisão pera ter cargo daquella casa , o qual metteo esta offada em hum caixão de páo , e depois encerrou dentro no Altar em parte que ninguem sabia parte delles , senão elle , e hum Rodrigo Alvares , que depois em tempo de Nuno da Cunha , quando mandou tirar inquirição per Miguel Ferreira , (como dissemos ,) deo testemunho do que disto sabia , sendo já cá no Reyno Alvaro Penteado. No qual tempo alli estava hum Francez , e alguns Christãos da terra , e per elles , e per Gentios , e Mouros antigos vieram a testemunhar o que tinham ouvido a homens mui antigos



das cousas de S. Thomé, dizendo, que haveria mais de mil e quinhentos annos que alli viera ter aquelle Santo, estando aquella Cidade arruinada em pé em tanta prosperidade, que por sua formosura lhe chamavam Meliapor, que he nome que tem os pavões, por ser a mais formosa das aves. Porque além da sua Comarca ser mui fertil, e abastada de todas as cousas, por razão do commercio concorriam alli todas nações alli do Oriente, como do Ponente, cada huma das quaes nações por ser mui frequentada delles tinham muitos templos de sua adoração. E dizem haver nella tres mil e trezentos Templos, de que ainda se mostravam suas ruinas lavradas, como se viam, de obra tão subtil, que de prata se não podia mais fazer. A qual Cidade naquelle tempo estava do mar seis grãos medida de caminho naquellas partes, que farão doze leguas das nossas, e o mar per tanto tempo comeo té estar daquella casa hum tiro de pedra. E que este Santo disse, que quando o mar chegasse a sua casa, gentes da parte do Ponente, que professaria a Fé do Deos que elle prégava, viriam alli honrar o mesmo Deos em seus Sacrificios. O qual Santo convertêra o Rey daquella Cidade a honrar este seu Deos, e se fizera Christão com toda sua familia, e isto

fora por duas grandes coufas , que fez de muita admiração. A primeira foi , que acertou de vir á costa do mar hum grandissimo páo ; e desejando ElRey de o tirar em terra pera delle fazer huma pouca de obra em huns seus paços , ajuntou muita gente , té vir grande número de Elefantes , e nunca o pode mover do lugar onde estava. E vendo o Santo o que era passado , pediu ao Rey que lho desse , e permittisse que no lugar onde o elle levasse , fizesse com elle hum Templo pera o Deos que elle prégarva , o que lhe ElRey concedeo em modo de zombaria , por haver isto por impossivel ; mas o Santo desatado hum cordão , com que se cingia , o atou em hum esgalho do páo , e fazendo o signal da Cruz , o levou a rojões té aquelle lugar , onde fez a casa. E a segunda cousa , que confirmou de todo sua Santidade , foi , que hum Brammane , que era Sacerdote maior d'ElRey , de inveja das obras que o Santo fazia , matou hum proprio filho seu , e foi fazer queixume a ElRey , que Thomé lho matára , por lhe querer grande mal , e per este modo lhe ordenaria que o mataassem. Chamado o Santo diante d'ElRey , e indignando-se contra elle , como se fora culpado nisso , veio o caso a tanto , que disse o Apostolo , que trouxessem o moço morto , e que elle diria

quem o matára, e assi se fez. O qual perguntado, que da parte de Deos, que elle prérgava, dissesse quem o matára, respondeo, que seu pai com odio que tinha a elle Apostolo de Christo Deos verdadeiro. A qual cousa fez tão grande admiracão, que El-Rey se converteo, e com elle se baptizou muita gente; e o Brammane que isto fez, foi per El-Rey dalli degredado. Nesta inquiriçãõ, que Nuno da Cunha mandou tirar particularmente, tambem testemunhou hum Bispo Armenio, o qual jurou per suas Ordens, que havia vinte annos que era vindo áquella terra, e que andava visitando per dentro da terra firme alguma gente da Christã do Apostolo, a qual habitava nas terras abaixo de Coulam. E o que sabia do Santo Apostolo, segundo o tinham per escriptura, era, que quando os Apostolos se partíram pelo Mundo a prérgar o Evangelho, juntamente partíram tres, S. Thomé, S. Bartholomeu, e S. Judas Thaddeo, os quaes vieram ter a Babylonia, e alli se apartáram: S. Judas pera huma terra contra o Norte, que se chamava Cabeçada despone, onde converteo muita gente, e fez Igrejas, que tudo era em poder de Mouros; e São Bartholonieu fora contra a Persia, onde tambem fizera outro tanto, e jazia sepultado em hum lugar chamado Taron, em hum

Mosteiro de Frades Armenios , que he a través da Cidade Tabris; e que o Apostolo S. Thomé embarcára na Cidade Barçora situada junto do rio Eufrates , e navegára pelo mar Parseo , fora á Ilha Çocotorá , onde prégára o Evangelho ; e feitos muitos Christãos , dahi foi á India áquella Cidade Meliapor , que naquelle tempo era das mais notaveis da India. E feita alli muita Christandade , embarcára pera a China em navios de Chijs , e foi a huma Cidade per nome Cambalia , onde convertêra muita gente , e fez templos pera honrar a Christo , e se tornou a esta mesma Cidade Meliapor , onde fizera aquelles dous celebrados milagres , que a gente da terra muito celebrava do páo , e vida que dera ao filho do Brammane , e per derradeiro padeceo martyrio per esta maneira. Estando hum dia prégando ao povo junto de hum tanque , que ainda alli estava , era tão avorrecido dos Brammanes da terra pelo credito que perdiam em seus errores , que ordenáram hum arrojado per alguns de sua opinião , na revolta do qual o Santo foi apedrejado. E jazendo no chão quasi morto de pedradas , per derradeiro veio hum daquelles Brammanes , e com huma lança o atravessou , com que o Apostolo ficou morto de todo , e foi logo enterrado per seus discipulos naquella casa.

Posto que toda a Christandade da India tinha que o Apostolo morreo aqui, e que elle fez esta casa, ao tempo que nós entrámos na India, mais gente desta Christã vivia no Malabar na terra de Cranganor, e onde chamam Diamper vizinhas a Cochij, que em Paleacate, aiinda que lá estava o Corpo de S. Thomé. E a causa era por serem os Christãos de lá lançados per guerra ao tempo que a Cidade Meliapor se destruiu; e nestas terras de Cranganor, e Diamper eram mais favorecidos por os muitos Christãos que nellas havia, ante de serem de lá degredados, donde, quasi como dito commum, chamam a este Senhor de Diamper Rey dos Christãos, e a ElRey de Cochij dos Judeos, e ao de Calecut dos Mouros, por a muita gente destas tres nações, que ha em cada hum destes Reynos. E a causa de haver muita Christandade em Cranganor, e Diamper, e per todas aquellas terras do Malabar vizinhas a Coulam, he por nellas haver Igrejas feitas no tempo do Apostolo per esta maneira. A este Reyno veio hum destes Christãos aprender Latim, ao qual ElRey D. João mandou ensinar as Letras Sagradas pera poder doutrinar a gente per meio da lingua Malabar que tinha. E praticando muitas vezes com elle pera nos informar das cousas do Santo Apostolo pera este



fim de escrever, elle nos disse, que em Cranganor, que será de Cochij espaço de cinco leguas, estava huma casa feita, e outra em Coulam, onde está a nossa Feitoria, feitas per dous discipulos do Apostolo, as quaes entre elles eram tidas em mais veneração, que as outras que estam per dentro do sertão, as quaes fizeram os Christãos da propria terra, depois que multiplicáram em grande número. Os quaes discipulos o Apostolo leixou alli pera este effeito, indo de passagem pera Choromandel, e ambos jazem nellas enterrados, o de Cranganor debaixo de huma torre, que os nossos fizeram na fortaleza que ora alli está. E porque o Patriarca de Armenia de tempo antigo sempre mandava visitar esta Christandade do Malabar, por o número grande que aqui havia della, tinha mais noticia das cousas de Christo, que os outros. E porém havia tanta avaricia nestes Bispos Armenios, que vinham a esta visitaçãõ mais por cubiça, que por servir a Deos: cá té por fazer a gente Christã levavam dinheiro. E por a gente ser pobre, poucos tinham agua de Baptismo, e não queriam ordenar algum pera Sacerdote sem grande cópia delle, e ainda mui poucos habilitavam pera rezar as Horas na Igreja, o qual rezar era na lingua Chaldea. E ante que nós entrássemos na India pou-

cos annos , o Patriarca Armenio mandára quatro Bispos pera se repartirem pela terra por a Christandade ser muita , de que logo em chegando falecêram dous , os quaes repartíram a terra em duas Comarcas , ao mais moço coube de Coulam pera baixo residia em Cranganor. E este por ser homem virtuoso tirou aquella tyrannia fazer Christãos por dinheiro. E Nuno da Cunha sendo Governador o favoreceo sempre por a virtude que achava nelle , porque tambem era elle mui inclinado ácerca da ordem do sacerdocio , e ceremonias da Igreja do nosso costume Romano. Contou-nos mais este Christão , que na casa de Coulam , que fora feita per outro discipulo do Apostolo S. Thomé , estava huma sepultura da Sibylla que chamavam Indica , e que esta Igreja fora hum seu oratorio. E que por amoestação sua denunciando o Nascimento de Christo Jesus , hum Rey da Ilha Ceilam , chamado Pirimal , fora em huma não á costa de Mafcate a se ajuntar com dous Reys , que foram adorar o Senhor a Bethleem , e elle fora o terceiro ; o qual a rogo della Sibylla lhe trouxera a Imagem de N. Senhora pintada em hum retavolo , que estava mettido em sua propria sepultura. Da viagem dos quaes Reys , e onde habitavam os dous ,

em cuja companhia elle foi, escrevemos) em nossa Geografia, quando tratamos das Cidades Nazua, e Balla, que estam detrás das costas da ferrania, que correm per a costa de Mascate, á qual Provincia os Mouros chamam Yman. Isto baste quanto á noticia das cousas do Bemaventurado Apostolo São Thomé Patrão nosso nas partes da Índia; mas quanto á Christandade da terra, he gente a maior onzencira, e de mais falsidades em pezos, e medidas, e em todo engano de comprar, e vender de todo o Malabar, e nisso não dam a vantagem aos Indios d'elle. Parece que o demonio na terra mais fraca de seu patrimonio, nestas trabalha por estercar com suas maldades, e malicias, pera que quando produzirem fruto, lhe respondam a mil por hum. Depois pelo tempo todas estas casas de S. Thomé, principalmente no que Nuno da Cunha governou, foram crescendo em mais policia Christã, e (como já dissemos em outra parte,) os moradores Portuguezes, que foram viver a Paleacate, por memoria deste Bemaventurado Apostolo fizeram huma grande povoação com casas de pedra, e cal, ao modo da Hespanha, a que chamáram São Thomé, com que fica huma nobre Cidade, Colonia, e habitação de muitos Portuguezes. Quizemos escrever todas estas cou-

fas, posto que muitas se fizeram depois do tempo do Governador D. Duarte de Menezes, porque como elle foi o primeiro author que abriu os fundamentos deste santo Templo do Apostolo, foi cousa justa no seu tempo recontarmos o que d'elle, e de suas obras temos sabido, segundo anda na memoria daquella barbara gente.

# DECADA TERCEIRA.

## LIVRO VIII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se fizeram em quanto governou  
D. Duarte de Menezes.

---

---

### CAPITULO I.

*Em que se descreve parte da Ilha Camatra, e os Reynos que tinha por vizinhos nossa fortaleza Pacem, onde D. André Henriques estava por Capitão: e as differenças que entre os Reys barbaros delles houve, donde procedeo leixar D. André a fortaleza.*

**O** Descobrimento, conquista, e commercio deste Oriente, de que escrevemos, a que chamamos Asia, assi estão estas tres cousas travadas entre si, e nos havemos na obra, e uso dellas, que quasi as fizemos correlativas, e respondentes humas das outras de maneira, que per este modo ha sessenta annos que as confer-



vamos, sendo tão remotas em lugar, como são as fortalezas que naquelle Oriente temos. Porque começando da fortaleza de Sofala, que he a primeira quanto a nós, e mais occidental, e acabando na de Maluco, que está ao Oriente, (de doze que temos naquellas partes ao tempo que compunha esta escriptura,) haverá nesta distancia, segundo a navegação dos mareantes, pouco mais, ou menos mil e quatrocentas leguas, a fóra outras fortalezas que entre estes dous extremos leixamos, como a historia o relata, por casos, e cousas, como veremos nesta de Pacem, de que queremos escrever. E porque tamanha distancia de mares que navegamos, e fortalezas que fomos, e fustemos, se em hum mesmo tempo que os casos nelles aquecidos quizessemos ajuntar em curso de historia, seria este curso de diversos remendos, (por se não enxergar este defeito,) faremos dous cursos de historia, porque assi será melhor retida da memoria dos lentes. Da fortaleza de Sofala té a enseada de Bengala será hum curso, enfiando todos os feitos desta distancia nelle; e da Ilha Çamatra té fortaleza de Maluco faremos em outro, ajuntando este oriental ao da India, por causa do Governador daquellas partes sempre nella assistir, donde todos os feitos dependem,

como de sua cabeça. E como a fortaleza de Pacem situada na Ilha Çamatra neste anno de quinhentos e vinte e dous estava em pé , e nesta repartição de curso de historia he o principio da parte Oriental , começamos este oçtavo Livro nella , escrevendo o que os nossos passáram depois de Jorge d'Alboquerque a leixar entregue a Antonio de Miranda d'Azevedo , ( como atrás escrevemos , ) e de si iremos adiante té o fim do outro extremo. Porém , porque esta fortaleza de Pacem foi a primeira que té hoje temos leixada contra nossa vontade , por os combates que os da terra nos deram , será necessario primeiro mais particularmente do que temos feito , tratar dos Reys , e Senhores , que tinha por vizinhos , e assi as differenças que entre elles houve , por cujo respeito a nós leixámos , e amizade que tínhamos com todos , se converteo em odio de hum só. O qual ao presente he feito Senhor de todos aquelles estados , e tão poderoso com nosso damno , que com nossas Armadas commette a nossa Cidade Malaca , como veremos em seu lugar : tanta mudança tem os estados , que de hum servo escravo se faz hum Rey poderoso , como se este fez á nossa custa. Na parte mais Occidental , e maritima da Ilha Çamatra estam estes Reynos , Daya , Achem , Lambrij , Biar , Piri-

Tom. III. P. 11.

Q N IMPRENSA NACIONAL

da, Lide, Prida, Pacem, Bata, e Darum, na costa das quaes poderá haver pouco mais, ou menos cem leguas. E per dentro do sertão vam vizinhar com o Gentio da terra, que não sómente he bruto, e salvage, mas cruel, e guerreiro; algum do qual affi como Alifares, e Bates comem carne humana, e estoutro povo que habita o maritimo segue a secta de Mahamed. Os principaes da qual gente maritima eram Parfecos, Arabios, e de Mouros do Reyno Guzarate, da India, e Bengala, que por causa do commercio vieram áquelles portos. E vista a disposição da terra, e sua grossura, e o Gentio sem lei, e inclinado a receber sua secta, com esta inclinação, e avaricia das cousas que lhe os Mouros davam, e casamentos com as da terra, que he hum vinculo com que elles atam o animo dos naturaes, honrando-lhes as filhas em seu modo de estado, convertêram muito Gentio, e mais fizeram-se senhores da terra, intitulado-se pelo tempo em diante deste nome Rey. Porém ao tempo que nós entrámos na India, sómente o de Pacem, e o de Pedir se intitulavam per este nome Soltão, que ácerca dos Arabios quer dizer Rey, os quaes quando Diogo Lopes de Sequeira descobrio Malaca, e depois quando Affonso d'Albuquerque a foi tomar, ambos acháram

ram nestes Reys o agazalhado, e offertas, que de suas pessoas, e estado fizeram, como atrás escrevemos. A mais commum opinião daquellas partes, segundo a relação geral que já fizemos daquella Ilha Çamatra, o Reyno Pedir foi o maior, e mais celebrado de todos em tanto, que alguns destes, que acima nomeámos, eram seus vassallos, e depois per varios casos, que o tempo traz, se fizeram livres delle. E quando nós tomámos a Cidade Malaca, ainda o senhor de Daya, e Achem eram escravos deste Rey de Pedir, e regiam por elle, sendo porém já casados com duas sobrinhas suas. E porque não seja estranho nas orelhas de alguém escravos virem a este estado, queremos dar razão do uso daquellas partes, posto que tenhamos grande exemplo nas Leis dos Romanos, que permittiam que hum homem livre, passando de idade de vinte annos, se podia vender, pera participar do preço per que se vendia. E não sómente os que se faziam servos per este modo, mas os ganhados per titulo de guerra, ou havidos per qualquer outra lei civil, muitas vezes eram adoptados per filhos, e livres per testamento, e per outro modo de liberdade, com que depois vieram a grandes dignidades. Assim naquellas partes da India geralmente pai, e mãe vendem os

filhos, e ás vezes he per tão pouco preço, como he huma tanga, que val da nossa moeda tres vintões, hum dos quaes comprados per este preço de nação Guzarate, eu já tive em minha casa vendido per sua mãe. Outros já em idade de homem, por participar do preço se vendem, muitos dos quaes em seu modo são dos nobres da terra; e são os senhores tão gloriosos de ter escravos nobres, que dam per elles muito preço. O qual preço he ás vezes tanto, que tem elle que gastar hum anno, tratando-se tão honradamente, que depois de gastado o preço, o mesmo senhor os trata da maneira que o elles faziam, e ainda os casam com parentas, e filhas suas quando elles tem qualidades pera isso, principalmente de fieldade, e cavalleria. As quaes qualidades achando ElRey de Pedir nestes dous seus escravos, que dissemos, casou com duas sobrinhas filhas de seu irmão, e a hum deo as terras de Daya, e a outro as de Achem. Porém tinha este modo com elles: quando havia necessidade de seu serviço, vinham a elle, e tornados a sua casa leixavam-lhes seus filhos de maneira, que vinham estes herdar o que seus pais tinham per proprios serviços de sua pessoa, assi na paz, como na guerra. E aconteceu que andando em casa d'ElRey dous filhos do Senhor de Achem,



o maior dos quaes havia nome Raja Abraemo, e o segundo Raja Lila, os quaes tinham bem merecido per serviço o que seu pai tinha; a requerimento d'elle, por ser já mui velho, ElRey houve por bem dar aquelle estado de Achem ao maior. Posto elle Raja Abraemo em posse d'elle, quiz executar o que trazia no peito havia tempo, que era vingar-se do Senhor de Daya, por razão de humas differenças sobre pontos de honra, que tiveram, andando ambos em casa d'ElRey de Pedir. E como ElRey favoreceo mais ao outro, que a elle Raja Abraemo, ficou-lhe daqui não sómente defejo de vingar-se d'elle, mas ainda odio contra ElRey, a qual vingança começou tomar, entrando-lhe pela terra, por serem vizinhos. E però ElRey mandou amoestar disso a elle Raja Abraem, e mandou algumas ajudas ao outro de Daya, teve elle pouca conta com tudo. A este escandalo que ElRey lhe teve, succedêram outros havidos por nossa causa, que elle mais sentio, donde Abraem descubertamente lhe levantou a obediencia. E ainda porque seu pai já mui velho o quiz reprender, trazendo-lhe á memoria ser escravo d'ElRey, do qual tinha recebido tanta honra como elle sabia, e a mais ser seu tio, contra o qual não devia de levantar olhos, elle Raja



Abraemo suas lancharas a ella, e a tomáram matando seis Portuguezes, que nella liam. Depois foi ter Jorge de Brito áquelle porto deste Senhor de Achem, onde o matáram pola maneira que atrás escrevemos. Com a qual vitoria elle Raja Abraemo ficou tão soberbo, e abastado de artilheria, e munições de guerra, que não sómente se defendia d'ElRey seu Senhor, mas ainda lhe fazia quanto damno podia. Finalmente tanto o favorecco a fortuna nesta empreza, que tomou de se querer fazer Rey de todos aquelles estados, que em menos de tres annos, per artes de guerra, e traições, que os proprios naturacs commettêram contra seus senhores, os houve a seu poder, té fazer fugir ElRey de Pedir seu Senhor pera a nossa fortaleza de Pacem, estando já nella D. André Henriques, de que se causou a perdição della, como veremos neste seguinte Capitulo.

## CAPITULO II.

*Como D. André Henriques, por ajudar a ElRey de Pedir nosso amigo, que se recolheo á nossa fortaleza, em que elle estava, mandou com elle seu irmão D. Mameuel Henriques, que morreo naquella ida per huma traição que os Mouros tinham ordenado, e o mesmo Rey escapou: e do que passou Domingos de Seixas com huns avantajados Portuguezes, onde foi prezo, e cativo.*

**D**Om André Henriques filho de D. Henrique Henriques senhor da villa das Alcaçovas, foi na Armada de D. Duarte de Menezes provido por ElRey D. Manuel desta fortaleza de Pacem, ao qual Dom André, tanto que D. Duarte chegou á India, enviou a tomar posse della. A qual Antonio de Miranda d'Azevedo lhe entregou a vinte e tres de Maio do anno de quinhentos e vinte e dous, e se foi pera Malaca, té vir o tempo da monção pera se vir á India. Tendo já neste tempo que a entregou recebido muitas oppressões deste Raja Abraemo, assi per terra, como com suas lancharas per mar, de que sempre os nossos houveram vitoria de maneira, que começando este Abraemo a guerra conosco

co por respeito do odio que lhe nós tinhamos por causa do damno que os nossos recebêram em seu porto, (como atrás escrevemos,) depois que os da nossa fortaleza feríram, e matáram muitos da sua gente, que queriam fazer entradas em nosso damno, converteo a guerra em causa de vingança. Posto que tudo isto elle soffrêra, senão fora ElRey de Pedir seu Senhor, o qual era tanto nosso amigo, que se poz em não querer casar com huma filha do Rey passado de Pacem, importando-lhe este casamento muito, senão com condição que havia de ser nosso amigo. E pera isso affi fer, mandou hum seu Embaixador a Malaca, estando nella por Capitão Jorge de Brito com outro Embaixador do mesmo Rey de Pacem, a fazer estes concertos de pazes, por estar este Rey então em odio connosco, como atrás escrevemos. E quando Abraemo vio que se acolhia elle a nós, e que havia muito tempo que era nosso amigo, e nos tinha obrigado com boas obras, pareceo-lhe que com nossa ajuda vindo outra Armada, como a de Jorge d'Alboquerque, o poderia restituir no seu Reyno, e elle Raja Abraemo corria risco de perder o estado, e vida, como tinha por exemplo no caso de Soltão Geinal Rey de Pacem, que Jorge d'Alboquerque matou.



Pera evitar este caso , como era homem manhoso , e de grandes artificios , e que as mais das vitorias que tinha havido foram per astucias de traições , e por corromper com dinheiro alli aos principaes Capitães de Daya , como d'ElRey de Pedir seu Senhor ; ordenou com estes mesmos Capitães , e principaes da Cidade Pedir , onde elle estava , que escrevessem a ElRey , que estava em a Cidade Pacem acolhido á nossa sombra. A fórma da qual carta foi desculparem-se de acolherem Raja Abraemo dentro na Cidade , dando algumas fracas razões , pedindo-lhe que com ajuda dos Portuguezes se viesse logo a Pedir , por quanto elles lhe entregariam a Cidade. Pera effeito do qual caso elles o tinham já lançado della , e nenhuma outra cousa esperavam senão sua ajuda , por tanto que se apressasse ante que recebessem mais damno , por quanto os tinha cercados. O qual lançamento elles ante desta carta , tres , ou quatro dias tinham feito , simulado este levantamento , havendo que tinham feito grande erro contra seu Rey , e soffriam hum seu escravo , que os tyrannizava. ElRey de Pedir ao tempo que se acolheo pera Pacem por se abrigar a nós , levou consigo o sobrinho Senhor de Daya , que tambem era per este tyranno despojado do seu

go té duzentos homens , que os quizeram  
 seguir. E vendo ElRey a carta dos seus,  
 e sabendo como Abraemo era lançado da  
 Cidade , fallou a D. André , pedindo-lhe  
 que por não perder tão boa conjunção , o  
 quizesse ajudar per mar com alguma gente ,  
 e elle iria com a sua , e outra que lhe tam-  
 bem dava de ajuda ElRey de Pacem. Dom  
 André movido dos rogos deste Rey , per  
 as cousas precedentes de nossa amizade , e  
 que nosso costume era favorecer , e ajudar  
 nossos amigos , e que aquella fortaleza de  
 Pacem por causa de ajudar hum moço or-  
 fão contra hum tyranno se fizera , pare-  
 ceo-lhe cousa justa , e conveniente dar-lhe  
 esta ajuda que pedia. Quanto mais que já  
 convinha tanto a nós , como a ElRey de  
 Pedir atalhar ao poder daquelle tyranno , o  
 qual com damno , e morte dos nossos se  
 tinha feito poderoso , e que aquella conjun-  
 ção era a melhor que podia ser pera total-  
 mente o destruir. Finalmente elle D. André  
 mandou per mar em ajuda d'ElRey de Pe-  
 dir seu irmão D. Manuel em huma fusta ,  
 e algumas lancharas da terra com té oi-  
 tenta Portuguezes , e duzentos Mouros en-  
 tre gente de armas , e remadores. E a or-  
 denança que ElRey deo foi , que D. Ma-  
 nuel fosse per mar de vagar tomando todo-  
 los portos por dalli té Pedir , que será obra

de dez leguas, e elle iria sempre ao longo da costa, donde dariam vista hum ao outro nos portos do mar. Seguindo ElRey esta ordem com té mil homens de pé, e quinze elefantes de peleja, porque lá não ha cavallos, acertou de vir hum tempo, que os tirou desta ordenança, com que a fusta foi ter a huma parte, e as lancharas de sua companhia foram ter ao porto de Pedir, havendo dous dias que era chegado. Porém depois que todos foram juntos, e ElRey recebido dos seus com grande festa, assentáram em conselho, que ao seguinte dia ante manhã, alli os seus, como os nossos que estavam no mar, sahisssem a dar no arraial de Abraemo. Parece que entre tantos máos houve algum bom, e fiel, que aquella ante manhã se foi a ElRey, e lhe disse: *Senhor, ponde-vos em salvo, porque nesta sabida vos hão de prender, e entregar a este vosso escravo: cá tem assentado de ofazer quem vos mandou chamar, e o caso passa desta maneira*, contando-lhe tudo miudamente. E que lhe fazia saber que logo a noite que chegou se o não tinham feito, fora porque queriam acolher em terra os Portuguezes, onde esperavam de os tomar todos á mão; e pera tomar suas embarcações, per o rio acima estavam escondidas muitas lancharas do **TRÉDOR** que **h** **v** **i** **a** **m**

viam de vir sobre ellas , tanto que lhe fosse dado signal. Quando se ElRey vio no perigo em que estava , o mais manhosa , e dissimuladamente que pode , em dous elefantes pera si , e seus sobrinhos se sahio da Cidade , e poz em salvo com té duzentos homens , que o seguiram. Os nossos pelo aviso que lhe ElRey mandou , querendo sahir do rio , a maré que era vazia , os decepou sem o poderem fazer ; e em quanto ella não veio , estiveram por barreira das fréchas , e zargunchos , e outras armas de arremesso , que os imigos de huma parte , e da outra margem do rio lhes tiravam , por ser mui estreito , e amparado de barreiras , que os defendia da artilheria das lancharas. E quando veio , por as suas serem mais leves , e bem rebocadas , descêram de cima , e alli se vingáram dos nossos , que ficou alli Dom Manuel morto com té trinta e cinco Portuguezes , porque os mais se salváram. Com a qual perda D. André se houve logo por perdido naquella fortaleza , assi por lhe ficarem té oitenta homens , e ella ser de madeira já podre das chuivas , e rescaldo do Sol , por ser vizinha á Equinocial com cinco grãos pouco mais , ou menos , em que está da parte do Norte. E o que elle mais sentia que tudo , era a necessidade dos mantimentos , que já ante deste desastre da

morte de seu irmão os da terra lhe começavam a negar, sem os da Cidade consentirem que a gente miuda da terra os trouxessem, sendo costumada tres vezes na semana vir com elles a huma feira que faziam, com que a fortaleza se provia do necessario. E temendo-se que esta necessidade delles os puzesse em maior affronta, que pelear com os inimigos, em huma náó que alli estava de Bengala, que veio carregar áquelle porto de Pacem, mandou hum Portuguez por nome Jeronymo de Sorande com cartas a Rafael Perestrelo, que estava em Chatigam principal porto de Bengala, pedindo-lhe hum junco carregado de mantimentos pola necessidade que tinha. Rafael Perestrelo como ainda alli estava do tempo que se espedio de Jorge d'Albuquerque, (de que atrás fizemos menção,) mandou a este negocio dos mantimentos Domingos de Seixas Escrivão da sua náó em hum navio de hum Gaspar Ferraz da Cidade do Porto de Portugal, o qual viera alli fazer sua fazenda, e havia de passar per o porto da Cidade Tenaçarij, que he na costa de Malaca, onde havia muitos mantimentos, e alli fretasse hum par de navios da terra, e os levasse carregados a Pacem. Posto elle Domingos de Seixas em Tenaçarij, e tendo comprados mantimentos, com que po-



dia carregar dous navios que tinha fretado, aconteceu que andava per aquella costa hum navio dos nossos ás prezas, (como elles dizem,) que he ferem cossairos alevantados da obediencia do Governador, a roubar os Mouros que navegavam. Os quaes alevantados seriam té cincoenta homens, de que era Capitão hum Diogo Gago, filho bastardo de Foão Gago, e de huma Mourisca; e dos outros eram Balthazar Veloso, João Barbudo, Simão de Brito filho bastardo de João Patalim, João Carregueiro, João Botelho, Antão da Fraga, e outros que se contentavam de andar neste fadairo, sendo os mais delles de bom sangue. Os quaes se armáram em Choromandel, e vinham já de Chatigam, onde estava Rafael Perestrello, que trabalhou por os recolher a si, e tirar daquelle máo officio. E ante que chegassem a Tenaçarij, sobre paixões que Balthazar Veloso houve com o Capitão Diogo Gago, jazendo elle dormindo no regaço de huma sua escrava, o matou ás punhaladas com favor de João Barbudo: feito este caso digno dos que andam naquelle officio, per concerto de paz, elegêram por Capitão Simão de Brito. A vinda dos quaes determinadamente áquelle porto de Tenaçarij, era terem sabido que estavam alli quatro náos de Mouros Guzarates do Reyno de

Cambaya , e vinham a fazer preza dellas ; mas ellas se acolhêram ante que elles effeituassem seu proposito. E commettêram outro peor feito , pois causou tanto mal a Domingos de Seixas , e dezefete Portuguezes que alli estavam com elle ; e o caso foi este. Hum Mouro per nome Rete Cam servio a ElRey de Bengala nove annos de Governador de duas Cidades , cada huma per si , Naomaluco , e Chatigam , no qual tempo roubou o que pode na terra , e a ElRey , e com sete náos carregadas de muita roupa , e grossa fazenda , partio de Chatigam pera Malaca , com fundamento de viver naquella Cidade amparado do nosso favor. O qual ante de chegar a Tenaçarij teve tão grande temporal , que quatro das náos tornáram arribar a Chatigam , donde partíram , e com as tres chegou a Tenaçarij , fazendo fundamento de negociar dalli as náos arribadas , e de si fazer sua ida a Malaca ; e porque temeo que em quanto alli estivesse , a gente da terra o podia roubar , pedio ao Governador de Tenaçarij lhe dêsse hum pedaço de cotovelo , que a terra fazia em a volta do rio , pera se fortaleeer alli. Dada a terra , e cortada de maneira , que ficava em Ilha lavada da agua , e feita huma fortaleza de madeira , em que se queria recolher com duzentos homens , ou

que foi per artificio do mesmo Governador da Cidade Tenagarij, que era d'ElRey de Sião, ou que o povo o moveo com voz, que este Rate Cam se queria alli fazer forte, como tyranno da terra com favor dos nossos, e de outra gente estrangeira, que alli estava fazendo commercio, saltáram com elle, e os roubáram huma ante manhã. E levando os ministros daquelle negocio huma champana grande carregada da melhor fazenda que elle tinha, a qual diziam ser do Governador da Cidade; Simão de Brito Capitão dos alevantados que dissemos, tomáram a champana, e acolhêram-se com ella, sem lhes lembrar que Domingos de Seixas com a outra nossa gente estava em terra. Sabida a qual tomadia, o Governador lançou mão de quantos mantimentos Domingos de Seixas tinha comprado, e mais da sua fazenda, e dos nossos que com elle estavam em terra, que (como dissemos) eram dezefete homens, que cativos per terra foram levados a ElRey de Sião. Com a qual obra D. André não foi provido de mantimentos, e os nossos levantados do roubo não houveram bom fim. Do qual Domingos de Seixas, que naquelle Reyno de Sião esteve cativo vinte e cinco annos, soube-mos a maior parte das cousas delle, e isto não tão cegamente, como hum cativo pô-



quelles , que nelle algum bem tem recebido. E verdadeiramente que maior deleitação temos na relação dos meritos dos homens , a que o Mundo defamparou em seu galardão , que naquelles que foram bem pagos delle. Porque como o Mundo não tem mais que temporalidades , quem fica bem herdado nellas , já em alguma maneira he satisfeito ; mas a quem elle as nega , parece que lhe devemos esta lembrança , pois não tem outro galardão.

### C A P I T U L O III.

*Como por algumas differenças que Dom André teve com Lopo d'Azevedo , que o Governador mandava pera Capitão daquela fortaleza de Pacem a requerimento delle D. André , Lopo d'Azevedo se foi pera Malaca : e do mais que passou té D. André entregar a fortaleza a seu cunhado Aires Coelho , e se ir pera a India.*

**T**Ornando a D. André , que estava bem necessitado de tudo o que havia mister pera sustentar aquella fortaleza , e principalmente faude , por a terra ser mui doentia aos nossos , duas cousas fez : a primeira enviar á India recado per hum navio ao Governador D. Duarte de Menezes , fazendo-lhe saber o estado em que ficava a fortaleza.



za, e elle tão doente que se não achava em disposição pera a poder defender, pedindo-lhe, que o mais em breve que pudesse fer, mandasse algum Capitão a ella com as cousas necessarias pera segurança della, dando-lhe particularmente conta do estado em que estavam as cousas daquelles Reynos, por as guerras daquelles tyrannos, que eram levantados contra seu Rey. E a outra cousa que atrás esta fez, foi escrever a El Rey de Arú, que era nosso amigo, pela amizade que com elle assentou Jorge d'Albuquerque na tomada de Pacem. O qual além desta obra de nos ajudar, (como atrás escrevemos,) todo navio nosso, ora per fortuna, ora por razão de commercio que hia ter á costa do seu Reyno, recebia com gaza-lhado, e bom tratamento; e naquelle tempo em grandeza da terra, e número de gente era o mais poderoso daquella Ilha. Sómente era pobre de dinheiro, por o seu Reyno não ter tanta cópia de mercadorias, como o de Pacem, de que era vizinho; por que a mais principal cousa que faz hum Reyno rico, e politico, he o acto do commercio, ora seja per mercadorias naturaes que a terra produz, ora per artificio de mecanica, o que este não tinha, como os outros que ficam atrás d'elle contra o Ponente, e Sul. O qual Rey não sómente pela ami-

zade que comnosco tinha , mas ainda por estar mui indignado contra Raja Abraemo , por a guerra que fazia a seu senhor , quando D. André mandou este recado , porque o apercebia que o viesse ajudar a defender aquelle Reyno de Pacem , quando quer que Raja Abraemo quizesse entrar nelle ; mandou-lhe dizer que elle se faria prestes pera o tempo que fosse necessario ser presente , e isto com muitas palavras do contentamento que tinha poder elle fazer alguma cousa , de que ElRey de Portugal fosse servido. D. Duarte de Menezes tanto que teve o recado de D. André , mandou logo Lopo d'Azevedo em hum navio com algumas cousas necessarias pera provimento da fortaleza , e provisões pera elle D. André a entregar a Lopo d'Azevedo , o qual chegou a Pacem em Junho de quinhentos e vinte e tres. D. André quando vio Lopo d'Azevedo , però que elle muito desejava de se vir pera a India , por a monção , e tempo , com que havia de partir ser dali a dous mezes , não quiz entregar a fortaleza , dizendo a Lopo d'Azevedo , que em quanto elle estivesse esperando pelo tempo , não lha havia de entregar , senão o dia que se embarcasse , o que elle concedeo por lhe assi parecer bem. E porque D. André , como homem que se havia de partir , não **provia as**

cousas á vontade de Lopo d'Azevedo ; e elle pelo que lhe cumpria era necessario acudir a isso , apercebeo-se de mantimentos. E vendo que o Xabandar d'ElRey de Pacem abria grandes alicerces , e cavas , e ajuntava madeira pera fazer huma força junto da nossa fortaleza , e fazia outras cousas , como homem favorecido de D. André , as quaes obras eram mui prejudiciaes á mesma fortaleza , disse a D. André , que toda aquella obra do Xabandar elle a havia por mui suspeitosa , e contra o bem , e segurança da fortaleza : que se elle , por ser amigo do Xabandar , tivesse pejo de lhe ir á mão , que elle o faria , e mais que havia de tomar quanta madeira elle alli tinha junta , e com ella havia de reparar a fortaleza ; e que pera recolhimento do Xabandar elle lhe daria outro mais seguro a sua pessoa , e menos prejudicial. D. André era cavalleiro , e assi o tinha mostrado todo o tempo que viveo em Tanger , onde era casado ; e quanto tinha de animo pera esta guerra de Africa , tanto lhe falecia na pessoa , por ser mui pequeno de corpo , e tão esmagado como homem aleijado , e por esta causa era mui desconfiado , e por outra parte pouco cauteloso nas cousas da honra , por ser sujeito aos proveitos que aquella terra dava ; e sobre isso cria a

Homens que tinham pou-

pouca conta com a sua. E tanto que lhe Lopo d'Azevedo tocou em mandar, lá se trastornou de maneira, que lhe mandou logo dizer que se fosse embora caminho de Malaca, por quanto lhe não havia de entregar a fortaleza. Sobre o qual caso houve tantos estromentos de parte a parte, mostrando cada hum os poderes que tinha, que cessando elles, houvera de vir o caso a força, se Lopo d'Azevedo se não embarcára, e fora pera Malaca, onde chegou. Alguns quizeram dizer que a ida de D. André pera a India, e deixar a fortaleza não procedia tanto de sua enfermidade, quanto por que não queria experimentar a fortuna do successo da guerra, que esperavam daquele tyranno, e queria ir lograr alguns vinte mil pardãos, que poderia haver da não que tomou de preza, indo da India pera aquella fortaleza. A qual não era de Mouros, e elle os mandou todos passar em huma champana, por não ficar nella cõsa viva. Outros dizem que os mesmos Mouros a desampararam com temor, sendo obra de cento e noventa homens todos mercadores, e não gente de guerra. Os quaes na champana foram ter á Cidade Tenaçarij a tempo que estava em terra Diogo Pereira com muita gente Portugueza que alli ficára da companhia de Antonio de Brito, **N** que fora



a Bengala com huma Armada. E vendo a gente de Tenaçarij estes mercadores, por serem na terra conhecidos, indo, e vindo áquelle porto com mercadorias, sabendo serem postos naquelle estado per os nossos, correo Diogo Pereira, e os da sua companhia grande risco de os matarem; mas a poder de peitas que deram ao Regedor, e Officiaes, abrandáram tudo, partindo-se logo caminho da India. E tornando a esta não que D. André tomou, foi vendida em Pacem, e sendo mui rica na conta das prezas das partes, houveram mui pequena parte, e ElRey muito menos, e quasi tudo ficou na sua mão, e dos Officiaes ministros da venda. E o não querer entregar a fortaleza a Lopo d'Azevedo foi temor do Xabandar, se elle houvesse de ficar na fortaleza, vendo que lhe hia á mão aquella obra que elle quiz fazer, o qual além de corromper a muitos, que eram acceitos a elle D. André, com dadivas, e grandes esperanças; tambem elle D. André se contentou com elle Xabandar lhe prometter de o fazer mui rico, não se indo pera a India. E confirmou accetar D. André estas esperanças, ou que quer que fosse; porque partido Lopo d'Azevedo pera Malaca, tornou elle Xabandar á sua obra. A qual tanto que foi acabada, dahi a trinta dias partio Raja Abrae-



Abraemo com todo seu exercito, e muitos elefantes a nos vir cercar, sendo sabedor per meio do Xabandar dos movimentos de D. André, e differenças que houve entre elle, e Lopo d'Azevedo. Verdade he que o Xabandar não se determinou a esta sua traição, senão depois que vio o Reyno de Pacem tomado, sem ficar mais que a Cidade vizinha á nossa fortaleza. Porque Raja Abraemo como tomou a Cidade Pedir, e ficou absoluto senhor della, mandou seu irmão Raja Lalyla com grande exercito, que tomasse todas as povoações, notaveis lugares de Pacem, e per derradeiro se viesse lançar sobre a Cidade Pacem, e elle deixou-se ficar em Pedir por segurar as cousas daquelle Reyno. Raja Lalyla conquistado todo o Reyno de Pacem por espaço de tres mezes, veio assentar seu arraial meia legua da Cidade Pacem, e mandou aviso a seu irmão como já estava alli. E entre muitas cousas que este Mouro teve de em tão breve tempo se fazer senhor daquelle Reyno, foi ser morta a maior parte da gente nobre d'elle com Soltão Geinal, que Jorge d'Albuquerque matou, como atrás escrevemos. E tambem foi tão apressado em combater a Cidade, sabendo que esperavamos ajuda d'ElRey de Arú, que quando elle veio, já era (como dizem) ao atar das

feridas, e assi ter por olheiro de quanto entre nós se fazia o Xabandar. O qual quando vio que todo o Reyno era conquistado, e nossas necessidades, e differenças, simulando que por temor de Raja Lalyla lhe convinha fortalecer-se, commetteo D. André que lhe promettesse fazer aquella força, a qual elle já fazia com alguma intelligencia que tinha com Raja Lalyla. Chegado Raja Abraemo onde estava seu irmão, a primeira cousa que fez, foi mandar lançar hum pregão per todo seu arraial pera ser notorio na Cidade, que quem se quizesse vir a sua obediencia, elle o segurava com toda sua familia, e fazenda; e esta palavra manteria da notificação della a seis dias, passado o qual termo não haveria misericordia, ainda que a pedissem. A gente da Cidade atemorizada desta notificação, e assi das cruzas que elle, e seu irmão tinham feito naquelles, que se defendiam em tudo o que tinham conquistado, e tambem por ser gente, que como lhe hum Rey enfadava, faziam logo outro com morte deste avorrecido, (como já contámos,) começou cada hum de noite, e de dia como tinha lugar de se ir pera o arraial do inimigo. Finalmente nos primeiros tres combates elle tomou a Cidade per força de armas, e já com elle entrou mais gente da que

que era sahida della, da que estava dentro de maneira, que cada hum tornou povoar sua propria casa que tinha leixado; e alguns que escapáram daquella primeira fúria na entrada da Cidade, acolhêram-se á ferra do sertão, e matos mui espessos, que tem por vizinhos. Em quanto este Raja Abraemo esteve em cerco sobre a Cidade, que foram poucos dias, mandou alguns recados a D. André, em que lhe fazia saber, que elle tinha tomado todo aquelle Reyno de Pacem, e sómente lhe ficava por tomar posse daquella Cidade, metropoli, e cabeça d'elle, que lhe aconselhava que entretanto se fosse embora, e levasse tudo o que tinha na fortaleza, porque elle não vinha a pelejar com elle por odio que tivesse aos Portuguezes, nem o havia de fazer em quanto fosse senhor da Cidade. Porém tomada ella, duas acções lhe ficavam pera o ir lançar daquella fortaleza: a primeira, estar em terra sua, pois ficava senhor do Reyno, como o fosse da Cidade, e não havia de consentir que alguém mettesse nella huma estaca, quanto mais ter huma força; e a segunda, tinha comsigo dous mortaes seus inimigos, o Senhor que fora de Daya, e o de Pedir, e que ambos havia de perseguir onde quer que os achasse. D. André não lhe falecco a este recado resposta, |

pois que vio tres combates na fortaleza, como era homem doente, e hum pouco vário em seus propositos, teve mais conta com a vida, e fazenda que alli tinlia adquirido, que com outros primores de cavalleria, e parecia-lhe que bastava o que tinha feito em Tanger na guerra dos Mouros, e por isso entregou a fortaleza a Aires Coelho seu cunhado irmão de sua mulher, que servia de Alcaide mór. O qual Aires Coelho como filho de Gonçalo Coelho Alcaide mór de Tanger, era nascido, e criado na guerra de Africa, e mais era cavalleiro de sua pessoa, não receou tomar a seu cargo a defensão daquella fortaleza em tal estado.

#### C A P I T U L O IV.

*Como Bastião de Sousa, e Martim Correa chegáram a Pacem, depois que partiram da India, e Bastião de Sousa ter passado muito trabalho na Ilha de S. Lourenço: e como D. André tornou arribar a Pacem, e não podendo defender a fortaleza, a leixáram, e se foram pera Malaca.*

**P**Artido D. André caminho da India, sendo na paragem da costa do Reyno Pedir, encontrou duas náos, de que eram Capitães Bastião de Sousa, e Martim Cor-

rea, que hiam pera a Ilha Banda carregar de nóz, e maça. E porque atrás d'elle Bastião de Soufa fazemos menção como o anno de vinte e hum partio deste Reyno a fazer huma fortaleza em a Ilha S. Lourenço, e ora o achamos aqui em fim de Setembro do anno de vinte e tres, junto de outra Ilha que he Çamatra, tão grande como a de S. Lourenço, mas mui oriental em sitio, ante que vamos mais adiante, queremos dar razão do que fez té aqui, pois havemos de continuar com elle os trabalhos da fortaleza de Pacem, a que D. André tambem foi presente. Bastião de Soufa partido deste Reyno pera fazer a fortaleza em o porto Matatana, porque a outra não da sua companhia, em que hia por Capitão João de Faria, se apartou d'elle com hum temporal, quando chegou ao porto, onde esperava que podia ir ter, não o achou, de que ficou mui descontente, porque naquella não levava todas as cousas, e Officiaes que haviam de fazer a fortaleza, e sem ella sua chegada não servia pera effeito que lhe ElRey mandava: depois que alli esteve alguns dias esperando por ella, partio-se pera Moçambique, parecendo-lhe que podia a não ser lá. É como a não achou, e o tempo por razão do inverno lhe não dava mais lugar, invernou em Mo-



çambique ; e como veio a monção já no anno de vinte e dous , fez-se á véla caminho da India com fundamento que o Governador D. Duarte de Menezes o proveria pera tornar fazer a fortaleza. E sendo já mui perto da costa da India , topou a propria náó que buscava , a qual tambem andava em sua busca , por chegar depois que se elle partio do porto de Matatana dez dias ; e quando soube que se fora , tambem por razão do inverno , invernou na Ilha , e vindo o tempo hia-se pera a India dar razão de si ao Governador. Chegado Balthião de Sousa a Goa a vinte d'Agosto , dahi a dez , ou doze dias chegaram tambem as náós , que deste Reyno partíram o anno de vinte e dous , de que atrás escrevemos , como leváram nova ElRey D. Manuel ser falecido , e era levantado por Rey o Principe D. João seu filho. O qual por assi o haver por mais seu serviço , escreveu ao Governador D. Duarte , que as fortalezas , que ElRey seu pai novamente mandou fazer naquellas partes , que se não fizessem , e se alguma era feita , que se sustentasse té lhe mandar recado , e elle prover como lhe parecesse bem. Com o qual mandado Balthião de Sousa ficou suspenso do seu negocio ; mas D. Duarte , por elle ser hum Fidalgo honrado , e de **serviço** N. P. R. I. N. A. C. I. O. N. A. L. A. S. **naquel-**

las partes , como cá no Reyno , lhe deo aquella viagem que hia fazer a Banda , e com elle Martin Correa por Capitão de outra náó , os quaes partíram de Cochij a vinte de Setembro do anno de vinte e tres , e vieram-se alli encontrar com D. André , o qual esteve em prática com Bastião de Sousa , dando-lhe conta como hia , e o estado em que leixava a fortaleza. E o espaço que se com elle deteve , se adiantou Martin Correa , e foi tomar primeiro o pouso do porto de Pacem obra de huma legua a la mar , por alli haver muito parcel , e Bastião de Sousa tres leguas delle , por lhe acalmar o vento. Quando veio a noite , Martin Correa ouviu muitos tiros de artilheria , não que fizessem signal , mas como que havia algum combate na fortaleza ; e no quarto da Alva sentio derredor da sua náó dez , ou doze lancharas dos Mouros , que a rodeavam. E como os mandou salvar com hum par de berços , vendo que eram sentidos , e tambem magoados dos pelouros , com huma grande grita apertáram o remo acolhendo-se. Vindo o dia , chegou á náó de Martin Correa huma almadia com recado dos nossos , em que lhe faziam saber que aquella noite vendo os Mouros a elle , e a outra náó , conhecendo que vinha da India , e que podiam

vir a seu foccorro , os apertáram aquella noite com hum forte combate de maneira , que lhe tomáram hum baluarte com quanta artilheria nelle estava. Que lhe pedia o Capitão Aires Coelho , e todos os moradores , que em toda maneira desembarcasssem aos ajudar a defender aquella fortaleza , e alli lho requeriam da parte d'ElRey seu Senhor ; porque não o fazendo aquelle dia , segundo a fortaleza estava desbaratada , e os homens maltratados , e doentes , não feria muito , dando-lhe a noite seguinte outro tal combate , serem entrados. Martim Correa com esperança de sua ajuda os mandou a Bastião de Sousa , o qual mandou dizer a Martim Correa por os da almadia , que se apercebesse , que elle se vinha logo pera ambos sahirem em terra. Entrados na fortaleza em seus bateis com a mais gente que pudéram levar , leixando boa guarda em as náos , que já ficavam juntas , foram recebidos como remidores de sua vida , segundo o mal que esperavam , e damno que havia na fortaleza. E logo por mostrarem aos Mouros que tinham animo pola ajuda que lhes viera de os ir commetter ás suas estancias , onde estavam alojados ao longo do rio , espaço que podiam receber damno , Martim Correa , que vinha de fresco , e outros da fortaleza nos bateis com alguns ber-

ços, e gente de espingardas lhe foram dar hum varejo, que com morte de muitos os fizeram affastar do rio. E dos nossos vieram feridos dous, ou tres de setas de herua; que elles muito usam; mas não perigáram; por já terem sua mézinha contra ella. Havendo oito dias que os nossos andavam neste trabalho de tapar humas minas, que os Mouros tinham feito pera entrar na fortaleza, e reparar muita parte do damno que tinham feito nella, e algumas vezes sahindo fóra, dando mostra que queriam pelejar com elles; chegou D. André, que não pode fazer seu caminho com tempo contrario por já ser passada a monção. Os Mouros com esta chegada delle affastáram-se tanto da fortaleza, que não pudessam ser vistos della, mostrando que temiam a vinda daquella náó, em que desesperavam de a poder tomar com tanto soccorro. Posta esta mudança em prática entre os nossos, hum das pessoas, que sentio ser isto mais ardid que temor, foi Martim Correa; porque vendo que os Mouros, segundo a estimação de todos, seriam quinze mil, e os nossos té trezentos e cincoenta homens, a maior parte doentes, e feridos, e bem cansados do trabalho, e continuada vigia, da qual cousa os Mouros eram sabedores per aviso que tinham, fez que aquella noite es-

tivessem mais á lerta , e apercebidos pera combate , como de feito affi foi. Vindo duas horas ante manhã tão calados , como se foram dez homens , sendo mais de oito mil , e cercada toda a fortaleza em torno , começaram de arrimar mais de setecentas escadas de cana , que a seu modo são muito leves , e prestes pera subir per ellas ; e tanto que sentíram serem sentidos , acudíram com huma grita per todas as partes , que parecia vir o Ceo abaixo , com que mettêram os nossos em grande confusão , posto que já estavam esperando aquella hora. Mas naquelles taes casos muito vai de esperar a experimentar. Porque a gente desta Ilha , principalmente a nós , por causa de temerem a artilheria , e armas de arremesso , por não fazerem ponteria de dia , sempre commettêm de noite. E quanto ella he mais escura , então mais ousados ; e se chove , muito mais , porque sabem que neste tempo não lavra a polvora , que elles muito temem. Nos quatro lanços do muro estavam repartidos em quatro capitaniás , huma tinha Aires Coelho , outra Bastião de Sousa , outra Martim Correa , e a quarta de Manuel Mendes de Vasconcellos Capitão mór do mar , com muitas estancias repartidas per as principaes pessoas da fortaleza. E no primeiro impeto dos Mouros houve tanta pres-



fa em totalas partes, que ninguem leixava a sua, porque áquella hora totalas escadas que traziam foram arvoradas sem algum temor; e de muito ousados sem saber o que faziam, por razão do escuro, os pés vinham a metter per as bocas das bombardas, querendo trepar per ellas. Havendo já huma grande hora que de ambas partes se contendia animosamente, os nossos por os lançar a baixo, e os Mouros por subir, vieram sete elefantes ao lanço que tinha Aires Coelho, e com as testas sem temor das lanças que os feríram, a hum tempo, como se foram homens do mar, que çalameam pera a hum tempo põem toda a força, assi a puzeram elles em o lanço da escada de maneira, com que a inclináram pera dentro, como se fora huma sebe, e cahíram todolos homens, que estavam em cima. E porque a revolta foi alli grande, acudio Bastião de Sousa, e Martim Correa, e acháram Aires Coelho com huma chuça na mão, e outros com lanças a dar nas trombas dos elefantes, de que faziam pouca conta, ante por serem afalados de quem os mandava, hiam por diante. Ao qual trabalho acudiram estes dous Capitães com gente, e pannellas de polvora, de que os elefantes assi foram escaldados, e assombrados, que fazendo volta atrás, foram trilhando, e es-

magando té lançarem a vida a muita gente do arraial, e não paráram dahi a duas leguas, sem ao outro dia os poderem trazer ao arraial. Desapressados os nossos hum pouco com muito damno, que os Mouros recebiam em toda a parte, como gente que se queria vingar, foram-se a huns tanques de madeira do tamanho de cubas de ter vinho, que naquellas partes servem em as náos em lugar de pipas de trazer agua, aos quaes puzeram fogo, e assi a huns navios, que estavam postos em estaleiro. O qual fogo foi a elles causa de maior destruição com a muita claridade, porque começou Martim Correa com hum camelo a fazer alguns tiros, e matou-lhes dous elefantes, e nos Mouros fez rosthada de corpos mortos. Finalmente a noite ainda que pera os nossos foi de muito trabalho, sómente humma mulher prenhe, de humma seta de herva, que a foi caçar onde estava, morreo, e muita gente foi ferida, e a principal pessoa era Manuel Mendes, que tinha humma das quadras, com humma lançada que houve pelo pesçoço. Porém a elles a noite lhes custou mui caro por ficarem estendidos per derredor da fortaleza bem dous mil corpos mortos, e mais de trezentas escadas das que traziam, que servíram pera o fogo da fortaleza. E assi acháram os nossos grande

número de feixes de lenha untados com hum olco da terra, a que os Medicos chamam Napta, o qual se dá em huma fonte, que está naquelle Reyno de Pedir, cousa muito pera temer o fogo della por arder debaixo da agua, os quaes feixes foram logo queimados, por ser cousa de muito perigo estarem alli. A noite deste trabalho D. André estava ainda em a náó, e ao outro dia deixando nella Antonio Coelho de Sousa, que era o Capitão, e dante servia de Capitão-mór do mar, e tambem perdoente hia com D. André a se curar, em elle chegando á fortaleza, Aires Coelho seu cunhado lhe entregou a capitania. E passados os primeiros dias de sua chegada, em que se concertou o damno que os ellefantes tinham feito, e repairáram outras cousas pera sua defensão, porque já mais entendiam em se defender, que offender, juntáram-se estas pessoas, que eram as principaes: D. André, Aires Coelho Alcaide-mór, Bastião de Sousa, Francisco de Sousa, e João de Sousa seus sobrinhos, Martin Correa, Manuel Mendes de Vasconcellos, Antonio Coelho de Sousa, Simão Toscano, Manuel de Faria, Manuel Lobato, Francisco Velho, todos pessoas nobres, e Officiaes daquella fortaleza, e consultáram se era cousa que podia ser sustentar aquell-

la fortaleza. E postos todolos inconvenientes assi de não poderem esperar soccorro a menos tempo que a seis mezes, o qual havia de vir da India, que por razão da monção não podia ser mais cedo, com a má disposição da gente que cada dia adoecia, e tambem falta de mantimentos, era certa cousa correrem grande risco. Finalmente praticado este negocio entre as pessoas principaes, veio a que fosse a mais da gente neste conselho, do qual sahio que leixassem a fortaleza. E porque os Mouros não sentissem que se embarcavam a este fim, ordenáram que a artilheria miuda se enfardelasse, e como cousa de mercadoria a metessem nos bateis; e quanto a grossa, que a carregassem tanto, que quando lhe puzessem fogo, arrebetasse. Porque como os Mouros estavam dalém do rio, e elle era estreito, não podiam embarcar peças tão grossas, senão á vista sua. E pera effeito deste recolhimento ordenáram que Martim Correa ficasse na trazeira com doze homens, e os bombardeiros, e depois de toda a gente recolhida, puzesse fogo á fortaleza, e artilheria. O qual se foi á Igreja, e tirados os retavolos, e postos no chão, foram cubertos de polvora, e posta ella per caminhos, e partes que corresse o fogo per todo, té ir dar na artilheria grossa, veio-se

recolhendo , e hum bombardeiro de trás  
 com hum murrão na mão , com que poz  
 o fogo estando já na praia. A polvora tan-  
 to que lhe tocou o fogo , fez obra de tan-  
 to terror , que té os mesmos authores ficá-  
 ram affoinbrados; mas não que os Mouros  
 leixassem de acudir , assi a impedir os que  
 se embarcavam , como á fortaleza. E de-  
 ram tanto trabalho aos que se embarcavam ,  
 que foi dando-lhes a agua pelo pescoço , lei-  
 xando muita fazenda na praia , de que lo-  
 go foram senhores , e assi da que ficou na  
 fortaleza , vindo dar mostra a seus donos  
 como não era queimada. Porque passada a  
 trovoadá primeira , acudíram mui prestes  
 apagar o fogo , que se começava atear na  
 folhada das casas , e madeira ; e o que peior  
 foi , não chegou a muitas peças da artilhe-  
 ria , com que agora nos fazem bem de guer-  
 ra. E com ella , e outra , que ante , e de-  
 pois , (como se adiante verá ,) este Mouro  
 houve de nós com damno nosso , he feito  
 o mais poderoso tyranno que ha naquellas  
 partes , sem té hoje lhe termos dado castigo  
 notavel. E verdadeiramente o modo que se  
 teve neste recolhimento foi tão desordena-  
 do , que quanta honra os nossos tinham ga-  
 nhado na defensão desta fortaleza , tanta  
 perdêram no modo de a leixar : tanto vai  
 de defender a vida a desamparar fazenda



alheia, porque esta foi a primeira cousa, que os nossos leixáram naquellas partes com o temor no rosto, e vergonha nas costas. E o que fez este caso mais defaistrado foi, que sahindo da barra daquelle rio os nossos em tres navios, e huma náó, em que hiam aquelles principaes despossados do seu, acháram trinta lancharas carregadas de mantimento com muita gente, que mandava ElRey de Arú em soccorro a D. André, que lhe elle mandára havia dias pedir, (como escrevemos,) e elle vinha per terra com mais de quatro mil homens. E quando as lancharas víram o desbarate dos nossos, tornáram-se recolher, e elles seguíram seu caminho té chegarem a Malaca, onde tambem acháram embarcados com gente, e munhões Antonio de Miranda, e Lopo d'Azevedo, que hiam soccorrer aquella fortaleza, não lho merecendo D. André, o qual se veio pera a India, e Bastião de Sousa seguiu sua viagem de Banda. E o remedio que houveram aquelles principaes, que foram buscar o amparo de nossa fortaleza em huma náó de mercadores, que estava no porto de Pacem, se embarcáram, e foram em companhia dos nossos té Malaca. ElRey de Pacem ficou com sua mãi em Malaca: ElRey de Pedir, e o de Daya se foram pera ElRey de Arú, e huma irmã

deste de Daya, que foi mulher deste tyranno que os roubou, e desterrou, pelo odio que lhe tinha, por causa do irmão, ella o matou com peçonha no anno de quinhentos e vinte e oito, como veremos em seu lugar.

## C A P I T U L O V.

*Como Martim Affonso de Mello Coutinho foi á China pera fazer huma fortaleza, e assentar paz: e como a Armada dos Chijs pelejou com elle, com que lhe conveio tornar-se.*

**P**Ois estamos nesta parte da India além do Gange, por seguir a ordem da historia, que no principio deste oitavo Livro dissemos, convem tratar do que se fez, depois que D. Duarte começou governar, té que entregou a governança da India ao Conde Almirante, que o succedeo, como veremos. E a primeira cousa será o que fez Martim Affonso de Mello Coutinho na viagem que fez pera a China, que elle Governador despachou, depois que D. André Henriques era partido pera esta fortaleza de Pacem, onde elle Martim Affonso veio ter; e aqui com as mercadorias que fez em Chaul, como escrevemos, e outras de que se provêo em Cochij, fez sua carga de pimenta. Feita a qual, se partio pera Mala-

ca, onde chegou com quatro vélas, de que elle era Capitão mór, e das outras Vasco Fernandes Coutinho, Diogo de Mello ambos seus irmãos, e Pedro Homem filho de Pedro Homem Estribeiro mór que fora d'El-Rey D. Manuel. E o regimento que levava d'El-Rey D. Manuel, era ir assentar amizade com o Rey da China, parecendo-lhe que a tinha a terra comnosco por razão da ida de Thomé Pires, que Fernão Peres d'Andrade lá enviára com nome de Embaixador, (como atrás escrevemos,) sem saber em que estado viera ter esta sua ida. E que trabalhasse muito no porto de Tamou, ou onde fosse mais proveitoso, e seguro pera nossas cousas, fazer huma fortaleza, onde elle ficasse por Capitão com os Officiaes, e gente que levava, e ordenasse tudo como as cousas do commercio ficassem em negocio corrente; esta era a substancia da sua ida. E porque Duarte Coelho, que a este tempo estava em Malaca, por as vezes que fora á China, sabia bem do negocio daquellas partes, e alli Ambrosio do Rego, que o anno passado viera de lá a requerimento d'elle Martim Affonso, e de Jorge d'Albuquerque Capitão de Malaca, foram ambos com elle, mais por comprar a elles, que por sua vontade, porque sabiam que a terra não estava tão assentada

como elles cuidavam , polo que com elles tinha passado , e assi succedeo. Porque partindo de Malaca com seis vélas, as quatro que elle Martim Affonso levava da India, e as de Duarte Coelho , e Ambrosio do Rego, a dez de Julho de quinhentos e vinte e dous chegaram ao porto de Tamou em Agosto do mesmo anno , a tempo que os Officiaes d'ElRey estavam encarniçados na prea, e roubo, que fizeram na fazenda dos nossos , principalmente de Thomé Pires , como atrás escrevemos. Duarte Coelho como homem que tinha offendido aquella gente, ou que fosse de cautela, ou que o seu navio por ser junco não era tão companheiro como os outros, não entrou com Martim Affonso dentro no porto, e ficou fóra obra de sete leguas. Neste tempo, porque era o da monção, que os navios de Malaca, do Patane, e Sião vam demandar aquelle porto pera fazerem seus commercios, andava o Capitão mór da Armada d'ElRey da China per aquella costa, e entrada da Cidade Cantam. E como vio que os nossos navios foram tomar porto, como gente confiada, e que tinha pouca conta com o que tinham feito, leixou-se estar, e o fez logo saber aos Officiaes de Cantam, os quaes temendo que com sua vinda houvesse alguma concordia de paz, e elles



tornassem o que tinham tomado , mandáram-lhe dizer , que em nenhum modo os consentisse , por serem havidos por ladrões espreitadores das terras , e que ElRey alli o mandava ; mas que tivesse modo de romper com elles , posto que pedissem paz , porque tudo era fingido. O qual recado mandáram secretamente sem o saber o Ceuhij , que então chegára , e não sabia parte do que elles tinham feito ; e por ser Official superior delles , temiam que commettendo os nossos paz , e elle lha concedesse , poderia fazer justiça delles. Finalmente assi como o ordenáram , aconteceu ; porque Martin Affonso sem fazer algum mal , nem damno , posto que fosse provocado a pelear , tirando-lhe artilheria , com que entendeu que o não queriam receber na terra , determinou de haver lingua della , tomando duas linguas de hum barco , a que vestio , e deo dadivas , e per elles mandou recado ao Capitão mór da Armada. Mas estes não tornáram , nem menos outros que foram os segundos , ante estes lhe disseram como a terra toda estava contra elles polos damnos , e males que os outros Capitães tinham feito naquelle porto ; e que ElRey mandava que não os consentissem alli , e per ventura esta era a causa porque o Capitão mór queria guerra com elles. Neste



tempo mandou elle Martim Affonso dous bateis nossos fazer aguada a terra, os quaes foram commettidos dos Chijs de maneira, que vieram com sangue, e sem agua, e ainda houveram que lhes fizera Deos mercê tornarem-se a recolher com a vida ás náos. Duarte Coelho como sabia que esta Armada tinha tomada a entrada per onde se elle havia de ir ajuntar com Martim Affonso, não ousando de romper tão grossa cousa, mandou de noite huma manchua bem esquipada de remos saber o que fazia Martim Affonso, e dizer-lhe, que seu voto era que se deviam todos ajuntar. Mas a manchua, ou que não pode, ou como quer que fosse, tornou dahi a dous dias, e o recado que trouxe, foi dizer que sómente houvera vista dos nossos, e que os via estar como gente mais segura, do que o tempo requeria, e que com os muitos navios pequenos da Armada dos Chijs não se atrevera chegar a elle. Martim Affonso polo que tinha sabido dos da terra, e por ter peor signal não haver resposta do Capitão dos Chijs, que vir a pelejar com elle, quiz-se fazer á véla, e tirar daquelle lugar ao mar largo, porque melhor lhe vinha achar-se no largo, que mettido naquelle estreito. E ante que descubrisse huma ponta, onde se elles haviam de determinar, indo diante

seu irmão Diogo de Mello, e Pero Homem, por trazerem os navios mais pequenos, quasi como descubridores; como os Chijs estavam em olho do que elles faziam, vieram demandar os dous navios, e começaram de os esbombardear, ao que elles tambem respondiam. Mas como aquella hora não era dos nossos, o primeiro signal que deram de vitoria aos inimigos foi accender-se fogo na polvora, que trazia Diogo de Mello, com que as cubertas do navio foram postas no ar, e elle, e o casco se foi ao fundo. Pedro Homem posto que tinha bem que fazer em si, todavia mandou alguns marinheiros, que com o batel recolhessem alguns dos nossos, que andavam nadando, parecendo-lhe que algum poderia ser Diogo de Mello; e isto foi azo de mais prestes os Chijs lhe entrarem o navio pelo achar com aquella gente menos. Posto que lhe custou a entrada mui caro, porque Pero Homem assi como era no corpo hum dos maiores homens de Portugal, assi a valentia de seu animo, e forças corporaes eram differentes do commum dos outros, o que poucas vezes se acha nos de sua estatura. E foi o seu pelejar de maneira, que senão foram os tiros da artilheria, nunca morrêra: tamanho temor tinham os Chijs de chegar a elle. Mas como esta não per-

do a pessoa alguma , quando anda entre ella , ella o matou , e muitos que o ajudavam. E porque os Chijs quasi todos acudiram á entrada deste navio , teve Martim Affonso lugar de escapulir daquella multidão , e veio-se depois achar com Duarte Coelho na costa de Choampa. O qual tambem teve que contar de como escapou de duas Armadas dos Chijs ; mas parece que tinha melhor fortuna só com elles , que acompanhado. Os Chijs , (como já atrás contámos ,) não quizeram mais pera abonar suas razões , que este desastre , e levaram muita da nossa gente preza , tudo por mostrarem ao Ceuhij que nós eramos os culpados , e tão soberbos , que commettêramos a Armada d'ElRey. Com o qual feito acabáram de matar Thomé Pires , e affi os que com elle foram prezos , e ficou total guerra entre nós , e elles. E segundo alguns dos nossos depois escrevêram , mais morrêram na cadeia de fome , e máo tratamento , que lhe nella davam , que per justiça. Porque esta de morte , como ha de ser confirmada per ElRey , e com pregão , não se fez a execução nelles , senão depois de vir recado d'ElRey , que foi em Setembro do anno de vinte e tres. E segundo seu modo , vinte e tres pessoas foram feitas em pedaços , cortando-lhes pés , e mãos , cabeça ,

e a fóra a outra parte com pregão de ladrões, roubadores das terras, e outros foram mortos á bêsta, celebrando muito esta justiça por tirarem a opinião que o povo tinha concebido de nós, assi em valentia, como em proveitosos no commercio ás terras, onde o fizemos. Martin Affonso como não se deteve na China mais que quatorze dias, em que passou este trabalho, chegou a Malaca meado de Outubro de quinhentos e vinte e dous, e na monção de Janeiro de vinte e tres se veio pera a India, e dahi pera este Reyno o anno de quinhentos e vinte e cinco, aonde chegou a salvamento.

## C A P I T U L O VI.

*Como com o favor do damno que Jorge d'Albuquerque recebeu em Bintam, o Rey desta Ilha mandou hum Capitão com grande frota sobre Malaca: e mandando Jorge d'Albuquerque sobre elle ao rio de Muar, seu cunhado D. Sancho Henriques, por saber que estava elle dentro, por huma trovada que veio, se veio desbaratado pera Malaca com perda de muita gente, que lhe os Mouros matáram, e se afogou.*

**A** Trás, tratando dos feitos, que se fizeram em Malaca, escrevemos o que aconteceu a Jorge d'Albuquerque Capitão del-

della na ida que fez a Bintam , e por lhe succeder de maneira , que foi mais em favor dos Mouros , que noffo , cobrou El-Rey de Bintam tanto animo , que logo nas costas de Jorge d'Albuquerque mandou o seu Capitão mór do mar com algumas lancharas ladrando trás elle a ver se lhe podia derramar algum navio manco. Mas como desta sua vinda não levou muita gloria , viremos a enfiar as cousas que elle mais fez no tempo de Jorge d'Albuquerque té hum grande curso , em que se passáram muitas naquella Cidade. E a primeira que este Mouro commetteo a seu salvo passada esta de Bintam , sabendo que Antonio de Brito era partido pera Maluco , e levava muita gente , e na Cidade havia pouca , e mais della enferma , e a outra fora morta naquella ida , veio com suas lancharas , que são huns navios de remo mui ligeiros , de que elles usam pera a guerra do mar. E em se Jorge d'Albuquerque recolhendo á Cidade , nas costas d'elle chegou a Malaca , e queimou dous juncos , que estavam furtos no porto , que eram de mercadores , e estavam por descarregar de muita mercadoria. Ao qual atrevimento querendo acudir Gil Simões Capitão de hum bargantim , foi morto com quantos levava. Porque como andava mascabado na honra de hum feito , em que elle



mostrou fraqueza, quiz-se neste mostrar tão cavalleiro, que se foi metter no meio das lancharas. E por não poderem remar tanto como elle as outras que levava em sua companhia, vendo que era tomado, e as vélas de Laclãmãna muitas, não o quizeram seguir, com o qual bocado elle se foi em salvo. Depois deste defastre acontecêram outros; que favoreceram a ElRey de Bintam pera mais ousadamente mandar fazer guerra a Malaca; porque como elle vio que a Cidade estava desfalecida de gente, estendeu-se com suas lancharas a mais que andarem derredor de Bintam, mandando hum seu Capitão per nome Perduca Raja com quarenta lancharas todas a ponto pera commetter qualquer feito. O qual trazia por ardid vir dar huma vista a Malaca de noite, ou ante manhã, e tornar logo ao outro dia, recolhendo-se ao rio de Muar, que são sete leguas de Malaca, e com estes saltos a miudo nos cansar, e tambem faria prêa em os navios, que a elle vinham com suas mercadorias. Vindo este Perduca Raja no fim de Abril de quinhentos e vinte e tres com estas quarenta lancharas, em se recolhendo pera dentro do rio de Muar quasi sobre a noite, houve vista delles Duarte Coelho, o qual hia em hum navio seu descubrir a enseada de Cochinchina per manda-

dado d'ElRey D. Manuel, por ter sabido  
 ser aquella enxada coufa de que sahiam mer-  
 cadorias ricas. A qual terra os Chijs cha-  
 mam Reyno de Cacho, e os Siames, e  
 Malayos Cochinchina, á differença do Co-  
 chij do Malabar. Mas desta feita o não fez  
 pelo que topou no caminho, como logo  
 veremos, e depois descobrio esta enxada  
 sem assentar pazes com o Rey por ser mor-  
 to, e dous filhos contendiam sobre a heran-  
 ça, com a qual differença Duarte Coelho  
 escapou da furia da guerra, que então an-  
 dava entre elles, e o mais que fez foi  
 metter os padrões de seu descobrimento. E  
 o que topou no caminho que per esta vez  
 o tornou a Malaca foi a ver vista das lan-  
 charas de Perduca Raja, e suspeitando ao  
 que vinham, veio dar nova a Jorge d'Al-  
 boquerque. E primeiro que dalli sahisses,  
 ordenou de dar sobre elles, mandando Dom  
 Sancho Henriques seu cunhado a grão pres-  
 fa com dez vélas, elle em hum galeão por  
 Capitão mór, Duarte Coelho em sua na-  
 veta, Henrique Leme em huma galeota,  
 Manuel de Berredo em outra, e Diogo Lou-  
 renço, Francisco Fogaça, João de Soria,  
 Affonso Luiz, e Fernando Alvares, cada  
 hum em sua lanchara, nos quaes navios  
 iriam té duzentos homens. E porque fossem  
 mais dissimulados, mandou D. Sancho a

Henrique Leme, que elle com as lancharas se fosse cozendo com a terra pera tomarem a boca do rio, e elle com Duarte Coelho, e Manuel de Berredo iriam largos ao mar; porque tendo os inimigos vista delles, parecer-lhes-hia que eram navios de mercadores, e perderiam o tento da terra, com que os poderiam commetter mais a seu salvo. E tambem se elles quizessem vir dar em Malaca, havia de ser cozendo-se com a terra, e encontrallos-hiam, e como os acolhessem em mar largo, seriam mais senhores delles. Henrique Leme chegado á boca do rio Muar, desejofo de ganhar só aquella honra, mandou huma manchua, que he hum pequeno barco, que entrasse dentro no rio, e lhe fosse descubrir o que faziam as lancharas dos inimigos. A qual manchua deo com outra espia delles, que tambem vinha descubrir a boca do rio; e com a mesma cubiça de Henrique Leme de ganhar honra, o da nossa manchua deo na outra, e a tomou, em que houve tirarem de ambas as partes espingardas. Henrique Leme quando ouvio os tiros, parecendo-lhe que a sua manchua era tomada das lancharas dos inimigos, entrou dentro no rio com aquelle impeto, sem esperar por seu Capitão, no qual instante huma trovoadá que estava prene de vento, em elle entrand

do rompeo tão fortemente, que ante de ver as lancharas dos imigos, foçoברám logo algumas nossas, e outras; e a galeota de Henrique Leme, com a furia do vento, foram dar entre a Armada dos Mouros, que os cercáram logo, e no meio do grande murulho do mar foram a maior parte mortos, e alguns escapáram em huma lanchara de Francisco Fogaça, que veio de noite; e o mais que pode fazer com seus companheiros, foi desalagar a galeota da agua, e salvar alguns. Vinda a manhã, quatro lancharas das dos imigos os vieram demandar, e como gente vitoriosa pelejando foram ter ao galeão de D. Sancho pera mal de outros, que estavam em salvo. Porque D. Sancho com desejo de vingança mandou Manuel de Berredo em a sua galeota, e Francisco Fogaça com a sua lanchara por ter gente fresca, que a outra que escapou não estava pera isso, cuidando que podiam entreter os imigos a não sahirem do rio, e foram a morrer a poder delles por serem já muitos. E a elle D. Sancho, e Duarte Coelho, que estavam largos ao mar, fez-lhes Deos mercê em virem em salvo pera Malaca; porque com a occupação de peleja destes dous não os víram, nem se vieram a elles, leixando lá sessenta e tantos homens afogados, e mortos a ferro.

## CAPITULO VII.

*Como estando D. Sancho Henriques no Reyno de Pacem a buscar mantimentos, foi morto das lancharas de Bintam; e de outros desastres, que os nossos tiveram com esta guerra, que elles faziam a Malaca.*

**T**Odo o damno que os nossos recebiam nesta guerra era favor a ElRey de Bintam, e dava-lhe tanto credito, e estima, que começou a cobrar entre os Mouros vizinhos a authoridade que tinha perdida de maneira, que sendo os mais destes nossos amigos, e contrarios d'elle, mudou-se-lhe esta vontade com a mudança de sua fortuna, fazendo que ElRey de Pam da costa de Malaca, sendo nosso amigo, viesse a casar com humã filha sua em odio nosso, e tiveram este casamento encuberto té ElRey de Bintam fazer alguma boa preza, como fez. Porque como estas lancharas d'ElRey de Bintam não leixavam vir mantimentos a Malaca, ordenou Jorge d'Albuquerque de os mandar buscar per todas as partes. E por chegar então da India André de Brito, a quem o Governador D. Duarte de Menezes dera licença que fosse áquellas partes fazer seu proveito, e elle trazia pera isso hu-



ma não sua bem concertada, mandou Jorge d'Albuquerque em sua companhia dous juncos, que fossem todos tres a Sião, por ser hum Reyno mui abastado de arroz, e de todo mantimento. Tanto que estas tres vélas foram partidas, com a mesma necessidade mandou D. Sancho no galeão em que andava, e outros dous navios em sua companhia, de que eram Capitães Ambrosio do Rego, e Antonio de Pina, ao porto do Reyno de Pam, que he na mesma costa de Malaca caminho de Sião, por ser Rey nosso amigo, e que té então nos vinha do seu Reyno tudo o que nelle havia, sem saber como elle estava aparentado em nosso damno com ElRey de Bintam. D. Sancho pela necessidade em que leixava Malaca, e se aviar mais prestes, tanto que carregou o navio de Ambrosio do Rego, mandou que se sahisse do rio de Pam, e o fosse esperar a huma Ilha, a que chamam a Pedra branca; e como o navio de Antonio de Pina foi tambem carregado, mandou-lhe que se sahisse do rio, e o esperasse na barra. E parece que assi havia de ser, que espedisse de si as ajudas de sua vida, porque ainda este navio não era posto na barra, quando sahiram trinta e cinco lancharas d'ElRey de Bintam, que estavam pelo rio dentro postas em cilada. E assi se houveram com

D. Sancho , que matarem a elle , e a seu irmão D. Antonio , ambos filhos de D. Afonso Henriques Senhor de Barbacena , e com elles trinta Portuguezes , sómente dous grumetes que leváram por signal de vitoria a Bintam a quinze de Novembro de quinhentos e vinte e tres. E querendo vir fazer outro tanto a Antonio de Pina , que era já em mar largo , posto que o seu navio era zorreiro , por ser junco , elle a poder de véla lhe escapou com grande perigo: cá vendo que as lancharas lhe hiam tomar a boca do estreito , per onde havia de entrar , que he de travessa pouco mais de hum tiro de bésta , navegou per cima das Ilhas de Çuria Raja , mais por escapar ás lancharas , que por ter a navegação segura. E foi dar comsigo na Jaua no porto da Cidade Agaçum , com que tinhamos commercio , de que adiante veremos o fim de sua fortuna , por contar outro tal defastre , que aconteceu a André de Brito. O qual estando no porto do rio Sião carregado de mantimentos , e assi os dous juncos , que dissemos , que foram em sua companhia , foi ter com elles Duarte Coelho , que hia da enseada de Cochinchina , quando foi descobrir correndo a costa do Reyno Choampa. E como era pessoa conhecida no Reyno Sião , pelas vezes que lá fora , (segundo já

escrevemos,) achando André de Brito, e os juncos quasi retidos pelos Officiaes d'El-Rey, per maldades, e cousas que Mouros nossos inimigos tinham ordenado, elle os desimpedio, e se veio com elles pera Malaca. E por o seu navio ser veleiro, veio esperallos á Ilha a que chamam Pulo Timam, onde lhes tinha dito que os havia de esperar. Però como elles tardavam, e elle soube alli da morte de D. Sancho, e a necessidade em que Malaca estava, por lhe acudir, partio-se pera lá, onde chegou a salvamento. Os juncos apartados da não de André de Brito, chegando donde Duarte Coelho se partira com a nova que lhe deram da morte de D. Sancho, e tambem que as mesmas lancharas tinham tomado a André de Brito em Abril de quinhentos e vinte e quatro, e mortos todos á espada, como era verdade, por se ir alli metter em Pam com desejo de fazer algum proveito, não ousáram de ir caminho de Malaca, e tornáram-se a Sião, aonde depois o mesmo Duarte Coelho per mandado de Jorge d'Albuquerque os foi buscar, leixando já outro desastre feito em Malaca, que foi virem as lancharas com o favor destas victorias huma noite, e matarem a Simão d'Albreu parente de Antonio de Brito, que estava por Capitão em Maluco, o qual com

as necessidades que tinha o mandou em hum navio. E passando muitos trabalhos, e perigos naquella viagem que fez, por não vir per o caminho ordinario, mas per hum novo que elle descubrio per via da Ilha de Borneo, que he ora mui navegado pelos nossos, vieram as lancharas huma noite ter com elle á ilheta das náos, que he defronte da Cidade de Malaca obra de mil e quinhentos passos. E posto que elle com treze homens que tinha em o navio se defendeo á força de ferro, não se pode defender ao fogo, que os Mouros puzeram a hum junco, que estava despejado, que foram trazer do porto da Cidade, por ser alteroso. E tanto que o ajuntáram ao costado do navio, puzeram-lhe o fogo, e o entretiveram té que ambos foram queimados, sem haver na fortaleza quem lhe pudesse valer. Porque naquelle tempo não havia navio nosso, que lhe pudesse acudir, por todos serem fóra a buscar mantimentos pela costa por a grande fome que havia na Cidade. E Dom Garcia Henriques neste tempo tambem era ido a Bintam a tolher os mantimentos, e fazer a guerra que pudesse; e elle veio de lá com dous navios perdidos, e a gente delles morta per hum ardil que teve Lacamana Capitão mór do mar d'Eirey de Malaca; e foi per esta maneira. <sup>M</sup> Havendo pou-

co tempo que D. Garcia Henriques cunhado de Jorge d'Albuquerque era chegado de Maluco, da viagem do qual áquellas partes adiante daremos conta, pola muita guerra que ElRey de Bintam mandava fazer a Malaca, e não lhe leixar vir mantimentos, que era a maior guerra que lhe podia fazer, quiz elle Jorge d'Albuquerque per o mesmo modo fazer-lhe a guerra. E mandou D. Garcia a Bintam com sete vélas, tres navios de gavea, dous caravelões, huma lanchara, e hum calaluz, de que eram Capitães elle D. Garcia, Roque Coelho de Tanger, Garcia Queimado, João Monteiro, Lucas Rodrigues, João Esteves, e Vasco Lourenço, em que iriam té duzentos homens, em que entravam muitas pessoas nobres. Chegado D. Garcia á boca do rio de Bintam, leixou-se estar esperando que sahisse Lacfamana Capitão d'ElRey pera pelejar com elle de fóra, como lhe mandava Jorge d'Albuquerque, porque dentro no rio era cousa impossivel pola experiencia que tinha das estacas, com que estava tapado, e retrocido, sem navio de quilha poder entrar. E quando Lacfamana não sahisse, que se leixasse estar no porto, como elle fazia no estreito de Cingapura, e lhe tolhesse os mantimentos, e tomassem os que viessem demandar o porto. Lacfamana era afadiga-



do d'ElRey , que viesse pelear com Dom Garcia ; ao que elle respondeo : *Senhor , com Portuguezes , e navios de alto bordo não se pôde pelear com as lancharas rasas como eu trago , leixe-me , que eu conheço esta gente , por me ter custado sangue , a boa fortuna anda ora comtigo ; eu te vingarei delles* , e alli o fez. Porque logo na entrada do rio em hum cotovelo que o encubria , mandou ajuntar as suas lancharas , e cubrio-as tanto de rama , que pareciam arvores do mato , a quem as visse de longe ; e feita esta encuberta , mandou duas manchuas , que viessem esbombardear os noslos. D. Garcia quando as vio tão atrevidas , mandou os dous caravelões trás ellas , as quaes fingindo temor , se foram recolhendo pera dentro , e os caravelões com açodamento de as tomar não ouviam os signaes dos tiros , que lhe D. Garcia mandou tirar por signal que se recolhessem. Mas parece que aquelle era o seu derradeiro dia , porque sahio Laclamana tão preites , e vivo no remo , que primeiro que ellas fizessem volta , as tomou. D. Garcia quando as vio traspôr da vista pelo rio dentro , mandou a Roque Coelho , e a Garcia Queimado que fossem trás elles ; mas não fizeram tão pouco em escaparem , porque como o rio todo estava cheio de tranquia , e impedimento pera na-

vios grandes não entrarem, foram dar em secco, e houveram de ficar alli, se a maré não viera tão açodada, que os salvou. Vendo D. Garcia este máo principio, e que não era esta a sua hora, tornou-se pera Malaca.

## C A P I T U L O VIII.

*De algumas cousas, que os nossos passaram na Ilha da Jaua, em que alguns pereceram per traições de Mouros: e do que Simão de Sousa, e Martin Correa fizeram na Ilha de Banda, onde acharam Martin Affonso de Mello Jusarte em guerra com os naturaes: e como depois cada hum se partio a fazer suas viagens por razão de seu proveito.*

**P**Rimeiro que entremos nas cousas de Maluco, de caminho iremos contando algumas que passaram os nossos, que lá eram, e alli em Banda a fazer commercio da maça, e nóz, que ella tem, e começaremos no que aqueceo a Antonio de Pina, que ainda he parte dos desastres de Malaca. O qual escapando das lancharas de Lacsamana, e atravessando per cima das Ilhas de Curia Raja, (como atrás escrevemos,) veio dar consigo na Jaua no porto da Cidade Agacim, que he das mais célebres que ella tem, onde com elle veio ter Simão de

Soufa, e Martim Correa, que hiam caminho de Banda, per o qual souberam a morte de D. Sancho, e os trabalhos que elle passou. Havendo sete, ou oito dias que Antonio de Pina chegára, e como os Jáos he gente atreçoada, quizeram fazer outro tanto á não de Martim Correa, vindo ante manhã seis lancharas, tres de huma parte, e tres da outra, e commettêram entrar nella. Mas quando acudio Martim Correa, que ás lançadas os fez apartar, lançáram o feito a zombaria, dizendo que mal recebiam a gente, que lhe trazia mantimentos. O que Martim Correa dissimulou, e disse, que comprar, e vender não se fazia ante manhã, que se alevantaria mais o Sol, então o faria, e assi o fez, não consentindo que entrassem dentro, sómente a bordo. Partidos elles, chegou hum homem Portuguez em hum paráo com hum carta a elle Martim Correa, de Manuel Botelho Escrivão de hum navio, que estava mais abaixo em outra Cidade per nome Surubaya. O qual navio era de duas pessoas, de Jorge Soares de Brito, e de Christovão Soares vindos de Malaca fazer alli seu proveito. Na qual carta elle Manuel Botelho lhe dizia como per huma escrava sua soubera que se armavam certas lancharas pera ir dar sobre elles, por isso que <sup>M. P. R. T. N. S. A.</sup> ~~que~~ <sup>N. A. L.</sup> tivessem tento em

si, ou se partissem, se já estavam prestes. Com o qual recado Martim Correa se foi logo a Simão de Sousa, e por já estarem apercebidos, e não se pôem em risco do que podia succeder, se partíram ao outro dia pera Banda, aonde era sua viagem. Ao seguinte dia, ou seriam estas do aviso, ou outras, tanto que víram partidos os nossos navios, como gente magcada, que perdêra aquella preza, saltáram com Antonio de Pina, que estava apouentado em terra, e o matáram, com dez, ou doze Portuguezes, e depois vieram tomar o seu navio com quanto tinha, assi que fugindo de tantos perigos, não pode fugir áquelle da morte, que lhe estava limitada na Jaiia. E Manuel Botelho dando aviso aos outros, não o teve comsigo, ou ao menos os senhorios d'elle, que andavam em terra muito descangados em Surubaya, onde tambem foram mortos, e em sua companhia hum Fidalgo per nome Fernão da Silva, com outros seis, ou sete Portuguezes. E querendo alguns páraos nesta revolta vir ao navio polo tomarem, os que ficáram nelle se defendêram mui bem, e fazendo-se á véla pera Malacca, chegaram a salvamento. Tornando á viagem de Simão de Sousa, e Martim Correa, que partíram de Agacim, temendo estas traições, chegaram á Ilha Banda a tem-

po que deram a vida a Martim Affonso de Mello Jufarte. O qual estava de fogo, e sangue com os moradores do lugar Lantor, que he da Ilha Banda, onde se faz commercio da maça, e nóz. Porque sobre differenças que tiveram, tinham queimado hum junco que alli fora ter, e elle estava acolheito em huma tranqueira em terra, que fizera de palmeiras que cortára, com as quaes accrescentou maior odio, por ellas serem arvores de seu mantimento. E sobre isso fez tambem hum junco da madeira de arvores que davam noz, e de outras dos seus pomares de fruto, o qual mandou a Maluco carregar de cravo. E além d'isso veio a sua gente a tanta soltura, que tomavam o mantimento na praça, sem os querer castigar, necessitados de os não quererem vender. Com o que estava em tanto rompimento, que se recolheo áquella tranqueira fomite com sete Portuguezes, que tinha comfigo, e setenta Mouros Malayos, que vieram pera amarinhar o junco que lhe queimáram; os quaes Mouros estavam já confederados com os da terra pera os matarem, posto que eram casados em Malaca. E quem alli levou Martim Affonso, foi partir elle diante de Pero Lourenço de Mello, e o foi esperar em Pedir a fazer carga de pimenta, pera ambos dali irem á China e Pe-



e Pero Lourenço foi-se perder nas Ilhas, que já atrás dissemos. E vendo Martim Affonso que o tempo da monção pera a China se passava, pareceo-lhe que Pero Lourenço escorrêra, e sería em Malaca, onde o elle não achou, esteve alli perto de hum anno. No qual tempo Jorge d'Albuquerque mandou a D. Rodrigo da Silva filho de D. Henrique Henriques com hum navio pera ir a Banda, e a Maluco; e Garcia Caiinho, que era Feitor de Malaca, armou hum junco, e fez huma armação com elle Martim Affonso pera ir carregar de maça, e noz. Chegados elles a Banda, veio alli ter D. Garcia Henriques, que vinha de Maluco, e por a necessidade com que ficava Antonio de Brito, D. Rodrigo se partio pera Maluco, aonde foi morrer de febres. E Martim Affonso ficou alli posto em odio com a gente, e havia mais de oito mezes que isto era passado, quando Simão de Sousa, e Martim Correa chegaram. Os Mouros da terra, que o tinham posto em cerco, vendo os dous navios de Simão de Sousa, temendo que os havia de castigar polo que fizeram, primeiro que elle tomasse o pouso da ancoragem, vieram-se a elle, e fizeram-lhe queixume de Martim Affonso dos males que tinham recebido; e elle tambem depois deo suas razões, por o

não terem por author daquellas differenças. Porém como cada hum queria seguir seu parecer, depois as tiveram ambos por duas causas; a primeira por elle Martim Affonso querer que Simão de Sousa com a sua gente tomasse emenda dos males, que os Mouros lhe tinham feito, o que elle não concedeo, porque vinha a fazer commercio, e não guerra. E por esta causa depois de elle Simão de Sousa estar alli, per defordens de alguns de sua companhia os Mouros lhe matáram sete Portuguezes em Lutatam, onde elle estava, em que entravam estas pessoas nobres: Martim de Lemos mui especial cavalleiro, Francisco Veloso, João Vaz, e Thomé Dias Escrivães dos juncos dos armadores, e Martim Correa, o que elle dissimulou, por saber que a soberba dos nossos o merecia, e cumpria-lhe ter a terra em paz, e não de guerra. E a outra causa da desavença entre elles, e Martim Affonso foi, que Antonio de Brito, que estava por Capitão em Maluco, por a muita necessidade em que estava, mandou Gaspar Gallo em hum navio, que fora de D. Rodrigo da Silva já falecido, como difemos: pedindo a elle Martim Affonso, que lhe mandasse todos os mantimentos, que pudesse haver de quaesquer navios, e juncos, que alli estivessem de Mercadores de Malaca,

ca, e isto pola muita necessidade em que estava, mandando-lhe apresentar os poderes que tinha d'ElRey de Capitão daquelle Ilha Banda. O qual Gaspar Gallo falecco de febres em chegando, com que o navio ficou vago sem Capitão; Martin Affonso lançou mão d'elle, dizendo, que vinha a elle dirigido. Simão de Sousa como tambem trazia provisões do Governador D. Duarte de Menezes, porque mandava que elle fosse Capitão mór de todos juncos, náos, navios, que fossem ter a Banda, em quanto elle nella estivesse, e aos Capitães delles que lhe obedecessem; quizera tomar este navio pera o dar a seu sobrinho Francisco de Sousa, dizendo, que elle Martin Affonso podia ir a Maluco em hum junco, que com a vinda d'elle começou a fazer. Finalmente Martin Affonso de Mello como o navio vinha dirigido a elle, por Antonio de Brito saber que estava elle alli havia tempo, ficou o navio com elle, e feita cada hum sua fazenda, Bastião de Sousa se veio pera Malaca. Em companhia do qual se vieram estes juncos, que lá foram ter, hum de Martin Correa, que elle em Banda contrahou por vir nelle, e a sua náos por desgostos que teve a vendeo a Troilo de Sousa sobrinho de Simão de Sousa, e outro junco era de Martin Affonso de Mel-

lo , que elle alli fez em lugar do que lhe queimáram. E mandou nelle Antonio Pefsoa , que era Feitor da armação que elle tinha feito com Garcia Cainho , e nos outros dous vieram Martim Pegado de Elvas , e Bastião Pegado. E Martim Affenfo de Mello polo que lhe escreveu Antonio de Brito da necessidade em que estava , e proveito que se lá poderia fazer , por a grande novidade que havia de cravo , se foi pera elle em o navio em que veio Gaspar Gallo ; e estoutros se tiveram paixões na carga , muito móres trabalhos foram os do caminho. Porque o junco de Martim Pegado , por ser pequeno , e muito carregado , com o primeiro tempo se alagou , e fónente escapáram na champana , que levavam per popa tres , ou quatro Portuguezes , que nella foram ter á Ilha Bacham , os quaes ElRey mandou a Antonio de Brito Capitão de Maluco. E o junco em que hia Antonio Pefsoa chegou primeiro que os outros á Cidade de Agacim ; e como os Jáos estavam levantados pola morte de Antonio de Pina , que contámos , por emendar este mal , fizeram outro tanto a elle , e tomáram o junco assi como hia carregado , e outro tanto quizeram fazer ao de Bastião Pegado , quando alli chegou em companhia de Simão de Soufa , e valeo-lhe contar **N** <sup>IMPRENSA</sup> <sub>NACIONAL</sub> **Assi** <sup>A</sup> <sub>que</sub>

que dos navios que partíram em sua companhia, o seu, e este com outro foram ter a Malaca, e o de Martim Correa deo-lhe hum temporal no dia da partida, e foi ter a tres Ilhas de Banda, onde houvera de ser morto pola gente da terra; e por evitar este perigo se dispoz a navegar bem mal concertado, e foi ter á Ilha Amboino, onde achou Martim Affonso. E como os Mouros, que elle levava, entendêram que não hiam pera Malaca, os mais delles lhe fugíram, e os outros que ficáram, arrombáram o junco; mas Martim Correa lhe acudio. E partidos dalli, chegáram a Maluco a doze do mez de Setembro do anno de quinhentos e vinte e quatro, onde logo foram justificados os Mouros, que arrombáram o junco, e outros ficáram cativos. Contamos esta revolta, que foi a primeira que os nossos tiveram naquella Ilha de Banda, por mostra de outras peiores cousas que entre os nossos passáram, mais causadas da cubiça do fruto que ella dá, que todos pretendem trazer, que da desorden dos temporaes. E ás vezes permite Deos que da semente da cubiça se colhem os desastres do perdimento dos juncos, e da fazenda que nelles vai, e o dono em cima.



## CAPITULO IX.

*Como Cachil Mamolle irmão bastardo de Cachil Daroez, que andava degredado em vida d'ElRey seu pai, porque seu irmão o não consentia na terra, determinou de o matar, e elle cahio no laço: e do odio que ElRey Almançor teve á Cachil Daroez polo favor que tinha nosso.*

**P**Era enfiarmos as cousas de Maluco, em quanto D. Duarte governou a India, será necessario tornar ao estado em que deixámos Antonio de Brito Capitão da fortaleza de S. João de Ternate, e quando a elle começou a fazer, que foi-o anno de quinhentos e vinte e hum, (como fica atrás no fim do setimo Capitulo do quinto Livro desta Decada.) A qual foi fundada com tanto prazer, como depois proseguindo a obra, deo de trabalho aos nossos, por ser officio do demonio urdir, e receber cousas pera se não effectuar alguma obra em serviço de Deos; e a primeira foi esta. Em vida d'ElRey Boleife defunto, pai do Rey Ayallo menino, que então vivia, andava desterrado hum Cachil Mamolle seu filho bastardo, irmão de Cachil Daroez, por travessuras, e cousas, per que seu pai o lançára fóra de si, e a este tempo estava na Ilha Geilolo.

O qual vendo que seu irmão Cachil Daroez o não queria recollher, e que por razão do governo que lhe a Rainha entregára, (como atrás escrevemos,) e muito favor que tinha de Antonio de Brito, estava tão izentado, que fazia pouca conta d'elle, e de outros homens principaes, começou ordenar com elles, e com a Rainha, per meios que pera isso teve, que não deviam consentir que mais governasse, porque hia tomando tanta posse do governo, que se levantaria com o Reyno. E isto tambem tecco com ElRey de Tidore pai da Rainha, que nenhuma outra cousa desejava senão destruir Cachil Daroez, quanto mais via crescer a obra da nossa fortaleza. E feita a torre da menage com muros, e baluartes de pedra, e cal, e defensões que elle não era costumado ver, via nelles a mesma morte. A Rainha tambem aconselhada por seu pai, e arrependida do poder que tinha dado a Cachil Daroez, pareceo-lhe que este seu poder havia de matar seu filho, e destruir a ella. Finalmente foi o demonio tecendo huns odios, e suspeitas deste Cachil Daroez, que o irmão Cachil Mamolle determinou de o matar, e não sem favor, e conselho destas principaes pessoas, que lhe queriam mal. Mas porque elle isto não podia fazer á face descuberta, veio a Ternate de noite mi-

tas vezes, huma das quaes elle mesmo foi morto mui perto da nossa fortaleza. A fama da sua morte teve duas culpas na opinião da gente: os que queriam mal a Cachil Daroez, a davam a elle, dizendo que foubiera vir elle áquella Ilha de noite, que o mandára fazer; outros diziam que as guardas que vigiavam, cuidando ser alguma escurita, o fizeram, sem saber quem era. A morte do qual causou maior indignação contra Cachil Daroez. E como elles sabiam que todo seu poder, e valia procedia de Antonio de Brito, determináram de o matar a ferro, ou com peçonha, como melhor pudessem. E pera isso ElRey de Tidore ordenou hum banquete, o qual queria dar por honra de seu neto em Ternate em suas casas, que eram perto da nossa fortaleza, onde Antonio de Brito havia de ser convidado, da qual cousa elle foi avisado per Cachil Daroez. Vindo o dia do banquete, pera o qual era chamado, ElRey de Geilolo, e todos los principaes destas Ilhas, em que se ajuntou grande número de gente, quando vieram chamar Antonio de Brito, estava elle lançado na cama com mostra de hum accidente que lhe dera. E per os mensageiros d'ElRey, e da Rainha se mandou desculpar, mandando em seu lugar o Feitor Ruy Gago **Para** <sup>I M P R E S S O R S</sup> <sup>N A C I O N A</sup> receber aquella hon-

honra, com que ElRey de Tidore ficou em vão de seu proposito. Passado o dia da festa, em que a mais da gente se foi pera suas casas, leixou-se ficar ElRey de Tidore, dizendo que queria folgar alguns dias com sua filha, e seu neto, e ás vezes o hia visitar Antonio de Brito com mostras de amizade. No qual tempo elle tinha boa guarda na fortaleza, e tudo estava a recado, dissimulando com o Rey, té que se foi bem triste por ver que a obra crecia em mais fortaleza. Porém este trabalho custou a vida a muitos, adocendo a gente com elle, e com a variedade dos mantimentos, e mais estando debaixo da linha Equinocial. Entre as pessoas que daquella enfermidade morreram, as principaes foram Ruy Gago o Feitor, e ficou no seu officio Duarte de Rezende, que era Escrivão da Feitoria. Estando as cousas neste estado entre Antonio de Brito, e ElRey Almançor de Tidore, crecia o odio cada vez mais, e o credito de Cachil Daroez, porque elle era o que sustentava nossas cousas, com que recebia muita honra d'elle Antonio de Brito, que pera todos seus imigos era huma dor sem paciencia, a qual se convertia em damnarem a nós no que podiam de maneira, que começaram de lhe fazer guerra a mais dissimulada que pudéram, com mandar que a gente

te costumada trazer mantimentos á praça, não os trouxessem. Além disto aconteceu neste tempo virem alguns juncos da Ilha Banda á Ilha Tidore a buscar cravo, cousa que não podiam fazer. Porque como esta Ilha Banda estava debaixo do senhorio d'El-Rey de Ternate, eram elles obrigados a vir a ella, e não a outra parte; e assi estava assentado com ElRey Almançor que os não havia de receber na sua Ilha, e elle, e elles em odio da nossa fortaleza hiam lá vender, e comprar. Antonio de Brito mandou-se per vezes queixar a ElRey Almançor; mas elle deo tão pouco por isso, que ordenou Antonio de Brito de mandar lá hum fusta pera dar cata a alguns juncos que alli estavam, e que achando-lhes cravo, que o tomasse; ao qual feito foi Antonio Tavares, e por lingua Antonio Cabral. Na qual falla parece que se desmandou muito, com que ElRey ficou escandalizado, e muito mais por irem dar cata a hum junco, que tinha tomado hum pouco de cravo em tempo que a gente d'elle era em terra. E aconteceu que com hum tempo que veio subito, a fusta foi ter á costa, e os Mouros como víram os nossos em terra, mataram todos, e assi alguns escravos que remavam, o qual feito disseram a Antonio de Brito que fora per mandado d'ElRey.



E mandou-se queixar a elle da morte daquelles homens, e que devia mandar castigar os que tal obra fizeram; ao que ElRey respondeo com palavras, mostrando ter disso muito pezar, e que quanto aos authores de tal obra, que alli os mandava pera delles tomar emenda. O que Antonio de Brito houve per hum grande desprezo, por serem estes homens que mandava muitos cives, e que elle por outros delictos tinha condemnados á morte. Finalmente daqui se moveo que Antonio de Brito assentou com Cachil Daroez, que era melhor fazer descubertamente a guerra a ElRey de Tidore, porque ella faria que não proseguisse em taes obras com titulo de amigo, as quaes havia de usar por ser mui manhoso, em quanto não fosse castigado. E pera se esta guerra fazer com melhor côr, fez Antonio de Brito per meio de Cachil Daroez ajuntar ElRey, e a Rainha com todolos principaes do Reyno, e lhe propoz esta injúria, e damno que tinha recebido d'ElRey Almançor, e alli outras cousas, que todas eram signaes de inimigo. Dadas per elle muitas razões, e taes que a Rainha, e todolos seus não tendo que responder em contrario, differam que a guerra se movia justamente, pois ElRey Almançor taes cousas consentia. E porém disse a Rainha, que ella, e

seu filho queriam ir estar primeiro á prática com seu pai, per ventura cessariam estes movimentos de guerra. A qual vista foi no mar, onde Almançor veio, e em lugar de paz, consultáram como fariam guerra á fortaleza, do que Cachil Daroez, como homem que trazia escuitas nas cousas que se moviam contra nós, foi logo sabedor. E o que mais affirmou ser isto verdade, foi tolherem totalmente os mantimentos, que vinham á praça, de que a fortaleza se mantinha, e não se podia haver hum galinha pera hum doente a pezo de ouro. Cachil Daroez, a quem Antonio de Brito fazia queixumes destas cousas, respondeo-lhe, que ante que o negocio viesse a mais mal, seu conselho era que lançasse mão da Rainha, e d'ElRey, e os trouxesse á fortaleza, e os tivesse nella em modo de refens, em quanto a não tinha acabada, e estava tão pobre de gente, como havia nella, e isto fosse logo ante que a Rainha se acolhesse pera a ferra, onde tinha sabido que se queria ir com todolos filhos. Antonio de Brito dando conta aos principaes da fortaleza, posto que houve muitas dúvidas sobre o caso, assentáram per derradeiro este ser o remedio mais seguro por não morrerem todos á fome. Ordenado o dia que isto havia de ser, escolheo Antonio de Brito quarenta, ou cin-

coenta homens, aos quaes mandou rodear as casas d'ElRey, e que lá achariam Cachil Daroez, que daria ordem como haviam de trazer a Rainha, e ElRey, e elle hia logo trás elles. Chegando os nossos onde estava ElRey, sentindo a Rainha a gente, como mulher culpada, e que receava alguma cousa, se poz em salvo, leixando os filhos, ElRey, e Cachil Dayalo, e Cachil Tabarija, que era o menor. Aos quaes Cachil Daroez não consentio tocar algum dos nossos, dizendo, que as pessoas Reaes haviam de ser levantadas pelos de sua linhagem; e chegando a ElRey, com muita veneração o tomou nos braços, e mandou a dous homens Fidalgos, que tomassem a seus irmãos, e os levaram todos tres ao collo. O rebate foi logo dado na Cidade; e sabindo com elles já fóra dos seus Paços, chegou Antonio de Brito, e os levou com aquella mesma honra, e acatamento. Postos em cima em hum apouso da torre onde lhe estava ordenada, como a seu modo, e como Rey que era, foi tanta gente derredor da fortaleza, que foi necessario a Antonio de Brito chegar a huma janella, e per meio de Cachil Daroez lhe fez hum razoamento, todo fundado no serviço d'ElRey seu Senhor, e segurança de sua pessoa, e por assocegar o

animo de algumas pessoas, que queriam  
 metter aquelle Reyno em revolta. E que  
 lhe lembrasse quanto ElRey Boicife tinha  
 encomendado a todos a amizade dos Por-  
 tuguezes, e quanto procurára aquella for-  
 taleza, que alli vian feita, a qual estava  
 toda offerecida com quantos Portuguezes  
 nella houvesse ao serviço d'ElRey, pera  
 lhe defender seu Reyno, e estado de seus  
 inimigos. E que soubessem certo que ElRey  
 estava tão contente, como nos braços de  
 sua mãe, e alli seus irmãos. Per este modo  
 Cachil Daroez como homem prudente lhe  
 disse taes cousas, com que todos se torná-  
 ram pera suas casas contentes do que era  
 feito. E por mostra de mais segurança da  
 pessoa d'ElRey, Cachil Daroez ordenou  
 que tres, ou quatro pessoas nobres do ser-  
 viço d'ElRey se viessem pera o servirem,  
 e que nos seus Paços lhe fizessem o comer,  
 e pera seus irmãos, e de lá o traziam fei-  
 to pera as pessoas que o acostumavam fa-  
 zer. Como Antonio de Brito teve este pe-  
 nhor, per conselho de Cachil Daroez, com  
 trombetas mandou denunciar guerra contra  
 ElRey de Tidore, e prometter a qualquer ho-  
 mem que lhe apresentasse a cabeça de hum  
 dos seus moradores, que lhe daria hum tan-  
 to. E como aquella gente he belicosa, e cubi-  
 çosa, foi tamanho o alvoroço nelles de prazer,  
 que

que os mantimentos pera os nossos vieram logo á praça, e eram tantos os saltos que se faziam na Ilha por ganhar o premio, que em poucos dias mandou pagar Antonio de Brito mais de seiscentos pannos. E além desta guérra, que fazia a gente comum em seus paráos, mandou Antonio de Brito armar hum navio pera ir sobre o porto da Cidade Tidore, e lhe defender todos os mantimentos, e cousas que lhe hiam de fóra, a capitania do qual deo a Jorge Pinto da Silva. O qual estando prestes pera partir, chegaram Martin Affonso de Mello Jufarte, e Martin Correa, que (como atrás escrevemos) ambos se ajuntaram em companhia pera vir áquella parte. Com a qual chegada Antonio de Brito deteve Jorge Pinto té ver o que faria, por não ir só, esperando que com estes dous Capitães, e gente que traziam poderia fazer a guerra a Ternate mais poderosamente. Passados os primeiros dias que estes novos hospedes descansaram, teve Antonio de Brito conselho com elles, e com Cachil Darocz. Porque como era homem fiel a nós, e cavalleiro de sua pessoa, e de grão conselho pera aquelle negocio da guerra, convinha ser presente. E assentaram que fossem chamados todos os principaes, e amigos, e vassallos d'ElRey de Ternate de todas as Ilhas



a elle vizinhas, que o viessem ajudar com todo seu poder, os quaes neste ajuntamento, por ser muita gente, se detiveram mez e meio. No qual tempo, porque quando fossem tomassem a ElRey Almançor mais necessitado, mandou Antonio de Brito ao mesmo Antonio Pinto, que em o navio que tinha armado se fosse lançar sobre o porto da Cidade Tidore, e com elle foi Lionel de Lima hum Fidalgo mancebo em hum zambuco, os quaes atormentáram bem a Cidade huns dias que alli estiveram em lhe tolher os mantimentos. E como os Mouros víram que o modo delles era em apparecendo o navio, ou barco que se vinha pera a Cidade, logo hiam a elle, ordenáram de os acolher per este seu modo, mandando de noite huma coracóra, que são navios leves de remo, que a outro dia apparecesse ao mar, como que vinha com algum mantimento da Ilha Geilolo, que está defronte. E tanto que os nossos navios fossem a elle, se fizesse em outra volta, como que se acolhia a hum seio, que a mesma Ilha Tidore fazia, onde estava hum callieta, a de dentro da qual haviam de estar certos paráos em cilada. E na entrada da calheta estava hum recife de pedras, que a agua lavava de maneira, que se não viam, e per cima podia entrar barco leve, fazendo

do conta que este recife sería huma rede, em que elles esperavam caçar, e assi foi. Porque tanto que amanheceo, vista esta coracóra, Jorge Pinto por lhe cahir mais á mão, se foi a ella. E como hia alvoroçado com o remo teso quasi a prôa sobre a popa d'elle, como galgo sobre as ancas da lebre, entrando na calheta, encalhou, por ser navio pezado, e de quillia. Ao qual logo sahíram os paráos; e posto que Jorge Pinto pelejou como cavalleiro que era, todavia elle ficou alli morto com seis Portuguezes, e quarenta remeiros que hiam com elle. Lionel de Lima quando de longe vio a peleja de Jorge Pinto, acudio-lhe; mas não ousou de entrar no recife, por não ficar da mesma maneira encalhado, e mais era já tão tarde este seu chegar, que não aproveitára. Os Mouros dos paráos não se contentáram com este feito, que lhe succedeo segundo cuidáram, mas ainda por mostrar a seus vizinhos a vitoria, cortáram as cabeças aos nossos, e foram-se a huma Ilha chamada Moutel, meia legua de Tidore, (por esta Moutel ser do senhorio de Ternate,) e com grande festa em seus paráos embandeirados do mar mostráram as cabeças dos nossos aos da terra, perguntando-lhes se as conheciam, e que levassem esta nova ao Capitão Antonio de Brito. O qual

como isto soube per estes moradores de Moutel, mandou logo vir Lionel de Lima pera prover ao diante nesta guerra, que teve tão máo princípio.

## C A P I T U L O X.

*Como ateada a guerra entre os nossos, e ElRey Almançor de Tidore, ainda que no principio della acontecêram desastres com morte, e feridas de alguns dos nossos, por fim de alguns grandes damnos que ElRey recebeo, veio pedir paz a Antonio de Brito, que lhe elle não concedeo.*

**A**O tempo que aconteceu este desastre eram perto de mil e quinhentos homens juntos na Cidade de Ternate, todos convocados pera esta guerra contra ElRey Almançor. E tendo Antonio de Brito conselho sobre este caso aquecido, e proseguimento da guerra com os Capitães, que vieram de Banda, Cachil Daroez, e outros mandarijs principaes, propostas muitas couzas de huma, e de outra parte, assentou-se que era mui bem proseguir na guerra; porque era a melhor conjunção que podia ser, por ser junta tanta gente pera servirem ElRey, com animo de morrerem por elle, e mais por não parecer fraqueza nossa, que com o primeiro damno perdiamos o fervor da-

daquella guerra. E ordenou-se assi, que Martim Affonso de Mello como principal pessoa se partisse logo em hum navio, e com elle Lionel de Lima, e Martim Correa em outros, e se fosse lançar sobre a calheta, onde matáram Antonio Pinto, e alli esperassem Cachil Daroez, o qual havia de partir com huma frota de cem paráos, com toda a gente da terra que era junta, e assi se fez. Chegando Martim Affonso ao lugar ordenado, porque estava ocioso esperando Cachil Daroez, e hum Gaspar d'Almeida, que hia em sua companhia saber huma Aldea junto da agua huma legua donde estavam, disse, que lhe parecia bem que aquella noite a fossem queimar, o que Martim Affonso approvou, e apercebeo pera isso dous paráos, e dous bateis com ré quarenta homens. E porque determinou dar nella ante manhã, partio-se de noite por não ser visto da Cidade Tidore, porque havia de passar ao longo della pera ir á Aldea que estava além. E por mais que elle Martim Affonso se despachou, por lhe ser contrario o vento, era já alto dia quando passáram per ante a Cidade. O porto da qual estava cheio de paráos de guerra; e quando víram que os nossos não eram mais que quatro vasilhas tão pequenas, entendêram que hiam dar no lugar,

e foram-se trás elles, com proposito, que como elles faltassem em terra, de lhe tomar a embarcação. E porque Martin Afonso chegando ao lugar, cahio no ardil que elles levavam, fez huma volta sobre elles, e com os berços, e artilheria os enxutou longe ao mar, e tornou-se a huma calheta que o lugar tinha. Os moradores do qual com o temor da guerra que com elles tinhamos, leixáram a povoação de baixo, que seriam algumas dez, ou doze casas, por ser de pescadores, com huma meiquita, e subíram-se em cima de huma rocha de pedra viva, que estava em hum tempo pouco affastado da Aldea. Martin Afonso por não ir de balde, determinou de fahir em terra; e chegando ao pé da fraga da penedia, não acháram outro caminho senão huma vareda entaliscada com os penedos de huma parte, e da outra, que hum homem despejado teria bem que fazer em ir per elle acima. E no meio desta subida, onde era mais estreita, estava hum paráo atravessado como defensão da passagem, pera no tempo da necessidade, vindo os imigos a elles, o lançarem sobre elles, e mais acima outro polo mesmo modo. Martin Correa como hia diante, e vio cousa tão difficultosa, começou de bradar com Gaspar d'Almeida porque os enganára.



ra. Ao que elle respondeo : *Ao tempo que eu vim a este lugar , não sabia que tinha este minhoto o ninho tão alto.* Martim Correa em modo de graça disse : *Pois eu hei de ver estes minhotos como estão aninhados ; e começou de ir adiante té chegar aos parãos ; e achando ir diante si hum Gomes Botelho Clerigo , perguntou-lhe onde hia ? respondeo : Vou lançar aquelle parão donde está , pera termos lugar de ir , e subirmos acima.* Pois assi he , disse Martim Correa , *eu vos quero por companheiro , e ambos o foram lançar.* Vendo isto Francisco Lopes Bulhão , que estava em baixo com Martim Affonso , que Martim Correa achára caminho , como era cavalleiro , e tinha grandes pontos nisso , foi-se pela vareda acima ajudar a lançar o outro segundo , e assi o fizeram , que fez tamanho estrondo , vindo pelos penedos abaixo , que acudíram os Mouros de cima. E vendo que os nossos encaminhavam a elles , começaram ás pedradas , e com galgas de pedra tão furiosas a defender irem adiante , que conveio a Martim Correa , e aos outros metterem-se debaixo de huma lapa , que fazia huns penedos , té que Martim Affonso chegou com a gente , e começaram com as espingardas a apartar os Mouros de cima por não tirarem mais. Na qual chegada da gente co-

mo o lugar era estreito , e huns queriam ir por cima dos outros , acertou hum dos nossos espingardeiros fazer hum tiro , e não lhe querendo a polvora tomar fogo , abai-xou-se pera a concertar. E estando nisto , parece que lhe ficou alguma faisca na es-corva , com que desparou a espingarda , e foi dar pelo hombro direito a Martim Af-fonso , passando-lhe os bocetes da malha , té entrar dentro no corpo. Ao qual defas-tre acudio logo Martim Correa , e tirados os bocetes , que víram bufar o sangue , por-que parecia a ferida mortal pelo lugar on-de foi , o trouxeram a hum batel , apertan-do-lhe a ferida com huma touca do mes-mo Martim Correa , que lhe servia de ca-pacete. E foram-se com esta empreza tão inal acabada , que se rematou em queima-rem a mesma mesquita , e casas que alli es-tavam. Tornados todos á calheta onde es-tavam os navios , foi mandado Martim Affonso em hum paráo á fortaleza a se cu-rar , e Martim Correa se leixou ficar com os navios na guarda da Cidade té vir Ca-chil Daroez com a gente que ficava orde-nada. Mas Antonio de Brito sentio tanto este defastre , que entreteve Cachil Daroez , e logo ao outro dia mandou vir Martim Correa com determinação de totalmente leixar a guerra , temendo que com aquelles

desastres viesse a perder tanta gente , que não tivesse quem lhe defendesse a fortaleza , porque não tinha per todos os Portuguezes que eram juntos , mais de cento e vinte. Però como Cachil Daroez tinha mettido neste negocio muito cabedal , e junto muita gente , e tambem mostravamos grande fraqueza por causa de dous desastres desistir logo da guerra , concedeo-lhe Antonio de Brito ir elle com toda a gente da terra tomar hum lugar chamado Mariaco , situado no meio da Ilha em hum teso , que parecia de todas as partes , principalmente da face que estava contra a Ilha Ternate , onde tinhamos a fortaleza. E a razão que o moveo a dar neste lugar , foi por ser o mais nobre , e o melhor da Ilha , onde antigamente os Reys della estavam ; mas depois por causa do commercio dos navios que alli hiam buscar o cravo , se desceo El Rey á fralda do mar , fazendo novamente a Cidade em que estava. Na qual viagem logo no commettimento do caso aconteceu outro tal desastre a Francisco de Sousa , que hia por Capitão dos Portuguezes , per esta maneira. Cachil Daroez como levava muita gente , tanto que chegaram ao porto , encaminhou a Francisco de Sousa per hum caminho mais breve pera o lugar Mariaco , e disse-lhe , que com o corpo da sua

gente havia de rodear per outra parte, pera encavalgar a serra onde elle estava assentado, e que viria dar nelle; como dèsse, que daria huma grita, a que elle Francisco de Sousa acudisse. Assentado este modo, fazendo Francisco de Sousa de vagar seu caminho directamente ao lugar, como os Mouros se vigiavam, e sentiram que vinha per o caminho ordinario, descêram ao encontro d'elle com huma grande grita. Francisco de Sousa parecendo-lhe que era Cachil Daroez, que entrava já no lugar, apressadamente foi dar nos contrarios. Na qual revolta foi elle ferido em huma perna com a espingarda do mesmo espingardeiro, que ferio a Martim Affonso, por ser hum homem hum pouco embaraçado quando vinha ao usar de seu officio. Parece que o temor o tornava no que devia de fazer; e se Cachil Daroez não acudira, houvera-se de fazer mais mal, que ferirem quantos feriram dos nossos. E por salvar a pessoa d'elle Francisco de Sousa, tornou-se aos batéis, mandando elle, e os feridos a Antonio de Brito, aqueixando-se d'elle guardar tão mal a ordem que lhe dera: que lhe pedia que se não agastasse, que elle sómente com os seus queria proseguir naquella cousa, e que não se havia de ir dalli té lhe sua mercê mandar Martim Cor-

rea, por ser homem mais maduro, e usado na guerra que Francisco de Sousa, por ser ainda mancebo, e novo nella, e com Martim Correa viessem de quinze té vinte Portuguezes, e que não queria mais. Antonio de Brito totalmente com este terceiro defastre poz-se em não querer mais profeguir na guerra, e assi o mandou dizer a Cachil Daroez, e que despedisse a gente; mas elle como era homem cavalleiro, e por não perder seu credito, e tambem não dar gloria a seus inimigos, leixou a sua gente onde estava encommendada a hum seu Capitão; e tanto pode com suas razões, que houve Antonio de Brito por bem que fosse com elle Martim Correa com té vinte homens. E escreveu a Lionel de Lima, que estava sobre o porto de Tidore pera lhe tolher os mantimentos, que se fosse pera Martim Correa com alguns homens, leixando o navio a bom recado, o que elle fez, levando consigo quinze homens. Este lugar de Mariaco, como dissemos, estava em hum alto todo cercado de madeira mui grossa, e basta, com travessas de outros páos per dentro pregados com prégos grossos, e suas guaritas em cima em partes pera defender a subida, e por causa do rebate que lhe deram, estayam com dobrada artilheria, e gente. E posta toda em cima



assi a de Cachil Daroez , como a nossa , quiz Martim Correa dar huma vista ao affento do lugar , e tomou logo posse de duas ferventias , onde poz homens. E na que hia contra Tidore poz hum berço de metal , e com elle Lionel de Lima , donde podia fazer muito damno ao lugar , por lhe ficar ao sob pé , e mais defenderia se algum soccorro lhe viesse per aquella parte. E depois que andou notando , e per onde era mais facil entrada , primeiro que começasse a fazer alguma obra , foi-se a hum valle ali perto , onde Cachil Daroez estava lançado com sua gente logrando a frescura de huma ribeira , que corria mui graciosa , por defencalmar da calma grande que fazia. E entrando Martim Correa per entre a gente , que estava toda bem descansada , como quem queria primeiro ter a festa , e vinha de vagar a cercar o lugar , começou lhe a dizer : *Sus , sus , he tempo , vamos a fazer nossa obra.* Ao que elles responderam : *Ainda não nos chegou a vontade ;* porque elles em quanto lhes não vem aquelle furor de pelejar , ninguem os move. Cachil Daroez vendo Martim Correa como vinha apressado , disse-lhe : *Logo me vou trás elle , porque esta gente eu sei como se quer , e não se move senão a seu modo.* Martim Correa como vio o seu vagar , tornou-se ,

se, e levando consigo sete, ou oiro mandarijs delles, homens seus amigos, que se prezavam de cavalleiros, e com outros tantos que o quizeram seguir, foi-se pôr em huma parte da cerca, que tinha os páos mais ralos, e não tão fortes, por ter de dentro huma parede de huma casa comprida, que encubria aquella entrada, a qual Martim Correa tomava por mais segura, porque entrando na casa, ficava já além da cerca dentro na povoação, e defendido com as paredes da casa. E determinando-se de entrar por aquella parte, mandou chamar Lionel de Lima, que estava em guarda do berço, e trouxe consigo alguma gente; ao qual deo conta de sua determinação, e elle respondeo que tal não fizesse, por ser cousa mui perigosa, e que elle tinha huma carta de Antonio de Brito, em que lhe mandava, que commettendo elle Martim Correa cousa de tanto perigo, que lhe requeresse de sua parte que tal não fizesse. E sobre isso tirou huma carta, e começou de a ler diante da gente em alta voz que ouvissem todos, amoestando-lhe que obedecessem a seu Capitão mór. Ao que Martim Correa respondeo: *Senhor Lionel de Lima, Antonio de Brito me dava hum regimento, quando determinou de eu vir a este negocio, e eu lhe respondi que não tinha já*

idade pera ler regimentos , que o leixasse em mim , e não me atasse o entendimento , e as mãos ; vossa mercê se vá embora guardar o berço com a gente que lá tendes , leixai-me esses homens que trazeis , se comigo quizerem ficar. Però como elles queriam mais obedecer ás palavras da carta de Antonio de Brito , que ás de Martim Correa , seguiram a Lionel de Lima. Sómente Joanne Mendes hum cavalleiro , ( como o era de sua pessoa , ) disse a Martim Correa : *Eu , senhor , não tenho mais companhia comigo , que esta chuça , e adarga , que traço nas mãos ; se vos eu contento com ellas , vamos aonde quizerdes , que eu vos acompanharei té morte.* Martim Correa dando publicamente a Joanne Mendes os agradecimentos de tão honradas palavras , chegou-se a elle passio , e disse-lhe o que havia de fazer. E porque desta banda de fóra ao longo dos páos , per onde elle esperava entrar , estava huma caniçada , disse Martim Correa aos mandarijs que com os seus criados a derribassem , e vissem se tinham os Mouros mettidos per alli alguns estrepes de peçonha , coufa entre elles mui usada. Derribada a caniçada , e o lugar seguro da suspeita dos estrepes , chegou-se Martim Correa , e per hum canto abalou hum páo daquelles com tanta força , que o moveo per

hum parte per onde entrou de ilharga, e trás elle dous criados seus com espingardas. Joanne Mendes, que tambem andava buscando entrada per alguma parte, como vio Martim Correa entrar, foi-se trás elle, e alli hum dos mandarijs que o seguiam. Os Mouros como sentíram sua entrada, alli das guaritas, como de dentro, a pedradas, fréchadas, e zargunchos offendiam bem; e o primeiro signal que tiveram de boa ventura, foi que andando entre elles hum Mouro honrado parente d'ElRey de Tidore, muito assignado, governando os outros, fez tão boa ponteria hum dos espingardeiros, com que o derribou. Sobre o qual caso Lionel de Lima, do lugar onde estava por ser alto, vendo o trabalho em que Martim Correa andava, acudio com sua gente, e juntos todos em hum corpo, começaram a ferir os Mouros de maneira, que fizeram huma boa praça. A este tempo foi dado nova a Cachil Daroez como o lugar era entrado dos nossos, e com alvoroço, bem como huma banda de estorninhos desce a huma arvore onde se quer pouisar, alli a sua gente foi em hum avoo sobre as tranqueiras, e dahi entráram na povoação, fazendo maravilhas nos Mouros que estavam dentro, sendo todos homens de peleja. Porque as mulheres, e filhos tinham

postos em suas fazendas lá por dentro da terra, receando esta entrada nossa; alguns dos quaes, que seriam té cento e tantos homens, cuidando que podiam segurar a vida, subíram-se em humas arvores altas de fruito da terra, que os moradores tinham postas nas portas pera sombra. Os contrarios, que era a gente de Cachil Daroez, não faziam senão derribar nelles ás fréchadas, como se foram aves de caça, sem lhes aproveitar entregarem-se por cativos. A este tempo estava Martim Correa assentado sobre hum assento a huma porta, que se não podia bem afirmar sobre huma perna, que tinha ferida, de hum arremesso, que lhe fizeram á entrada; e quando soube a crueza que os debaixo usavam com os de cima da arvore, chegou lá, e não havia remedio com Cachil Daroez que quizesse dar vida áquella gente, que se entregava, dizendo ser antigo costume, e quasi antre elles religião, que não podiam quebrar; que quando algum Rey, ou pessoa em seu nome era em guerra, e os inimigos ante de virem a pelejar se não entregavam, depois não lhe davam vida. Nesta prática parece que hum dos de cima desesperou da vida, e por se vingar leixa-se cahir da arvore, e tanto que foi no chão, arremetteo a hum dos nossos com hum criz, que he arma co-



mo as nossas adagas , e metteo-lho pelos peitos ; mas elle foi logo feito em selada , sem lhe ficar membro inteiro , a qual cousa azedou mais Cachil Daroez. Todavia Martim Correa não podendo ver a carniceria que os Mouros faziam em descabeçar , e andar ás rebatinhas a quem levaria huma cabeça delles , como se fora huma fruta muito golosa , que se lançava da arvore , moveo a Cachil Daroez com esta razão , dizendo ser aquella guerra feita em nome d'ElRey D. João de Portugal , e não d'ElRey de Ternate , com que elle concedeo recebello com seguro das vidas. E pera isto foi necessario fazer huma certa cerimonia , segundo seu uso , quando concedem tal cousa , que foi mandar trazer huma pouca de agua , e lançada pelo punho da espada , a bebeo pela ponta. Martim Correa acabada a sua cerimonia , tornou-se assentar onde estava , em quanto os Ternates andavam a descabeçar os corpos mortaes dos Tidores , por não haver já mais que fazer ; mas primeiro que se elle fosse dalli , se vio em maior perigo , e trabalho , que em todo aquelle feito ; e o caso foi este. Tem o demonio tanto poder , que tem semeada per todas as gentes huma opinião de honra de cavalleria ; e quanto elles são mais barbaros , mais barbaramente usam no venci-

mento de seus inimigos. Das quaes opiniões vem que naquellas partes o maior signal que hum homem póde levar de guerra pera ser estimado de cavalleiro, e receber acrescentamento de seu Rey, he levar muitas cabeças de seus inimigos, e não se tem em conta se os matou elle, ou não, leve-as huma vez, que isto basta pera ser tido por cavalleiro. Com a qual gloria de honra vinha hum Mouro dos Ternates com duas cabeças atadas huma na outra ao pescoço, correndo-lhe o sangue pelos peitos, mais contente, que se trouxera hum fio de perlas com duas joias muito ricas. Trás o qual Mouro vinha outro, e de quando em quando tirava-lhe de huma das cabeças que lhe queria tomar, e o que era senhor dellas, arremettia a elle com grande furia, defendia-se d'elle com as mãos, e docstos da lingua. Chegados com este entremez onde estava Martim Correa, começou o velho com grande paixão dizer: *Senhor, valei-me aqui; dissei a este homem que me dê huma cabeça destas, porque sou senhor de hum paráo, e não tenbo nenhuma pera levar nelle pera minha honra, e elle leva duas sem ter paráo.* Martim Correa cuidou que não fazia tanto mal, começou de rogar ao das cabeças que desse áquelle homem honrado huma das que levava; ao

que elle respondeo , que não dormira elle a fésta no valle onde os fora buscar , e houvera cabeça ; mas sem suor , e seu sangue querer ganhar honra , que não estava em razão , porque a honra era fillia do trabalho , e a preguiça madre da baixeza. O outro dava desculpas , e matava-se , pedindo a Martim Correa que em toda maneira lhe houvesse huma daquellas cabeças ; o qual querendo lançar mão do senhor dellas , pera lhe tomar huma , deo dous pullos pera trás , bradando como se fora hum homem só , que o querem roubar ladrões ; a que logo acudiram alguns tão indignados , como que queriam defender aquella força de maneira , que os deixou Martim Correa litigar em sua honra. Acabado de se desembaraçar delles , em que se mais detiveram , que no vencimento , mandou per parte poer fogo ao lugar. O qual como era de madeira , e bem secca , começou de labrar de maneira , e fez tamanha luz , que vinda a noite , parecia huma serra de labareda , que foi vista da nossa fortaleza , e deo signal aos nossos da vitoria que tinha havida Martim Correa. O qual embarcado com toda a gente a requerimento de Cachil Daroez , passou pela Ilha Maquiem , a metade da qual era d'ElRey Almançor de Tidore , e a outra d'ElRey de Ternate. E

chegando a hum lugar dos de Tidore, que estava á borda da agua, mandou Cachil Daroez chamar alguns dos moradores, amoftrando-lhe as cabeças que levavam dos Tidores, dizendo que se fizessem vassallos d'ElRey de Ternate, e não curassem d'ElRey Almançor, e senão, que sahiriam logo em terra a lhe fazer outro tanto. Finalmente estes com trazerem logo presentes, e outros que tambem se deram, e outros que foram conquistados a ferro, sahindo os nossos em terra, não se foram daquella Ilha sem to-da ficar por d'ElRey de Ternate. E não tardou muitos dias depois que Martim Correa chegou a Ternate, onde foi recebido com muito prazer, e honra, que per ordem de Cachil Daroez elle Martim Correa foi á Ilha Batochina, hum lugar chamado o Gáne, que era d'ElRey de Tidore, sessenta leguas de Ternate, o qual destruiu, e assi houve muitas vitorias dos Tidores no mar, servindo já neste tempo de Capitão mór do mar, e Alcaide mór da fortaleza, que lhe Antonio de Brito deo pelos serviços que alli fez. Com as quaes vitorias ElRey Almançor se vio tão perdido, e atribulado, que mandou pedir pazes a Antonio de Brito, que lhe elle não concedeo, porque o temor deste assombrasse os outros vizinhos a não quebrarem a nossa amizade,

como este quebrou. E porque estas cousas já foram feitas no fim do anno de quinhentos e vinte e quatro, e na entrada de vinte e cinco, em que na India estava o Conde da Vidigueira Almirante dos mares della, de que veio por Viso-Rey pera a governar, leixaremos as mais deste Oriente pera seu tempo, por escrever as que elle passou depois que partio do Reyno de Portugal, e nellas começaremos o Livro nono desta terceira Decada.



# DECADA TERCEIRA.

## LIVRO IX.

Dos Feitos , que os Portuguezes fizeram no descobrimento , e conquista dos mares , e terras do Oriente : em que se contém as cousas , que se nella fizeram , em quanto o Almirante Conde da Vidigueira foi Viso-Rey naquellas partes : e assi do tempo que D. Henrique de Menezes as governou.

---

### CAPITULO I.

*Em que se escreve o modo que se tem na eleição da pessoa do Governador da India : e quando falece , como o succede a pessoa que lá está : e como o anno de quinhentos e vinte e quatro ElRey D. João mandou o Conde da Vidigueira por Viso-Rey á India : e do que passou no caminho té chegar a Goa.*

**M**uitas cousas leixam de escrever os Escretores da historia por serem muy fabidas , e notas aos vivos daquelle Reyno , e tempo , em que elles crevêram , donde se segue ficarem elles sepultados no decurso do tempo , cuja me-

moria he mui fraca , senão he ajudada da escritura. Porém quando em alguma particular achamos cousa do que elles não fizeram menção , ora seja de caso aquecido , ora de costume , e governo da nossa propria patria , deleitamo-nos muito com esta tal novidade , e ás vezes tomamos a mesma cousa passada pera exemplo do presente governo. E porque a principal que a India tem he a pessoa do Governador , e Capitão geral della , diremos aqui o modo de como he eleito quando daqui parte , e o juramento que lhe dam , e quando acaba o seu tempo , o que faz na entrega do proprio cargo áquelle que deste Reyno vai provido em seu lugar , e tambem per que modo succedeo o que lá está , quando algum falece. Porque ainda que estas cousas a nós os presentes sejam commuas , podem ser conhecimento aos estranhos de como governamos aquelles estados do Oriente , e os nossos que depois vierem , saibam como se conservou per bom conselho ; pois muitas das cousas per que se elle descubrio , e conquistou , que foram obras de seus avôs , esta nossa escritura os tem feito herdeiros da honra , que vertendo seu sangue elles ganharam. O Governador que deste Reyno he enviado , sempre na eleição delle se tem esta consideração , que seja homem de lim-

po sangue , natural , e não estrangeiro , prudente , cavalleiro , bem costumado , e que se tenha delle experiencia em casos semelhantes de mandar gente na guerra. E por evitar os artificios que sempre ha nestas eleições ácerca dos Officiaes , e pessoas do conselho d'ElRey , com os quaes elle consulta estas cousas , donde se pôde prevenir esta sua ordem de eleger , além das cousas que este eleito pera Governador jura de guardar , e cumprir , pondo corporalmente as mãos nos Evangelhos , he que perfi , nem per outrem pedio , nem requereo o tal cargo. Porque quer ElRey que huma tão grande cousa , como he ser Governador da India , não seja havida per requerimento , sómente per eleição. E as outras cousas que jura ácerca de fazer , e guardar justiça , cumprir os regimentos d'ElRey que lhe forem dados , e não receber serviços , e peitas de todo genero de homem , e que proveja os cargos , e officios aos criados d'ElRey , e não aos seus , e outras cousas que ha de guardar ; he hum temor ou villas , quanto mais confiar hum homem que as pôde inteiramente cumprir. E não dá S. Paulo tantas partes a hum Sacerdote , que ha de acceitar a Dignidade Episcopal pera ser acceito a Deos ; quantas em seu modo hum Governador da India jura primeiro que en-

tra nesta religião , que geralmente dura pouco mais de tres annos. E prouvesse a Deos que no primeiro anno de seu noviciado guardassem alguns a meia parte do que os obriga o juramento ; porque se assi fosse , não veriamos em elles chegando a este Reyno os libellos , que contra os taes faz o Procurador d'ElRey. Però como a cubiça he raiz de todos males , quando ella entra em o peito de hum homem , e elle a tem abonada per este proverbio do Mundo : *Dos nescios leaes se enchem os Hospitaes* ; e per experiencia tem visto que ácerca do mesmo Mundo , em melhor estado ficam os culpados , que os sem culpa ; fazem conta que quem passou tantas trovoadas dos mares daquelle Oriente , que assi passaráo as trovoadas , e relampagos secos dos libellos cá na terra do Ponente , a qual he patria , e mui piedosa de quem tem , e esquiva a quem se mal aproveitou , pois não podem aproveitar com a fazenda , que não trouxeram , que da pessoa poucas vezes tem seus amigos necessidade della , pois , louvado Deos , vivemos em terra , em que não ha bandos pera se haverem mister armas. Quanto á entrega que o Governador faz na India a quem o succede , as mais vezes costuma ser feita em alguma Igreja das que temos fundadas naquelle Oriente.

E alli per virtude das patentes que leva o outro que de cá vai , que lie apresentada , e lida por o Secretario , sendo presentes os Capitães , e principaes Fidalgos , que se alli acham , e assi os Officiaes da justiça , e fazenda , elle faz a entrega , pedindo logo hum instrumento de como a entregou , nomeando as fortalezas que lá temos , e em que estado a entrega. E além deste instrumento pera mais sua abonação , pede certidões aos Officiaes de fazenda de cada huma das fortalezas , de como as leixou providas do necessario pera sua defensão , e de todo o mais necessario ; e quando algum Governador lá falece , tem-se estoutro modo. Em poder do Veador da fazenda da India , que he a segunda pessoa no governo da fazenda depois do Governador , está hum cofre com tres , ou quatro Patentes d'ElRey , fechadas , e asselladas , as quaes chamam successões , e tem per cima esta escriptura : *Successão de foão* , e isto nomeando ao que então governa , que nos outros por se não saber quaes são os que estam por vir , chamam ás taes , segunda , terceira , quarta successão , e aqui assigna ElRey. E na escriptura que tem dentro declara ElRey haver por bem que elle succeda a foão quando falecer , &c. onde ElRey tem assignado. Este he o modo que se tem no prover dos



Governadores da India, e damos esta noticia por as razões acima ditas; e tambem porque daqui em diante veremos huns aos outros succeder per obito, o que té ora não vimos, e o perigo em que a India esteve por se não guardar este modo de abrir as successões. E porque este anno de mil e quinhentos e vinte e quatro D. Duarte de Menezes acabava de servir de Governador em aquellas partes os tres annos ordenados a ella, e aos outros officios; El Rey Dom João o Terceiro deste nome, por haver pouco que reinava, não tinha de cá do Reyno enviado ainda algum, quiz que este primeiro, que elle elegia, fosse o primeiro que descobrio a mesma India, o qual era o Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama Almirante do mar Indico. Porque além de nelle concorrerem as qualidades que acima difemos, haverem de ter os eleitos pera este officio, como elle no descobrimento della padecêra tantos trabalhos, ter-lhe-hia amor pera a governar, e trazer ao estado do jugo da servidão, de que os infieis della se queriam livrar, e pera accrescentamento do seu nome lhe deo o titulo de Viso-Rey. Pera a qual ida, estando El Rey na Cidade Evora, se apercebeo em Lisboa huma frota de quatorze vélas, de que as nove eram náos grossas de carga, e as cinco caravellas

## 346 ASIA DE JOÃO DE BARROS

latinas, a qual partio de Lisboa a nove de Abril do mesmo anno vinte e quatro. Os Capitães das quaes náos eram, D. Henrique de Menezes filho de D. Fernando de Menezes de alcunha Roxo, que havia de servir de Capitão de Ormuz, Pero Mascarenhas filho de João Mascarenhas, que havia de servir de Capitão de Malaca, Lopo Vaz de Sampaio filho de Diogo de Sampaio, que hia por Capitão de Cochij, Francisco de Sá Veador da fazenda do Porto, filho de João Rodrigues de Sá Alcaide mór da mesma Cidade, e Senhor de Matosinhos, e das terras de Sever, Baltar, e Paimva, o qual com huma Armada havia de ir á Jaiia fazer huma fortaleza onde chamam Sunda. D. Simão de Menezes filho de Dom Rodrigo de Menezes, provido pera Capitão de Cananor, e D. Jorge de Menezes, que fez aquelle honrado feito em Chaul, quando matáram Diogo Fernandes de Béja; e Antonio da Silveira de Menezes filho de Nuno Martins da Silveira Senhor de Goes, o qual hia provido de Capitão de Sofala: e D. Fernando de Monroy, filho de D. Affonso de Monroy, Craveiro que foi de Alcantara em Castella, que tambem hia provido de Capitão de Goa, e da ultima não era Capitão Francisco de Brito filho de Simão de Brito, que havia de andar

dar por Capitão mór das náos da carreira da India pera Ormuz. E os Capitães das caravellas eram Lopo Lobo, Pero Velho, Christovão Rosado, Ruy Gonçalves, e Mosem Gaspar Malorquim, que na India havia de servir de Condestabre mór dos bombardeiros. Em a qual Armada iriam té tres mil homens, muita parte dos quaes eram Fidalgos, Cavalleiros, e moradores da casa d'ElRey, e outra gente limpa, e de boa criação. E além da gente mareante ordenada á navegação, levava outra muita sobrefelente, e bombardeiros pera prover as outras vélas da India. Partida esta frota, (como dissemos,) a nove de Abril, com bons tempos que lhe cursáram, chegou a Moçambique a quatorze de Agosto, onde se deteve em quanto se provêo de agua, e repairou de huma verga, que quebrou á sua propria náos. E partido dalli, primeiro que se despedisse daquella costa, que sempre he perigosa, por causa das muitas Ilhas que a ella são adjacentes, perdeu-se a náos, Capitão Francisco de Brito, sem della parecer cousa alguma, e assi se perdeu o galeão de D. Francisco de Monroy em os baixos de Melinde, mas salvou-se a gente. E das caravellas se perdeu a de Christovão Rosado; e a gente da de Mosem Gaspar, por ser homem estrangeiro, o matáram sobre

paixões de mandar, e o fim que os authores deste feito houveram, adiante se verá. O Almirante seguindo sua viagem com estas vélas menos, por levar per regimento que fizesse seu caminho pela costa de Cambaya, por ir dando vista a toda a costa da India, poz a prôa naquella parte, leixando a derrota do Malabar. E porque com as grandes calmarias não podia tomar esta costa que hia demandar, na paragem da qual elle hia sem os Pilotos o saberem, por não ter tão curfada esta navegação, como a que levavam caminho da India, huma quarta feira vespera de N. Senhora de Setembro ás oito horas da noite, saltou tamanho tremor em todas as náos, que cada huma se houve por perdida, parecendo-lhe que ella só padecia este tremor, sem entender a causa. Tudo era com as bombardas fazerem signaes humas ás outras, cuidando serem aguages sobre alguns baixos, tudo era posto em revolta, huns acudindo ao lume que não podiam ter, outros á bomba, á sonda, e muitos a barrijs, e a tavoas, em que esperavam de se salvar, não podendo entender huns aos outros de confusos deste perigo, té que o mesmo Almirante veio em conhecimento do que era, dizendo: *Amigos, prazer, e alegria, o mar treme de nós, não hajais medo, que isto he tremor da*

*terra*. Finalmente como isto era assi na verdade, todo o temor, e tristeza deste novo caso ficou no pezar que houveram de hum homem que se lançou ao mar, cuidando que a náó dava em algum baixo; e o prazer além de ficar em todos, por se verem fóra daquelle perigo, particularmente ficou em muitos enfermos da náó, que houveram saude. Cá o temor daquelle subito caso, que durou hum quarto de hora, assi deo animo a todos pera se levantar donde jaziam com sua febre, buscando modo de se salvar, que ficou a natureza sobrefaltada. E recolhendo-se a quentura das partes exteriores per que andava derramada a seu proprio centro, e vaso, ficáram sem a febre accidental que tinham. Posto que passado este temor sobreveio outro caso de não menos admiração, e foi, que sem vento, e outros signaes precedentes veio huma chuva de agua tão grossa, que parecia algum diluvio; mas como isto durou pouco, ficou a gente com algum espirito daquelles dous casos nunca vistos de quantos homens andavam naquella navegação da India. E pera leixarem a prática delles, sobreveio outro todo de seu prazer, que foi haverem vista de huma náó de Mouros, que hia do estreito de Méca pera Cambaya, sobre a qual todos arribáram; e por lhe cahir mais



em lanço , o primeiro que chegou a ella com o seu galeão , foi D. Jorge de Menezes , que a fez amainar. O Almirante depois que o Capitão , Mestre , e Piloto vieram ante elle , e delles soube da viagem , e fazenda que levavam , mandou metter nella Tristão d'Ataide seu cunhado , e Fernão Martins Evangelho , e levada a Chaul , valeo lá a fazenda , que veio a boa recadação , mais de sessenta mil cruzados. E por o Piloto desta não soube o Almirante que se fazia elle per sua conta perto da costa de Dio ; e que o tremor que as nossas náos tiveram , tambem deo na sua , com a qual nova elle Almirante mandou seguir outro rumo por dar huma vista á Cidade Dio. E como per espaço de seis dias cortáram as náos sem darem com terra , dizendo o Mouro Piloto ao Almirante que dali a tres dias a veria , saltou na gente commum outro maior temor , dizendo que a terra com aquelle tremor se alagara. E a causa de darem algum credito a isto era huma opinião que de cá do Reyno levavam authorizada per muitos Astrologos da Europa ; os quaes affirmavam que neste anno de quinhentos e vinte e quatro se fazia huma conjunção de todos os planetas na casa de Piscis , que prognosticava quasi diluvio geral , ou ao menos de **M**uita parte da terra ,  
PRIN-  
 AÇÃO NA

principalmente da costa maritima. E chegou esta opinião a tanto , que houve pessoas nobres neste Reyno , que mandáram fazer gazalliado em serras altas , e biscouto. E segundo Alberto Pighio Campense conta em hum tratado , que doutamente escreveo contra esta opinião , alguns na sua patria , po'a fé que tinham nella , leixáram de fazer negocios de grande importancia. Porém com toda esta fé não sabemos o que fariam estes que Alberto diz , e sabemos que os nossos não leixavam de vingar a seu prazer , e nos viços que tinham. Parece que como estes Profetas da Astrologia não eram mandados per Deos , como o Profeta Jonas aos Ninivitas , que fizeram penitencia por temerem a Deos , e estoutros temiam mais a morte , que a elle : cá huns vestiam-se de cilicio , orando , jejuando tres dias toda a alma , pedindo a Deos perdão de seus peccados ; e os Ninivitas do nosso tempo tendo baptifino , apercebiam-se de biscouto , e de outras provisões pera segurar a vida , sem preparar sua alma pera o que Deos quizesse fazer delles. Assi que desta geral opinião que a gente da nossa Armada levava , ou ( por melhor dizer ) fabula de ignorantes Astrologos , pois o anno peccou mais de secco , que de invernofo ; hiam tão assombrados com os signaes precedentes,

tes, que conveio ao Almirante tornar outra vez perguntar ao Piloto Mouro, porque o enganára no termo que lhe poz que veria terra; ao que elle respondeo, que se sua Senhoria mandára governar pera onde dizia, já tivera visto a costa de Dio; mas como puzera a prôa em Chaul, tinha escurrido a outra costa; e que quanto á sua conta, por aquelle caminho que fazia ao outro dia veriam Chaul. E posto que não foi alli, víram Baçaim, que he acima de Chaul contra o Norte na mesma costa seis leguas; e ao outro dia, que eram cinco de Setembro, foi o Almirante surgir com sua Armada no porto de Chaul. Na qual fortaleza estava por Capitão Christovão de Sousa filho de Diogo Lopes de Sousa, e achou alli duas náos que deste Reyno partiram o anno passado, Capitães D. Antonio d'Almeida, e Pero d'Afonseca, como atrás escrevemos. Os quaes por não poderem tomar a costa da India, invernáram alli, e alli achou hum navio, Capitão Nuno Vaz de Castello-branco, que andava na costa de Sofala no resgate do ouro, e viera alli buscar roupa. Ao qual o Almirante leixou pera fazer seu negocio, e levou as outras duas náos, e aqui tomou o titulo de Viso-Rey, por o levar alli ordenado per ElRey, que o tomasse na primeira **N** fortaleza da India que

que chegasse. Imitando nisto o modo que  
 ElRey D. Manuel seu pai teve, quando  
 mandou D. Francisco d'Almeida áquellas  
 partes, que não se intitulou deste nome,  
 senão depois que lá foi, e ora he esta di-  
 gnidade mais corrente, e barata na India.  
 A qual não medrou Affonso d'Albuquerque  
 andando nella nove annos, com leixar a  
 este Reyno tres fortalezas feitas, as mais  
 importantes daquellas partes, nem menos  
 Nuno da Cunha que fez outras tres, e go-  
 vernou aquelle Oriente dez annos; e se o  
 merecêram, ou não, esta nossa historia, e  
 quantos nella vam nomeados, são testemu-  
 nha. Tornando ao Viso-Rey Conde Almi-  
 rante, partido de Chaul a doze de Setem-  
 bro além de Dabul, achou Antonio Cor-  
 rea morador em Goa por Capitão de tres  
 navios per mandado de Francisco Pereira  
 Pestana Capitão da Cidade, a fazer arribar  
 as náos a Goa, que vinham do estreito de  
 Ormuz com cavallos, por andar alli hum  
 ladrão de Dabul, que as fazia entrar den-  
 tro; e já Antonio Correa dalli levára hu-  
 ma com cavallos, e tornava á mesma cou-  
 sa, e esperar se vinha alli ter alguma náos  
 deste Reyno, por ser já tempo, temendo  
 que deste ladrão pudesse receber algum da-  
 mnno. Ao qual Antonio Correa o Viso-Rey  
 leixou a fim de impedir este ladrão que

não fizesse entrar as náos em Dabuil, com limitação do tempo que alli havia de andar, e depois que se fosse a Goa. Á qual Cidade o Viso-Rey chegou no fim de Setembro, onde foi recebido com grande solemnidade, deixando por Capitão das náos, que ficavam na barra, a D. Jorge de Menezes, porque os mais dos Capitães dellas foram com elle em navios de remo.

## C A P I T U L O II.

*Do que o Viso-Rey fez em Goa, e no caminho dahi té Cochij, onde chegou: e as Armadas que ordenou pera diversas partes, estando doente da enfermidade de que faleceo.*

**A**O tempo que o Viso-Rey chegou á India, era D. Duarte de Menezes em Ormuz, e D. Luiz seu irmão em Cochij, dando ordem á carga das especiarias, que este anno haviam de vir pera cá. E como o Viso-Rey levava per regimento que desfizesse as fortalezas de Coulam, de Ceilam, de Calecut, e a de Pacem, e fizesse huma em Sunda, e além disto, convinha em breve prover muitas cousas; deo-se elle Viso-Rey grande pressa logo em Goa a prover algumas. E a principal foi entender nas de Francisco Pereira Pestana Capitão da Cida-



de, do qual o Viso-Rey teve alguns queixumes, por ser homem forte de condição; e foram taes, que o tirou da capitania, e proveo della a D. Henrique de Menezes, em quanto elle hia a Cochij ordenar as couzas da carga, por não ser vindo D. Fernando de Monroy, que se perdêra, (como atrás dissemos.) E mandou o Viso-Rey a D. Henrique, que se alli viesse ter Dom Duarte de Menezes, que o não consentisse sair em terra, e lhe dissesse da sua parte, que logo se partisse pera Cochij, onde o esperava pera o despachar, e partir cedo pera o Reyno. Partido o Viso-Rey com sua frota via de Cochij, passou pera Cananor, e metteo de posse da fortaleza D. Simão de Menezes em lugar de D. João da Silveira, que acabava seu tempo. ElRey de Cananor por comprazer ao Viso-Rey, logo de boa chegada lhe mandou entregar hum Mouro principal da terra chamado Balá Hácem, o qual era feito cossairo com grande damno dos que navegavam per aquella costa, e assi pera as Ilhas de Maldiva, intitulado-se por Capitão mór do mar; o qual o Viso-Rey mandou entregar a D. Simão que o tivesse a bom recado prezo, té elle mandar recado de Cochij que se faria delle. Partido o Viso-Rey daqui, foi ter a Calecut, onde estava por Capitão D. João

de Lima, quasi em rompimento de guerra com os Mouros, e de maneira, que foi necessario leixar providas algumas cousas té elle de Cochij prover mais. E a causa principal deste rompimento, (posto que entre D. João, e os Mouros havia particulares escandalos,) era por o Camorij Rey de Calecut passado ser morto, e reinar outro mui sujeito á vontade dos Mouros. E no tempo que o Viso-Rey aqui chegou, estava elle mettido pelo sertão ao pé da serra em guerra com hum Senhor, que per aquella parte lhe fazia algumas entradas no seu Reyno; e por causa desta ausencia tomou o Regedor mais licença pera damnar a nossa fortaleza; em tanto, que mandando Dom João fazer-lhe queixunie de alguns escandalos que recebia dos Mouros per hum Gonçalo Tavares Feitor da nossa fortaleza, com dous homens que o acompanhavam, os Mouros os matáram a todos tres em hum arruido feitiço. Finalmente por este caso, e por inconvenientes de a traição quererem matar a D. João, e elle que ás vezes não se mostrava muito paciente, azedou o animo a todos na rotura em que estavam, quando o Viso-Rey chegou. E como elle tinha grande nome entre os Mouros, e o temiam muito polo que alli tinha feito, por ser homem que lhe não perdoava os peccados

dos do pensamento , quanto mais os da obra ; em elle chegando , soube de D. João que diziam os Mouros , que não era verdade ser elle vindo á India , e que tudo era artificio nosso por temORIZAR o GENTIO ignorante. Por a qual causa quiz dar aos Mouros huma mostra de si , sahindo em terra , e rodeou a fortaleza , dando entender que da tornada de Cochij havia de pôr mãos nella pera ser mais forte. E tambem mandou notificar ao Camorij sua chegada , e que folgára de o achar alli pera algumas cousas que tinha que praticar com elle , as quaes leixava pera quando tornasse invernAR a Goa. Partido o Viso-Rey desta fortaleza , sendo já á vista de Cochij , veio D. Luiz de Menezes ao receber , e em terra foi recebido com tanta pompa , e solemnidade como a seu titulo requeria. E però que de passada não dissemos o que lhe neste caminho de Goa té Cochij aconteceo , por não decepar o curso da jornada ; aqui o queremos fazer , que tudo foram affrontas , que pera sua condição eram tão grandes , que lhe deram pressa ao que logo ordenou em chegando a Cochij. Elle achou neste caminho que fez a Francisco de Mendoça com oito vélas , que andava guardando aquella costa , do qual os Mouros faziam pouca conta ; porque como elles traziam navios

mui leves de remo , e os nossos grandes , e pezados , haviam-se com elles como ginetes com os homens de armas. Por a qual razão andavam tão ousados , que per todo aquelle caminho , huns aqui , outros alli appareciam diante do Viso-Rey , mostrando que o não tinham em conta ; e chegou a tanto , que mandou elle com seu filho Dom Estevão , Antonio da Silva , Tristão d'Altaíde , e outros Fidalgos com batéis aos afombrar , té que alguns pagáram por outros ; porque abaixo de Cananor corrêram trás oito tão apertadamente , que os fizeram varar em terra , onde houve alguns mortos , e muitos feridos ; e junto de Panane houve outra remettida já mais perigosa de doze paráos. Os quaes vendo-se mui apertados dos nossos , varáram em terra , e por os defender , acudio gente da mesma terra , em que morrêram muitos delles , e dos nossos foram feridos Antonio da Silva de Menezes , Manuel da Silva de alcunha o Gallego , e João de Cordova , ambos Capitães de fustas , e mortos foram dous. O Viso-Rey como lha escandalizado deste defacatamento de o não estimarem , e pouco temor , chegando a Cochij , a primeira cousa em que entendeu , foi mandar duas galés , e humá galeota ; e humá caravella com provisão de polvora , e outras cousas de

de que a fortaleza de Calecut tinha necessidade, e que as tres vélas de remo andassem per aquella costa castigando os paráos dos Mouros da soltura que traziam. Das quaes eram Capitães Francisco de Mendosa o velho, Antonio da Silva de Menezes, e Jeronymo de Sousa, que era Capitão mór. Entregue á caravella o que levava, sahíram-se estes Capitães do porto; e por a galé de Antonio da Silva ser pezada no remo, ficou atrás, sobre a qual como que a tinham em olho, sahíram a elle cincoenta paráos de Calecut, com que pelezou obra de tres horas, em que lhe feriram muitos homens, e matáram tres. E totalmente elle fora de todo desbaratado, se lhe não acudíram seus companheiros, que fizeram fugir os catures, fazendo varar alguns em terra. Além destas duas vélas, que o Viso-Rey ordenou que por então estivessem no porto de Calecut pera andarem na costa, mandou hum Armada de outras seis todas de remo, a capitania mór das quaes deo a Jeronymo de Sousa pera castigar os Mouros daquelle Malabar, como elle fez, destruindo mais de quarenta paráos; o Capitão dos quaes era hum Mouro chamado Cutiálla, que se armou em Coulete per mandado do Çamorij pera tolher os mantimentos, que de Cananor se



nossa fortaleza de Calecut. E assi mandou recado a Fernão Gomes de Lemos, que estava por Capitão da fortaleza da Ilha Ceilão, que a derribasse, por ElRey mandar que se fizesse, e se viesse em os navios que seu irmão Antonio de Lemos trazia em guarda daquelle porto, de que era Capitão mór do mar, o que elle fez. Tambem das primeiras cousas que ordenou, foi mandar Simão Sodré com quatro vélas ás Ilhas de Maldiva sobre alguns Mouros que faziam guerra aos nossos amigos, e impediam muitas cousas de que se proviam nossas Armadas, principalmente cairo, sem o qual ellas não podem navegar. E desta ida desbaratou Simão Sodré seis fustas, de que era Capitão hum Mouro dos principaes de Cananor, das quaes lhe ficáram duas na mão, achando-se com elle Simão Sodré estes Capitães, Palos Nunes Estaço, Pero Velho, e Pedralvares. E porque determinou de perseguir este Mouro, que escapou á força de remo, té lhe tomar todas as vélas, leixou pera si huma caravella, e huma fusta, e as outras entregou a Palos Nunes, que as carregasse de cairo, e se viesse a Cochij, e elle invernou lá de balde por não poder entre tantas Ilhas topar com o Mouro. Neste mesmo tempo despachou a Fernão Martins de Soufa com hum Navio, e huma fusta

ta pera a costa de Melinde, o qual levava deste Reyno a capitania mór do mar de Malaca em lugar de seu irmão Martim Afonso de Sousa, que morreo das feridas que houve no desbarato das fustas de Laefamana, como adiante veremos; e por ainda não ser falecido, accitou esta ida que lhe o Viso-Rey deo pera lá ir morrer, onde se perdeu junto de Melinde, salvando-se alguma gente. E assi ordenava o Viso-Rey huma grossa Armada pera ir ao mar Roxo seu filho D. Estevão; mas leixou de ir, porque no fervor destas cousas adoeceu seu pai. E porque os navios que Jeronymo de Sousa trazia eram poucos, e por serem galés pezadas não podiam fazer muito damno aos paráos dos Mouros que eram leves, e muitos, deo-lhe mais duas galeotas pera andar na paragem de Calecut. Com as quaes véllas no rio de Bracelor pelejou com oitenta paráos, que hiam carregados de especiaria pera Cambaya, de que tomou doze, assi como hiam carregados, e os outros se salváram por ser já sobre noite. Na qual peleja morrêram dos nossos quatro homens, e foram muitos feridos, e leixáram-se alli estar, porque os paráos se tornáram recolhidos ao rio de Bracelor, e tinha-os alli encerrados por não navegarem a especiaria. Neste tempo como a enfermidade do Viso-

Rey hia muito em crescimento, vendo-se já mui quebrado de suas forças, mandou chamar algumas pessoas principaes, e representando-lhe o estado em que estava, e mostrando os poderes que tinha, disse que elle per virtude daquelles poderes havia por serviço d'ElRey seu Senhor que Lopo Vaz de Sampayo Capitão daquella fortaleza mandasse o que elle podia mandar; e levando-o Deos, servisse de Governador da India, por quanto a pessoa, que succedia a elle Viso-Rey, podia ser ausente, té vir receber a entrega da India. E disto mandou fazer hum assento, e deo juramento ao Vedor da fazenda Affonso Mexia, e ás outras pessoas, que pera esta notificação eram chamadas, que assi o guardassem, e elle lho mandava da parte d'ElRey seu Senhor, e assignáram todos no auto. Todas estas cousas o Viso-Rey ordenou ante que D. Duarte de Menezes viesse de Ormuz pera lhe entregar a governança da India, o que fazia algum escrupulo aos Fidalgos usar elle deste officio, sem receber a entrega, segundo a ordem que nisto havia de ter. É porque no princípio deste noveno Livro quizeinos dar noticia da ordem que ElRey tinha na eleição dos Governadores da India, e o modo de succederem huns aos outros, porque no futuro tempo, e assi nos estranhos se ve-

ja a fórma da Provisão d'ElRey , per que  
 hum Governador entrega a India a outro ;  
 queremos aqui trasladar a que levou o Vi-  
 so-Rey pera receber a entrega de D. Duarte  
 de Menezes , e tambem dar razão por-  
 que usou deste officio ante da vinda d'elle  
 D. Duarte : *D. João por graça de Deos  
 Rey de Portugal, e dos Algarves, daquém,  
 e dalém mar, em Africa Senhor de Gui-  
 né, e da Conquista, Navegação, Commercio  
 de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India.*  
 Fazemos saber a vós D. Duarte de Me-  
 nezes Capitão, e Governador da nossa Ci-  
 dade de Tanger, e nosso Capitão mór, e  
 Governador nas partes da India, que Nós  
 vos escrevemos per outra carta, que have-  
 mos por bem que vos venhais embora pera  
 estes Reynos nesta Armada. Porém vos man-  
 damos, que tanto que vos esta for apre-  
 sentada, entregueis a dita capitania mór,  
 e governança a D. Vasco da Gama Conde  
 da Vidigueira, e Almirante do mar Indi-  
 co, que enviamos por nosso Viso-Rey a es-  
 sas partes da India. E não usareis mais  
 da dita capitania mór, e governança, nem  
 das cousas da justiça, e de nossa fazenda,  
 nem d'outra alguma de qualquer qualida-  
 de, e condição que seja, que ao dito car-  
 go toque, e pertença, e de que d'antes usa-  
 veis, por virtude do poder, e jurdição, e



alçada que tinheis. Por quanto havemos por bem, e nossò serviço, como per outra carta vos escrevemos, que o dito Viso-Rey seja logo mettido de posse de tudo, e use logo do poder, jurdição, e alçada que leva por nossa Carta Patente, sem mais vós entenderdes em cousa alguma. Porém declaramos que o tempo que estiverdes na India té vos embarcardes, possais estar em Cochij, ou em Cananor, qual vos mais aprouver: e que ácerca de vossos criados, e pessoas de vossa casa, e dos criados do Conde vosso pai, que connosco foram, e dos criados de D. Luiz vosso irmão, e vossos cunhados, e pessoas suas, que o dito Conde não entenda com elles em maneira alguma, nem tenha sobre elles, nem sobre cada hum delles mando, nem jurdição, e alçada, que tinheis pela carta de vossò poder, e alçada. Resalvando porém, que se vós, ou os taes per algumas pessoas assi nossòs naturaes, como dos mercadores da terra, e quaesquer outros de qualquer qualidade, estado, e condição que sejam, que lá houverem de ficar, e não houverem de vir nesta Armada em que vos haveis de vir, fordes requeridos, e citados, e demandados, assi em casos civeis, como em crimes, vos possam a vós, e a elles demandar per ante o dito Conde, e Ouvidor, que



com elle ha de ficar , e não per ante vós  
 pera se fazer cumprimento de justiça. E  
 sendo caso que quando o dito Conde chegar  
 á India vos não ache nella , por serdes fó-  
 ra della a prover algumas cousas de nossô  
 serviço , neste caso havemos por bem que  
 elle dito Conde use logo inteiramente de to-  
 do poder , jurdição , e alçada , que de nós  
 leva , como faria se vos achasse , e vos apre-  
 sentasse esta carta perá lhe entregar a ca-  
 pitania mór , e governança , porque assi o  
 havemos por nossô serviço. E sendo caso  
 que por impedimento de doença , vós dito  
 D. Duarte vos não possais embarcar , e  
 vir nesta Armada , e ficasseis na India ,  
 neste caso havemos por bem que vos fiqueis ,  
 e vos recolhais com todos vossos criados ,  
 e pessoas da vossa casa , e criados dos so-  
 breditos vosso irmão , e cunhados , que fi-  
 carem com vosco em a nossa fortaleza de Ca-  
 nanor. E que esteis nella té a vossa parti-  
 da da India ; e useis de todo o poder , jur-  
 dição , e alçada que tendes de Capitão  
 mór , e Governador da India sobre elles ,  
 e sobre o Capitão , Alcaide mór , Feitor ,  
 e Escrivães da feitoria da fortaleza. E de  
 todos seus casos civeis , e crimes conhece-  
 reis , e os julgareis como vos parecer jus-  
 tiça , sem sobre os ditos , nem sobre cousa  
 sua que lhe toque , que seja dantre partes

o dito Conde poder usar do dito officio de Viso-Rey, nem poder, jurdição, e alçada que lhe temos dada, porque queremos que tudo fique a vós D. Duarte té vossa partida da India. E mandamos ao Capitão, e Alcaide mór, Feitor, e Escrivães da feitoria, e a todas as pessoas que temos ordenadas na dita fortaleza de Cananor, que vos obedecam, e cumpram vossos requerimentos, e mandados, como a nosso Capitão mór, e Governador, sobre as penas que lhe puzerdes, assi nos córpos, como nas fazendas. As quaes havemos por bem que deis á execução naquelles que nellas concorrerem, segundo fórma do poder, jurdição, e alçada que vos temos dada, e he conteída na carta do poder della. E assi havemos por bem que se entenda, e o façais no caso que vos fosseis fóra da India por nosso serviço, e viesse a ella depois da partida das náos pera estes Reynos desta Armada que leva o Viso-Rey pera trazerem as especiarias, na qual vos haveis de vir. Resalvando porém que o dito poder, e alçada que vos damos sobre todos os acima declarados, se não entenderão em cousa que toque á nossa fazenda, e tratos da India. Porque no que a estas cousas tocar, não haveis de entender, nem usar da dita alçada, e poder que vos leixamos nos ca-

*sos sobreditos , porque isto ha de ficar ao  
 dito Viso-Rey , pera nelles fazer como vir  
 que he justiça , e nosso serviço , e usar de  
 todo seu poder , e alçada. E da entrega  
 que ao dito Viso-Rey fizerdes da dita ca-  
 pitania mór , e governança , como por esta  
 vos mandamos , cobrareis estromento pú-  
 blico , em que se declare as náos , e na-  
 vios que lhe entregastes , e artilheria , e  
 armas que andam nelles , e assi as forta-  
 lezas , e armas , e artilheria , e mantimen-  
 tos que nellas havia , e gente que andava  
 nessas partes ; e declarando a sorte , e qua-  
 lidade della , e todas as outras cousas que  
 ao cargo de Capitão mór , e Governador to-  
 carem pera todo podermos ver. E como assi  
 entregardes a dita capitania mór , e go-  
 vernança , e cobrardes o estromento da di-  
 ta entrega no modo que dito he , vos have-  
 mos por bem desobrigado de toda a obriga-  
 ção em que nos sejais pela dita capitania  
 mór , e governança , e vos damos por qui-  
 te , e livre de agora pera em todos os tem-  
 pos. Esta carta per nós assignada , e sel-  
 lada do sello redondo de nossas Armas , com  
 o dito estromento , tereis pera vossa guar-  
 da. Dada em a nossa Cidade de Evora a  
 vinte e cinco dias de Fevereiro. Bartholo-  
 meu Fernandes a fez , anno do Nascimen-  
 to de N. Senhor Jesus Christo de mil e qui-*

*nbentos e vinte quatro. Per virtude da qual carta D. Duarte fez a entrega da governança da India, e della houve este Conhecimento público de como a entregou: Saibam quantos este estromento de Conhecimento virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e vinte quatro annos, aos quatro dias do mez de Dezembro do dito anno, em a Cidade de Santa Cruz de Cochij, em a fortaleza d'ElRey Nosso Senbor, estando abi D. Vasco da Gama Conde da Vidigueira Almirante do mar Indico, e Viso-Rey das Indias, disse que recebia de D. Duarte de Menezes, Governador que foi nellas ante delle Viso-Rey, a governança das ditas Indias do tempo que a ellas chegou, e as começou de governar, segundo per suas Provisões, e Patentes lhe era mandado por ElRey Nosso Senbor que as recebesse, e governasse. As quaes Indias elle recebeo, e disse ter recebidas assi, e da maneira que as achou, e ellas ora estam, e se houve por obrigado de dar conta dellas a Sua Alteza, e houve por desobrigado ao dito Duarte da obrigação que tinha de dar conta dellas. E em testemunho de verdade lhe mandou dello ser feito este estromento do recebimento dellas, testemunhas que estavam presentes, Lopo Vaz de Sampaio Capitão*

desta fortaleza, Fernão Martins de Sousa, D. Pedro de Castello-branco, Affonso Mexia Veador da fazenda da India, Pedro Mascarenhas, e o Licenciado João do Souro Ouvidor geral da India. E eu João Nunes Escrivão público na dita Cidade por especial mandado do dito Senhor Viso-Rey, que este escrevi, e aqui meu signal público fiz. Per este estromento ficou D. Duarte desobrigado da governança das Indias; e quanto ao mais que a Carta d'ElRey manda, da entrega das náos, navios, &c. de fóra deste estromento trouxe certidões de todas as fortalezas assignadas pelos Officiaes da fazenda, e feitorias d'ElRey, e com isto se partio pera este Reyno, como no fim do Livro oitavo escrevemos. O Viso-Rey neste tempo, assi da força da enfermidade, como do trabalho do espirito que teve sobre algumas cousas do governo, e entrega que lhe D. Duarte fez, veio a tal estado, que chegou a sua hora limitada de viver, que foi té vespera da festa do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e vinte e cinco, em que fallece. Assi que durou a vida do Conde Almirante na India tres mezes e vinte dias, contando de cinco de Setembro, que chegou a Chaul, té vinte e cinco dias de Dezembro que fallece em Cochij, onde foi enterrado no



Mosteiro de S. Francisco dos Frades desta Ordem. E depois foi trazida sua ossada a este Reyno, e posta em seu jazigo na Villa da Vidigueira, de que foi intitulado Conde. Este Conde D. Vasco da Gama Almirante do mar da India filho de Estevão da Gama, era homem de meia estatura, hum pouco envolto em carne, Cavalleiro de sua pessoa, ousado em commetter qualquer feito, no mandar áspero, e muito pera temer em sua paixão, soffredor de trabalhos, e grande executor no castigo de qualquer culpa por bem de justiça.

### C A P I T U L O III.

*Como aberta a successão do Conde Almirante, se achou que havia de governar a India D. Henrique de Menezes, que ficára por Capitão em Goa: e o que fez neste tempo té lhe ir recado da successão; e partido de Goa pera Cochij, fez algumas cousas no caminho.*

SEpultado o Viso-Rey Conde da Vidigueira, foi aberta a sua successão com aquella solemnidade que atrás escrevemos, na qual se achou por Governador D. Henrique de Menezes, que estava por Capitão em Goa. Lopo Vaz, a quem ficou o cargo de Governador, mandou logo fazer pres-

tes cinco vélas, a capitania mór das quaes deo a Francisco de Sá, que fosse a Goá pera D. Henrique com as Provisões da sua successão de Governador. E passou per Baccanor, e deo recado a Jeronymo de Sousa de Lopo Vaz, que se fosse pera D. Henrique; mas quando Francisco de Sá chegou, já elle sabia a nova do falecimento do Viso-Rey per recado de D. Simão de Menezes Capitão de Cananor. E havendo respeito ás qualidades de Francisco de Sá, em quanto não hia fazer a fortaleza de Sunda, que ElRey mandava, o proveo da capitania de Goá, e elle embarcou-se em os navios, que pera elle levava, e partio a oito dias de Janeiro, e ao caminho o veio receber Jeronymo de Sousa com as cinco vélas que tinha sobre Mangalor. E a razão porque elle D. Henrique partio de Goá tão desacompanhado de vélas, foi por não haver mais que aquellas que vieram por elle, porque não sómente o Viso-Rey, quando per alli passou, levou comsigo Luiz Machado Capitão mór do mar daquella costa de Goá, com quatro navios que trazia, mas ainda elle D. Henrique humas que ordenou na partida do Viso-Rey tinha-as mandado fóra ao que ora veremos. Partido elle Viso-Rey de Goá pera Cochij, quando no caminho achou aquelle grande número de

paráos que escrevemos, desta sua passagem, e entrada na India, não faziam os Mouros senão o que faz quem vê vir de longe nuvem carregada de agua, que a grão pressa apanha, e recolhe sua roupa, que tem estendida no campo: e o que estes Mouros queriam salvar, era pimenta que da costa do Malabar levavam pera Cambaya. E como a entrada do Viso-Rey na India pera elles era huma nuvem carregada de muitos trabalhos, que esperavam ter polo nome que nella tinha, ferviam debaixo pera cima, passando cada dia muitos á vista de Goa, onde D. Henrique estava; as novas da qual passagem era pera elle huma grande dor, e nisso recebia muita affronta. E querendo atalhar esta passagem, andou olhando pela ribeira, onde achou dous paráos, que traziam sal pera a Cidade, que comprou a seus donos, e mandou concertar a grão pressa. E a este seu desejo favoreceu Deos com vida de Antonio Correa, que vinha de Dabul, onde o Viso-Rey o leixára, como escrevemos, e trazia tres paráos, e huma galeota, que foi pera Dom Henrique grande prazer. Os quaes cinco paráos repartio per estes Capitães, Antonio Correa, Payo Rodrigues d'Araujo, Alvaro d'Araujo seu irmão, João Caldeira de Tanger, Duarte Diniz de Carvoeiros, e a ga-

leota deo a seu sobrinho D. Jorge Tello filho de D. João Tello de Menezes, e a capitania mór de todos; e com a gente necessaria o mandou sahir de Goa dia do Apostolo S. Thomé. E como elle he nosso Padrociro naquellas partes, assi guiou Dom Jorge, que onde chamam os Ilheos queimados junto de Goa, lhe deparou trinta e oito paráos, que debaixo da costa Malabar pera Cambaya hiam carregados de especiaria, e era Capitão delles hum Mouro de Calecut per nome China Cutialle. Com os quaes D. Jorge pelejou, e assi o fez elle, e os outros Capitães com sua gente, que os desbarataram, dando com a maior parte delles á costa, e tomáram quatro. E os que não quizeram fazer experiencia do nosso ferro, se salváram, e dos mortos se acháram depois na praia, que o mar lançou fóra, mais de sessenta. E as bandeiras com que entráram por o rio de Goa desta victoria dous dias ante Natal, foram corpos de Mouros enforcados dos paráos que houveram á mão, porque os Canarijs de Goa fossem testemunha daquelle caso aos outros das terras firmes. E os proprios Canarijs remercios dos nossos paráos, por gloria do que fizeram, leváram trinta cabeças cortadas, e doze Mouros vivos, que se entregáram aos moços de Goa pera os matarem ás pe-

dradas; e isto permittio D. Henrique, porque andavam os Mouros tão soltos, e atrevidos, que convinha mostras de temor pera os tornar a encolher. Dahi a tres dias o tornou D. Henrique a mandar, e desta vez achou huma náó de Calecut, que tambem hia pera Cambaya, á qual davam guarda nove paráos, de que tambem houve victoria, tomando alguns delles, e com a náó deo á costa, e tornou-se a recolher a Goa. D. Henrique por ter já recado da governança da India que succedêra, e levava consigo D. Jorge Tello, leixou ordenado que Christovão de Brito Alcaide mór de Goa filho de Ruy Mendes de Brito fosse com huma Armada pera andar naquella costa de Goa té Dabul por causa dos Mouros que alli andavam, e deo o cuidado desta Armada a Francisco de Sá Capitão de Goa, o qual a fez prestes de sete navios, huma galeota, e seis fustas, e catures, de que eram Capitães Payo Rodrigues d'Araujo, Alvaro d'Araujo seu irmão, Duarte Diniz de Carvoeiros, Jurdão Fidalgo, Bartholomeu Bispo, João Caldeira de Tanger, a qual frota levava cento e tantos homens, e com ella foi correndo toda aquella costa té o rio Zenguizar, que está á quem de Dabul cinco leguas, sempre havendo encontros com navios de Mouros, que casti-



gava. O qual havendo dous dias que estava dentro no rio, por ser dos formosos daquelle costa, fazendo-lhe os da terra todo serviço que podiam nos mantimentos que lhe davam, parece que per terra foi a nova a Dabul. O Tanadar da qual Cidade, por ser nosso imigo, armou logo duas galeotas, e sete fustas com mais de trezentos homens de gente limpa, e vieram buscar os nossos. Vendo que os tinham tomados, por saberem quão pequenas vasilhas tinham, e quão pouca gente, e por já a este tempo Christovão de Brito ser sahido dentro do rio, pelejaram fóra no mar largo, onde no primeiro rompimento Christovão de Brito foi morto de duas settas, que lhe atravessaram a garganta, fassando-lhe hum gorjal que levava. Os nossos vendo seu Capitão morto, assi se houveram animosamente com os Mouros, pelejando de pela manhã té ás nove horas, com que a maior parte dos Mouros morrêram a ferro, e afogados no mar, e alguns foram cativos, entre os quaes foi o seu Capitão, e dos nossos morrêram dezefete, e a maior parte foram feridos, porque a peleja foi muito cruel. Finalmente os nossos partíram com o seu Capitão morto; e o dos Mouros, que era Turco, chegando a Goa, se fez Christão, e logo morreo das feridas que levava, no qual foi

enterrado no Mosteiro de S. Francisco junto com a sepultura de Christovão de Brito. Francisco de Sá em lugar delle fez Capitão a Manuel de Magalhães, e o mandou com os Mouros cativos apresentar a Dom Henrique, que neste tempo já estava em Cochij, da viagem do qual aqui daremos conta. Elle partio de Goa a dezefete de Janeiro, em companhia do qual hia hum Mouro per nome Cide Alle, que era vindo de Dio per mandado de Melique Aliaz a visitar o Viso-Rey da sua parte, e trazia-lhe de presente humas cubertas de cavallos com todos seus comprimentos ao seu modo. E quando achou o Viso-Rey morto, todavia fez a visitação a D. Henrique; mas elle não quiz acceitar o presente, dizendo serem peças que vinham pera o Viso-Rey: que quanto á visitação, e amizade, que Melique queria ter com elle, que folgava muito, e porque elle estava embarcado pera Cochij, que fosse com elle, e lá o despacharia. Em companhia do qual Cide Alle veio Alvaro Mendes, que estava em Dio por Escrivão de Gaspar Paes, que lá servia de Feitor, com o qual D. Henrique em segredo praticou muitas cousas de Dio. E elle lhe deu aviso que no porto de Dio estavam duas náos carregadas de madeira de Baçaim, que levavam pera o **REGIMENTO** das galés dos

dos Rumes, que estavam em Gidá, ou Judá, como lhe nós chamamos. Pera tomar as quaes D. Henrique, ante que partisse de Goa, mandou duas caravellas com recado a Manuel de Macedo, que estava em Chaul com hum galeão, e huma caravella, que se fosse esperallas na passagem, onde havia de ir ter Antonio de Miranda, que partio de Cochij com huma Armada pera o cabo Guardafu, e se ajuntasse com elle. Este Cide Alle indo com D. Henrique com seis atalaias, com que veio acompanhado, sendo tanto avante como Batalalá, de noite fugio, por levar nova a Melique Aliaz da morte do Viso-Rey. E quando veio pela manhã da noite que este Mouro se acolheo, vieram dar com D. Henrique trinta e seis paráos, a tempo que vinha quasi nas costas delles D. Jorge de Menezes de Cochij em hum galeão, que foi grande conjunção pera mais cedo os desbaratar, tomando dezefete, e alguns deram consigo á costa, e outros se salváram. Chegado D. Henrique a Cananor a vinte e seis de Janeiro do anno de quinhentos e vinte e cinco, ElRey o mandou logo visitar; e porque D. Henrique se receou que lhe mandasse elle logo pedir o Mouro Bala Hacem, que o Viso-Rey alli entregára, e ter sabido ser elle hum grande coffairo com muito damno nosso, o

sentenceou logo á morte, sem querer trinta mil pardãos, que elle dava por si. E quando o recado d'ElRey de Cananor chegou sobre a vida deste Mouro, estava já enforcado em huma palmeira á vista dos Mouros, muitos dos quaes eram seus parentes, e os mais honrados da terra, de que ficaram tão injuriados, que muitos em odio d'ElRey de Cananor, (dizendo ter elle muita parte na sua morte, na entrega que delle fez ao Viso-Rey,) se passaram da banda dalém do rio, que está junto de Cananor, e foram viver a huma povoação chamada Tramapatam, onde viviam os mais dos cossairos, que alli sabiam. Sobre a qual passagem ElRey mandou recado a D. Henrique, pedindo que lha mandasse defender, porque temia que indo elle, elles iriam povoar as povoações, que estavam dentro pelo rio, e fariam dalli muito damno por a vizinhança que tinha ElRey de Calecut nosso imigo declarado. D. Henrique com este recado d'ElRey folgou muito, por ter azo de castigar os moradores daquelle rio, e por ser hum formigueiro de ladrões, e espedio logo Heitor da Silveira, que fosse ao rio Tramapatam, que são duas leguas abaixo de Cananor contra Calecut, e com duas galés, e hum bergantim queimou o lugar, e quantos navios ali estavam. E foi

pelo rio acima a queimar tres lugares, que eram dos povoadores, de que ElRey se queixava, que custáram bem de trabalho, e sangue dos nossos. Porque os Mouros tinham feito suas tranqueiras, e forças com artilheria; mas por derradeiro foram entrados, e lhe foi tomada com morte, e feridas de muitos, e isto fez Heitor da Silveira em espaço de dous dias que lá andou. E porque D. Simão de Menezes era primo do Governador D. Henrique, quiz ante andar em sua companhia, por servir de Capitão mór do mar, que da fortaleza de Cananor, da qual elle proveo a Heitor da Silveira. E primeiro que se daqui partisse, mandou a Fernão Gomes de Lemos em hum galeão, e duas galeotas, Capitães Gomes Martins de Lemos seu irmão, e Antonio da Silva de Menezes, que se fosse lançar sobre a barra do rio de Mangalor, que ficava atrás, e tivesse encerrados mais de cento e tantos paráos, que estavam carregados de especiaria pera partir caminho de Cambaya, segundo alli soube. Acabadas estas cousas, mandou-se espedir d'ElRey, e sem se verem, partio pera Cochij, no qual caminho veio ter com elle Antonio de Miranda, que Lopo Vaz despachára com huma Armada, que o Viso-Rey tinha ordenado pera mandar ao estreito de Méca



com seu filho D. Estevão. E però que Antonio de Miranda não levava tantas vélas como estavam ordenadas, ainda deffas lhe tirou D. Henrique algumas, porque o intento seu era hum, e o de Lopo Vaz era outro, que era alimpar aquella costa do Malabar daquelle fervor que os Mouros tinham de levar especiaria. E disse a Antonio de Miranda que elle mandára a Chaul duas caravellas pera Antonio de Macedo, que tinha hum galeão, que se fossem ajuntar com elle Antonio de Miranda, e lhe havia de obedecer; e dando-lhe regimento do que havia de fazer, o espedio. E elle D. Henrique seguiu seu caminho, e de passagem deo huma vista a Calecut, e soube de D. João como estava em treguas com o Regedor de Calecut té assentarem a paz, por entre elles haver rompimento de guerra. E deo-lhe conta como havia poucos dias que per vezes viera commetter queimar-lhe a casa da feitoria, e armazens que tinham fóra da fortaleza, e isto com favor de tres Capitães do Camorij, que eram vindos a essa obra. Com que lhe conveio sahir da fortaleza a lha defender com té cincoenta homens sómente, de que deo vinte e cinco a D. Vasco de Lima, e elle outros vinte e cinco; e N. Senhor lhe fez tanta mercê, sendo grande número de Mouros, e Naires,

res, que lhe matáram hum dos principaes Capitães, com que os puzeram todos em fugida, e não tornáram mais. No qual feito se acháram estes Fidalgos, D. Vasco de Lima Capitão de vinte e cinco homens, Jorge de Lima, Fernão de Lima, Miguel de Lima, Lionel de Mello, Ruy de Mello, Antonio de Sá seu irmão, Diogo de Sá, e outros, que por ser gente nobre, fizeram maravilhas; e as que alli fez Jorge de Lima, lhe custou ser muito mais ferido que todos, por o feito ser tão furioso, que foi hum grande mercê de Deos não morrer algum destes nomeados, segundo cada hum se offerencia ao ferro dos inimigos. Finalmente com estas, e outras cousas que D. João contou ao Governador do estado em que estava com os Mouros, e que o Governador da Cidade não tardaria sem lhe logo mandar fallar na paz, D. Henrique por lhe não dar azo a ser alli commettido, se partio provendo D. João de alguma cousa pera sua defensão. E ante que D. Henrique chegasse a Cochij, mandou diante hum catur com recado ao Capitão, e Veador da fazenda que o não recebessem com festa por causa do falecimento do Viso-Rey, e tambem que não lhe fallassem por Senhoria, que não se contentava com cousas emprestadas: que prazeria a Deos que

elle faria taes serviços a ElRey seu Senhor, porque lhe ficasse em vida; e mais que ácerca dos homens honrados, mais se estimavam os meritos da honra, que os vocabulos della.

#### C A P I T U L O IV.

*Como D. Henrique se apercebeo em Cochij de huma Armada que fez de cincoenta vélas, e foi sobre o lugar de Panane d'ElRey de Calecut, o qual destruiu; e passando per Calecut, lhe deo hum castigo, e dahi foi ter ao lugar de Coulete.*

**D**Om Henrique de Menezes quando a quatro de Fevereiro chegou a Cochij, era já partido D. Duarte de Menezes pera este Reyno; e alguns quizeram dizer, e assi foi na verdade, que á causa delle D. Henrique não vir mais cedo a Cochij, e vir fazendo as demoras do caminho, pois logo havia de tornar dar vista á costa, fora por amor de D. Duarte, porque como eram parentes, e tinha sabido que não hiam muito contentes do Viso-Rey elle, e seu irmão D. Luiz polo modo que se teve com elles no despacho de sua embarcação, e elle era Official a que competia justiça mais que parentesco, e todo o favor havia-se de attribuir ao sangue, por evitar escandalos das par-

partes, e mais sendo cousa, em que o Viso-Rey puzera a mão, veio fazendo a demora que vimos, que não foi ociosa; e as cartas, que havia de escrever a ElRey de Portugal, do caminho as mandou. E porque a principal cousa que o trouxe a Cochij foi fazer huma Armada para tornar a dar huma vista á costa Malabar, começou logo entender nisso; e em quanto trabalhavam no corregimento dos navios, mandou fazer tres, ou quatro alardos de apuração da gente que havia mister. Ao derradeiro dos quaes veio ElRey de Cochij, por comprazer a D. Henrique, e tambem dar mostra da sua gente, que estava prestes pera se elle aproveitar della em serviço d'ElRey de Portugal, nos quaes alardos houve tirar com espingardas, e as outras mostras que a gente de armas faz. E porque hum peão dos nossos tirou com huma bêsta com hum farpão, e passou o braço de hum Naire d'ElRey de Cochij, que he a sua gente mais nobre, houve ahi reboliço delles, ao que D. Henrique acudio, e mandava enforçar o peão por não ser da essencia do alardo tirar com farpão, e parecia ser malicia mais, que descuido. Ao que ElRey logo acudio, pedindo a vida do homem; com que não houve effeito a justiça, de que elle ficou mui contente, vindo que Dom

Henrique dava tal castigo por tocarem em cousa sua, e elle D. Henrique a esse fim mostrava fazer aquella justiça. ElRey de Castella como trazia espias no que D. Henrique fazia, sabendo desta apuração de gente, e Armada que se ordenava, como homem que tinha merecido castigo de suas culpas ácerca de nós, escreveu a D. Henrique sobre negocio de paz; e que folgaria de mandar entender nisso, ao que respondeu, que elle esperava de ser lá cedo, e então poderia de mais perto mandar fallar nisso. Partido este, per artificio do mesmo Çamorij, por elle ser seu vassallo, veio hum mensageiro do Governador de Panane, o qual lhe mandava dizer, que seu Senhor o Çamorij queria que lhe fossem entregues certos paráos, que estavam no seu rio, que os mandasse receber, que elle os entregaria logo. Ao que D. Henrique respondeu, que elle estava de caminho pera lá, que entre tanto que o fosse elle fazer prestes, e fosse de pressa: cá poderia ser que o acharia já lá mais occupado do que então estava; e com esta resposta o espedio sem os mais querer ouvir. A este tempo estava já D. Henrique tão apercebido, que se embarcou logo, e partio a dezoito de Fevereiro com hum Armada de cincoenta vélas, entre galões, galés, galeotas, fustas, bargantijs, e ca-



e catures, de que estes eram os principaes Capitães, Pero Mascarenhas, D. Simão de Menezes, D. Affonso de Menezes, D. Jorge de Menezes, D. Jorge Tello de Menezes, Simão de Mello, Jorge Cabral, João de Mello da Silva, Ruy Vaz Pereira, Jeronymo de Sousa, Antonio da Silva de Menezes, Francisco de Mendocça o velho, Francisco de Mendocça o mancebo, D. Jorge de Noronha, Aires da Cunha, Francisco de Vasconcellos, Nuno Fernandes Freire, Diogo da Silveira, Antonio d'Azevedo, Gomes de Souto-maior, Antonio Pefsoa, Rodrigo Aranha, Aires Cabral, e alguns moradores de Cochij, e o Arel de Porcá com vinte e sete catures. O qual era vassallo d'ElRey de Cochij, e vivia na povoação de Porcá, que he abaixo de Cochij nove leguas, com o qual D. Luiz de Menezes tinha assentado quasi per contrato, que cada vez que fosse chamado pera servir ElRey de Portugal com os seus catures, que fosse; e não querendo elle metter nisso sua pessoa, que desse os catures esquipados de remeiros; e por esta obrigação quiz elle pessoalmente ir com D. Henrique: assi que com os seus catures faziam o número das cincoenta vélas, em que iriam té dous mil homens. Com a qual Armada chegou a Panane a vinte e cinco de Feve-

reiro, que he huma povoação d'ElRey de Calecut das principaes que elle tem, situada toda ao longo do rio que tem. E però que não era cercada de muro, por em todo aquelle Malabar todalas povoações o não serem, estava em lugar delle entre o rio, e as casas feita huma defensão de palmeiras, e madeira replenada de terra tão taipada, que suppria por hum forte muro. E vinha torneando esta defensão toda a povoação pela parte do mar de maneira, que não se podia chegar ás casas, que grão parte dellas eram de pedra, e cal, senão per cima de muita artilheria, que os Mouros tinham posta naquella força. Da qual artilheria, (como se depois soube,) era Condestabre hum Portuguez arrenegado, que a governava, e dentro no rio havia muitos navios de toda sorte de carga, e remo, tambem postos em ordem de pelejar, se alguem os fosse commetter. D. Henrique primeiro que alguma cousa commettesse, mandou hum recado ao Governador, dizendo, que elle passava per alli, que bem lhe poderia mandar os paráos, que lhe mandára dizer, que o Çamorij havia por bem que lhe fossem entregues. E em quanto hia este recado, mandou certos bargantijs que entrassem pelo rio acima, mostrando que queriam fazer aguada, por elle ser de agua doce,

ce , e que o fossem sondando. Aos quaes bargantijs , os Mouros que estavam em guarda dos navios , e assi na força ao longo do rio , começaram de esbombardear. D. Henrique quando vio que bombardas não respondiam á entrega dos paráos , nem o seu recado com a furia da artilheria não foi ouvido , nem respondido , e tudo eram mentiras , e manhas do Çamorij , governado per Mouros que eram contra a paz , feito conselho com os Capitães , a sahida em terra foi pola informação que lhe os bargantijs deram daquelle pouco que do rio puderam alcançar ; mas não houve effeito a sahida aquelle dia que elle ordenou ; e a causa foi esta. Querendo-se D. Henrique , ( a manhã que haviam de saltar em terra , ) passar de huma galé em que hia a hum batel , lançou pelo ombro o braço de seu lugar , que causou anteparar a sahida , e tornou-se elle á galé , onde lhe concertáram o braço , e posto hum emprasto nelle , sahio a outro dia contra vontade de muitos , por não crer em agoiros. E ainda disse a hum homem seu familiar , que o muito apertava nisso : *Se este agoiro fora baterem-me hum çapato , como a meu tio D. João de Menezes , per ventura me provocareis a não sabir ; mas isto he lançar-me ombro fóra , que eu tomo por muito bom prognosti-*

co, que não tenho necessidade delle pelear, sómente pôr os pés em terra. E o negocio do çapato de D. João de Menezes era luma coufa, que andava muito na boca dos Capitães da guerra, quando commettiam algum feito, a qual historia contámos no Livro terceiro da segunda Decada no fim do Capitulo decimo, quando matáram o Viso-Rey D. Francisco, fallando elle neste çapato de D. João de Menezes. D. Henrique leixando os agoiros, sahio nesta ordem como tinha assentado com os Capitães: Pedro Mascarenhas acima, mettido mais dentro no rio com trezentos homens, e D. Simão com outros trezentos abaixo na praia do mar, em companhia do qual hia Dom Jorge seu irmão; e elle D. Henrique entre ambos com todo o mais corpo da gente, pera dalli acudir abaixo, ou acima, onde necessario fosse. A qual sahida, ainda que ella foi bem festejada dos nossos com trombetas, e gritas, que rompiam os ares daquella manhã, tiveram por resposta outro tom mui differente, que foram muitas bombardas, que encubriam as gritas nossas, e suas, e de envolta muita espingardaria, de que os Mouros estavam bem providos. E per todas as partes houve tanta furia, que huns não entendiam os outros naquella primeira chegada, que os nossos chegaram a querer en-

entrar per cima da força, que os Mouros tinham feito; e porém tiveram tempo que na parte da praia, per que D. Simão vinha, por ser hum pouco longe, e affastado dos outros dous corpos da gente, acudíram muitos a elle. Pero Mascarenhas tambem como na parte que lhe coube havia mais defensão, teve affás trabalho em chegar lá; elles com tudo a seu pezar tomáram entrada, e vindo já a bote de lança, e fios da espada, assi cortavam nos Mouros de morte, que começáram a desamparar a defensão. D. Henrique por trazer o sentido em todas as partes pera acudir onde fosse necessario, vendo que sobre D. Simão acudiam muitos Mouros pola razão que acima dissemos, mandou alguma gente que lhe leixou tomar folego. E porém foi já a tempo que os Mouros se punham em fugida, e ao pé das bombardas acháram o Condestabre arrenegado morto, e o rosto todo retalhado em cutiladas: parece que quando se vio na agunia da morte, como homem desesperado de viver, assi polas feridas que tinha, como porque vindo a nosso poder padeceria o que tinha merecido com sua infidelidade, por não ser conhecido, mandou a algum Mouro que lhe retalhasse o rosto. D. Henrique como vio que a sua gente entrava per cima da artilheria, e que começa-



vam a correr trás os Mouros, por se não espalliar pelas ruas da povoação per toda andar derramada, mandou aos Capitães que entretivessem a gente, té que o temor que os Mouros levavam os fez não parar nas casas, e acolhiam-se aos palmares. E posto que a povoação estava despejada de todo, todavia por dar hunta cevadura ao Gentio que comsigo levava, deo-lhe lugar que fosse recolher alguma pouquidade que podia ficar, e ao mais mandou poer o fogo per muitas partes da povoação, e cortar palmeiras, que he o maior mal que lhe pode fazer. E tambem mandou entrar navios de remo per o rio, que foram queimar os que nelle estavam, com que este lugar ficou destruido, e castigado por huns dias. E entre muito grande número de peças de artilheria que mandou recolher, achou alguma nossa que os Mouros em diversos lugares, e tempos tinham tomado a navios nossos. Todavia não custou este feito tão barato, que não morressem nelle nove homens de armas, e feridos passáram de quarenta, de que os principaes foram Jorge de Lima, Simão de Miranda, Payõ Rodrigues d'Araújo. Partido D. Henrique, ao outro dia foi dar hum açoute a Calecut, mandando-lhe queimar dez, ou doze vélas, que estavam no porto. E em quanto no mar faziam

esta obra, D. João de Lima tambem com sua gente foi á Cidade a lhe pôr fogo per partes nos arrabaldes della ; e por os inimigos acudirem, e elle se metter mais do necessario no corpo della, correo grande risco té se recolher. Daqui tambem mandou D. Henrique a Coulete, onde era seu principal intento, a João de Mello da Silva, com o Piloto mór da Armada, que lhe fosse sondar a estancia dos navios, que ancoravam no porto, pera saber o que havia de fazer quando chegasse. O qual lugar era seis leguas de Calecut contra o Norte, assentado em huma praia curvada á maneira de meia Lua tudo raso, que com qualquer tiro podia offender a ambas as partes, e sómente pegado na povoação tinham hum estreito pequeno. Defronte da qual povoação ficava a praia hum pouco ingreme, e sobre ella por defensão tinham feito outro muro de madeira replenado de terra á maneira de Panane, e das ilhargas tinha outro tal amparo, ficando-lhe tudo em lugar de muro. E ao sob pé tinham todolos seus navios em ordem com as popas quasi em secção, alli dispostos que das tranqueiras de cima os podiam defender com artilheria de maneira, que quem houvesse de ir ao lugar per esta fronteria do mar, lhe convinha passar per estas duas estancias, a dos navios,

e dos repletos, tudo com muita artilheria. D. Henrique tanto que mandou João de Mello da Silva a sondar este porto com té dezoito bargantijs, e catures, foi-se logo nas costas delle, e em descobrindo huma ponta, vio que se vinha João de Mello recolhendo de cincoenta e seis paráos, que lhe sahíram ante que chegasse ao porto, que como gente que corre pareo, vinham a elle com grandes apupadas. Aos quaes João de Mello leixava, porque não hia a pelear, sómente a sondar o porto, e mais priuneiro a elle o leixáram doze dos catures, que levava do Arel de Porcá, todos esquipados de Negros Malabares, que corriam, fugindo melhor que os outros, que perseguiam a elle João de Mello. Porém quando os Mouros víram apparecer diante da ponta, que os descubria a D. Henrique, e entendêram ser elle o Governador, já furdos de suas apupadas foram-se pôr no lugar de seu abrigo, que era ao sob pé da artilheria, que estava nas estancias, que difsemos, havendo nelles, e nos outros grande revolta, buscando cada hum o lugar mais seguro a seu parecer, querendo o Governador commettellos, de que tinham grande temor polo feito de Panane, que já entre elles era sabido.

## CAPITULO V.

*Como D. Henrique determinou de sahir em Coulete , o qual com huma grande victoria que bouve dos Mouros , o queimou , e assi grande número de navios , que estavam no porto : e dahi se tornou a Cananor , e espedio D. Simão de Menezes com huma Armada pera aquella costa de Malabar.*

SAbendo D. Henrique de Menezes de João de Mello o que passára , e que se hia recolhendo pera elle polas razões que dissemos , foi surgir com toda sua frota hum quarto de legua desviado da fronteira do lugar , pera alli assentar o modo que haviam de ter pera sahir em terra. E como toda a frota foi furta , fez signal que viessem a conselho á galé onde elle vinha , no qual houve mui diferentes votos , e todos paráram que o negocio era de muito perigo. E que a sahida naquelle lugar não era couza de tanta substancia , que por isso aventurasse tanta gente ; e toda a victoria do caso estava em queimar humas poucas de casas palhaças , e aquelles paráos que tinham diante , o que estava mui bem defendido per vinte mil homens de peleja , que diziam estarem em terra. E correndo a prática

mais, huns eram, que já que haviam de pe-  
 lejar, fosse no mar, pera tomarem aquelles  
 navios, e paráos, ou os queimarem, e não  
 sahissesem em terra; outros que sahissesem nel-  
 la, e não commettessem os paráos; alguns  
 em que parte deviam pelejar, por sentirem  
 D. Henrique inclinado a isso, e desejavam  
 de o comprazer, e tambem por ter animo  
 differente. D. Henrique quando se vio entre  
 tão varios pareceres, quiz alargar o seu com  
 algumas razões, dizendo, que a principal  
 cousa que o movêra a partir de Cochij,  
 fora castigar ElRey de Calecut, o qual  
 (como elles sabiam) simulava estar occupa-  
 do em guerra, e tinha em Calecut hum Go-  
 vernador, que como de si fazia guerra á  
 nossa fortaleza, em que D. João tinha re-  
 cebido muita affronta. E como elle o não  
 podia castigar na pessoa, nem em lugar on-  
 de estivesse, queria-o castigar nas partes em  
 que tinha mais olho, e elle não sabia ou-  
 tras mais importantes a seu estado, que Pa-  
 nane, e Coulete, onde elles estavam. E ef-  
 te Coulete desejava elle mais destruir, que  
 outro algum, por quantos navios delle par-  
 tiam pera Méca, e isto o trouxera alli, e  
 não pera andar á caça de paráos, por este  
 ser officio de hum Capitão da costa, e não  
 da pessoa do Governador. E se isto era ver-  
 dade, que conta daria Nlle de si a todos os  
 Mou-



Mouros da India, chegar alli com tal Armada, e não fahir em terra, e assolar tudo com tanta, e tão nobre gente como alli vinha? que a elle lhe parecia, que deixando de o fazer, fazia os Mouros verdadeiros, com huma palavra com que ameaçam aos Portuguezes, dizendo: *Uxar Coulete*, que quer dizer guarda de Coulete. Verdade era, (como elles diziam,) ser perigosa cousa quasi á escala vista commetter aquella entrada, onde se aventurava tanta Fidalguia, porque estes por honra de seu sangue sempre eram os primeiros, e não tendo elle este respeito, commettia dous erros; o primeiro não fazer o que lhe ElRey mandava em seu regimento, que no commetter de qualquer feito sempre tivesse muito resguardo á vida dos homens; o segundo erro era, não ter lei, nem amizade com muitos parentes, e amigos que alli vinham, todos tão cavalleiros, que elle já na fantasia os estavam vendo avoar per cima daquellas tranqueiras. Porém por se conformar com o que ElRey mandava, e com o parecer de todos, e tambem com o seu, que não queria aventurar tanta gente, e elle queria tomar sómente trezentos homens que levaria per huma parte D. Simão de Meneses seu primo, e elle pera si queria sómente cento e cincoenta, pera dar per ou-

tra parte, que seria per ambas as ilhargas. E a mais gente lhe parecia bem ficar na Armada, pera commetter os cento e cincoenta navios, que tinham diante dos Mouros. Os quaes quando vissem de terra abalar tanta gente per diversas partes, como não sabiam a quantia que havia de ficar no mar, e quanta poiar em terra, esta dúvida os faria não se determinarem á parte principal, e o temor do feito de Panane, que tinha outra defença semelhante, os metteria em fuga. Porque (louvado Deos) des que a nação Portuguez contendia com Mouros da India, ainda estava por ver recolherem-se ás embarcações fugindo, e esta só razão naquelle tempo queria ter por si contra todas as outras, que algum desconfiado de si mesmo podia dar. Por isso esta mercê pedia a todos, que cada hum confiasse de si quanto elle confiava nelles, porque a desconfiança era o mais forte inimigo que podiam ter contra si. E bastava para daquelle feito terem victoria, a outra que havia poucos dias que tinham havido, de que ainda não tinham limpas as espadas do sangue de outros taes Mouros. Finalmente com estas, e outras razões, que lhe D. Henrique propoz, todos se conformáram com seu voto só, pera o outro dia pela manhã pôrem o peito per mar, e em terra não perigo. Vinda a

hora da maré, começaram os navios, que haviam de pelear, ir demandar os paráos dos Mouros, que (como dissemos) estavam abrigados aos seus reparos, e defensão da terra. No qual tempo D. Simão com a sua gente em vasilhas pequenas tomáram huma parte da terra, que era á esquerda, e Dom Henrique á direita, em companhia do qual hia Pero Mascarenhas, ficando os paráos entre elles, e levava diante Jorge Cabral em huma fusta, que lhe hia sondando o caminho. Postas estas tres alas, cada hum teve tanto cuidado de si, como tinham de animo; e posto que o lugar era bem perigoso, o fumo da artilheria os fez mais seguros, porque não havia apontar a huma, e outra parte, com que se chegáram ao lugar de tomar terra, e virem a bote de lança, e (como dizem) mão por mão. Porque os Mouros todos estavam offerecidos a morrer, e assi o fizeram, que logo na primeira chegada dos nossos estiveram tão firmes, e constantes, que custou a vida de Diogo Pereira de alcunhá o Malabar, que como era Capitão mór dos catures do Arel de Porcá, por cada hum acudir melhor a seu lugar, repartio-os per estes Capitães, per João de Cerqueira, Manuel da Gama, e outros, e querendo fazer vantage á honra em querer sahir primeiro em terra, não a fez á vi-

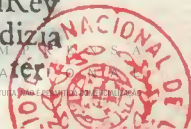
da, porque o matáram alli. E Manuel da Gama pela garganta houve huma fréchada mui perigosa, e assi recebêram outros signaes de honra, ficando bem feridos. No commetter dos quaes navios assi da sua parte, como da nossa foi huma nuvem que cubrio a todos, cheia dos foguetes da luz de tanta artilheria, a qual nuvem foi aos nossos, (como dissemos,) mui proveitosa, porque primeiro os Mouros sentiram o ferro em si, que entendessem que saltavam nos seus navios: tão cégo andava o ar, que a todos cubria. E a primeira cousa que começou prometter a vitoria aos nossos, foi sentirem-se os Mouros do mar tão apertados delles, que por se salvar saltavam em terra, e hiam-se abrigar á estancia que tinham feita, em que estava a sua artilheria. E quem neste abalroar dos paráos se houve animosamente, por ser o primeiro que abalroou, e enxotou os Mouros em terra do paráo que afferrou, foi Rodrigo Aranha, no qual tempo houve grande trabalho em todos; porque como os Mouros começaram a saltar, acudiram D. Affonso de Menezes, D. Jorge de Noronha, Dom Tristão de Noronha, Jeronymo de Sousa, Antonio Pessoa, e outra gente nobre, que começaram levar os Mouros ante si. Dom Henrique como trazia os olhos em todas as

partes pera saber onde havia de acudir , e mandar , vendo que o Arel de Porcá nesta entrada dos nossos se leixava estar com alguns dos seus catures , como homem que se não queria metter em perigo , depois de lhe mandar bradar , e fazer muitos signaes que sahisse com os seus , mandou-lhe tirar com hum berço , e foi elle tão mofino , que lhe quebrou huma perna. E sobre isso mandou-lhe dizer D. Henrique que se fosse , que não tinha necessidade de homens , que vinham á guerra por razão de apanhar o despojo , como os seus Malabares faziam , e não pera pelejar. No qual tempo andava já D. Henrique contente , por ver que muitos dos nossos tinham já , além da força , que aos Mouros servia de muro , arvorado seus guirdes , porque os primeiros nesta subida foram os mais ditosos : cá o fumo os cubria de maneira , e a luz da escorva lhe dizia onde estava a bombardas , por cima da qual subiam sem perigo ; e passados da parte de dentro , por acudirem muitos Mouros , fizeram maravilhas. A este tempo Dom Henrique pela parte per onde entrou , por ser onde estava o Capitão mór daquellas estancias , como levava gente mui nobre , faziam maravilhas , e era já morto este Capitão com outros tres aos seus pés , que tinham jurado no seu Alcorão de acabarem



alli por defensão de sua pessoa. Da outra parte de D. Simão, por o seu caminho ser hum pouco longe, deteve-se pera encavalgar per cima da estancia da sua ilhargá, que tomou, onde acudio grande pezo de gente, por cuidarem os Mouros que alli hia o Governador, vendo que a gente era dobrada. Mas como todos já andavam travados, tanto que a gente dos navios tomáram terra, foi elle mui bem ajudado, principalmente destes Fidalgos, e Cavalleiros, Jorge Cabral, João de Mello, João de Betancor, Manuel da Gama, Fernão de Moraes, Ruy d'Acoſta, com que acabou de rematar neste grande conflito a vitoria, pondo-se os Mouros em fugida. No qual ficou morto Diogo Pereira, e outros quatorze em este feito, e todolos acima nomeados feridos, a fóra outros em outras partes, que por todos feriam quarenta e oito. Acabada esta vitoria, foram recolhidas trezentas e sessenta peças de artilheria de toda sorte, e grande número de espingardas, e tomados cincoenta e tres navios, muita parte delles carregados de especiaria, que estavam pera fazer viagem; e os mais por serem velhos, e não pera uso nosso, foram queimados, e por derradeiro foi queimado todo o lugar. Com esta vitoria se tornou Dom Henrique a Cananor a quinze de Março, on-

de se vio com ElRey em terra, com aquelle aparato, (segundo seu uso, de que já escrevemos.) E entre algumas cousas que lhe ElRey requereo, foi a entrega de certas Ilhas das chamadas de Maldiva, de que lhe apresentou huma Provisão d'ElRey. A qual como vinha com huma clausula, que pagaria dellas o que bem pareceffe ao Governador, e elle Rey não se quiz obligar a pagar a quantidade do cairo, que lhe D. Henrique pedia, ficou sem as Ilhas, e assi sem huns paráos com a artilheria de certos ladrões, que se acolhiam no seu Reyno; porém concedeo-lhe outras cousas levemente, com que ambos ficáram contentes hum do outro, e se deram peças; ElRey hum colar de ouro, e pedraria a D. Henrique, que elle mandou a este Reyno a ElRey, e com esta condição o tomou, por elle se haver por injuriado em o não tomar D. Henrique, e elle em retorno lhe deo outras peças. E daqui mandou D. Henrique a D. Simão de Menezes com vinte navios, em que iriam té quinhentos homens pera correr aquella costa té Bracelor, e primeiro que se recolheffe invernar a Cochij, fosse carregar de arroz a Baticalá; e leixando algum em Calecut, o resto levasse a Cochij. E assi espedio a hum mensageiro d'ElRey de Ormuz, que com aggravos que dizia



ter do tempo de D. Duarte de Menezes, e de Diogo de Mello Capitão, escrevia ao Viso-Rey Conde da Vidigueira; e vendo que era falecido, apresentou as cartas a D. Henrique, e assi hum fio de perlas, e alguns pannos de seda, que lhe mandava de presente. As quaes peças D. Henrique lhe acceitou, poio não escandalizar, e as mandou a este Reyno a ElRey com o collar que lhe deo ElRey de Cananor, e escreveo a ElRey, e a Racz Xaraso as palavras que haviam mister queixumes, que eram de consolação, e justiça em seus agravos; e outra a Diogo de Mello, encomendando-lhe o bom tratamento d'ElRey, e seu Governador, por não terem causa de se queixar. E daqui se partio pera Cochij a ordenar as cousas pera o fundamento que elle trazia.

## CAPITULO VI.

*Do que passou Antonio de Miranda d'Azevedo com a Armada que foi ao estreito: e assi a D. Simão de Menezes na costa de Malabar té se recolher a invernar.*

**P**Or o recado que D. Henrique mandou a Manuel de Macedo a Chaul sobre as náos de madeira que **h**iam pera Méca, de

de que lhe Alvaro Mendes deo conta, como atrás fica, elle partio de Chaul meado Janeiro em hum galeão, e levou duas caravellas, de huma era Capitão Ruy Vaz, e da outra Ruy Gonçalves. E porque elle foi primeiro que Antonio de Miranda, o qual partio de Goa a cinco de Fevereiro, em chegando a Cocotorá, achou alli nova como no Cabo de Guardafú andava huma caravella dos nossos ás prezas, a qual elle foi tomar, e era da Armada do Conde Almirante Capitão Mosem Gaspar, de que atrás fizemos menção. O qual como era estrangeiro, sobre palavras de querer mandar, que alguns dos nossos mal soffrêram, elle foi morto; e temendo o castigo que por isso haviam de haver os authores de sua morte, determináram de se fazer per alli ricos, andando ás prezas, fazendo seu Capitão hum Antonio Lopes, que não durou muito tempo no officio. E em seu lugar fizeram outro de appellido Aguiar, author da morte de Mosem Gaspar, que depois foi degollado em Cochij por este feito; e dos outros delles foram enforcados em Chaul, e outros degredados pera diversas partes, segundo suas culpas. Feita esta preza de prezos, ajuntou-se Manoel de Macedo com Antonio de Miranda pera andar alli de Armada, já desesperado das náos de madeira,



por serem passadas daquella paragem. O qual vinha em huma galeaça, e com elles estes Capitães, Ruy Mendes de Mesquita em hum galeão, Francisco de Vasconcellos, Ruy Vaz Pereira, e sería a gente que levou té trezentos e cincoenta homens. E o modo que tem as nossas Armadas de andar guardando a boca daquelle estreito, por não passar alguma véla de Mouros que lhe não caia na mão, he o que fazem os pescadores na sua pescaria, atravessando o rio de terra a terra com sua rede; e por esta ser a ordem de todas as Armadas que vam alli, a este fim o escrevemos aqui, por a não repetir muitas vezes. Do Cabo de Guardafú, que he a mais Austral, e Oriental terra da parte Africa, ao Cabo de Fartaque, que lhe fica ao Oriente na terra de Arabia, se faz huma garganta do mar, que vai fazer o estreito do mar Roxo. Esta garganta scrá pouco mais de cincoenta leguas pelas cartas de marear, e nesta distancia as nossas Armadas com seus navios se vam estender quasi huns á vista de outros, porque não passe véla, que per elles não seja vista. E per este modo se ordenou Antonio de Miranda, e deo a caravella dos alevantados a Payo Rodrigues d'Araujo, e nesta pescaria a pouco custo de peleja houveram dez zambucos carregados de ruiva, cousa de pouco



preço, e tres náos. Das quaes a mais rica tomou Ruy Mendes de Mesquita, e por o terem assi por regimento, por não andarem com náos carregadas trás si, Ruy Mendes por andar da banda da costa de Arabia, a mandou por Francisco Borges a Chaul por ordenança de Antonio de Miranda, da qual fazenda elle não deo boa conta. E a Manuel de Macedo em seu lanço lhe coube hum paráo carregado de pimenta, que pelejou tão furiosamente, que pereceram todos sem se querer entregar, e ficáram sómente dous vivos. E vindo o tempo em que já não podiam andar naquella pescaria, Antonio de Miranda foi dar huma visita a Xael, onde D. Henrique lhe mandou que fosse pedir alguma artilheria, que Dom Luiz de Menezes não pode recolher com o tempo do mar, quando saqueou aquella Cidade. E assi que houvesse outra artilheria de huma náos, que indo pera Ormuz, com tempo se foi alli perder; mas os Mouros como estavam escandalizados do feito de D. Luiz, o não quizeram fazer. E converteo Antonio de Miranda a furia em pôr fogo a humas poucas de náos, porque acudindo elles a ellas, os castigasse, como fez, onde corrêram muitos sem sahir em terra, e das náos foram queimadas sete, e cinco foram tomadas, em que houve bom esbu-

lho. E porque o tempo não soffria andar mais naquella costa, e o galeão de Manuel de Macedo fazia muita agua, Antonio de Miranda o espedio que viesse a Chaul, como veio, e elle invernou em Mascate, e depois veio ter com D. Henrique a tempo que elle estava sobre Calecut, como se verá adiante. D. Simão tambem neste tempo com a Armada que levou pera andar na costa, foi correndo todos os rios té chegar a Mangalor, onde elle cuidou achar Fernão Gomes de Lemos, por levar recado de D. Henrique que o tomasse debaixo de sua bandeira, e alimpasse aquella costa de ladrões, por D. Henrique ter sabido o que alli lhe tinha acontecido, de que estava descontente, e Fernão Gomes muito mais; e o caso foi este. Dentro deste rio estava grande número de paráos carregados de pimenta; e como elle não tinha navios pequenos pera poder entrar, por o seu navio ser hum galeão, e as outras duas peças de seu irmão Gomes Martins de Lemos, e de Antonio da Silva serem galcotas, estavam mais em guarda que não sahisssem, que em auto de poder ir a elles. Os paráos como estavam alli encarcerados sem poderem sahir, parece que deram aviso por terra a Calecut do estado em que ficavam, e ordenáram este ardil, que viessem de Mar em fóra muitos

paráos de lá a esbombardear Fernão Gomes. Porque como elle não tinha navios leves, e elles o podiam provocar a se mudar da boca do rio, pera no mar largo vir pelejar com elles, e só nesta mudança ficavam elles de dentro despejados pera sahirem com sua carga, pera o qual negocio estavam prestes. O qual ardil foi como elles o cuidáram, vindo hum grande número de paráos todos a ponto de pelejar, e commettendo a Fernão Gomes, foi tanta bombardada nelles, que lhe conveio sahir-se do lugar ao mar largo com as galeotas. E sahindo os paráos, começaram de se espalhar, e como eram leves, não lhes podiam os nossos fazer damno senão com alguns pelouros da artilheria, se os acertavam. No qual tempo os que estavam dentro, como preza de agua que lhe tiram o impedimento que tem, sahiram os que estavam carregados, e outros de pequeno porte vasios. E em Fernão Gomes fazendo volta, como que queria acudir aos entreter, se mettêram pelo rio dentro, e por este modo os carregados foram sua via de Cambaya, e Fernão Gomes ficou mui descontente, e muito mais quando soube que os de dentro não tinham carga alguma, com que determinou de se ir dalli quasi em busca dos outros que o fizeram mover, té que D. Simão veio

dar com elle , e com indignação do caso elle D. Simão foi dar em Mangalor , e o queimou , e dez , ou doze navios que ali estavam ; e os outros de menos porte se met-  
têram por esses esteiros , onde os nossos lhe não podiam fazer damno. Partido daqui , foi correndo a costa já acompanhado de Fernão Gomes , e pelejou tres , ou quatro vezes com paráos. E a maior peleja que teve , foi dia de Pascoa com té setenta paráos , de que tomou vinte , e com outros deo á costa. Aos quaes perseguiam Antonio Pessoa , e Domingos Fernandes por levarem catures de remo , que são navios mui leves , chegando-se tanto a elles , que vinham ao bote da lança , onde matáram muitos Mouros. E vendo os outros que não tinham salvação , lançáram-se ao mar , e outros foram tomar por abrigo o rio Marabea dentro do cabo de Cananor. Seguindo os quaes foi D. Simão , Antonio da Silva , Gomes Martins de Lemos ; os Mouros do qual lugar vendo ir os nossos com grande grita trás os paráos , como quem os queria defender , começaram offender os nossos. E quem nisto se ventajou de entrar pelo rio acima , foi Domingos Fernandes , por ter leve navio , confiado na vitoria que houvera dos outros paráos. D. Simão quando o vio ir assi com aquelle alvoroço des-

atenttadamente, e só, mandou a Gomes Martins de Lemos filho de João Gomes de Lemos, que hia em hum batel, que lhe acudisse; e elle em lugar de ir salvar a vida do outro, perdeu a sua, por dar em secco com o alvoroço de chegar, onde os Mouros de Marabea o matáram ás fréchadas, e com elle D. Miguel de Lima filho de Dom Affonso de Lima, e quantos hiam no batel, em que entráram sete Portuguezes, a fóra estes dous Fidalgos. Domingos Fernandes quando quiz tornar sobre elle, era já o caso feito, e teve bem que fazer em se salvar, e foi-se pera D. Simão, que não ficou mui contente delle, por o seu aqodamento ser causa daquelle desastre, de que ficou mui triste. E por não ter vasilhas pequenas, leixou de ir destruir o lugar de Marabea, posto que d'ElRey de Cananor fosse; e porque esperava de haver o castigo por o mesmo Rey, e o tempo não soffria mais andar na costa, foi carregar de arroz a Baticalá, como D. Henrique lhe mandava, provendo delle Cananor, e Calecut. E tambem lhe leixou alguma gente, por estarem já de guerra com o Çamorij, e dahi se foi pera Cochij invernar. E quando passou per Cananor, fez queixume a ElRey do que os seus lhe fizeram, o qual pollo satisfazer mandou matar alguns Naires,



e Mouros que achou serem culpados. E neste tempo, que era no principio de Maio, quando chegou a Cochij, por ser o tempo da monção pera ir pera Malaca, achou que D. Henrique acabava de despachar Pedro Mascarenhas pera ir servir a capitania della. Da chegada do qual adiante faremos relação, fallando nas cousas desta Cidade.

## C A P I T U L O VII.

*Como o Çamorij de Calecut desejava de tomar a nossa fortaleza de Calecut, por artificio mandou commetter pazes ao Governador D. Henrique; e por lhe não serem concedidas com as condições que elle queria, veio cercar a nossa fortaleza.*

**O** Çamorij Rey de Calecut como neste tempo, que D. Henrique começou governar, vio a grande destruição que lhe fez em seus lugares, e quantos navios tinha perdido, e que elle desprezava os cominettimentos de paz, entre indignação sua, e conselho de Mouros mercadores, que muito o demovêram, ordenou de cercar aquelle inverno a nossa fortaleza, e a tomar, se pudesse. E quando não o pudesse fazer, polla-hia em tanta necessidade, que esta obrigaría a Dom Henrique consentir na paz, conforme ás capitulações que elle quizesse: cá segundo

aquelle homem entrava em seu governo furioso, sería o seu Reyno de todo perdido, sem huma almadia poder pescar, quanto mais navegar navios. E porém primeiro quiz usar de huma cautela pera dissimular com elle, mandar-lhe commetter pazes; porque quando visse que lhas commettia, assentaria em seu animo que elle Çamorij não havia de cercar a fortaleza, e não a proveria de novo. A qual tenção elle fez logo no fim de Maio; mandando a Cochij hum Gentio homem principal per nome Lambeá Morij, que D. Henrique ouvio, e tudo eram palavras de desculpas ser mo-vida aquella guerra com D. João de Lima, por ser hum homem máo de contentar, e grande executor crimemente em toda venial culpa. E se da parte do seu Capitão da Cidade Calecut se houve alguma, foi por elle Rey ser ao pé da serra a huma guerra, que tivera com seus inimigos, que tinha acabada. E desejando muito sua amizade delle Dom Henrique, tanto como os beneficios da paz, lha mandava requerer. D. Henrique a estas suas razões deo outras; e per fim dos apontamentos, e condições da paz, o Embaixador se tornou não mui contente, sem o Çamorij mais a mandar requerer, e folgou de lhe não ser concedida pera pôr em effeito mandar cercar a fortaleza. E porque este

cerco foi huma das cousas mais perigosas que té aquelle tempo tivemos na India, assi por causa do tempo, que era na força do inverno, como do sitio da fortaleza, pera se melhor entender o modo do cerco, será necessario darmos mais particular declaração della, posto que já atrás em alguma maneira o tenhamos feito na relação da Cidade dos Mouros. Esta costa, em que a fortaleza está situada, não tem rio, nem porto abrigado, onde os navios possam estar seguros, tudo he huma costa brava com hum recife de pedras com alguns canaes pequenos per que podem entrar navios pequenos. A qual costa se corre Norte Sul, e tem a nossa fortaleza nas costas da parte do Oriente junto á Cidade dos Mouros, e do Ponente o mar, tudo tão desabrigado, e patente aos ventos, que pera sahir na fortaleza em paz, ha mister que seja o dia quieto, pera o mar dar sahida em terra, quanto mais querer sahir com mão armada, e o mar que rompe (como dizem) em frol. Os Mouros a primeira cousa em que entendêram foi cercarem a fortaleza com huma cava de té vinte e cinco palmos de largo, á maneira de meia Lua, cujas duas pontas vinham beber no mar. No fim das quaes pontas em cada huma fizeram seu baluarte mui forte com artilheria, que jo-

gava em revés ao longo da praia, para que vindo soccorro per mar, não pudesse entrar na fortaleza. E em contorno de toda esta cava em lugar de reparo, principalmente donde podiam dar bateria á fortaleza, fizeram outros cinco baluartes, e toda a terra que tiravam da cava faziam huma trincheira para tirar com espingardas, e fréchas, e se amparar dos nossos tiros, e per estes principaes baluartes punham a artilheria. Da qual obra era mestre hum Siciliano de nação arrenegado, que era grande Official, e elle se gloriava que aprendera todos aquelles artificios da guerra no cerco que o Turco teve sobre Rhodes. Finalmente quando os Mouros chegaram a fazer esta cava, e baluartes, já os nossos tinham passado muito trabalho, e D. João de Lima sahido per vezes fóra da fortaleza a pelejar com elles. E o primeiro movimento que o Çamorij teve neste cerco foi mandar dez, ou doze mil homens com hum seu Çapitão, e o Siciliano que dissemos, fazer a cava. A impedir a qual, D. João de Lima em diversos tempos do dia, ora com cincoenta, ora com cem homens, (porque na fortaleza não havia mais que trezentos,) lhe dava rebates, matando, e ferindo aos que andavam nesta obra. E ainda para o fazer mais a seu salvo, serviam-lhe

muito humas casas nossas, que estavam fóra dos muros da fortaleza, que serviam de armazens, e casas de feitoria, porque amparavam os nossos, que sabiam a impedir a obra que os Mouros faziam. O arrengado vendo quanto impedimento lhe fazia D. João com estes rebates, com que lhe matava muita gente, mandou cubrir da cava parte della com vigas, e rama, e terra, pera os homens per baixo irem trabalhando. E porque com ser muita gente venciam o trabalho dos nossos, ante que lhe viessem a queimar as casas dos armazens, e Feitoria, que estavam fóra da fortaleza, D. João mandou recolher dentro toda a fazenda principal, sem derribar as casas, por lhe servirem de amparo quando sahia dar os rebates. Tambem vendo elle que a tenção dos Mouros era tomar-lhe a serventia do mar, com os baluartes que jogavam em revés, da porta da fortaleza té beber no mar, com pipas entulhadas de arêa, e outros reparios, mandou fazer huma rua ao modo de Coiraça, pera per ella irem, e virem os nossos seguros, e mais per entre pipa, e pipa jogarem os nossos com a artilheria miuda, e espingardas. A este tempo, que era já na entrada de Junho, que a cava era acabada, chegou o Camorij, o qual diziam trazer noventa mil<sup>R</sup> homens. E quem



quem vir esta gente em campo, dirá ser menos ametade, porque como faz pouco apparato sómente com hum arco, e frêchas, espada, ou cofo, e alguns delles espingardas, e todos com hum panno derredor de si sem luzirem mais armas, fazem pouca mostra em vista, e muita no commetter. Na qual gente vinham Reys, e Senhores delles vassallos, e outros amigos; e por affombrar os nossos, e elle abonar seus artificios, o Siciliano trouxe ElRey encubertamente aos ver, dando-lhe esperança que com sua chegada em poucos dias os nossos seriam tomados ás mãos. E ElRey assi lhe pareceo, pondo os olhos em a pouquidade da nossa fortaleza, e no grande número da gente que tinha, tanto, que gloriando-se elle entre os seus do que víra, dizia que com punhados de terra sem mais armas os seus alagariam a fortaleza. Ao que o seu Capitão que alli andava, como escaldado do que tinha passado, respondeo: *Aquella gente, Senhor, não se deixa alagar com terra, nem teme ferro, e he como huma pouca de polvora mettida em hum pequeno vaso, que se lhe chega huma faisca de fogo, faz maravilhas, de que muitos mortos, e feridos, e eu, somos testemunha da sua furia.* Dom João de Lima, porque o arrenegado veio estar á falla com os da nossa fortaleza, di-

zendo que sería bom dârem-se, por ser vindo o Çamorij com aquelle grande exercito de gente, com que víram o dia d'antes aquellas praias cubertas, mandou-lhe responder, que agora veria elle que os cavalleiros, que estavam dentro naquella fortaleza, pelejavam de melhor vontade, pois eram vitos de hum tal Principe. E por fazer sua palavra boa, e que não temia aquella multidão de gente, sahio per detrás das casas da Feitoria, que estavam fóra do castello, a dar nos imigos, o que lhe houvera de custar a vida, por serem tantos sobre elle, que quasi o tiveram cercado; e á força de ferro, e feridas, que leváram os seus, se recolheo á fortaleza. E por experimentar naquella sahida que já as casas lhe não serviam de amparo, ante podiam ser azo na confiança dellas de algum grande desfaste, per conselho que sobre isso teve, as mandou derribar, ao qual feito os Mouros não acudíram por odio, segundo o damno que dellas recebiam. E porque houveram que o temor fizera aos nossos fazer aquella obra, apressáram-se muito acabar a sua cava, e ordenar seus baluartes com toda a artilheria que tinham, pera dar bateria á fortaleza, em que entrava peça, que tirava pelouro de seis palmos de roda.

## CAPITULO VIII.

*Como ElRey de Calecut começou combater a fortaleza, e o soccorro que o Governador D. Henrique lbe mandou: e dos trabalhos que os nossos padeciam neste cerco.*

O Primeiro dia que começáram dar esta bateria, foi huma manhã treze de Junho, a qual manhã naquelle tempo não teve mais claridade, que os relampagos do afuzilar do fogo, porque todo o mais foi hum grosso, e escuro fumo, que cubria o circuito da fortaleza, com tamanho estrondo das bombardas, e grita da gente, que por alto que os nossos fallavam dentro na fortaleza, não se ouviam entre si. Finalmente a terra tremia, o mar se empolava com alguns pelouros que lá hiam parar, e o ar roncava com aquelle rumor desvairado do estrondo das peças da artilheria, e tudo era huma semelhança do Juizo final; porque o animo dos homens, e a palavra se lhes encubria de horror, assi nos cercados, como ao Gentio de fóra, ainda que authores daquella obra. D. João neste tempo tinha repartido a guarda da fortaleza em estancias, de que estes eram as principaes pessoas, D. Vasco de Lima, Jorge de Lima, Ruy

*Tom. III. P. II.*

Dd

N<sup>o</sup> IMPRENSA  
NACIONAL

de Mello, Antonio de Sá seu irmão, João Rabello Feitor, Duarte de Faria, e Antonio de Serpa ambos Escrivães da Feitoria, com gente ordenada que continuadamente estavam nelles. E D. João andava com outra sobrefalente pera acudir a qualquer parte mais necessaria; mas naquelle dia não houve mais que fogo, de que os Mouros recebêram o maior damno. Porque a furia da sua artilheria parava em o muro da fortaleza, e muita della não lhe fazia cousa alguma, por não serem os bombardeiros mui certos; e a nossa que lhe respondia, dava no cardume da gente, e pés das palmeiras, as cadeias das quaes era outro genero de tiros, que matou, e aleijou muitos. Passado este dia, espertou os nossos de maneira, que foi necessario espertar outra vez a D. Henrique o Governador, dando-lhe conta como tinham recebido o primeiro combate, e estado em que ficavam, pedindo-lhe D. João socorro de gente, porque a que tinha andava mui cansada do trabalho de dia, e vigia da noite; e nas saídas que fizeram, foram alguns feridos. D. Henrique tanto que teve este recado per huma almada, que foi milagre aportar lá, com a furia do mar, por ser na força do inverno, que era a dez de Julho, espedio a Christovão Jusarte filho de Bartholomeu Ju-

Jufarte Alcaide mór da Villa Monforte, e com elle Duarte d'Afonseca filho do Doutor Fernão d'Afonseca, debaixo de sua bandeira. E ambos se offerecêram a este grande perigo, por ser cousa de muita honra, em duas caravellas, que levariam cento e quarenta homens, os mais delles de bom sangue, com outra provisão de polvora, e cousas que mandava pedir. Chegando ambos a Calecut, teve Christovão Jufarte huma vantagem, que chegou primeiro, e a tempo que pode entrar dentro do recife; e a Duarte d'Afonseca acalmou-lhe o tempo, e ficou de fóra. Christovão Jufarte, como nas cousas da guerra era sem medo, e ardido, però que D. João quando o vio no lugar onde estava, temeo sua sahida, e poz-se á porta da Coiraga que tinha feita, accnando-lhe com huma bandeira que não sahisse; com tudo, ou que elle o não entendeo, ou que teve pouca conta com isso, determinou sair; sem ter aquella cautela, e resguardo, que lhe D. Henrique mandava ter na sahida: escolheo entre oitenta homens, trinta e cinco do seu voto, e aos outros que lhe contrariavam a sahida, mandou ficar em o navio em guarda d'elle; e tanto que lhe vissem tomar terra, varejassem aos Mouros que sobre elles viessem. E pera ser maior milagre esta sua sahida,



a força da agua carregou tanto no paráo em que salio , que não foi direito á boca da Coiraça onde D. João estava. E como os Mouros o víram ficar fóra da garganta della , de que podiam receber damno das nossas espingardas , que estavam naquelle lugar , ainda o paráo não tomava terra , quando a multidão dos Mouros no collo queriam tomar os nossos. O qual tomar de terra era quasi com agua pelos peitos , onde os Mouros , e Gentio como não tem custo de despir vestidos , e sempre andam pera nadar , andavam a braços com os nossos. E se lhe de terra os outros não tiravam com espingardas , e fréchas , era por temerem que ferissem os seus , tendo já Christovão Jusarte espedido o paráo pera o navio , polo não tomarem os imigos. E eram tantos a elle , que mais afogados andavam os nossos delles , que da agua , e quasi remando vieram ter onde estava D. Vasco de Lima , que per mandado de D. João lhes acudia , por se não perderem todos. E chegando ao lugar da entrada , por já irem hum pouco soltos da agua , foi a peleja tão travada , que quasi os imigos houveram de entrar de envolta com os nossos , té que a poder de ferro , e fogo Christovão Jusarte foi salvo , perdendo naquella entrada Fernão de Sequeira , e João de Macedo pe-  
soas

soas nobres , e dous homens de armas , e muitos feridos , entre os quaes foi Manuel Cerniche. O qual por salvar hum homem seu amigo , que ficava entre os Mouros , tornou atrás como cavalleiro que era , e rompendo per elles , tanto fez té que o salvou , e não pode salvar a si mesmo de quantas feridas lhe deram , de que morreo dahi a poucos dias. E neste tempo da entrada de Christovão Jusarte se vio D. João em maior perigo do que té li tivera ; porque vendo os Mouros que elle havia de acudir á entrada dos que lhe vinham pera soccorro , oufadamente remettêram aos muros da fortaleza pela banda da terra , pondo nelles escadas pera subir. Dado este rebate a D. João , acudio prestes , e com panellas de polvora , e muita espingardada , e lançada se tornáram queimados do fogo , e sangrados do ferro a suas estancias. Duarte d'Afonseca quando vio os perigos , per que Christovão Jusarte passára , posto que era Cavalleiro , quiz obedecer ao regimento que levava , e tomado conselho , pareceo a todos que devia notificar a D. João a dúvida que tinha , e regimento que trazia , e com tudo faria o que a elle , e assi os senhores que com elle estavam bem parecesse. E esta notificação foi per huma carta atada em huma setta , que mandou tirar do paráo , que podia

chegar bem a terra, e segurar que não cahisse fóra da Coiraça. Vista a carta em conselho, foi-lhe respondido per outra carta por o mesmo modo da frêcha, que sua fahida era tentar a Deos, porque desembarcar na praia não podia ser com menos de quinhentos homens, e destes tinha a fortaleza necessidade, porque muitos dos que estavam dentro eram feridos, e os outros não podiam vencer o trabalho, que lhes davam os inimigos em commettimentos de refegas, e de reparar lugares perigosos; e que isto escrevia a D. Henrique na outra carta, que com aquella lhe mandava. Duarte d'Afonseca vista a carta, e tomada a outra caravella consigo, partio daquelle porto, e veio dar com elle Francisco de Vasconcellos, a quem entregou a caravella, que a levasse a Cananor a Heitor da Silveira, que alli estava por Capitão. Ao qual D. Henrique per elle Francisco de Vasconcellos mandou que soccorresse com qualquer cousa que pudesse a D. João, pois estava tão vizinho delle. Chegado Duarte d'Afonseca a Cochij, D. Henrique o recebeu com gazalhado, e louvou tanto o que fez, attribuindo-o a cavalleria, como a Christovão Jusarte em entrar, posto que não cumprio seu regimento. E vista a carta que lhe Dom João escrevia, e nova

morij tinha situado seu arraial, segundo o  
 que elle Duarte d'Afonseca pode divisar  
 aquelle pouco tempo que alli esteve, orde-  
 nou logo a mesma caravella de Duarte d'A-  
 fonseca, e outro Capitão Pero Velho, e  
 Duarte d'Azevedo em hum navio, e Dom  
 Affonso de Menezes, e Antonio da Silva  
 em duas galeotas, e Jeronymo de Souza em  
 huma barcaça, e por Capitão mór destes  
 navios Francisco Pereira Pestana, que fora  
 Capitão de Goa. E porque em sahindo pe-  
 la barra de Cochij, com o temporal que-  
 brou o leme á galeota, em que Francisco  
 Pereira lia, pediu a D. Henrique que lhe  
 mandasse dar hum galeão, que se lançava  
 ao mar, que lhe D. Henrique concedeo.  
 E porém porque convinha fazer diligencia,  
 mandou que entretanto se fossem os navios,  
 e por Capitão mór delles Antonio da Sil-  
 va, e esperassem Francisco Pereira no por-  
 to de Calecut, e não sahisse em terra té  
 elle não chegar, pera juntamente sahirem  
 com o corpo dos quinhentos homens, que  
 lhe D. João de Lima mandava pedir. Por-  
 que pela carta que lhe elle escreveo, com  
 menos gente não podia tomar terra, senão  
 com tanto perigo, como foi a sahida de  
 Christovão Jusarte, que (segundo lhe con-  
 tou Duarte d'Afonseca) foi milagre não pe-  
 recerem todos. Partido Antonio da Silva

juntamente com os navios de sua companhia, por razão do tempo ser forte, não houve navio que pudesse seguir bandeira de Capitão, porque seguiam mais a vontade do mar, que naquelle caminho foi mais forçoso Capitão, que a vontade delles. E em quanto Antonio da Silva fez este caminho, se vio D. João em muita affronta, e perigo, porque o Çamorij tinha espias per terra do que fazia D. Henrique em Cochij, e do soccorro que mandava, e como se fazia prestes pera vir soccorrer a fortaleza; e ante que viesse com tal soccorro, queria elle tomar conclusão com ella. E como o arrenegado Siciliano neste negocio era o mestre de todos os artificios, e ElRey desejava ver esta conclusão ante que Dom Henrique viesse, apertado delle, não ficou cousa que por mingua de sua diligencia ficasse por fazer; ora com trabucos, que davam grande oppressão, e faziam muito damno dentro na fortaleza, porque não havia já dentro nella lugar seguro pera a gente estar, ora com matas, e minas, té vir a fazer aquellas grandes albarradas, que elle aprendeo no cerco de Rhodes, quando o Turco o tomou. As quaes albarradas são humas serras de ajuntamento de terra que trazem ante si, e vem-se com ella amparando que lhes não faça **N**ojo a artilheria de den-



dentro á fortaleza , té que vem igualar á ferra com o muro ; e ainda pera ficarem mais senhores dos de dentro , sempre a ferra he mais alta que o mesmo muro. No meio dos quaes artificios , que davam muito trabalho na defensão aos nossos , Deos os quiz prover de hum seguro remedio não cuidado , porque estas são as suas misericordias. Andava hum mancebo grumete per nome Bastião lançado com os Mouros , o qual ás vezes fallava com os nossos , e tambem com D. João ; e segundo pareceo nos avisos que deo , o seu officio mais era de anjo que de arrenegado : té huma mina que os Mouros faziam , porque não achou outro modo , cantando a denunciou. Finalmente em todo este tempo com o trabalho de acudir a tanto artificio , como resistiam , andavam os nossos de dia , e de noite em pé , e sem força por razão do mantimento que lhes falecia , e não comerem mais que hum pouco de arroz cozido com agua tal. Mas o animo , e sangue generoso os esperava , e trazia vivos , e assi pera impedir pelejando , como cavar , queimar , e usar de todos os artificios que podiam , com que vieram os Mouros a se enfadar , e o Camorij anojár tanto , que mandou que não houvesse mais artificio , por não ver tanta morte dos seus , e mágoa de quáo pouco

lhe aproveitavam, segundo logo eram contrariados dos nossos, e allí mandou que houvesse combates, e bateria sem mais outra cousa, pondo sua esperança em os render, ou matar por fome.

## C A P I T U L O IX.

*Como o Governador D. Henrique proveo por algumas vezes a fortaleza de Calecut com gente, e mantimentos, e outras munições, e as cousas que nella passáram té elle vir em seu soccorro: e as differenças que teve no seu conselho sobre saber elle com a gente em terra, e por fim destas differenças se assentou que sabisse.*

**A** Este tempo eram já dos nossos mortos mais de cincoenta homens; porque onde houve tanta defensão, e offensão, não pode ser sem custar vidas, e muito sangue. E verdadeiramente se houvesse de particularizar cousas, que pessoas particulares fizeram, bem se podia deste cerco fazer hum particular historia; mas nós seguimos a figura de todo, e não os seus miudos membros. E estando neste trabalho, chegou Antonio da Silva só, porque os outros navios que partíram de Cochij com elle, a força do tempo os espalhou. E de noite a nado per hum homem soube o que Dom

João queria que elle fizesse, e elle o mandou amoestar que não salisse em terra, sómente o proveesse com alguma polvora de noite; o que se fez com muito trabalho, por os Mouros estarem á lerta, e a qualquer cousa que sentiam eram logo alli. E porque estar no recife não servia cousa alguma, Antonio da Silva se tornou a Cochij com recado do estado em que leixava a fortaleza, e lá achou os outros navios de sua companhia, que arribáram com o tempo. Partido elle de Calecut, chegou Heitor da Silveira Capitão de Cananor com a caravella, e fusta que levou Francisco de Vasconcellos, e cinco paráos da terra, com muitos mantimentos, provisões de polvora, e de outras cousas, de que a fortaleza tinha necessidade. E havendo recado de Dom João de como o havia de prover das cousas que trazia de noite, elle mesmo Dom João acudio com gente á boca da Coirassa; e a poder de ferro, polvora, e muito trabalho, Heitor da Silveira o provêo de tudo o que trazia, e se tornou pera Cananor, porque D. João neste tempo não queria mais gente, por ver que os Mouros já de cansados, ou desesperados de poder tomar a fortaleza per combate, não os davam tão a miudo, e faziam mais fundamento de a tomar per fome. E porque diziam a

D. João que os Mouros cantavam cantigas no arraial desta fome, em que esperavam de os pôr, mandou chamar o moço Bastião ao pé do muro, e o convidou com taffalhos de carne fresca, e outras cousas, té folhas do betelle, de que elles muito usam trazer na boca por derramar a humidade do estomago, dizendo-lhe que convidasse seus amigos. A este tempo, que era já no fim de Setembro, e o verão começa naquellas partes, chegou Francisco Pereira Pestana, o qual té então estivera mettido no rio Chatua, por não poder navegar no galeão em que vinha, como fizeram os outros, que foram em pequenas vasilhas. E por esta razão de navio grande não entrou dentro no recife, e poz-se de largo, parecendo-lhe que viriam os outros navios que elle cuidou achar alli, té que per hum parão, que levava consigo, soube de D. João o que era passado, dizendo, que ao presente não havia mister mais que provello de algumas cousas, que lhe pedio. E como a noite em que o provêo era de grande luar, acudio grande número de Mouros a impedir esta provisão, magoados das que lhe eram dado, segundo víram em os signaes do refresco, que o moço Bastião mostrou. E foi tamanha a revolta, por acudir quasi todo o arraial per huma **N**e outra parte, que

matáram cinco dos nossos, e foram muitos feridos, té D. João com huma espingarda o feriram em huma perna de maneira, que não podendo ir per si, Jorge de Lima o tomou ás costas, e metteo na fortaleza, e foi lançado na cama, por a ferida ser pera isso. E querendo Francisco Pereira dahi a dous dias prover ainda a fortaleza, sem ter recado de D. João, nem ter sabido como fora ferido, por lhe parecer que era melhor tempo pela festa, em que toda a gente está em repouso, como quem lhe furta-va a volta, mandou o paráo com a maré. O qual foi rebatido da agua de maneira, que aportou abaixo da Coiraça em poder dos Mouros, sem os nossos lhe poderem valer, e houveram á mão cinco marinheiros entre mortos, e cativos. E tiveram os Mouros ainda outro ardil, que primeiro que viessem ao paráo, hum Capitão delles se lançou como em cilada junto da boca da Coiraça; e em vindo D. Vasco de Lima com setenta homens pera receber o batel, sahio este Capitão com sua gente, e houve entre elles huma peleja tão brava, que dos Mouros foram muitos mortos, e feridos. No meio do qual conflito, por a grande revolta que havia, não se pode D. João soffrer na cama, e chegou a huma janella ferida, que estava sobre a Coiraça, e vendo



a peleja, tambem dalli quiz ajudar os seus. E porque não tinha comfigo homens, sómente huma escrava, esta lhe acudio com duas espingardas: dalli, huma carregada, e outra descarregada, pelejou tambem empregando seus tiros, como os que andavam em baixo. Finalmente a furia foi tal, que Jorge de Lima foi ferido com huma espingarda, que lhe metteo o capacete pela carne; e assi o foram alguns dos nossos, té que com morte do Capitão Mouro, que D. Vasco de Lima matou, que foi causa pera os seus alargarem o lugar, e os nossos se recolhêram, do qual trabalho Dom João ficou maltratado, porque o mover da perna, e accendimento do espirito lha açanhou. E ainda fez esta sua perna outro damno, além de se pôr em perigo de morte, porque lhe houvera de saltar erpes, que deo presumpção entre os inimigos ser morto polo não verem pelejar. A qual cousa desejando o Camorij saber polo odio que lhe tinha, como sabia que o arrenegado Baf-tião ás vezes fallava com elle, mandou-lhe que foubesse se estava doente, ou como não apparecia, e se lhe dissessem que estava doente, pedisse seguro pera o ir visitar, como logo assi se fez. Quando D. João vio Baf-tião ante si, fez-lhe grande gazalhado, e entendeo a causa de sua vinda, que o mes-

mo Bastião lhe confessou; e sobre este proposito do Çamorij D. João praticou muitas cousas com elle, e mandou-lhe dizer per elle que se espantava de hum tal Principe tão cavalleiro haver tanto tempo que durava aquelle cerco, e nunca o ver, coufa que os Principes fazem por animar os seus naquelles lugares, e assi outras palavras retorcidas a fraqueza. Partido Bastião contente do vestido, e mimos que lhe Dom João fez, ficou o Çamorij tão corrido do que lhe disse, que entre indignação, e conselho dos Mouros mandou logo pôr fogo a hum baluarte de madeira, que D. João tinha feito á porta da fortaleza, por segurar aquella entrada. E verdadeiramente que esta foi a mais trabalhosa cousa, e de maior perigo, em que os nossos té li se tinham visto, por o baluarte arder, sem haver modo de o apagar, nem impedir, por a grande multidão dos Mouros que eram a este feito; mas onde desfalece a força, e industria humana, acode Deos com seu remedio, e foi este; não de chuiua pera apagar o fogo, mas com vinda de Heitor da Silveira, que chegou neste instante. O qual vinha com os proprios navios que veio da outra vez, e trazia algumas provisões pera a fortaleza, e leixava em Cananor D. Simão de Menezes, cuja ella era, por vir

desavindo de D. Henrique, por lhe não querer dar o ordenado, que lhe pedia do Capitão mór do mar, como trazia D. Eftevão da Gama filho do Conde Almirante, que levou este cargo quando deste Reyno partio. E como D. Henrique era mui regulado em dar ordenados, que as partes não tinham senão por ElRey, e D. Simão esperava isto d'elle, e com esse proposito deixava a fortaleza de Cananor, tornou-se a ella, o que D. Henrique muito sentio, por razão do grande parentesco que tinham. Esta foi a causa por que Heitor da Silveira deixou a fortaleza de Cananor; e quando chegou naquelle accidente que o baluarte ardia á porta da fortaleza, chegou-se quanto pode ao porto, e começou de esbombardear contra a gente, que andava derredor do fogo. Os Mouros vendo sete, ou oito vélas no porto, e o que faziam, parecendo-lhes que eram da Armada do Governador que vinha, e que confiados nella queriam tomar terra, leixáram o baluarte, e a grão pressa acudíram á boca da Coiraza, com o qual folego que os nossos recebêram na fortaleza, tiveram tempo de apagar o fogo com terra. E pera os Mouros ficarem mais certos em sua opinião, entráram sobre elle vinte e cinco vélas com té trezentos e trinta homens, que trazia Pero de Faria,

o qual per aviso de D. Henrique, que mandou per terra, partio de Goa em fim de Julho, e com os fortes tempos que passou, não pode chegar mais cedo. Estes dous Capitães como eram Cavalleiros, e prudentes no governo, todo seu officio, em quanto o Governador não vinha, foi prover a fortaleza de alguma cousa que D. João pedia, e de fóra esbombardear aos inimigos, que não lhe fizessem damno, té que D. Henrique chegou a vinte de Setembro com vinte vélas, em que levaria mil e quinhentos homens, da qual frota estes eram os Capitães, D. Affonso de Menezes, D. Jorge Tello de Menezes, D. Jorge de Menezes, D. Jorge de Castro, D. Pedro de Castello-branco, Jorge Cabral, D. Diogo de Lima, D. Tristão de Noronha, João de Mello da Silva, Antonio da Silveira, Fernão Gomes de Lemos, Antonio da Silva de Menezes, Antonio d'Azevedo, Manuel de Macedo, Henrique de Macedo seu irmão, Jorge de Vasconcellos, Duarte d'Afonseca, Antonio Pessoa, Rodrigo Aranha. E além das vélas principaes, em que vinham estes Capitães, havia tambem outros de captures de maneira, que com os navios que achou no porto de Calecut, e Antonio de Miranda, que era vindo donde invernára, (como dissemos,) enchiam toda aquella fron-

teria de Calecut. D. Henrique depois que foi mui particularmente informado do estado da fortaleza, e notou per si com alguns Capitães, que a isso levou, a situação do arraial com todo o mais que elle podia ver do mar, donde estas cousas notava, teve tres, ou quatro conselhos com todos os Capitães no seu galeão, os quaes duráram tantos dias, e houve mui differentes votos, sem D. Henrique se determinar no que havia de fazer, desejando elle muito de sair em terra. Sómente alguns seus parentes, e amigos, como conheciam sua natureza, eram em contrario parecer de outros, que não approvavam a sahida, visto como ElRey mandava desfazer aquella fortaleza, segundo se dizia que o Conde Almirante levava isso em regimento. D. Henrique a muitas razões que alguns destes davam do perigo da sahida por causa do arrecife, e que havia mister hum dia muito brando, e outras razões do grande poder do Çamorij, e artilheria que tinha assentada nos baluartes que diffemos, tinha a experiencia em contrario, porque sabia quão poucos homens já por aquelles perigos entráram a pezar dos Mouros dentro na fortaleza; e a mais principal cousa, que tinha ante os olhos, era ver outra semelhança daquelle caso em outra parte, em que houve outras tantas, e taes dú-



vidas; e quando se poz o peito em terra, ficou o caso leve, e isto fora na Villa de Arzilla em Africa, quando o anno de quinhentos e oito ElRey de Féz a cercou, e entrou a Villa, sómente o castello ficou por entrar, em poder de D. Vasco Coutinho Conde de Borba Capitão della, á qual chegou D. João de Menezes tio delle D. Henrique, em cuja companhia elle hia na Armada, que ElRey D. Manuel fez pera Azamor aquelle anno de oito. Sobre o qual castello estava ElRey de Féz com tanta potencia de gente, como o Çamorij; e tendo outros baluartes com tanta, e melhor artilleria, e a sahida da gente havia de ser per mais perigoso recife de pedras, e o mar mais furioso, e tudo isto não foi impedimento pera D. João de Menezes leixar de sahir em terra. E o primeiro que a tomou foi hum primo delle D. Henrique per nome D. Tristão de Menezes filho bastardo de D. Rodrigo de Menezes, que ganhou o preço de trezentos cruzados, que seu tio D. João prometteo ao primeiro que puzesse o pé em terra. Pois vendo D. Henrique este perigo da sahida do mar, e potencia da terra, de homens armados a cavallo, e a pé, e elle passou pelo perigo delles, como Cavalleiro mancebo sem algum temor, como o poderia elle ter ainda que Capitão,



a que os da terra chamam Cota, e China, por ser dos Chijs, de que ainda alli estavam as ruinas della, e por esta razão era mais prejudicial, que a outra de cima. Alguns quizeram dizer que esta carta, e modo de commetter aquellas bombardas, Dom Henrique industriára tudo, porque quando approvasse o feito, não dissessem que tudo ordenavam ao seu voto, posto que té alli não se tinha determinado. D. João como entendeo que D. Henrique teria disso prazer, ao outro dia pela fésta mandou sahir té cincoenta homens escolhidos, e por Capitão delles Jorge de Vasconcellos, hum Fidalgo que tinha prudencia, e animo pera aquelle feito, o qual commetteo o caso como se delle esperava. E porque sua sahida foi pela fésta, em que os Mouros estavam descuidados, e toda sua vigia era na praia, se desembarcavam: em dando nelles, ficáram tão sobrefaltados, que mais tento tiveram em se affastar, que defender a artilheria. No qual tempo, porque os Mouros haviam de fazer grande rumor, D. João de Lima mandou desparar muita artilheria nas suas estancias, que estavam no muro contra o corpo de todo o arraial. E o primeiro que poz os pés em cima da bombardá grossa, que era hum camello, foi Belchior de Brito filho de Jorge de Brito Co-

peiro mór que fora d'EIRey D. Manuel, dizendo em alta voz aquellas palavras, que os homens mancebos, e Cavalleiros como elle era, dizem: *Amores, amores*. No qual instante era já tão grande a grita entre os Mouros, por acudirem, que tiveram os nossos tempo pera tirar dalli as peças da artilleria; as quaes custáram a vida de dous homens, hum era Jorge Vaz Almoxarife da fortaleza; e outro hum amo de D. Diogo de Lima. Tendo D. João provido com sua pessoa, porque como vio que Jorge de Vasconcellos era commettido dos Mouros, acudio com gente que tinha prestes, e não se puderam espedir huns dos outros sem a vida destes dous, e outros feridos, dos Mouros tambem leváram parte de seu damno. O qual feito teve tanta parte de prudencia, como de cavalleria pelo modo que se commetteo, e geralmente foi gabado na frota, de que D. Henrique teve muito prazer por abonar seu voto. Do qual escreveo logo os agradecimentos a D. João, e a todos os que foram nelle, pedindo a D. João que lhe mandasse hum homem honrado, que lhe pudesse dar informação do que lhe perguntasse. Pera a qual ida se offereceo Jorge de Lima, e ainda pedindo-a em modo de mercê a seu tio, por elle duvidar sua ida por causa do perigo. Todayta como veio a noi-



te, em huma manchua, que estava dentro na fortaleza, coufa mui pequena, elle Jorge de Lima se metteo com hum marinheiro, que se chamava de alcunha Guizado; mas não pode isto ser tão surdo, que os Mouros o não sentissem. E tirando a montão, onde viam a ardentia da agua, hum tiro arrombou a manchua, e ficáram ambos a nado, e salváram-se no primeiro navio que pudéram tomar. Levado Jorge de Lima ao galeão do Governador, quando o vio, sabendo as cousas que tinha feito, e aquelle perigo a que se offerecêra, e que tudo procedia de animo de cavalleiro, sendo elle de idade de vinte annos, queria-o metter na alma com amor; e não o quiz muito deter, por lhe elle pedir que o leixasse aquella noite ir dormir á náó de D. Diogo de Lima seu tio, e assi o fez. Quando veio a outro dia, mandou chamar Jorge de Lima, e assi a conselho pera ante os Capitães dar o parecer de D. João de Lima, que elle trazia sobre o que entendia que devia fazer naquelle caso, em qué té então se não determinava. Posto D. Henrique em conselho, quiz que dissesse Jorge de Lima primeiro o parecer de D. João, e assi das outras pessoas de qualidade, que estavam na fortaleza, e assi o seu com as mais razões pera confirmação do seu parecer. Jor-



ge de Lima, depois de propôr o que mandava dizer D. João, e o voto dos que com elle estavam, que tudo vinha a concluir que elle D. Henrique sahisse em terra por honra do estado d'ElRcy, e de quanta Fidalguia era presente, posto que logo ao outro dia houvesse de mandar derribar a fortaleza, começou de dar seu parecer, que era este, e bem confirmado com muitas razões do que era passado, e se podia fazer pera fazer o caso mais leve, do que eram os temores, e inconvenientes, que se podiam pôr. E porque o negocio dos votos foi huma nova peljea de perfias, rematou D. Henrique o caso em duas palavras; e por magoar a huma certa pessoa, que contrariava muito o caso, e disse com grande confiança de sua cavalleria: *Ora bem, lá iremos, e veremos o que cada hum faz.* Respondeo D. Henrique: *Eu juro a este Livro, que tenho na mão, em que estão os Evangelhos, que sobre o caso não tenha mais conselho se sabirei em terra, mas o modo da sabida, visto o parecer, e razões de D. João, e dos que tem experimentado poder dos inimigos ha tres mezes e meio, e tambem de muitos destes senhores Capitães que aqui estão. E assi juro de dar trezentos cruzados ao primeiro que for diante do senhor Forge de Lima, que aqui está, e será*

*a cada hum daquelles que contraria o seu voto , com o qual me eu contento ; e levantou-se por então por evitar mais perfi-  
fias.*

CAPITULO X.

*Como D. Henrique logo aquella noite depois de ter este conselho , ordenou de metter gente dentro na fortaleza , e depois sabio em terra : e passados certos dias de tregua , que lhe o Çamorij pedio pera entenderem na paz , porque não se concertáram nas capitulações della , D. Henrique derribou a fortaleza , e se partio : e o que o Çamorij por isso fez.*

**P**Assado aquella conselho , em que Dom Henrique assentou de sahir em terra , por embarçar os Mouros , e não entenderem este seu proposito , por lhe não dar materia de fazerem algumas minas de polvora , e outros artificios de que pudesse receber damno , e tambem pera ter gente em terra , que viesse entreter aos Mouros quando elle quizesse poiar nella , logo aquella noite ordenou de metter dentro na fortaleza hum bom golpe de gente , e assi o fez a noite seguinte , com que os Mouros tomáram suspeita que elle não queria mais que soccorrer a fortaleza , que pera o Çamarij foi hum grande prazer , porque lhe

pareceo que D. Henrique leixava de o fazer com temor d'elle ; e assi lho davam a entender os Mouros. E a primeira gente que metteo , foram cento e cincoenta homens , Capitão Heitor da Silveira , que entrou com assás trabalho ; e na seguinte noite levou D. Diogo de Lima primo de Dom João de Lima ontros cento e cincoenta. Quando veio ao quarto da Alva pelo signal que D. Henrique tinha mandado fazer na gavea do seu galeão , Heitor da Silveira por sua parte com a gente que levou , e D. Vasco de Lima com duzentos homens , cominettêram dar rebate nos Mouros , e entretanto o Governador chegou a desembarcar. E diante si mandou ir D. Jorge de Menezes , e D. Jorge Tello de Menezes , ambos seus primos , com sessenta homens , cada hum com panellas de polvora , e hum entrasse pela cava da parte do Norte , que vinha dar no mar , e o outro pela outra da banda do Sul , e fossem queimando os Mouros que achassem dentro pera ir fazendo caminho á gente detrás. E per outra parte hia Heitor da Silveira levando ante si Fernão de Moraes com vinte homens com panellas de polvora , e D. Vasco per o mesmo modo. Póstos todos na ordem , segundo lhes era mandado , (barba em terra como dizem ,) começou o Governador

dar ás trombetas , e D. João em terra da parte da fortaleza respondendo com as suas. E bem como quando se solta huma grande preza de agua , a qual não cabe no açude , a quebra per partes , sahe tão furiosa que leva quanto acha ante si , assi rompêram os dianteiros , e trás elles os trazeiros , que não houve naquelle primeiro impeto cousa que os esperasse. A grita delles , dos da fortaleza , e dos que ficavam em os navios , por quebrar o animo aos Mouros , e Gentios , era cousa que rompia os ares , tudo eram gritas da gente , som das trombetas , estrondo da artilheria , e fumo da sua polvora , que cegava a luz da manhã , que rompia , de maneira , que os inimigos naquella primeira sahida não sabiam onde haviam de acudir , com que muita da nossa gente ao desembarcar não tiveram impedimento algum. Os que levavam as panellas de polvora , com ellas liam despejando as cavas ; e quando os inimigos queriam subir pera cima , achavam dos nossos espingardas , lançadas , bombas de fogo , e mil generos de morte. Outros dos nossos , a que este officio era encommendado , punham fogo aos trabucos , que tanto mal tinham feito na fortaleza ; e a polvora que achavam nas estancias , lançavam nas cavas que lavrava nos inimigos com furia do fogo , que



lhe lançavam. E em huma grande casa, que fora nosso armazem de recolher o gengivre, aqui foi grande mortandade delles, porque mais de trezentos homens que estavam recolhidos dentro, todos foram queimados. E em hum dos seus baluartes em guarda da artilheria morrêram mais de duzentos com o seu Capitão; e tendo huma bombardinha grossa, de torvação, ou (por melhor dizer) polo Deos impedir, nunca lhe quiz tomar fogo, porque sem dúvida fizera muito damno em os nossos, e aqui morreo o Siciliano arrenegado que nos tinha feito grande mal com suas obras. Finalmente foi a cousa tão baralhada, que não se pode particularizar o que cada hum fez, basta que os Capitães que nomeamos, como andavam mais na vista da gente pola obrigação do sangue, e principalmente de seu cargo, satisfizeram com seu officio. Assim como D. João de Lima Capitão da fortaleza, D. Vasco de Lima, D. João de Lima seu irmão chamado o moço, a differença do tio, Jorge de Lima, Antonio de Sá, Ruy de Mello seu irmão cada hum per sua parte, como homens que recebêram damno dos inimigos, neste tempo quizeram vingar sua indignação. E ainda D. Vasco de Lima, por se mostrar ante o Governador, e toda aquella Fidalguia, quiz perseguir



guir tanto hum Caimal pessoa bem nobre dos Gentios, o qual se hia recolhendo para a Cidade com hum corpo de gente de té quatrocentos homens; e quiz-se metter tanto entre elles, por chegar ao Caimal que hia diante, confiado em huma espada de ambalas mãos, que se houvera de perder, se lhe não acudiram. Heitor da Silveira quando já acudio a este perigo de Dom Vasco, tinha feito maravilhas pela parte que lhe coube em forte, em companhia do qual hia Fernão de Moraes com as panelas de polvora, e Belchior de Brito, e Christovão Jusarte. Pois D. Jorge de Menezes nas cavas per onde foi o seu caminho, também com outra espada de ambas as mãos fez despejo té que lhe cortáram a mão direita, e cumprio-lhe por salvar a vida, que trocou a espada grande com outra pequena a hum Balthazar Fernandes, que andava com elle, criado de D. Antão d'Almada Capitão de Lisboa. Finalmente os Mouros que ficáram vivos, despejáram suas estancias, e os mortos ficáram enterrados nas cavas, e delles onde a morte os derribou; e por serem tantos que com fedor, e quentura do Sol podiam corromper o ar, D. João mandou notificar á Cidade aos Mouros que viessem enterrar os corpos dos seus, que elle os segurava de lhes não tirarem com arti-

lheria, nem ser feito outro damno. E ante que estes Mouros viessem, o Governador D. Henrique mandou que todos os marinheiros, e grumetes viessem com enxadas, e pás, com que abatêram os valos das estancias sobre as cavas, onde ficáram enterrados muitos daquelles corpos mortos. E affirma-se que perecêram aquelle dia mais de tres mil homens, e dos nossos passáram de trinta, sem haver entre elles pessoa notavel, e feridos duzentos e trinta. E não sómente as enxadas vieram pera a gente do mar enterrarem os mortos, mas ainda pera assentar seu arraial. Na qual obra não ficou Fidalgo, que com enxada, com pá, com cesto, ou com madeira ás costas não trabalhasse de maneira, que o reste que ficava do dia se gastou em fortalecer aquella praia, em que se assentou seu arraial, e os feridos foram levados aos navios. E porque huma das maiores injúrias que o Gentio recebe naquelle Malabar no estado da guerra, he serem-lhe cortado suas palmeiras, porque significa ser senhor do campo quem faz esta obra, e junto da fortaleza tinham hum palmar novo, o Çamorij temendo que o Governador o mandasse cortar, mandou-lhe dizer que dêsse seguro a Coge Bequij, que o queria enviar a elle sobre cousas que faziam ao bem da paz. Este Coge Bequij era hum

hum Mouro hourado , que no tempo do levantamento , quando matáram Aires Correa , estando Pedralvares Cabral naquelle porto , e depois , tinha servido bem a ElRey de Portugal , e tinha delle vinte mil reis de tença cada anno assentados na Feitoria de Cananor. E como era tão conhecido , depois que D. Henrique deo licença que viesse a elle , por o mais honrar , entrando em o nosso arraial , elle o mandou receber com trombetas , e Fidalgos , que lho leváram á tenda que tinha , mostrando-lhe muito amor no agazalhado que lhe fez , por saber quão leal sempre fora ás cousas do serviço d'El-Rey seu Senhor. Coge Bequij depois de lhe agradecer as palavras , que lhe disse em sua chegada , logo naquelle negocio a que vinha , quiz pagar a confiança que se tinha de sua lealdade , dizendo que o Çamorij o mandava a elle pera contratarem de paz ; mas que elle entendia que nunca a poderia ter com elle por muitas razões , que logo apontou. E porém não se perdia ouvir as condições della , e taes podiam ser , que sua Senhoria folgaria de a conceder , e de se cumprirem ; isto he o que elle duvidava. E que pera tratar este negocio , pedia elle Çamorij quatro dias de tregua ; e este tempo pola lealdade com que sempre servia El-Rey de Portugal , pedia a sua Senhoria ser-

lhe a elle concedido. E assi se fez , man-  
 dando logo o Governador apregoar esta tre-  
 gua , e o Çamorij fez outro tanto no seu  
 arraial , que foi mui proveitosa aos nossos ,  
 porque vinham muitos Gentios ao nosso ar-  
 raial vender mantimento , e todo refresco  
 de que tinham necessidade. O Çamorij quan-  
 do soube de Coge Bequij com quanta hon-  
 ra fora recebido , como homem que deseja-  
 va ficar em paz , prometteo-lhe a elle Coge  
 Bequij o officio de Xabandar , que he o  
 mais honrado , e proveitoso que elle tem  
 pera dar , que he ser o supremo na justiça  
 entre os Mouros , se elle fizesse com o Go-  
 vernador que lhe concedesse a paz com as  
 condições que elle apontasse. Ao que elle  
 respondeo , que sem esse premio trabalharia  
 polo servir , quanto nelle fosse ; e querendo-  
 lhe remunerar seu trabalho , como elle di-  
 zia , esta mercê podia fazer a seu filho , por  
 elle já não ter idade pera isso. O Çamorij  
 logo polo mais obrigar deo o officio ao  
 filho , como lhe pedia , com grande cere-  
 monia de honra , segundo seu uso. Satisfei-  
 to Coge Bequij , tornou ao Governador com  
 as capitulações da paz , que eram estas. Que-  
 rendo elle Çamorij á sua custa tornar pôr a  
 fortaleza no estado em que estava ante que  
 fosse combatida , e pagar as perdas , e da-  
 mnos , que ElRey de Portugal por causa da-

daquella guerra tinha recebido , e a liquidação se faria depois de a paz jurada ; e mais queria dar a pimenta , que houvesse no seu Reyno ao modo , e pelo preço que dava ElRey de Cochij ; e mais queria entregar a artilheria , que em seu Reyno se achasse ser d'ElRey de Portugal. D. Henrique visto estes apontamentos não ficou satisfeito delles , e accrescentou outros , hum dos quaes foi , que lhe havia de entregar o Arel de Porcá , que se passára naquella guerra d'ElRey de Cochij pera elle Çamorij , e isto em odio d'elle D. Henrique polo que lhe aconteceu com elle em Coulete , quando per desastre com o tiro que lhe mandou tirar , lhe quebráram huma perna. Coge Bequij polo que tinha dito a elle D. Henrique do que sentia daquella paz que o Çamorij commettia , como homem que sabia os conselhos que lhe davam os Mouros , desejava não perder nossa amizade , e como discreto quiz usar de huma cautela por não entrevir no assentar das capitulações do contrato. E disse a D. Henrique , que por não haver tantas idas , e vindas , em que se podiam passar os quatro dias da tregua , que lhe parecia bem mandar sua Senhoria hum homem de authoridade ao Çamorij com a resolução de sua vontade ; o que pareceo bem a D. Henrique , e por então este só re-



cado levou ao Çamorij. Quando veio ao  
 outro dia, mandou D. Henrique a este ne-  
 gocio das pazes Fernão Martins Evange-  
 llio, hum Cavalleiro homem antigo na In-  
 dia, e que tratára muitas vezes com Prin-  
 cipes Gentios, e Mouros coufas de muita  
 importancia, e sabia bem seus modos, e  
 costumes. O qual Fernão Martins foi, e  
 veio duas vezes, sem o Çamorij querer con-  
 ceder o que D. Henrique queria, principal-  
 mente o Arel de Porcá. E mais desejavam  
 os Mouros tanto de se não fazerem estas  
 pazes, que estando Fernão Martins com o  
 Çamorij, movêram hum arroido fóra da  
 casa onde ElRey estava, por matarem dous  
 Portuguezes, que levava em sua companhia,  
 que senão fora por alguns Naires, e polo  
 mesmo Çamorij acudir a isso, Fernão Mar-  
 tins viera sem elles. E ainda temendo elle  
 Çamorij que no caminho recebesse elle al-  
 guma affronta dos Mouros, mandou com  
 elle hum Capitão Naire té o pôr dentro dos  
 nossos. A qual cousa tanto descontentou ao  
 Governador com o mais que o Çamorij ne-  
 gava, que não quiz que tornasse lá mais  
 Fernão Martins, e nisto se acabáram os qua-  
 tro dias da tregua, com que tornáram a fi-  
 car no estado da guerra. Finalmente vendo  
 D. Henrique, que com estes recados de ir,  
 e vir se começava de encruar mais odio,  
 que

que termos de paz , por o não obrigar a mais , teve conselho sobre o que faria da fortaleza. E posto que nelle houve mui diferentes pareceres , visto como o Conde Almirante levava recado d'ElRey que a derribasse , assentou que logo se fizesse. E mostrando aos Mouros que a mandava reformar , por não ser delles sentido , mandou-a picar per partes , e metter-lhe polvora em certos lugares , no qual tempo , por modo que não fosse sentido , se recolheu quanto havia nella , e no arraial , e huma ante manhã appareceo aos Mouros embarcado na sua frota , e todas suas estancias começaram arder. Os Mouros parecendo-lhes que na fortaleza podiam achar alguma rabusca da fazenda , que os nossos tinham dentro , acudiram logo a ella ; e como o fogo hia per baixo da terra per seu caminho lavrando , tanto que chegou aos lugares da polvora , fez maravilhas nas paredes do muro , onde morrêram grande número delles , e outros ficáram tão aleijados , e feridos , que lhes fora melhor a morte. E todavia ainda que Manuel de Macedo , que ficou pera fazer esta obra , trabalhou pera a polvora obrar per todas as partes , ainda ficou da torre da menage hum cunhal todo inteiro com grande parte da parede. O Çamorij vendo o Governador partido , toda a furia de sua

indignação, por ficar sem as pazes que commettia, poz contra Coge Bequij, dizendo que elle lhe estorvára tudo, porque ninguem sabia ser o Arel de Porcá vindo a seu serviço senão elle, por haver dous dias que viera, quando o Governador lho mandou pedir. A qual indignação parou em lhe mandar cortar a cabeça, e os filhos nesta revolta fugiram pera Cananor, por se amparar naquella fortaleza nossa, onde sempre lhes foi paga a tença, que lhe ElRey D. Manuel tinha dada a seu pai.

# DECADA TERCEIRA.

## LIVRO X.

Dos Feitos , que os Portuguezes fizeram no descobrimento , e conquista dos mares , e terras do Oriente: em que se contém parte das cousas , que se nelle fizeram em quanto  
D. Henrique de Menezes  
nelle governou.

---

---

### CAPITULO I.

*Como D. Henrique de Menezes , depois que acabou as cousas de Calecut , ordenou outras com fundamento de ir tomar a Cidade Dio , entre as quaes foi mandar huma Armada , Capitão Heitor da Silveira , o qual , por lhe não ir o recado que elle esperava , foi buscar , por lhe ser mandado , D. Rodrigo de Lima ao Reyno do Preste João.*

**D**Om Henrique de Menezes leixando a fortaleza de Calecut posta per terra pelo modo que escrevemos neste precedente Livro , como quem se queria recoller a Cochij despachar as náos , que este anno haviam de vir com carga da especia-

ria , e outras cousas que tinha por fazer , logo dalli espedio a Pero de Faria com todas as vélas que trouxe de Goa pera andar per aquella costa de Malabar. Chegado a Cochij , ordenou que fossem logo despachadas cinco náos , que este anno de quinhentos e vinte e seis viessem com a carga da especiaria , os Capitães das quaes foram , D. Diogo de Lima filho do Bisconde Dom João de Lima , Diogo de Sepulveda , que vinha de servir de Capitão de Sofala , João de Mello da Silva , que neste caminho se perdeu sem se saber onde , nem como. E depois destas tres náos partidas , partiram mais , D. João de Lima , e Diogo de Mello , que se perdeu em a barra de Lisboa ; mas salvou-se toda a gente. E este Diogo de Mello era hum dos quatro Capitães das náos , que de Lisboa partiram o anno de quinhentos e vinte e cinco pera trazer esta carga , e os outros tres Capitães eram Dom Lopo d'Almeida filho de D. Diogo d'Almeida Prior do Crato da Ordem de S. João , o qual hia pera Capitão de Sofala em lugar de Diogo de Sepulveda , e Francisco d'Anhaya filho de Pero d'Anhaya , que se perdeu tambem á sahida da barra de Lisboa. E o Capitão mór de toda era Philippe de Castro filho de Alvaro de Castro , o qual se foi perder na **Costa da Arabia** junto do



do Cabo Rosçalgate por má vegia, dando o Piloto com a náó em terra. E daqui mandou recado á Villa Calayate do nosso Reyno de Ormuz, que lhe mandou huma náó, em que recolheo o que se salvou, assi que á ida se perdêram duas, e á vinda outras duas. Despachadas estas náós pera este Reyno, começou D. Henrique entender nas cousas que elle trazia no peito, sem as comunicar com alguém, esperando de as pôr em ordem pera então as descubrir, que era ir tomar a Cidade Dio do Reyno de Cambaya. Com o qual fundamento però que de Alvaro Mendes, que viera de lá com Cide Alle, tinha muita informação da fortaleza della, como de homem que lá estava por Escrivão da Feitoria com Gaspar Paes, como dissemos, todavia quiz mandar outra pessoa de mais authoridade a ver o sitio della, e a lhe sondar a entrada da barra, e foi Antonio da Silva de Menezes. E a voz da sua ida era ir buscar roupas, que lhe havia de entregar o Feitor Gaspar Paes, que lá estava, e as levar a Malaca, por ser Capitão dos navios que andavam de Cochij pera Malaca, pera trazer as drogas, que daquellas partes vem pera este Reyno. E por outra via, por se mais certificar do caso, mandou Pero Barreto pera per si notar o sitio, e entradas, e sahidas da Cida-

## 456 ASIA DE JOÃO DE BARROS

de, e com elle o Piloto mór da India, pera lhe fondar a barra, e rio. Tambem, por não fazer grande estrondo, mandou fazer huma Armada de seis vélas, a capitania mór das quaes deo a Heitor da Silveira, com fama que o mandava ao mar Roxo a trazer D. Rodrigo de Lima, que leixou de vir com D. Luiz de Menezes pelas razões que atrás dissemos. E em segredo lhe mandou que sua derrota fosse direito á Ilha Çocotorá, e feita sua aguada andasse no rosto do Cabo Fartaque té quinze de Março; e se elle D. Henrique não fosse té este tempo com elle, então fizesse sua viagem ao estreito, e dahi a Maçuá trazer D. Rodrigo de Lima. Despachado Heitor da Silveira do Governador, partio de Goa a dous dias de Fevereiro do anno de quinhentos e vinte e seis com quatro galeões, huma galeota, e huma caravella, de que eram Capitães do seu delle Heitor da Silveira, e Nuno Barreto, e dos outros Manuel de Macedo, Henrique de Macedo seu irmão, e Francisco de Mendoga. E das outras duas peças Fernão de Moraes da caravella, e Francisco de Vasconcellos da galeota, o qual logo se perdeu da Armada, e iriam nella té quinhentos homens. Chegando a Çocotorá, onde fez sua aguada, foi-se pôr na paragem das **Imprensas** <sup>RE</sup> <sub>NACIONAL</sub> D. <sup>©</sup>

D. Henrique mandou , onde se deteve té vinte de Março , mais cinco dias do que trazia em regimento ; e não vendo recado de D. Henrique , quiz fazer mais esta diligencia , ver se per ventura na costa de Dofar , que he na Arabia , achava algum navio com recado , porque os navios sempre se inclinam mais áquella costa por causa das prezas , que ao mar largo. Na qual travessa teve tanta calmaria , andando já á vista de terra , que primeiro de chegar á Cidade Dofar , os Mouros a tinham despojado do facto , de que era Senhor hum Mouro Arabio , que se intitulava por Rey. E però que ella era pequena , por sitio era forte , por estar assentada em costa brava , e ter os mares de levadia , e mui bem cercada de muros , e torres de pedra , e cal ao modo de Hespanha. Heitor da Silveira chegando ao porto já quasi noite , quando veio pela manhã , vio a praia cheia de gente , posta em armas , como quem não consentia alguem sahir em terra contra sua vontade. A qual mostra deo mais fabor a Heitor da Silveira , e a todos nos de ir experimentar a rabolaria daquella gente , e assi se fez , sahindo logo com té trezentos e cincoenta homens. Ao qual os Mouros ousadamente vieram receber , como gente que ainda não tinha experimentado o nosso ferro ; mas de-

pois que o sentíram nas carnes , viráram as costas acolhendo-se á Cidade. E na entrada da porta foi tamanha a revolta , que matáram dous dos nossos , e feríram oito , ou nove , na qual porta tanto que foi fechada , de dous berços de ferro que lhes servia de tiros , fizeram vai , e vem , com que a quebráram pera entrar. Ao qual tempo já outros dos nossos entráram per cima do muro com escadas que pera isso traziam , o primeiro dos quaes foi hum Diogo Correa criado de D. Henrique de Noronha irmão do Marquez de Villa Real , sendo homem tão fraco nas forças corporaes , que não esperavam isto d'elle ; mas no ferir do seu ferro mostrou as que tinha no animo. Abertas estas duas entradas , a do muro pelas escadas , e do rachar das portas , começaram os Mouros de se acolher , não pera o castello que a Cidade tinha , mas pera fóra. No qual nos nossos não acháram fazenda , sómente acháram algumas almas sem corpos , e forças pera fugir , que eram velhos , velhas , e meninos , que se mettêram em cisternas seccas pera se salvar ; mas a sua idade foi a propria defensão pera ficarem vivos , e livres , porque não lhes foi feito mal , nem menos na Cidade houve cousa de substancia , porque (como dissemos) nos tres dias que os nossos mandavam em calma-ria

ria á vista della, tiveram tempo de salvar as fazendas. E ao embarcar de huma pouca de pobreza que acháram, e alguma artilheria, acontecco-lhes com ella o que passou D. Luiz de Menezes, quando quiz embarcar a que houve no escalamento da Cidade Xaer, porque os mares dos lugares daquella costa, todos com leve tempo são postos em as nuvens. Assi que á sahida nesta Cidade custou aos nossos os dous que dissemos serem mortos á entrada da porta, e vinte e tantos feridos, e dos Mouros assi na praia, como pelas ruas, ficáram muitos estirados. Tornado Heitor da Silveira embarcar com assás trabalho, e mãos vazias do despojo, fez sua viagem ás portas do estreito, e dahi pera Maçuá, onde chegou nos primeiros dias de Abril, a qual Ilha Maçuá estava de guerra connosco; e però que Heitor da Silveira a mandou rodear de bateis daquella parte que ella tem, pera dalli se passar a terra firme, por impedir aos moradores que o não fizessem, por esta terra firme ser do Rey da Abassia, a que nós chamamos Preste João, onde hia buscar D. Rodrigo de Lima, não pode elle fazer isto com tanta diligencia, que não fossem já passados muitos, por haverem vista da sua Armada, e conhecerem ser nossa, com quem estavam mal. E os que não ti-



veram prestes embarcação, no meio do caminho foram tomados, e no lugar, que seria de dous mil vizinhos, acharam os nossos pannos de algodão, a que chamam teadas, e são trazidas pelos Mouros da India áquella Ilha, porque os seus moradores as resgatam per ouro com os Abassijs. Da qual roupa, por ser boa quantidade, Heitor da Silveira a mandou passar ás náos; e em Arquico lugar do Preste se vendeo, e trocou por escravos, e mantimentos aos proprios naturaes do lugar Maçuá, que alli estavam, e se lhes fez hom barato, por serem seus; os quaes ficáram em nossa amizade, sem serem castigados, e assentáram paz com Heitor da Silveira, com parcas de trezentos pardãos por anno, de que logo fizeram a primeira paga. A exemplo das quacs, a Ilha Dalaca, que he de tres leguas em torno alli vizinha, temendo ser-lhe dado outro tal salto, ajuntáram tres mil pardãos, que lhe logo trouxeram, e queriam pagar de parcas cada anno, ficando em nossa paz, e amizade, o que lhe Heitor da Silveira acceitou, por a virem demandar, e requerer humilmente; però que entendesse que era prudencia sua delles, como quem vinha comprar, ou (por mellhor dizer) resgatar pessoas, e fazenda, por elle não salir com a mão armada sobre elles. **E** em doze dias que

que Heitor da Silveira alli esteve, em quanto não vinha D. Rodrigo de Lima, que elle mandára chamar, fez estas cousas com os moradores destas duas Ilhas Maçuá, e Dalaca. Chegado D. Rodrigo com sua gente, foi entregue a Heitor da Silveira por aquelle senhor chamado Barnagax, que o recebeu quando Diogo Lopes de Sequeira lho entregou, como atrás escrevemos, e assi lhe entregou hum Embaixador homem religioso, que o Preste João mandava a El-Rey D. João de Portugal, o qual veio a este Reyno. E passadas as entregas d'elle Barnagax, de que levou sua certidão ao Preste, e dadas de huma parte a outra dadivas, Heitor da Silveira se partio daquelle porto a vinte e oito de Abril de quinhentos e vinte e seis, caminho da Ilha Camarão, onde chegou ao primeiro de Maio. E em quanto alli esteve fazendo sua aguada, o Padre Francisco Alvares, que foi com D. Rodrigo de Lima, e vinha com elle, lembrado da creação que recebêra de Duarte Galvão, e sabia onde o leixára enterrado, (como atrás escrevemos,) secretamente com Gaspar de Sá, com quem tinha razão, foram buscar os seus ossos. Os quaes o mesmo Francisco Alvares depois trouxe a este Reyno, e entregou a seus herdeiros pera lhe darem natural sepultura, e não tã

estranha como era a Ilha Camarão. E como vieram os Ponentes, que he a propria monção pera sahir daquelle estreito, Heitor da Silveira partio; e tanto que foi desembocado delle, saltou tamanho temporal com elle, por começar já o inverno, que não pode dar vista á Cidade Adem, como lhe D. Henrique mandava, e contentou-se com saber novas do estado da terra per alguns Mouros della pera dar razão a D. Henrique; porque a primeira cousa que o temporal fez foi derramar-lhes as vélas de maneira, que cada hum correu por onde o vento a levou, passando todas grande risco de se perder; e o maior que Heitor da Silveira passou foi fede, em tanta maneira, que lhe faleceu gente por falta de agua, nem o tempo lhe dar lugar pera a ir tomar a terra, té que Deos o levou a Mascate, e dahi foi invener a Ormuz.

## CAPITULO II.

*Em que se conta a ida de Pero Mascarenhas a Malaca, e algumas cousas que lá eram acontecidas no tempo do Governador D. Henrique de Menezes, que o despachou, sendo Capitão Jorge d'Albuquerque, a quem elle Pero Mascarenhas succedeo.*

**P**Era ir enfiando nossa historia no tempo, e na ordem que démos no principio no oitavo Livro desta terceira Decada, como haviamos de ajuntar as cousas de Malaca por diante com as da India té o Ponente da nossa fortaleza Sofala, convem que demos ora conta do estado em que Pero Mascarenhas achou a Cidade Malaca, pois o Governador D. Henrique o despachou pera ir succeder a Jorge d'Albuquerque. Elle Pero Mascarenhas partio de Cochij a oito de Maio do anno de quinhentos e vinte e cinco com quatro vélas, em que levava trezentos e cincoenta homens, e muitas munições, de que a Cidade estava mui desfalecida; e Jorge d'Albuquerque por a necessidade que disso tinha o chamava per cartas, com a qual provisão chegou a salvamento a tempo que a Cidade estava bem necessitada de todas as cousas que elle levava, assi da gente, como navios, e

munhões por os trabalhos que tinham passado. Dos quaes nós convem dar razão ante que Jorge d'Albuquerque Capitão da Cidade se parta della, pois elle os passou, e nós passa de hum anno que leixamos de fallar nella, e assi na fortaleza de Maluco, de que tambem he necessario que demos conta. Por os grandes trabalhos, e necessidade que Jorge d'Albuquerque padecia, escreveo a D. Duarte de Menezes Governador da India, pedindo-lhe que o proveffe de gente, navios, e munhões, pera poder resistir á continúa guerra, que lhe fazia El-Rey de Bintam, dando-lhe conta mindamente dos trabalhos que padecia aquella Cidade. E porque D. Duarte ao tempo desta carta era em Ormuz, e D. Luiz de Menezes seu irmão com os seus poderes estava em Cochij, mandou com este soccorro a Martim Affonso de Sousa filho de Manuel de Sousa, o qual andava por Capitão mór da Armada, que trazia do monte Delij té a Ilha Ceilão, de que o Governador D. Duarte o provêra, em lugar de Pero Lopes de Sampayo, que alli andára em guarda daquella costa. E levou Martim Affonso de Sousa seis vélas com té duzentos homens de armas, das quaes eram Capitães debaixo de sua bandeira, (por elle levar officio de Capitão mór do mar,) Alvaro de Bri-



to, André de Vargas, Antonio de Mello, Vasco Lourenço, André Dias, e elle em outra véla. Jorge d'Albuquerque tanto que elle chegou, como hia com gente fresca, e bem provido, e estava magoado do que Lacsamana tinha feito (como atrás fica,) em tempo de D. Duarte, logo o mandou que se fosse lançar sobre o rio da Ilha Bintam pela maneira que elle mandára seu cunhado D. Garcia Henriques, a quem aconteceo o que atrás escrevemos. Però Lacsamana vendo Martim Affonso na boca do rio, e que não podia sahir pera fóra, por se não atrever pelejar com os nossos, nem menos usar de outro tal ardil como fez a D. Garcia, e estava seguro de Martim Affonso poder subir acima á Cidade por muitas estacas com que o rio estava pejado, determinou de o enfadar, e com boa vigia leixou-se estar. Porque como ElRey de Bintam tinha suas intelligencias de tudo o que se fazia em Malaca, tanto que Martim Affonso chegou, soube logo de sua vinda, e gente que trazia, e como vinha de andar por Capitão mór da costa do Malabar, e era já Official velho de mandar gente, e peleja. A noticia das quaes cousas fez entreter Lacsamana pera o enfadar, ou, acudindo a doença que alli acode em certos mezes, o fizesse acolher. E como elle Lacsa-

mana o cuidou, assi foi, que enfadado Martim Affonso de esperar que sahisse, teve conselho com os Capitães que levava, que lhe aconselháram o que fez. Porque como alli hiam homens estantes em Malaca, escandalizados da guerra passada, em que tinham perdido muito do seu, e tambem saberem a terra ser doentia, disseram-lhe que se fosse á costa de Malaca contra o Reyno de Pam, porque fazia nisto duas cousas: dar sahida áquelle Mouro, que estava encurrelado, e no mar largo se poder vingar delle; e a outra cousa era ir fazer guerra á costa de Pam por castigo da morte de D. Sancho Henriques, e André de Brito, pera a qual costa este Lacfamana cada anno navegava por dar favor aos seus navios; e vindo elle a isso, vinha-lhe cahir na rede. Martim Affonso como homem novo na terra, e o parecer, e voto daquella mudança era de homens costumados a peleja della, acceitou o conselho, e começou de ir fazendo guerra a fogo, e sangue por toda aquella costa caminho de Sião té o porto de Calantam, onde queimou hum junco de hum nosso amigo, e dahi té Patane fez estrago, cujo Rey, por ser vassallo d'ElRey de Sião, era ido a elle. E ante de chegarem á Cidade que estava pelo rio dentro, destruíram algumas Aldeas, a qual

nova sabida em Sião , fez que houveram  
 de tomar Duarte Coelho , e os juncos que  
 fora buscar , como atrás dissemos , por estas  
 terras serem dos vassallos d'ElRey de Sião.  
 Mas como Duarte Coelho era muito conhe-  
 cido d'ElRey , lá apagou este damno de  
 maneira , que se veio pera Malaca , onde  
 já achou Martin Affonso , e tão ferido , que  
 dahi a poucos dias morreo do que tinha  
 passado em Malaca depois de sua chegada ;  
 e o caso foi este. Com aquella obra , que  
 elle foi fazendo per toda a costa em damno  
 de muitos amigos d'ElRey de Bintam , e  
 de alguns nossos , ficáram todos tão escan-  
 dalizados , que achou o mesmo Rey de Bin-  
 tam ajuda em todos pera ir cercar Malaca  
 com obra de mil e trezentos homens em  
 vinte lancharas. Da qual Armada era Capi-  
 tão mór Lacfamana , e Coja Cámeçum Sota-  
 Capitão , e com elle vinha o Capitão dos  
 Luções , que he huma gente da Ilha de Bor-  
 neo , a mais guerreira , e bellicosa daquel-  
 las partes. E teve Lacfamana este ardil , por  
 não ser sentida sua chegada , veio-se a lon-  
 go da Ilha de Çamatra , e de noite atra-  
 vessou a costa de Malaca de maneira , que  
 ante manhã veio lançar hum golpe de gen-  
 te junto de Upe , que está mui perto da po-  
 voação dos Mouros , a tempo que Jorge  
 d'Albuquerque estava ouvindo Missa , dia

da Annuniação de N. Senhora, que he a vinte e cinco de Março. E sabendo elle a chegada da Armada, e revolta da povoação dos Mouros, a grão pressa mandou o Feitor Garcia Cainho com té oitenta homens que acudissem áquella parte, em que entravam estas pessoas nobres que eram Officiaes da fazenda d'ElRey: Gaspar Velho, Simão Mendes, Francisco Bocarro, Nicoláo de Sá, e Antão d'Aguiar. E affimandou Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar em duas fustas que havia ahí mais, elle em huma, e João Vaz Serrão por Capitão de outra, em que iriam té outras oitenta pessoas. Entre as quaes eram estas de nome: Aires Coelho, Gonçalo d'Altaíde, Garcia Queimado, Alvaro Botelho, Francisco Fernandes Leme, Francisco Rabello, Gaspar Barbudo, Antonio Carvalho, Duarte Borges. Os que foram per terra, como eram os primeiros que tomáram as armas, deram primeiro vista de si aos inimigos que saltáram em terra, os quaes quando víram que os nossos não dormiam, e que acudiam mais prestes do que cuidavam, sem ousar experimentar o seu ferro, a grande pressa se tornáram recolher. Os que acudiram ao mar, porque os mais delles andavam offendidos de Laesamana, puzeram o rosto nelle com remo tezo, e grandes apu-

padas chamando por N. Senhora, cujo dia era. O Mouro como era sagaz, alargou-se ao mar, e fez duas partes das suas vélas, cercando as nossas, com esperança que os havia de tomar á mão, quasi abafados da muita gente que trazia. Aferrados huns nos outros, era já o ar feito tão escura noite, que se não viam, tudo era fumo, fogo, ferro, e sangue, em que morreo muita gente. E foi tanta a ferida, que não havia já quem remasse, sómente andavam travados huns nos outros á vontade do mar, que os levava de huma parte á outra, em a qual peleja morreo João Serrão em a prôa do seu bargantim, Aires Coelho de Tanger, que fora Alcaide mór de Pacem, Duarte Borges, Gonçalo d'Ataíde sobrinho do Capitão mór, e outros, que não eram de tanto nome; o Capitão mór ficou tão ferido, que faleceo a vinte e cinco de Julho de quinhentos e vinte e cinco, vivendo neste officio de Capitão mór hum anno, e dez dias, porque começou a servir a quinze de Julho de quinhentos e vinte e quatro. E como a noite foi o partidior desta furia que lhe deo a morte, pela manhã mandou Jorge d'Albuquerque em busca dos nossos; e estavam os mais delles tão feridos, e cansados, que não havia quem remasse, e os navios andavam á vontade da agua sem mais



governo. Lacfamana tambem ficou com tanta gente morta, e ferida, que não tendo quem lhe remasse os navios, foi-se metter no rio de Muar, onde se refez de remeiros, e dahi se acolheo a Bintam. ElRey, primeiro que elle sahisse das lancharas com que escapou, sabendo que sómente dous navios nossos o desbaratáram, mui indignado contra elle, mandou-lhe dizer que não lhe visse o rosto. E posta a gente ferida em terra, pois nas feridas traziam sinaes que pelejáram, elle com a outra se fosse apresentar a Raja Nára seu Capitão, que estava sobre ElRey de Linga, e fizesse o que lhe elle mandasse; ao que Lacfamana logo obedeceo. Este Rey de Linga era grande nosso amigo, e por esta causa ElRey de Bintam o queria destruir, e mandou a este Raja Nára seu genro, casado com huma sua filha, e se intitulava por Rey de André Gerij vizinho a Linga, que he na Ilha de Camatra, que o fosse cercar. Isto mandou elle no tempo que Lacfamana vinha cercar Malacca, porque com este impedimento que nós teriamos, não poderia ser ajudado per nós este nosso amigo. Lacfamana obedecendo ao que lhe ElRey mandava, foi-se ajuntar com Raja Nára, e não como homem que hia meio corrido; mas mostrando-se mui soberbo, e victorioso de nós, mandou dizer a

ElRey de Linga, que despejasse a terra, ou se fizesse vassallo d'ElRey seu Senhor, e leixasse a amizade que tinha com os Portuguezes, porque elle vinha de os desbaratar, e leixava morto o seu Capitão mór do mar. Ao que ElRey de Linga respondeo, que outra nova tinha elle em contrario, porque a noite passada lhe era vindo recado de Malaca que elle fora o desbaratado, e com prazer desta vitoria que os Portuguezes d'elle houveram, celebrára a festa com mandar matar cincoenta cabras. E que antes de poucos dias esperava de mandar matar cento pola vitoria que d'elle, e de sua companhia havia de ter. Esta nova era verdade, a qual elle soube per hum seu criado, que tinha mandado a Malaca, pedindo-lhe foccorro contra aquelle Raja Nára, que o vinha cercar per mandado d'ElRey de Bintam; ao que Jorge d'Albuquerque logo acudio com lhe mandar oitenta homens, e dous navios, de que eram Capitães Alvaro de Brito, e Balthazar Rodrigues Raposo de Béja. Os quaes chegados ao porto do rio de Linga, por a Cidade estar per elle acima, hum dia pela manhã foram vistos das vigias que Lacfamana trazia no mar; e receando que o tomasse dentro no rio, começou de se desamarrar, e fahir pera fóra. Alvaro de Brito indo pera

embocar o rio, houve vista delles por se ajuntarem ambos, Lacfamana, e Raja Nára, que fazia hum corpo de oitenta lancharas, com que occupavam todo o rio, e furgio delles a tiro de bombardas, té agua ficar estofa sem vafar, nem encher. E tanto que a teve a seu proposito, querendo-se ir a elles, elles mesmos os vieram cercar de maneira, que os navios dos nossos ambos juntos, e afferrados hum no outro, ficavam no meio como baluarte, e as lancharas huma praça de madeira, per que de huma em outra se podiam correr todas. Finalmente a peleja foi travada, e tal, que mais pareceo a vitoria, que os nossos houeram, milagre de Deos, que forças humanas por perecerem mais de seiscentos Mouros de dous mil que eram, e dos nossos hum somente foi morto, e muita parte delles feridos, com que Lacfamana, e Raja Nára se foram com ametade das lancharas perdidas, e queimadas. ElRey de Linga vendo-se em hum meio dia livre de seus inimigos, sem saber que esta ajuda lhe era chegada em favor, parecendo-lhe que partirem-se assi as lancharas pelo rio abaixo sem tornarem mais, era algum ardil delles, mandou huma espia descobrir o que faziam. E quando lhe levou a nova da vitoria, veio com grande festa com seus parãos re-

ceber os nossos navios , e os levou á Cidade , onde celebrou esta vitoria com grande festa a seu modo. Porque além de per os nossos ser descercado , e ficarem senhores de muito despojo do lugar , onde tinham os inimigos situado o cerco em terra , recebeu hum grande presente , que lhe Jorge d'Albuquerque mandou ; o qual elle mostrou estimar em tanto , por ser signal de honra , e amizade , como a vitoria , e elle tambem o gratificou com cousas da terra , que mandou a Jorge d'Albuquerque , e assi deo outros aos Capitães. Os quaes se tornáram a Malaca , onde foram honradamente recebidos , por ser esta huma vitoria que alegrou muito a todos por os trabalhos , e perdas de gente , e honra , e fazenda , que tinham perdido todo o tempo atrás per tantos desastres.

## CAPITULO III.

*Como hum arrenegado de appellido Avelar, que andava lançado com ElRey de Bintam, lhe moveo hum modo de guerrear Malaca: e como não aproveitaram suas industrias causa alguma.*

**A**Ndava neste tempo lançado com ElRey de Bintam hum Portuguez, cujo appellido era Avelar, porque nome da Pia já o não podia ter, pois era arrenegado. O qual vendo ElRey de Bintam mui agastado daquella grande perda que houve em Linga, o quiz confortar com esperança de se vingar per este modo, dizendo: *Senhor, tu es experimentado que Malaca, se lhe põe a mão na garganta, não tem vida, e esta mão he tolher-lhe os mantimentos; e por termos sabido que elles estam em grande necessidade, parece-me que sería bem atormentar esta gente per duas partes: per mar, tolhendo-lhe os mantimentos, no qual mister, e defenza andarà Lacsamana com suas lancharas; e per terra, dando-lhes a miude rebates com corridas pera os cansar, por ser mui pouca gente, e muita della com a fome fraca, e tão debilitada, que não poderá resistir a tanto trabalho; e se*



*tu houveres por bem que eu seja o Capitão desta gente da terra, eu me offereço a isso, e espero de te fazer grande serviço.* A qual cousa dando ElRey orelhas, quiz ter prática com Laçamana, e com outros seus Mandarijs, e Capitães. O qual modo de nos guerrear dizem que o mesmo Laçamana industriou com este Avelar, por ser grande seu amigo, e o queria metter com ElRey em negocios de confiança, e tambem alegrar a ElRey da tristeza que tinha do caso de Linga, e elle se tornar a restituir na sua graça, de que andava muito descahido por neste feito de Linga perder tanta gente, e lancharas, com os nossos serem oitenta homens, e dous navios, e pelo outro em que Martim Affonso foi morto. Acordado este conselho, que Laçamana approvou pelas razões acima, elle fez prestes suas lancharas, e ao Avelar foram dados tres mil homens, e per terra se veio lançar obra de meia legua de Malaca naquella parte a que elles chamam Campuchina. E como na Cidade pera poder pelejar havia pouco mais de cem homens, e ainda delles doentes, dava este arrenegado muito trabalho com suas corridas; porque como Jorge d'Alboquerque sentio o cerco, pera que lhe conveio pôr a gente em suas estancias, foi necessario, por a pouca que havia, mandar a

elles os homens enfermos , que era hum grande trabalho aos sãos , quanto mais a elles : cá no tempo que lhe a elles parecia poder ter repouso , acudiam os Mouros com rebates , muitas vezes dellas de noite , em tanto , que huma vendo o Avelar que todas suas arremettidas eram mais damno seu que nosso , por lhe custar caro a resistencia que achava , determinou de fazer huma entrada real , porque té li tudo eram commettimentos por afadigar , e cansar os nossos. Cá a tenção delles já era mais matallos per fome , e canseira , que per ferro ; e a esse tempo tinha Laesamana per sua parte bem defendido que não viessem navios á Cidade com mantimentos da Jaüa , de Sião , e de outras partes costumados aos trazer. Era tanta a necessidade delles , que valia em Malaca huma ganta de arroz dez cruzados , e huma gallinha dous. E se Jorge d'Alboquerque , e Garcia Cainho Feitor , que era hum homem largo , e rico , não deram de comer a muita gente , e podiam sustentar a despeza , muita della perecêra. Finalmente o que Avelar huma noite accommeteo com grande impeto foi com a força de toda a gente que tinha querer entrar a Cidade pela parte onde habitavam os Que-lijis , ( que são os mercadores , ) por terem bairro apartado per si **N**euja cerca era de ma-

madeira; e por haver muito tempo que isto era feito, estava já tão podre, que em este impeto dos Mouros lhe pondo os peitos, a leváram ante si como huma fraca sebe; e não foi tão pequeno lanço, que não fizesse huma entrada de sete braças. Ao cahir da qual foi tamanho o estrondo, que acudio toda a gente que dormia cansada do trabalho, e do pouco repouso que tinha de dia, e vigia de noite; ao que acudio Garcia Cainho com a outra da vigia daquelle lanço derribado, o qual foi grande defensão aos Mouros não entrarem. Porque como era de madeira, e elles á força de peitos alastráram todo aquelle lanço, ficou de manci-  
ra retorcido, e quebrado, que de dia não ousára hum homem passar per ella, quanto mais de noite. E sobre esta defensão, com a grande grita dos nossos, acudio tanta gente, que os mesmos Mouros ficáram no animo mais cortados, que na carne; e como que hia trás elles o mundo de gente, sem haver dar, e tomar, desamparáram o lugar, e não paráram menos de sete leguas, onde o Avelar os levou. E como homem que via a gente receosa de chegar áquelle trabalho por andar escaldada do ferro, que sentiam no commetter suas entradas, quiz contentallos, ajudado do conselho de Lacamana, por se communicarem por re-

cados, e avifos do que cada hum fazia. E hum dia de proposito lá onde estava quiz dar aos principaes hum jantar a seu modo, porque sempre sobre este comer, e beber, os homens, (como se diz,) estão dispostos com coração de poufada. E no fim da prática que tiveram sobre commetter, se determináram cincoenta homens, per voto que todos fizeram, de huns morrerem por outros, té fazerem hum feito grande, de trazer a cabeça do Capitão, ou do Feitor Gaspar Cainho, e a levar a ElRey de Bintam. Sabido o qual voto da outra gente, foi em todos tanta a competencia de honra, que se offerecêram outros, com que fizeram número de duzentos e cincoenta. Notificada esta determinação a Lacfanana per Avelar, que lhe mandasse vasilhas pera se embarcarem a vir commetter o feito, elle lhe mandou doze peças as mais pequenas que entráram per hum esteiro té irem dar onde estavam. E dahi se vieram lançar em cilada obra de duas leguas da Cidade, e mandáram alguns como descubridores, que fossem fazer algum damno; e acudindo alguns Portuguezes, os fossem cevando, e entretendo té os metter na cilada. Chegados á parte encuberta que desejavam, mettendo os navios no mais espesso lugar do arvoredo, foram alguns saltar humas vac-

cas, que andavam paceando, do qual salto os que guardavam as vaccas appellidaram a gente da Cidade, ao que acudio Garcia Cainho, que elles desejavam. O qual por o mato ser espesso, vendo que os Mouros fugiam, não os quiz seguir, havendo que seriam alguns ladrões, que vinham roubar as vaccas; e fazendo volta, veio-se de seu vagar pera a Cidade. Da companhia do qual, logo no primeiro impeto de sua chegada corrêram trás os Mouros; e não vendo como Garcia Cainho se tornava, os primeiros que liam diante seguiram hum bom pedaço aquelle curso té irem dar na cidade. Os quaes quando se acharam no meio de tanta gente, quizeram fugir; mas vendo Francisco Correa, que era hum dos seis que estavam naquelle perigo, que não tinha pernas pera se acolher, por ir muito doente da enfermidade da terra, taes palavras lhes disse, que tomáram por remedio accidental ampararem-se todos seis a humas arvores mui bastas, que per huma parte os pés, e ramas lhe guardavam as costas, e o rosto lhe ficava contra hum descuberto, per onde os Mouros os commettiam com fré-chadas. Posto que os nossos estavam alli como leões açanhados, e com tres espingardas que tinham, em os Mouros vindo a elles, ficavam logo alli estirados, e sempre



temerosos, parecendo-lhes que a estancia que os nossos tomáram naquelle lugar era mais em modo de anagaça, por terem nas costas gente em sua guarda, que per outro respeito. Os nossos vendo que elles não ouviam de fahir a terreiro descuberto, mais que dez, ou doze, mostrando ser verdade o que elles suspeitavam que tinham algum em sua guarda, com huma grande grita saltaram impetuosamente dos pés das arvores. Quando os Mouros os víram remetter, houveram que vinha o Mundo trás elles de gente; e quem mais corria, melhor cavalleiro era, com que de todo leixáram o lugar, e a empreza, ficando alli quatorze mortos, e dos seis nossos ficou hum bombardeiro, e isto por cubiça de querer ir tomar huma arma, a que elles chamam cris, ao modo de adaga, por ser lavrado de outro. E nesta contenda que foi duas horas de tempo, trazendo os quatro sobraçado Francisco Correa, mais por não poder vir de sua má disposição, que por ferido; teve Jorge d'Albuquerque avito per elles do que passaram com os Mouros, e que hiam fugidos, como gente que cuidava levar trás si o mundo de homens. E porque aos temerosos o medo os vence, determinou logo Garcia Cainho em continente com licença de Jorge d'Albuquerque ir pelo rastro del-

delles , e assi o fez. E o melhor, e mais certo signal que levou pera ir dar com elles , foi o sangue , ao modo que faz o monteiro , quando o veado vai da sua mão ferido , por a terra ter mato espéssô té junto da praia , onde Garcia Cainho lhe deo tal castigo , que se puzeram em fugida. E depois que os fez acolher , foram os nossos dar com os barcos , que tinham escondidos , os maiores dos quaes foram arrombados pera não servirem mais , e os outros mandou levar á fortaleza , e elle per terra ao outro dia chegou a ella , e este foi por então o remate dos commettimentos daquelle arrenegado. E porque neste tempo Dom Garcia Henriques , cunhado de Jorge d'Albuquerque , era ido a Maluco a servir de Capitão daquella fortaleza em lugar de Antonio de Brito , e he necessario dar conta das cousas daquellas partes , contaremos o que elle fez neste caminho té chegar a Maluco , e o que lá tambem lhe aconteceo no modo da entrega da fortaleza.

## CAPITULO IV.

*Como D. Garcia Henriques partio de Malaca pera servir de Capitão de Maluco em lugar de Antonio de Brito : e como na Ilha de Banda achou Martim Affonso de Mello Fusarte , e o que aconteceu a ambos com a gente da terra.*

**A**O tempo que D. Luiz de Menezes em Cochij despachou Martim Affonso de Sousa pera ir servir de Capitão mór do mar de Malaca , levou Provisão a Jorge d'Albuquerque de D. Duarte de Menezes , que elle mesmo mandára pedir , a qual era , per que fazia mercê a elle Jorge d'Albuquerque , em nome d'ElRey , da capitania de Maluco pera hum de seus cunhados Dom Sancho Henriques , ou D. Garcia Henriques. E estas cousas quando os Governadores da India as provêm , como he cargo , officio , ou mercê , de qualquer qualidade que seja , sempre na tal Provisão diz que faz mercê de tal cousa em nome d'ElRey Nosso Senhor a foão , havendo respeito aos serviços que tem feitos a Sua Alteza. E per este modo fez D. Duarte esta a Jorge d'Albuquerque , nomeando ambos os cunhados , por terem as qualidades em serviço , fidalguia , e pessoa , que o tal cargo requeria.

E o que moveo a Jorge d'Albuquerque a este requerimento , e a D. Duarte conceder-lho , estando Antonio de Brito servindo esta capitania , foram cartas que elle escrevia assi a hum , como ao outro , que mandassem alguem servir aquelle cargo , pois não era provido das cousas necessarias pera defender aquella fortaleza. Porque da primeira pedra que nella puzera , tudo foram guerras , e trabalhos , sem ter algum proveito , e sobre isso máo provimento do necessario , assi pera o negocio da guerra , como provimento de roupas , e outras cousas , com que os homens da fortaleza são pagos de seus soldos. E vendo D. Duarte que Jorge d'Albuquerque pedia esta vantage de Antonio de Brito pera cada hum de seus cunhados , folgou de lha conceder , porque per esta razão de cunhado , e vizinhança que tinha com Maluco , com mais diligencia , e cuidado trabalharia por acudir , e prover a fortaleza ; e tambem porque os Capitães de Malaca comem o melhor bocado della no trato de nós , e maça de Banda , e cravo de Maluco. Assi que vinda esta Provisão em companhia de Martim Affonso de Sousa , veio a mui bom tempo pera D. Garcia não ficar escandalizado tirar-lhe Capitão mór do mar de Malaca que servia , e dalla a Martim Affonso ,

da qual fortaleza de Maluco elle foi mais contente, por ser de mais honra, e proveito. E tomada posse Manuel de Sousa da sua capitania mór do mar, Jorge d'Albuquerque despachou logo seu cunhado D. Garcia Henriques, o qual partio de Malaca na entrada de Janeiro do anno de quinhentos e vinte e cinco, com quatro navios, hum junco da terra, dous navios redondos, e huma fusta, em que levaria tressenta Portuguezes, e toda a outra gente era do mar naturaes Malayos de Malaca. Com os quaes navios chegou á Ilha Banda, por ser no caminho de Maluco, e achou alli Martim Affonso de Mello, que vinha de Maluco, onde o nós leixámos, e trazia hum junco seu carregado de cravo, e os outros tres eram de mercadores de Malaca. E como elle do tempo que alli esteve, (como atrás escrevemos,) leixára os moradores dalli escandalizados, não folgaram muito com sua vinda, e vigiavam-se huns dos outros, como grandes inimigos. Chegando D. Garcia, por Martim Affonso estar indignado contra aquelles Mouros, e desejava de se vingar, fez-lhe logo queixume delles, ao modo que foi da outra vez quando alli foi ter com elle Bastião de Sousa. E commetteo D. Garcia que o quizesse ajudar, porque elle determinava



de lhe dar hum bom castigo, tendo-lhe já elle Martim Affonso queimado hum junco, que estava alli á carga na Ilha Neira, que era de Mouros de Patane. Ordenados pera esta ida mais com odio, que com razão, e prudencia, por ser aquella huma terra, a que cada anno os nossos vam fazer seu commercio de nós, e maça, e convem não escandalizar a gente, ambos foram castigados no lugar de Lonter, que he cabeça de todos os outros da Ilha, vindo muitos delles bem escalavrados. E posto que queimáram algumas casas palhaças áquella pobre gente, foi ella tanta em acudir ao damno que lhes faziam, e foi tamanha a revolta, que foi D. Garcia ferido com hum zarguncho de arremesso. Finalmente com esta vitoria elles houveram por bem, (como dizem,) de ficar custas por custas, e cada hum fazer seu caminho, Martim Affonso pera Malaca, e D. Garcia pera Maluco, aonde chegou a salvamento.

## CAPITULO V.

*Como D. Garcia Henriques chegou a Maluco, e as differenças que teve com Antonio de Brito té lhe entregar a fortaleza: e como ambos mandáram descobrir outro á Ilha de Celebes, e como descobriram outra Ilha nova de gente mui estranha.*

**A**O tempo que D. Garcia chegou a Maluco, estava Antonio de Brito ordenando pera mandar sobre hum lugar d'El-Rey de Tidore, com quem estava de guerra, (como atrás escrevemos.) E por elle D. Garcia ir pera servir de Capitão, cessou Antonio de Brito daquelle impeto, por succeder outra cousa que foi aziar de mais dor pera se esquecer desta, que era de mais obrigação. O qual aziar foi, que D. Garcia não quiz ir ancorar ao porto da fortaleza de S. João, em que estava Antonio de Brito, e foi tomar outro na propria Ilha de Ternate, a que chamam Talangame, que he duas leguas da fortaleza. Verdade he que este não tem recifes tão perigosos, e he pera nós grandes, o que não tem o da fortaleza; e pareceo a Antonio de Brito que elle D. Garcia tomaria aquelle porto de Talangame por segurar o seu junco. Però quando ouvio os requerimentos de

D. Garcia, entendeu que por esta razão o fizera; porque Antonio de Brito vendo hum recado de D. Garcia, em que lhe notificava que era vindo pera Capitão da fortaleza, que lha mandasse sua mercê despejar, porque não havia de desembarcar té lhe ser despejada; respondeo que sahisse sua mercê em terra, e lá fallariam nisso, e tudo se bem faria. D. Garcia como ouvio este recado, começou de tomar huma presumpção pera ambos se desavirem, que Antonio de Brito tanto que o visse em terra não lhe havia de entregar a fortaleza. E mais, que lhe tomaria a embarcação que trazia, e depois que recolhesse o cravo, que tinha pera trazer, e toda a gente que com elle se queria ir pera Malaca, então lhe entregaria a fortaleza, e isto não podia ser senão vindo a monção, que era dahi a oito mezes. Pera a qual suspeita não faleceram alguns dos nossos, que da fortaleza vieram ver D. Garcia, como Capitão novo, que lhe faziam esta suspeita mais firme, té que Antonio de Brito, como quem entendia a natureza dos homens que andavam nestas visitasões, segurou D. Garcia de suas suspeitas, pedindo-lhe que sahisse em terra, e assi o fez indo jantar com elle. Mas Dom Garcia ou porque assi o aconselháram, ou porque queria descubrir com effeito a von-

tade de Antonio de Brito , em acabando de comer , sobre meza quiz-lhe mostrar as Provisões que levava , perá lhe entregar a fortaleza : ao que Antonio de Brito lhe foi á mão , dizendo que fosse dormir , e repoufar , e depois entenderiam nillo. Passada aquella hora do repouso , sendo presente o Feitor , Alcaide mór , e Officiaes da fortaleza , disse Antonio de Brito a D. Garcia , que apresentasse as Provisões que trazia. As quaes lidas , disse Antonio de Brito , que aquellas Provisões do Governador levavam alguns pontos , em que não obrigavam de todo a elle entregar a fortaleza , as quaes logo apontou ; mas que elle com tudo a queria entregar , e seria a seu tempo , que era quando viesse a monção de Janeiro , porque não estava em razão sendo elle Capitão , e não tendo acabado seu tempo , que lhe ElRey limitava pera poder estar na fortaleza , de Capitão que era , e podia mandar té sua partida , se fazer lascarim pera ser mandado. D. Garcia , porque dalli a Janeiro havia oito mezes , respondeo que elle não viera de Malaca pera estar esperando tanto de tempo , senão logo ser entregue da fortaleza , e começou de fazer protestos com requerimentos ao Alcaide mór , Feitor , e Officiaes , que cumprissem a Provisão que apresentava , e lhe fizessem entregar a for-  
ta-

táleza. E porque elles não respondêram ao seu requerimento conforme o que elle pedia, se tornou pera o seu junco; mas não acabou aqui o negocio, porque houve de parte a parte tantas paixões per homens que as traziam, que ficáram postos em bandos. E porque nosso costume lie contar a guerra que os nossos tiveram com os Mouros, e não paixões, e divisões, que tiveram em si, leixaremos as miudezas que se passáram entre elles. Basta que ambos se vieram a concertar, per hum certo modo, té hum tempo que Antonio de Brito tomava pera acabar hum junco seu, em que queria vir agazalhado; e feito o junco, entregaria a fortaleza, com a qual condição D. Garcia se foi pouisar á fortaleza, e estiveram em grande amizade. Neste tempo que ambos estavam concordes, sem haver buliço de guerra da parte d'ElRey de Tidore, vendo elle juntos dous Capitães conformes, e gente fresca que trazia D. Garcia, tiveram ambos os Capitães nova que nas Ilhas dos Celebes, (por os moradores dellas assi serem chamados,) havia ouro, que indo lá homem que o soubesse negociar, que resgataria boa quantidade. E como estas Ilhas estam dalli té sessenta leguas, pouco mais, ou menos, pareceo bem a ambos que deviam lá mandar descubrir esta fama, e tra-



zer Antonio de Brito tão boa nova a El-Rey. E pera esta ida elegêram, por ser homem pera isso, ao Almojarife da fortaleza, o qual partio pera lá em huma fusta com alguns pannos, mais a tentar, e descobrir, que a resgatar, e por isso não levou outro navio, e tambem por fazer sua viage primeiro que Antonio de Brito se partisse. Partido este Almojarife em Junho com fundamento que poderia tornar em Julho, ou Agosto, a mais tardar, chegou a huma das Ilhas, onde foi mui bem recebido. Mas como víram pannos, e outras couzas pera resgate do ouro, sentindo que esta era a causa da sua ida, fizeram-se em outra volta; porque como tinham por nova que por razão do cravo tinhamos tomado as Ilhas de Maluco, e a guerra que faziamos aos mesmos natutaes da terra era por elle, tomáram outra determinação, e foi ver se podiam tomar a fusta pera não vir recado dos nossos. E huma noite muitos delles vieram á fusta, que estava com hum proiz em terra amarrada ás arvores, por alli ser tão alcantilado, que não se podia lançar ancora; e tirando pela amarra, deram com a fusta em secco. No qual tempo com a pancada que deo em terra, os nossos sentíram a sua obra, e a grão pressa remettêram ás armas, e artilheria, e alli os tratáram,

que lhes fizeram soltar a fusta , e a tornáram pôr em nado , por ainda a maior parte della estar na agua ; e dalli se foram a outra Ilha , onde os não consentíram , e menos em outras tres , ou quatro , onde os recebiam ás fréchadas , sem sómente os consentirem tomar agua pera beber , como gente que estava posta em odio nosso , temerosa de irmos tomar a terra. Vendo o Capitão que andar de Ilha em Ilha mais era buscar arroido , que ouro , determinou de se tornar pera Ternate a dar razão do estado em que aquella gente se punha contra elles ; mas parece que ainda tinha outro novo trabalho pera passar , e foi este. Como as aguas entre aquella grande número de Ilhas são com a mudança dos tempos hum redemoinho com os ventos , e aguages , naquella travessa que quizeram passar , foi a fusta arrebatada , e levada a hum mar mui largo , sem saberem onde eram , correndo sempre pera o nascimento do Sol. Finalmente perdido o tento da paragem onde eram , e correndo a Deos misericordia com tormenta que os comia , por ser mar desábrigado de Ilhas , indo sempre a popa , por não ousarem , nem poderem tomar outro rumo , segundo seu parecer , elles corrêram algumas trezentas leguas. E indo postos mais na misericordia de Deos , que na con-

fiança de sua navegação, pera mais sua confusão, huma noite lhe saltou a agullha do leme fóra das femeas. E como era de noite, não o pudéram remedear, e esperáram té vir a manhã, com que ficáram consolados, por se acharem junto de huma Ilha grande mui formosa, a seu parecer, em frescura de arvoredo. Concertado seu leme, cujo desconcerto foi pera não se perderem escorrendo a esta Ilha, na detença que fizeram em esperar a manhã, foram-se a terra, aos quaes veio receber a gente della, mostrando em muitos signaes terem tanto prazer, como espanto em os ver. E verdadeiramente, segundo elles mostráram na segurança de se chegar a elles, parecia gente que não tinha recebido escandalo, nem dano algum, porque com huma simplicidade se chegavam aos nossos, que desta sua simplicidade, e segurança confiou hum delles a ir em sua companhia a ver o Senhor da terra. E posto que a sua lingua não se entendia com alguns escravos, que levavam das Ilhas a Maluco vizinhas, per accenos entendêram delles haver muitas centenas de annos que alli estavam. Eram homens mais brancos que pretos, todos bem dispostos, assi homens, como mulheres, de rosto alegre, bem assombrados, enxutos, sem mostra que padeciam enfermidades, os ho-

mens de barbas compridas ao nosso modo, e o cabello de todos corridio. O vestido era humas esteiras tecidas, mui macias, e brandas, que lhes servia como a nós as camizas, e em cima outras compridas feitas em tranças mais grossas sem talho algum, sómente como hum panno solto, que os cubria da cinta pera baixo. O Senhor da terra quando vio o nosso homem, folgou muito de o ver, e com esta facilidade, e mansidão delles, todos houveram que aquella Ilha era de gente, que estava em huma simplicidade racional, e sem alguma malicia, receio, ou cautela, como tinham visto em as Ilhas daquelle Oriente, donde lhe parecia estarem na simpleza da primeira idade. Seu mantimento era humas raizes como inhames, legumes, cocos, figos como os da India; e em quatro mezes que os nossos se alli detiveram té vir a monção pera se tornar a Maluco, mostrando-lhes ferro, cobre, estanho, e ouro, sómente deste mostráram ter noticia, e acenavam com a mão haver este metal contra o Ponente da Ilha em huma serra mui alta. E porque tinham grandes paráos, e os nossos não lhes viam o uso do ferro, perguntando-lhes como os faziam, mostráram espinhas de peixes, com que cortavam, e taes, que os nossos podiam usar

delles pera aquelle uso , como de ferro. Finalmente como veio o tempo pera navegar , demarcada a Ilha , e posta na carta de marcar per Gomes de Sequeira , que era o seu Piloto , ficou com o nome del- le. E partíram dalli a vinte de Janeiro , dando a entender áquella simples gente que haviam de tornar ; mostrando todos senti- rem sua partida ; e fazendo sua viagem , chegaram a Maluco , havendo oito mezes que eram partidos , e acháram já sua fa- zenda vendida , e posta em arrecadação , como se faz aos defuntos. E assi acháram Antonio de Brito embarcado pera partir , com o qual nos convem irmos pera Ma- laca , e dahi nos tornaremos á India a contar o que se passou naquellas partes , em quanto nos detivemos nestas as mais orientaes que té este tempo descobrimos , porque a este fim contamos esta.



## CAPITULO VI.

*Como Pero Mascarenhas vistos os trabalhos da guerra, que fazia ElRey de Bintam a Malaca, determinou de ir sobre elle: e o que pera isso ordenou, sem daquella vez haver effeito.*

**P**Artido Antonio de Brito de Maluco, veio ter á Ilha de Banda; e havendo poucos dias que ahi estava, chegou Martim Correa Alcaide mór de Maluco, que quasi partio logo trás elle com grande necessidade em que ficava a fortaleza. E vinha áquella Ilha de Banda com esperança de achar nella navios de Malaca pera o proverem do que elle hia buscar; porque como Antonio de Brito se partio ainda mal avindo de D. Garcia, por terem maiores paixões á partida, do que foram á chegada, como contamos, trouxe no seu junco tudo o que havia mister, e alguns homens, que com elle se quizeram vir contra vontade de D. Garcia. E como com esta sua partida falecia gente, e outras cousas, de que a fortaleza tinha necessidade, mandou logo D. Garcia, em se elle partindo, a Martim Correa buscar o necessario. E foi sua viagem tão perigosa, com hum tempo-

ral que passou, perdendo todas as velas, que sómente com o traquete da proa quasi perdido chegou a Banda. E a este tempo tambem chegou Manuel Falcão em hum navio de Malaca com certos juncos, que hiam fazer carga de maça, e nóz, do qual Martin Correa houve as mais das cousas, que hia buscar, e mais foi-se com elle a Maluco no seu navio, por lhe elle Martin Correa fazer requerimento da parte de D. Garcia, que se fosse com aquella gente, e navio, por a necessidade em que ficava a fortaleza. A qual viagem Manuel Falcão folgou de fazer, porque levava huns poucos de omiziados no seu navio escondidos de Pero Mascarenhas, que o mandára de Malaca áquella Ilha Banda. Os quaes omiziados tinham morto a hum Diogo Gago, que com elles andava por Capitão de hum navio seu na costa de Pegú roubando navios de Mouros, e fizeram alli travessuras que custou a fazenda cativoiro a alguns dos nossos, como adiante contaremos. E parecendo a hum Gaspar Veloso da sua companhia que ganhava nisso, por se tornar á graça do Governador da India, polo crime do officio em que andava, o matou mal, jazendo elle no regaço de huma escrava sua, que o estava catando. Mas a morte foi mais por paixões parti-

ticulares, que por outro fim, pois com sua morte não leixou de andar no officio elle, e os outros, que não nomeamos por sua honra. E por Pero Mascarenhas saber parte destas cousas, quizera haver todos á mão; mas Manuel Falcão, que depois mostrou ser homem desta virtuosa companhia, se acolheo, de que Pero Mascarenhas ficou muito escandalizado. Partido Martim Correa pera Maluco, ficou em Banda Antonio de Brito, e como veio a monção, se partio pera Malaca, onde achou pero Mascarenhas já entregue da fortaleza, que lhe entregou Jorge d'Albuquerque, e elle era partido caminho da India. Da viagem do qual adiante faremos menção, porque pois estamos em Malaca, convem dar razão do que Pero Mascarenhas fez sobre aquella guerra de Bintam, que tão atormentada a tinha, não sómente os Portuguezes, mas a todos moradores de Malaca, Genticos, e Mouros, té os estrangeiros, que a ella vinham por razão de commercio, por ser huma Cidade onde concorriam todas as cousas do Oriente, e Ponente a commutar, trocar, e vender por outras, (como já temos escrito nesta nossa historia;) e como com a guerra deste Mouro Rey de Bintam não oustavam de ir a ella, polo damno que recebiam. Pero Mascarenhas consultando fo-

bre este negocio com as principaes pessoas de Malaca, assentou que convinha pera quietação daquella Cidade, perseguir tanto aquelle Mouro Rey de Bintam, té de todo o destruir, porque em quanto vivesse não podiam ter paz. E posto que sabia que Jorge d'Albuquerque já fora sobre elle a Bintam, e depois mandára lá D. Garcia Henriques seu cunhado, e Martim Affonso de Sousa pera lhe tolherem os mantimentos, por lhe fazerem entender que destas idas os seus desastres foram mais culpas dos Capitães, que casos de má fortuna; quiz levar este mesmo caminho, mandar lá primeiro. E depois que o puzeram em necessidade de mantimentos, como elle punha a Malaca, então elle em pessoa ir cercar a Cidade onde ElRey estava, e a combater, e não leixar este processo de guerra té lhe dar fim. Pera o qual negocio mandou Aires da Cunha filho de Ruy de Mello da Cunha o do Algarve, como Capitão mór do mar, com hum galeão, e outros dous navios de remo, em que levaria té cento e vinte homens, com regimento que surgisse na barra de Bintam, e dalli não se movesse té não lhe mandar recado, e defendesse a entrada, e sahida de todo navio por pequeno que fosse. Partido Aires da Cunha, esteve no lugar que lhe foi mandado; mas succedeo

caso que não pode elle soffrer o trabalho daquelle lugar; porque nos mezes que elle alli esteve, he tanta a enfermidade de febres, que he peor que peste. E vendo quanta gente lhe morria, per huma das vélas de remo o mandou dizer a Pero Mascarenhas; e que se havia por bem que alli estivesse mais, que o proveesse de gente em lugar da falecida. Ao que Pero Mascarenhas logo proveo, mandando outro galeão pequeno, Capitão Jorge Mascarenhas de Santarem com té cincoenta homens de refresco; e sendo elle tanto avante como o estreito de Cingápura, achou Aires da Cunha, que havia tres dias que estava alli surto sem poder navegar, por não ter quem lhe mareasse o navio com a gente que trazia morta, e enferma. E porque a ambos pareceo bem tornar-se a Malaca, por não ir matar mais gente, vieram-se, o que Pero Mascarenhas muito sentio por a perda da muita gente, e houve por bem não irem lá nesta conjunção da corrupção dos ares, ao qual nós ora leixaremos, por dar razão da viagem de Jorge d'Albuquerque, e do trabalho em que se vio junto de Cochij, e do que o Governador D. Henrique sobre isso fez.



## CAPITULO VII.

*Do que Jorge d'Albuquerque Capitão que foi de Malaca passou depois que della partio: e o Governador D. Henrique sobre isso fez.*

**J**orge d'Albuquerque depois que entregou a Pero Mascarenhas a fortaleza de Malaca, partio a quatro dias de Setembro de quinhentos e vinte e cinco, e por não ter náó pera se vir, veio em hum junco pequeno seu. E por serem pessoas que havia tempo que andavam naquellas partes, e tinham recebido d'elle Jorge d'Albuquerque boas obras, e bom tratamento na conversação de sua pessoa, vieram-se com elle quarenta Portuguezes, de que os principaes eram Duarte Coelho, que depois elle casou no Reyno com huma sua sobrinha filha de Lopo d'Albuquerque seu irmão, Antonio de Mello, Ruy Lobo, Bastião Rodrigues Marosim, Francisco Bocarro, Gomes do Campo, Nicoláo de Sá, Antonio Carvalho, Francisco Fernandes Leme, e outros que N. Senhor ordenou que viessem em sua companhia pera o livrar (como dizem) da boca do lobo, onde veio cahir, como veremos; porque passadas as Ilhas de Linga, onde esteve dez, ou doze dias, e a Ilha dos Al-

meirões , que está fóra da Linga contra a terra firme , donde partio a dezenove de Outubro , foi dar vista ao Cabo Comorij , e dahi chegaram á paragem da nossa fortaleza de Coucão. E o lobo que acháram , foram vinte e cinco fustas de Calecut , de que era Capitão o Arel de Porcá , o qual pelo escandalo que recebeo de D. Henrique , quando com o berço lhe quebráram a perna em o lugar Coulete , e depois por elle D. Henrique o pedir a ElRey de Calecut , (como escrevemos ,) andava fazendo per aquella costa todo o mal que podia. Mas té então não tinha feito cousa notavel ; e se Jorge d'Albuquerque não viera tão acompanhado , certo elle não pudera escapar , segundo o apertou com as fustas. Cá elle tomou hum posto , onde Jorge d'Albuquerque não podia ir a elle , e dalli tinha o seu junco por barreira , gastando nelle quasi a maior parte de sua polvora , porque a bateria começou do Sol sahido té vespera , com o mar estar quasi morto. Na qual bateria lhe matáram hum Negro sómente , que era d'elle Jorge d'Albuquerque ; e se os tiros das fustas foram grossos , como eram miudos , e os juncos não tiveram suas arrombadas , que aquellas pessoas nobres ordenáram , elle fora mettido no fundo. E estas pessoas però que não podiam obrar de



espada, e lança, com a artilheria, e espingardas, de que se serviam, fizeram muito damno ao Mouro, com morte, e ferimento de muita gente, como depois souberam pelos da terra. E ao outro dia veio dar com elle Jorge Cabral, que hia já em soccorro seu em huma galeota, e cinco captures, que D. Henrique mandava de Cochij, onde estava, o qual, quando chegou, Jorge d'Albuquerque recebeu com toda honra, e gazalhado, que elle merecia. E deste feito, e perigo que elle passou, tomou D. Henrique hum azo pera fazer o que desejava, que era huma obra mui importante ao serviço d'ElRey, por se fazer sem despeza sua, que era cercar Cochij, a qual obra elle já tinha começada no inverno per este modo. Acertáram Malabares Gentios d'ElRey de Cochij furtar humas poucas de espingardas, e dous berços de metal, os quaes hiam vender aos Mouros; e ainda que o negocio era de pouca importancia, quiz D. Henrique fundar sobre este furto, e sobre outras travessuras, assi dos Gentios em a nossa povoação, como dos Portuguezes na d'ElRey de Cochij, a causa de seu requerimento. E foi-se hum dia a ElRey de Cochij, e lhe contou o que passava de huma povoação á outra, que por evitar escandalos, e queixumes, que daqui proce-

diam, elle tinha cuidado huma cousa, que lhe parecia mui proveitosa pera elle, e pera ElRey seu Senhor, e entre elles se continuar aquella paz que tinham, a qual cousa muitas vezes se perturbava per gente della simples, sem saber o que fazia, e ás vezes maliciosa, e commettiam taes cousas sem respeito ao damno que faziam; e por evitar estes males que podiam acontecer, cuidára que taes azos não se podiam melhor tirar, que cercando elle Cochij, porque sendo cercado, nem Portuguezes iriam á sua povoação de noite a fazer travessuras; porque como fosse noite, mandaria fechar as portas, nem dos seus Malabares viriam á nossa povoação. E tambem desejava elle isto, porque Mouros não viessem de Calecut pôr fogo ás nossas casas, para queimar muita parte da povoação, como já muitas vezes acontecêra, e se dizia que elles eram authores disso. Assi que por evitar tantos azos de damno, elle devia querer ir assignar a parte, per onde pareceisse proveitoso fazer o muro da cerca, com o qual cessariam estes trabalhos de furtos de gente vil, e pobre, e não dariam azo a maliciosos fazerem damno. ElRey com estas, e outras palavras de D. Henrique ficou satisfeito, e pareceo-lhe cousa justa fazer-se aquella obra, e hum dia foi ter a

Cochij, e andou com D. Henrique assignando lugar per onde lhe parecia bem que fosse a cerca feita. Tanto que D. Henrique teve este aprazimento d'ElRey de Cochij, ordenou a Armada de Jorge Cabral, que soccorreo a Jorge d'Albuquerque, que (como ora contamos) esteve em risco de ser mettido no fundo. E mandou apontar todos os moradores de Cochij que fossem a esta Armada, os quaes se fossem logo agravar a elle, dizendo que não era couza justa deixar suas casas, mulheres, e filhas pera os lascarijs da Armada attentarem nelas, como gente ociosa. Ao que D. Henrique respondeo, que elles tinham razão, mas que a gente de armas andava com ellas ás costas aventurados a todos os perigos, e elles estavam repousados, tratando, e enriquecendo; e quando vinham inventar, em lugar de acharem quem os agasalhasse, achavam quem os esfolava, vendendo-lhes as cousas por grandes preços; e que nesta ida de Calecut via os homens feridos pobres, e não tinha que lhes dar pera se manterem, e mais crueza lhe parecia mandallos a pelejar, que a elles fartos, e ricos, e fóra destas despezas. E por que elle queria mandar cercar aquella povoação, que era em grande proveito delles, que vissem qual destas queriam, ir na



Armada , ou dar dinheiro para se ella cercar. E o que elle tinha d'ElRey pera esta obra , daria á gente de armas em pagamento de seus soldos , e com isto iriam contentes , e ElRey sería servido em tudo , e elles moradores ficariam com o somno mais repousado recolhidos dentro de bons muros , e não postos no campo sujeitos a todo perigo. Praticado o negocio em Camara , assentáram os moradores de Cochij que D. Henrique tinha razão no que ordenava , e logo dahi a tres , ou quatro dias trouxeram em começo de lançamento , que entre si lançáram pera esta obra , tres mil pardãos , e o mais iriam dando como se ella fosse fazendo. E com este dinheiro applicado pera esta obra , de outro d'ElRey pagou á gente de armas , com que fez os navios prestes , Capitão Jorge Cabral , que acudio a Jorge d'Albuquerque , (como ora vimos.) A qual ousadia do Arel de Porcá indignou muito a D. Henrique , por ser feito quasi á vista d'elle , pois era tão junto de Cochij , onde estava.

## CAPITULO VIII.

*Do que D. Henrique de Menezes fez o inverno que esteve em Cochij, onde Cide Alle mensageiro de Melique Alias o veio visitar: e o requerimento que lhe Lopo Vaz de Sampayo Capitão de Cochij fez, vendo os apparatus da guerra, com que elle queria partir de Cochij.*

**C**omo D. Henrique teve a vontade d'El-Rey de Cochij pera aquella obra de cercar aquella Cidade pelo lugar per onde demarcáram, mandou cortar algumas palmeiras, e derribar casas, que eram impedimento, e fez os aliceces á maneira de levantamento, té se ajuntar pedra, e cal, pera poer mãos á obra. A qual não houve effeito, e tornou-se o dinheiro aos casados, por os comprazer, e succedeo depois da morte d'elle D. Henrique, como se contrariáram outras, que não apontamos, por não macular os authores disso. Além desta obra, que era muito importante ao serviço d'ElRey, tambem naquelle inverno ordenou outras cousas, todas a fim de seu proposito, que era ir sobre a Cidade Dio, como se depois soube, sem disso dar conta a alguém. E ainda por mais dissimulação, mandou Armadas pera diversas par-

tes , assi como Heitor da Silveira com regimento que levava , que esperasse seu recado té hum certo tempo , como escrevemos. E despachou Jorge Cabral , como ora dissemos , e secretamente lhe mandou que a outro limitado tempo o fosse esperar a outra parte , depois que o elle espedisse de Cananor té onde o havia de levar , e estava de caminho. E a estes Capitães dava entender que sua tenção era ir sobre Adem , por tirar suspeita de tanto apparato como fazia , de mantas , escadas , barcaças , polvora grande somma , e outra muita cópia de munições. E em Goa mandou fazer huma grossa cadeia pera atravessar o rio de Dio , sem destas cousas dar conta a pessoa alguma , temendo que se viesse a romper seu segredo. E mais tinha consigo Cide Almenfageiro de Melique Alias Senhor de Dio , que per seu mandado era vindo ao visitar ; porque como este Mouro era muito sagaz , tanto que ouvio o feito de Calicut , ficou assombrado , e todos os Mouros da India , vendo a defensão dos nossos que estavam na fortaleza , e o tempo em que navegáram os outros , que foram em seu soccorro , e como elle Governador lhe acudio , e sua sahida em terra contra toda a potencia do Camorij ; e temêram muito as cousas de D. Henrique , ajuntando esta ás

passadas, que tinha feito em tão pouco tempo. E por esta causa, e quasi em modo de espreitador do que elle fazia, o mandou visitar elle Melique Aliaz, dando-lhe a prolfaza do officio de Governador, mostrando que desejava assentar paz com elle, porque ElRey de Cambaya seu Senhor este desejo tinha por amor d'ElRey de Portugal, e outras palavras simuladas das que elle costumava dizer. E em signal desta amizade, que desejava ter com elle, lhe mandou hum presente de muitas peças ricas, de que Dom Henrique lhe tomou sómente esta: hum assento forrado de madre de perla, de que os Mouros usam pera se assentar, e este assento foi pera mandar a este Reyno a ElRey, como mandou. E quando lhe engeitou as outras peças, mandou trazer huns poucos de ferros de lanças, e amostrando-os a Cide Alle, disse-lhe: *Se me vós trouxerdes destas peças, eu as tomára de boa vontade, porque das taes sou eu grande amigo, por ajudar com ellas aos servidores, e amigos d'ElRey meu Senhor, e castigar aquelles que o não forem.* E porém em retorno das que lhe não accitou, lhe mandou dar outras: e quanto á resposta do recado que lhe trazia, o dilatou para Cananor, dizendo que estava pera ir pera lá, e lá o despacharia, e isto per artificio, que visse

elle os grandes apparatus , mais que pera lhe dar suspeita , e assombrar , que esperar. E por outra parte fazia cousas que o não entendiam , porque no maior fervor destes apparatus de guerra , mandou per conselho de Medicos pôr botões de fogo em huma perna , e a causa era acudir-lhe áquelle lugar hum máo humor , que lha inchava , e impedia a não andar tão lestes , como elle queria , naquelles apercebimentos. E fizeram-lhe crer os Medicos que com hum par de botões de fogo que trouxesse abertos , purgaria aquelle roim humor , que lhe alli acudia , e não teria tanta paixão no andar ; mas elles obráram o que adiante veremos. Lopo Vaz de Sampayo Capitão de Cochij tres , ou quatro dias ante que Dom Henrique partisse , vendo tanto apparatus de guerra , sem saber o fundamento daquellas cousas , ora suspeitava em Adem , ora em Dio , e não podia achar mais noticia , que a presumpção das cousas. E hum dia publicamente quasi em modo de requerimento lhe disse , que sua Senhoria hia fóra da India com aquella Armada , e que diziam ser a Adem , e que dahi havia de ir invernar a Ormuz , que lhe devia lembrar quão desamparada estava a costa do Malabar , na qual convinha naquelle tempo andar de continuo huma boa Armada. E tambem quanto á ida



á ida de Ormuz, lhe lembrava que ElRey defendia que os Governadores não fossem lá, que lhe fazia estas lembranças por serviço d'ElRey, e ser a isso obrigado. Ao que lhe D. Henrique respondeo, que as lembranças eram mui boas, e o seu caminho não era máo, mas tal, de que elle esperava em Deos, e ElRey seu Senhor serem servidos; e se o seu caminho não fosse tal qual elle esperava, que ElRey o castigaria por isso. Quanto mais, que quando elle puzesse os pés onde elle lha, ahí lhe ficaria o conselho de mui bons Fidalgos, que comfigo levava, com parecer, e voto dos quaes faria o que fosse serviço d'ElRey.

## C A P I T U L O IX.

*Como o Governador D. Henrique partio com huma Armada de dezefete vélas caminho de Cananor.*

**P**rovído D. Henrique de Menezes do que lhe era necessario pera o fundamento que levava de ir combater a Cidade Dio, pela maneira que escrevemos, dahi a quatro dias que Lopo Vaz de Sampayo lhe fez estas lembranças que ora vimos, partio com dezefete vélas, porque as mais que elle esperava levar pera aquelle feito, eram as que tinha enviado ás partes que disse-

mos, e algumas das que tinha Pero de Faria, que elle leixou na costa, quando se partio a invernar a Cochij. E como elle queria tambem ir alimpando a costa, hia hum pouco de vagar, levando ante si os bargantijs, que lhe fossem descubriendo quantas pontas, cotovelos, e angras a terra fazia. E por alguns delles verem entrar huns poucos de paráos no rio de Challe, que era duas leguas de Calecut, mandou sahir em terra a D. Jorge de Menezes com quinhentos homens, o qual destruiu, e queimou a povoação, que estava bem dentro do rio, e assi os paráos que achou. Seguindo mais sua viagem per o mesmo modo, ante de chegar a Cananor seis leguas onde está hum rio da povoação Maim, os catu- res que levava diante viram entrar huns poucos de paráos, e ainda em modo de rebo- laria, fizeram alguns signaes aos nossos que os tinham em pouco, e verdadeiramente pelo que aqueceo, mais foram demonios que homens; porque hum dos Capitães dos nossos catu- res chamado Pero Gomes, foi-se a D. Henrique mui indignado, dizendo o que os paráos fizeram. E que lhe parecia ser aquillo em confiança de haver dentro no rio mais somma delles, que o rio era muito bom pera entrar nelle, que mandava que fizessem. D. Henrique havendo por aba-

timento ante a vista de sua Armada terem aquelles Mouros oufadia de apparecer, quanto mais fazereni algazarra, quiz entrar no rio; e não confiando a vista da entrada delle, senão de si mesmo, mandou trazer hum batel a bordo, e quando foi á barra do rio, achou não haver remedio pera poder entrar, nem menos lhe pareceo que per elle podiam ir os paráos que elle dizia. Do qual caso se indignou muito contra o Capitão, e entre paixão, e trabalho, que levou, andando fragueiro naquella busca da fóz do rio, quando veio á tarde curar a sua perna, achou-a mui açanhada, e humas nodos negras, que o mestre teve por máo signal, e com ella curada se fez á véla caminho de Cananor, onde ao tempo que chegou lhe veio recado de D. Jorge Tello, e Pero de Faria, que estavam sobre a barra do rio de Bacanor, e tinham encerrado hum grande número de paráos, que passavam de cento, segundo tinham sabido, todos carregados de especiaria pera Cambaya, pera que haviam mister mais gente, que lhe mandasse acudir com alguma. Ao qual socorro elle mandou logo Dom Jorge de Menezes com hum galeão em que andava, e mais hum navio com quatrocentos homens, e achou que ambos estes Capitães tinham vinte bargantijs, e catures,

e lu-

e huma galeota , e os Mouros diziam serem obra de quatro mil entre os dos navios , e da terra que estavam em sua defensão. Estes tres Capitães consultado o modo que teriam pera pelejar com elles , ordenáram entrar pelo rio acima em os bargantijs , e navios de remos , e isto fizessem os primeiros ; e Pero de Faria que ficasse com os outros navios na boca do rio em guarda , temendo que de fóra per aviso dos Mouros podia vir alguma Armada delles , de que podiam receber muito damno. Vin-da a maré dante manhã , partíram os dous primos com a galeota , bargantijs , e catu-res ; e como a maré ajudava o remo , e a vontade os braços , ao modo de quem corre pario naval por chegar ao premio da honra , com grandes gritas começaram ir pelo rio acima buscar os inimigos. Estes como tinham sabido per alguns Negros da terra , que se lançáram dos navios de Pero de Faria a nado , que estava elle tão pobre de gente , que não ousava de os ir buscar , e não tinham ainda sabido da chegada de D. Jorge de Menezes , estavam mui fóra de ouvirem aquellas grandes gritas , e mais lhes pareceo ardil , que vontade de os ir com-metter ; porque se o suspeitáram , impedíram a entrada do rio com estancias de artilheria na borda delle , como depois fizeram quan-

Tom. III. P. II.

Kk

do

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

do Lopo Vaz de Sampayo os foi buscar, segundo adiante veremos. Porém quando acudiram com seus paráos armados, e começaram a sentir as espingardas dos nossos, que os aguilhoavam de morte, avoavam em se tornar recolher a huma povoação, ou (por melhor dizer) a huma guarida, que pelo rio acima tinham, que era huma ponte que o atravessava, de cima da qual se podiam defender, ainda que o rio fosse coahado de nossos bargantijs. Mas primeiro que lá chegassem, huns aqui, outros alli, defattentados com temor, hiam dar em secco, e juntamente alguns dos nossos faziam outro tanto, com que de huma parte, e da outra tudo era fangue, e fogo por estarem encahados. D. Jorge de Menezes, como levava hum batel que demandava pouca agua, foi tanto polo rio acima té anteparar na ponte, e quasi a bote de lança esteve com os Mouros que estavam nella. Mas quando se vio só, e que alli fazia pouco, e abaixo ficava D. Jorge Tello com muitos catures dos Mouros, que o tinham cercado, tornou a elle. Os Mouros vendo que se tornava, cobráram coração, e vieram trás elle, na qual volta houve tanta detença, que vasava já a maré, e onde a terra fazia hum cotovelo, veio alli encahar com a maior parte dos nossos catures.



res. No qual tempo tiveram os Mouros espaço de ir buscar certas peças de artilheria que affestáram na ribanceira do rio, que alli era alcantilado, de que faziam muito damno aos nossos, matando, e ferindo nelles; e pera maior mal com hum tiro deram em hum nosso bargantim, e por o fogo lhe dar onde trazia a polvora, fez maravilhas, não sómente em arder de todo, mas em matar alguns homens. E outros que andavam na agua, não ousavam sahir em terra, temendo o grande número dos inimigos, que os esperavam, e acudiam como estorninhos sobre elles, que os faziam metter debaixo da agua, por fugir ás fréchas. E muitos Mouros de ousados se mettião dentro na agua, e á força de braços os queriam affogar debaixo della: tanta ousadia dá hum pequeno favor quando algum desastre acontece, como os nossos naquelle tempo alli tiveram. D. Jorge de Menezes, quando se vio decepado sem poder ir atrás, nem adiante, mandou saltar na agua vinte homens do seu batel, com que ficou em nado, e metteo-se entre elles como hum leão açanhado do que té alli estava padecendo, e com hum falcão, e hum berço fez affastar os Mouros, com que se acolhêram a terra, e dando nos que estavam com as peças da artilheria, foi-lha tomar. Neste

tempo acertou D. Jorge de ver hum grande corpo de gente, que vinha contra onde elle estava, entre a qual vio hum sombreiro de pé alto, que cubria a cabeça de hum homem a cavallo, per a qual insignia conhecco ser pessoa nobre. O qual sombreiro he trajo na India vindo da região China, e entre os Chijs não o póde trazer senão hum homem Fidalgo, por ser insignia de nobreza, o que podemos chamar pallio de huma só mão, ao respeito dos que vemos levar quatro homens, quando recebem algum grão Rey, ou Principe na entrada das Cidades, e nobres Villas de seu Estado. A feição, e tamanho deste redondo he ter sete, e oito palmos em diametro, e mais, ou menos, como cada hum quer, com abas ao modo de esperavel. O qual he de humas caninhas mui miudas, cubertas de tafetá, ou lenço, segundo a pessoa tem o poder, ou dignidade, com muitos labores de ouro, e louçainhas polos alparavazes, e tudo está armado sobre hum peão, ao modo esperavel que dissemos, e as canas jogam todas, fechando, e abrindo pera o encolher, e estender. E quando querem que faça aquella grande cópa, com que faz sombra, mettem naquelle peão huma aste de páo mui leve, de comprimento de quinze palmos pouco mais, ou menos, e então

correm com hum noete pelo páo acima , e té de todo se estender quando entesta no peão , e alli atravessam hum páo na aste , que alli tem hum furo , com que fecha , e não cahe pera baixo. E ha homens que levam este sombreiro de tomar o Sol tão destros , que ainda que o Senhor vá trotando no seu cavallo , não lhe ha de tocar o Sol em todo o corpo , e estes taes homens chamam na India Boi. E ver na Corte de hum Principe os Senhores que o acompanham cubertos com estes sombreiros de pé , arvorados sobre suas cabeças , dá-lhe grande magestade , por quão formosa cousa he quanta pompa mostram estas insignias de honra. E como D. Jorge de Menezes entendeu que podia ser algum Senhor o que trazia aquelle sombreiro , mandou per hum Canarij saber quem era , e trouxe-lhe recado ser hum Capitão d'ElRey de Narsinga Gentio , que vinha áquella terra arrecadar os rendimentos della , por ser sua , e que trazia consigo vinte mil homens. D. Jorge como soube isto , mandou-lhe dizer , porque consentia aquelles ladrões na sua terra , pois ElRey de Narsinga era amigo d'ElRey de Portugal , e entre elles havia paz. Ao que respondeo , que elle chegava de caminho naquelle instante , mas que logo os mandaria castigar per seus Capitães , e

assí o fez , fazendo-os logo recolher com tanto império , como se foram seus escravos. Vendo D. Jorge a boa diligencia que elle nisso poz , confiado nelle , sahio em terra , e acompanhado de alguns Portuguezes , assí como estavam o foram ver , e dar agradecimentos do que fizera. E estiveram hum pouco fallando , té que a maré veio , que se despediram delle , tornando-se a embarcar , e recolher na Armada , onde acharam que lhes faleciam quarenta homens , por serem mortos , e feridos eram muitos. E havido conselho do que deviam fazer , determináram todolos tres Capitães de se não mover daquelle rio , e o fazer a saber a D. Henrique , pera mandar o que havia por bem que fizessem. E foi a tempo , que não estava elle em estado pera já entender naquellas cousas , por causa da sua enfermidade , que o tinha posto no extremo.

## CAPITULO X.

*Como o Governador D. Henrique crescendo o mal de sua enfermidade, entrou na fortaleza de Cananor, onde primeiro que chegasse a hora da morte, provêo algumas cousas: e o que se fez depois que faleceo.*

**D**Om Henrique, passado aquelle dia em que o trabalho, e paixão, que levou em buscar a entrada do rio que dissemos, causou achanhar a perna que trazia enferma, foi este mal tomando tanta posse, que descubertamente o Cirurgião, e Medico o aconselháram que se passasse á fortaleza, porque estava em estado de cura, que não convinha estar no galeão. Mas elle tinha o espirito tão accezo naquella viagem que fazia, que entreteve os Medicos quinze dias, sem querer mudar-se do galeão á fortaleza; e ainda padeceo tantos martyrios em cauterios de fogo, como se a carne, em que faziam aquella obra, não fosse sua, e pasmavam os homens com ver a paciencia que tinha nos martyrios que lhe davam. Té que vencido mais de rogos, e admoestações, que de sua vontade, consentio ser levado á fortaleza, tendo já neste tempo huma chaga tão grande como huma palma de mão. E como



homem entregue á obrigação de seu officio mais , que a sua vontade , espedio a Jorge Cabral , que se fosse andar contra aquella parte de Ceilam , e Ilhas de Maldiva , sem o obrigar ir a outra parte , como tinha com elle assentado , pera a obra que elle trazia no seu peito , (como atrás dissemos.) E assi mandou D. Affonso de Menezes filho do Conde de Cantanhede com alguns navios dos que alli tinha , que se fosse lançar sobre a barra de Calecut , e não se movesse dalli té o elle mandar ; e falecendo , se leixasse estar té vir outra pessoa , que per seu falecimento governasse. E vendo que os seus dias eram poucos , por lhe não ficar cousa por fazer do serviço d'ElRey , mandou chamar D. Simão de Menezes seu primo , Capitão da fortaleza , e a Antonio de Miranda d'Azevedo , e assi outros Fidalgos , e disse-lhes , que elle se via em estado que não podia acudir ás cousas do serviço d'ElRey : que pedia a elle Dom Simão , que pera as cousas da terra elle tomasse o cuidado de as fazer , e pera isso lhe dava todos os seus poderes ; e as cousas da Armada , que estava alli , entregava a elle Antonio de Miranda , com outras taes palavras. E quanto ás cousas da governança da India , se N. Senhor o levasse , fariam o que ElRey seu Senhor mandava. E po-

rém, porque a pessoa que o succederia, per ventura não seria presente, elle tinha feito hum papel, que appareceria por sua morte, em que nomeava huma pessoa que tinha qualidades, e Fidalguia pera poder governar, quando o outro não viesse. E elle jurava pela hora em que estava, que fazia isto por lhe parecer que assi convinha ao serviço d'ElRey, e bem, paz, e assocego de todos, que lhes pedia por mercê; polo que deviam á lealdade de suas fidalguias, que assi o fizessem. E este papel, e nomeação não quiz alli mostrar, nem denunciar, por não dar materia de escandalo entre pessoas, que tinham opinião que podia ser hum daquelles, como foi depois de seu falecimento, segundo adiante veremos. O qual falecimento foi logo dahi a dous dias, com todos os autos feitos de catholico varão, a vinte e tres de Fevereiro do anno de quinhentos e vinte e seis, em idade de trinta annos. Foi D. Henrique de Menezes filho de D. Fernando de Menezes, de alcunha o Roxo, era homem de grande, e honrada presença, a quem com razão se podia chamar gentil-homem. Era Catholico muito amigo da justiça, e trabalhava que se fizesse mui inteiramente pelos Ministros della. Limpo em seu officio, muito cubiçoso de honra, e sem nenhuma cubiça de fazenda,

posto que andava na India, onde ha grande materia de tentações. E nelle não pudéra com justiça ser executado a lei Julia *de pecuniis repetundis*, de que o Senado Romano muito ufava, a qual foi constituida por reprimir a cubiça, e avaricia dos Magistrados, principalmente quando presidiam nas Provincias a que eram enviados. Naturalmente era inclinado á guerra de Mouros, e bem affortunado nella, alli nas vezes que se achou em Africa nos lugares do Reyno de Féz, e Marrocos, como no que vimos na India esse pouco tempo que viveo. Muito amigo do serviço d'ElRey, e dos homens, que elle via seguir esta sua natureza, e tinha grande odio a homens revoltosos, que foi causa de alguns Fidalgos se escandalizarem d'elle, sendo homem leve, conversavel, e não inflado, nem impetioso. A maior tacha que teve foi hum pouco desconfiado, que lhe deo materia de alguns desgostos com Fidalgos; e porém não que por isso esta desconfiança o trouxesse a estado de se vingar. Jaz o seu corpo na Capella de Sant-Iago na Igreja de Cananor, onde foi sepultado junto do Altar mór na parte do Evangelho, ao qual podemos crer que N. Senhor daria sua gloria, pois tantas vezes offereceo sua vida, pugnando com os infieis, e blasfemando do

seu nome. Foi casado com D. Guiomar da Cunha filha de Henrique de Figueiredo, de que houve estes filhos, D. Diogo, D. Simão, D. Antonia, que casou com D. Antonio filho segundo do Conde de Abrantes, e D. Catharina, que casou com Antonio Dozem. Entre muitas cousas, que acontecêram depois da morte de D. Henrique, que lhe deram nome de ser homem amigo da justiça, foi o testemunho de dous Fidalgos seus imigos, dos quaes diremos seus nomes, por lhes pagar com a memoria deste feito quanto mais honra nisto ganharam, que no que tinham feito contra Mouros; a hum chamavam Belchior de Brito filho de Jorge de Brito Copeiro mór d'El-Rey D. Manuel; e ao outro D. Vasco de Lima filho de Duarte da Cunha. Este Belchior de Brito, ao tempo que D. Henrique faleceo estava prezo em Cochij por seu mandado, por algumas travessuras que tinha feito, de soberbo, e de grande opinião, parecendo-lhe pouco o estado da India pera elle, e tudo isto procedia de ser cavalleiro, como de feito elle o era. E algumas vezes que D. Henrique passava junto de huma torre, onde elle estava prezo, como o sentia passar, a altas vozes dizia injúrias a D. Henrique, que se fora outro mais apaixonado, elle o mandára castigar

muito bem. Morto D. Henrique, Lopo Vaz de Sampayo em Cochij o mandou logo foltar, e elle se foi a Cananor, e a primeira coufa que fez, foi ir-se á Igreja onde D. Henrique jazia, e feita sua oração a Deos, foi-lê á sua sepultura, e assentado em giolhos, e ditas algumas orações por sua alma com muitas lagrimas, no cruzeiro da Capella começa em alta voz fazer hum fermão das virtudes de D. Henrique, tão ordenadamente, que hum Theologo estudando pera prégar suas honras o não fizera melhor, em tanto que poz quasi toda a gente em lagrimas. E tudo era louvallo de justo, e amador da justiça; e que quanto o que tinha feito na sua prizão, fora como de homem sem odio, ou paixão, sómente como homem zelador da justiça, e que fora pouco o que fizera pera o que elle tinha merecido. Quasi per o mesmo modo, por D. Vasco de Lima ser travesso, e brigoio, ao qual D. Henrique queria grande bem, por ser muito bom cavalleiro, e principalmente polo que fez em Calecut, tambem o castigou, e elle D. Vasco na propria Igreja veio fazer outra tal protestaçoão. E ainda accrescentou mais, por saber que alguns homens murmuravam delle, dizendo, que se houvesse homem que contra D. Henrique dissesse o contrario do que elle alli dizia,

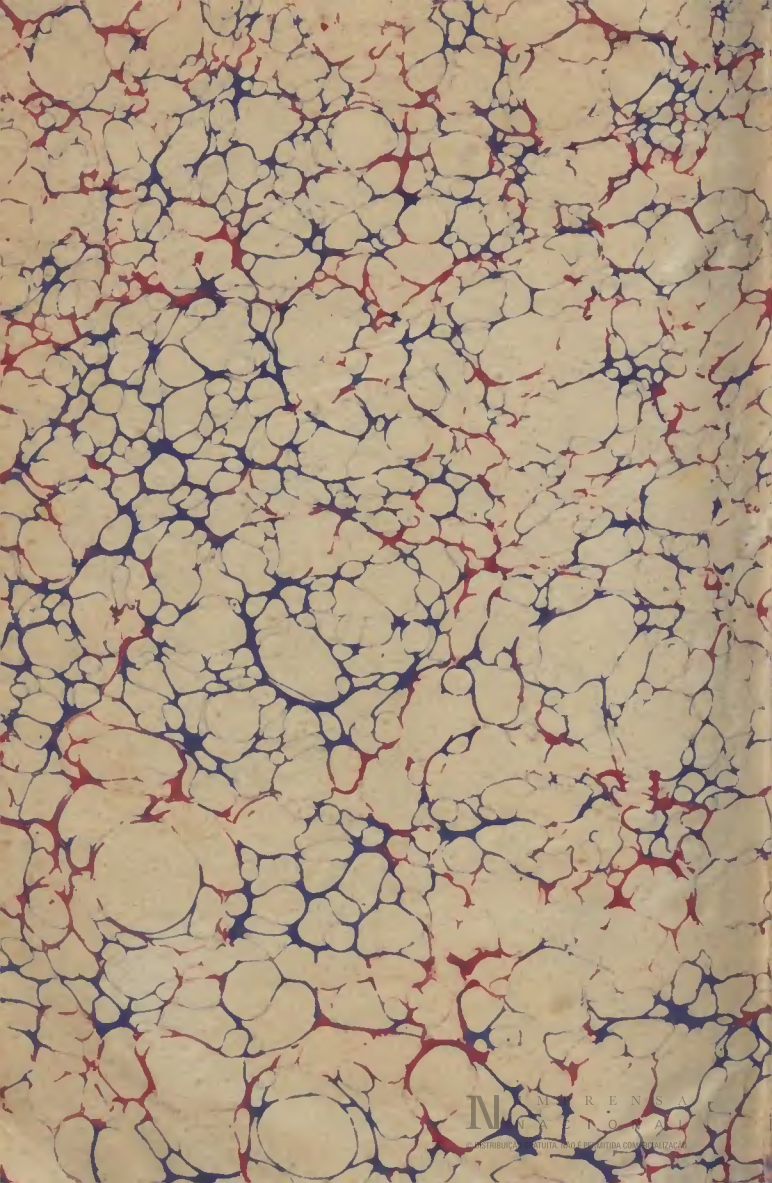






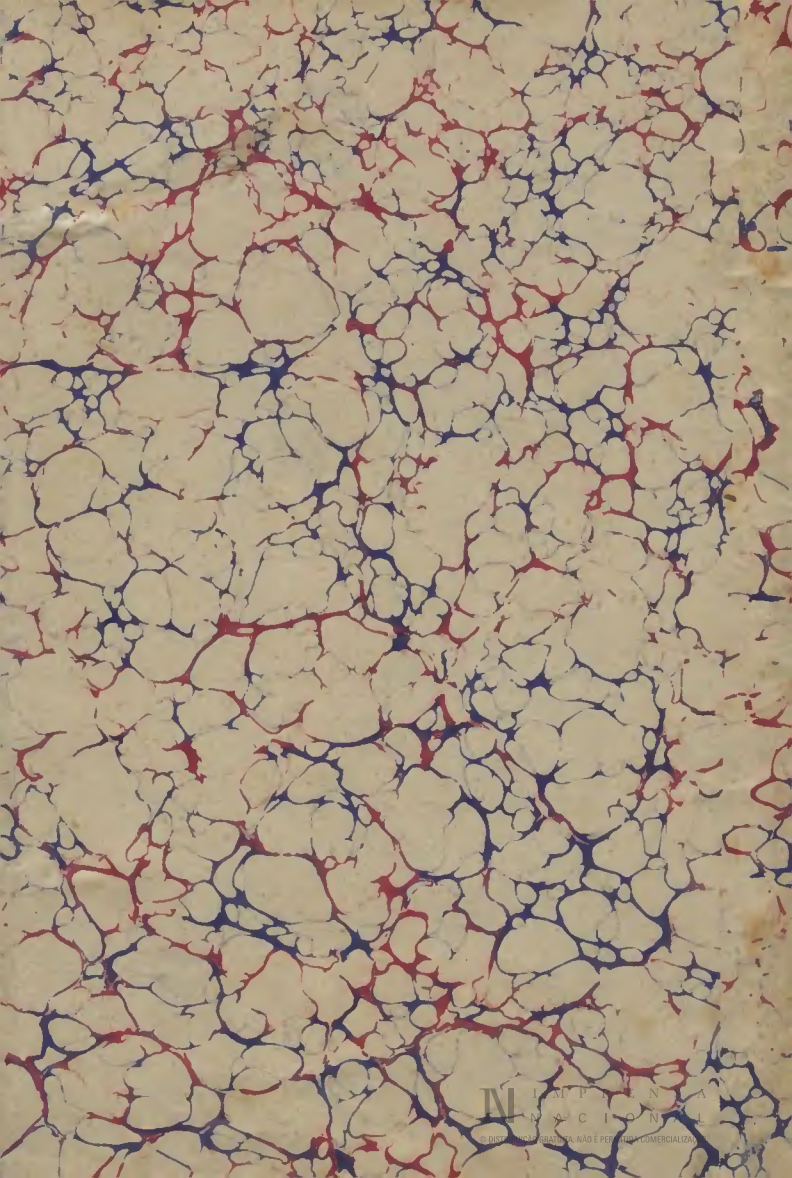
**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRESA  
NACIONAL

DISTRIBUCIÓN: ESTIMPA S.A. Y ESTIMPA.COM.BOLIVIA



INTERNACIONAL

© DISTRIBUIDORA BRASILEIRA, NÃO É PERMITS COMERCIALIZADA



**NB**



■EFG0000000176■

A